

ANDREW LANE



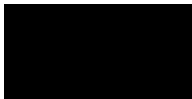
YOUNG
SHERLOCK
HOLMES
RED LEECH



ANDREW LANE



YOUNG
SHERLOCK
HOLMES
RED LEECH





PARASITA VERMELHO - LIVRO DOIS

O JOVEM SHERLOCKE HOLMES



ANDREW LANE



Prólogo

JAMES HILLAGER PENSOU QUE ESTIVESSE tendo uma alucinação quando viu pela primeira vez a sanguessuga gigante.

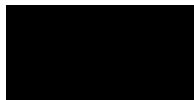
A floresta de Bornéu era tão quente e tão úmida que caminhar por ela era como estar em uma sauna. As roupas

de James estavam ensopadas, e o ar era tão úmido que o suor nem evaporava: apenas pingava da ponta dos dedos e do nariz ou escorria pelo corpo e era absorvido pelas roupas onde elas tocassem a pele. Suas botas estavam tão cheias de água que ele podia ouvir o chapinhar a cada passo que dava. O couro apodreceria em poucas semanas, se continuasse assim. Nunca se sentira tão infeliz e desconfortável em toda a vida.

O calor fazia sua cabeça girar, e era isso — e o fato de estar desidratado e de não se alimentar bem havia dias — que o fazia pensar que estivesse delirando. Há algum tempo começou a ouvir vozes nas árvores que o cercavam; vozes que sussurravam, falavam e riam dele. Parte de sua mente dizia que era só o som do vento nas folhas, mas outra parte queria gritar em resposta a elas e ordenar que se calassem. E talvez, depois, atirar nelas, caso não obedecessem.

Já vira animais que o fizeram pensar que estava maluco. Talvez fossem reais; talvez fossem alucinações. Vira macacos com enormes narizes inchados; sapos do tamanho de seu polegar e de um tom laranja vibrante, vermelhos ou azuis; um elefante adulto totalmente desenvolvido cuja estatura não ultrapassava seu ombro e um animal que parecia um porco, com pelos escuros e um focinho longo, pontudo e flexível. Quantos deles eram reais e quantos eram

produtos de seu cérebro febril?



A seu lado, Will Gimson parou e curvou-se, e com as

5

mãos nos joelhos tentava sorver o ar úmido com avidez.

— Preciso parar por um tempinho — ele disse,

ofegante. — Mal consigo me mexer.

Hillager aproveitou a oportunidade para enxugar a

testa com um lenço que devia estar mais molhado que seu

rosto. Talvez estivesse delirando por causa de algum tipo de

febre tropical. As florestas de Bornéu eram cheias de doenças

estranhas. Ouvira falar de homens que tinham sido

encontrados depois de semanas de desaparecimento com o

rosto coberto de pústulas ou com a pele literalmente soltando

dos ossos.

Ele olhou em volta, nervoso. Até as árvores pareciam

zombar de sua situação. Os troncos eram antigos, retorcidos

e irregulares, e plantas menores e trepadeiras brotavam deles

como parasitas. As folhas cresciam tão próximas umas das

outras que ele não conseguia ver o céu, e a única luz que

penetrava por entre elas era esverdeada e difusa.

Apesar do calor, ele sentiu um arrepio. Não estaria

naquele lugar horrível se não temesse ainda mais seu patrão.

— Vamos encerrar o expediente — ele sugeriu.

Realmente não queria passar nem mais um segundo naquela

floresta. Queria apenas voltar ao porto, embarcar os animais

que já tinham capturado e voltar para a civilização. — Não

está aqui. Já pegamos animais suficientes para deixá-lo

satisfeito. Deixe esse para lá. Ele nem vai notar.

— Ah, vai notar, sim — Gimson respondeu com

seriedade. — É o que ele mais quer.

Hillager preparava-se para argumentar quando Gimson

acrescentou:

— Espere! Acho que estou vendo um!

Hillager aproximou-se do colega. O homem ainda

estava curvado, mas agora olhava para a base de uma das

árvores.

— Veja — ele disse, apontando.





Hillager olhou para onde o dedo de Gimson apontava.

6

Ali, em uma poça d'água entre duas raízes, havia o que parecia ser um vermelho e brilhante coágulo de sangue do tamanho de sua mão. Ele brilhava à fraca luz do sol.

— Tem certeza? — ele perguntou.

— É como Duke disse que pareceria. *Exatamente* como ele disse que pareceria.

— Então, o que vamos fazer?

Em vez de responder, Gimson estendeu o braço e pegou a coisa entre o polegar e o indicador. Tentou levantá-la, mas ela caiu, molenga. Hillager observava, fascinado.

— Sim — disse Gimson, virando e examinando a estranha coisa com atenção. — Veja, aqui está a boca, ou o sugador, ou como quiser chamar. Três dentes em torno da abertura. E a outra extremidade também tem uma ventosa. É assim que a coisa se segura... prendendo-se pelas duas pontas.

— E suga seu sangue — Hillager acrescentou, sombrio.

— E suga o sangue de qualquer coisa que passe bastante devagar para que o parasita se grude a ela —

Gimson explicou. — Aqueles pequenos elefantes, aquele bicho que parece uma anta, com o focinho pontudo, qualquer coisa. A sanguessuga mudava de forma diante de seus olhos, tornando-se mais fina e longa. Quando Gimson a pegara, ela era quase circular, mas agora se parecia mais com uma minhoca grossa. Seus dedos ainda estavam segurando o parasita por um terço do corpo, abaixo da cabeça — caso a ponta com a boca pudesse, de fato, ser chamada de cabeça. — O que ele faz com essas coisas? — Hillager

perguntou. — Por que envia pessoas até aqui para capturá-las?

— Ele afirma que ouve essas coisas o chamando —

Gimson respondeu. — E quanto ao que faz com elas quando as recebe... você não vai querer saber. — O homem debruçou-se um pouco mais sobre a criatura, estudando-a com cuidado. A sanguessuga ondulou às cegas em sua direção,



consciente, de alguma maneira, da existência de sangue

quente na vizinhança. — Esta aqui não se alimenta há algum tempo.

— Como sabe?

— Está procurando alguma coisa a que se prender.

— Devemos deixá-la? — Hillager especulou. — E procurar por outra amanhã? — Esperava que Gimson dissesse não, porque realmente não queria mesmo passar mais tempo naquela floresta.

— Esta é a primeira que vemos em uma semana — Gimson retrucou. — E pode demorar ainda mais até vermos outra. Não, temos que levar esta mesmo. Precisamos levá-la conosco.

— Vai sobreviver à viagem?

Gimson deu de ombros.

— Provavelmente... Se a alimentarmos antes de partimos.

— Muito bem. — Hillager olhou em volta. — O que sugere? Um macaco? Uma daquelas coisas parecidas com porcos?

Gimson não disse nada.

Hillager virou-se e viu Gimson olhando fixamente para ele com uma expressão estranha. Em parte era piedade, mas a emoção predominante era desgosto.

— Eu sugiro — Gimson falou — que você arregace a

manga da sua camisa.

— Você está *maluco*? — retrucou Hillager.

— Não, eu sou guia e rastreador — ele explicou. — Que papel você pensou que teria nesta expedição, exatamente?

Agora, levante a manga. Este horror precisa de sangue, e tem que ser agora.

Lentamente, sabendo qual seria a reação de Duke se soubesse que ele havia deixado a sanguessuga morrer em vez de alimentá-la, Hillager começou a dobrar a manga da roupa.



8

Capítulo um

— JÁ PENSOU SOBRE FORMIGAS alguma vez? —

Amyus Crowe perguntou.

Sherlock balançou a cabeça.

— Além do fato de que atacam sanduíches de geleia em piqueniques, não posso dizer que prestei muita atenção nelas.

Os dois estavam na região rural de Surrey. O calor do

sol pesava nas costas de Sherlock como um tijolo. O cheiro forte de flores e de feno recém-colhido pairava no ar. Uma abelha passou zunindo perto de sua orelha, e ele se encolheu. Com relação às formigas ainda se sentia meio ambivalente, mas abelhas o assustavam.

Crowe riu.

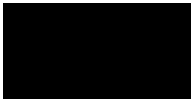
— Qual é o problema dos ingleses com sanduíches de geleia? — perguntou entre uma gargalhada e outra. — Juro, a Inglaterra tem um paladar infantil que não se vê em nenhum outro país. Pudins, sanduíches de geleia, feitos com pão sem casca, é claro, e vegetais tão cozidos que mais parecem purê de sabores variados. Comida que não exige dentes.

Sherlock se sentiu um pouco irritado.

— E o que há de tão maravilhoso na comida americana? — perguntou, mudando de posição na pedra em que estava sentado.

Diante dele o terreno se inclinava gradativamente, descendo até um rio distante.

— Filés — Crowe respondeu com simplicidade. Ele estava apoiado no muro que terminava na altura de seu peito. Seu queixo quadrado descansava sobre os braços dobrados, e o chapéu de aba larga protegia os olhos do sol.



Ele usava seu habitual terno de linho branco. — Grandes

9

filés grelhados na brasa. Grelhados direito, com a parte de fora crocante, e não mole como a dos filés franceses, que parecem ter sido passados rapidamente sobre uma vela acesa. E nada de bifes nadando em um molho cremoso e alcoólico, como também apreciam os franceses. Não é preciso ter o cérebro de um arcebispo para cozinhar e servir um filé adequadamente, então, por que ninguém fora dos Estados Unidos consegue preparar esse prato direito? — Ele suspirou, e sua natureza normalmente alegre deu lugar a uma inesperada tristeza.

— Sente saudades da América? — Sherlock perguntou.

— Estou longe de casa há mais tempo do que deveria, e sei que Virginia também sente saudades do nosso país.

Sherlock imaginou a filha de Crowe, Virginia, montada em sua égua Sandia, com os cabelos cor de cobre soltos dançando em suas costas como uma chama.

— Quando vai voltar? — ele perguntou, esperando que não fosse em breve.

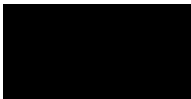
Havia se habituado à presença de Crowe e Virginia.

Gostava de tê-los por perto desde que viera morar na casa dos tios.

— Quando meu trabalho por aqui acabar. — Um sorriso largo iluminou o rosto enrugado, marcado pelo tempo, anunciando mais uma mudança de disposição. — E quando tiver certeza de que cumpri o que prometi a seu irmão, ensinando a você tudo o que sei. Agora vamos falar sobre formigas.

Sherlock suspirou, resignado com mais uma das aulas improvisadas de Crowe. O americano grandalhão era capaz de pegar qualquer coisa ao redor, fosse na área rural, na cidade ou na casa de alguém, e usar como ponto de partida para uma questão, um debate ou um problema lógico. Isso estava começando a irritar Sherlock.

Crowe esticou o corpo e olhou em volta e para trás.



— Acho que vi algumas delas por aqui — disse,

10

caminhando até um pequeno monte de terra seca sobre a grama.

Sherlock não se deixava enganar pela aparente casualidade. Ele provavelmente vira as formigas quando estavam subindo a encosta e arquivara a informação para usá-la na próxima sessão de treinamento.

Sherlock pulou do assento improvisado e caminhou até onde Crowe estava parado.

— Um formigueiro — disse com pouco entusiasmo.

Pequenos seres escuros vagavam a esmo em torno do monte de terra.

— Sim, de fato. O sinal externo de que há uma rede complexa de pequenos túneis subterrâneos, canais que as criaturinhas escavaram pacientemente. Em algum lugar abaixo da superfície há milhares de pequeninos ovos brancos, todos postos por uma formiga rainha que passa a vida no subterrâneo, sem nunca ver a luz do sol.

Crowe se abaixou e fez um gesto convidando Sherlock a imitá-lo.

— Veja como as formigas se movem — ele falou. — O que acha disso?

Sherlock observou-as por um momento. Não havia

duas formigas seguindo na mesma direção, e todas pareciam

mudar de rumo sem aviso prévio, sem motivo aparente.

— Elas se movem aleatoriamente — ele disse. — Ou

estão reagindo a algo que não conseguimos ver.

— A primeira explicação é a mais provável —

respondeu Crowe. — O nome disso é —andar do bêbadol, e é

uma ótima maneira de percorrer a área de forma rápida, se

você estiver procurando alguma coisa. Muitas pessoas,

quando vasculham um lugar, andam em linha reta, cruzando

o terreno em diagonais, ou dividem o território em uma

espécie de grade e analisam cada quadrado por vez. Em geral,

essas técnicas resultam em sucesso, mas as chances de

encontrar o que se está procurando *rapidamente* são bem



maiores quando se adota esse caminhar aleatório. O nome é

11

—andar do bêbadol — acrescentou — porque é muito parecido

com o jeito de caminhar de um homem que bebeu uísque

demais: cada perna indo para um lado e a cabeça se movendo

em outra direção, completamente diferente. — Ele tirou alguma coisa do bolso do paletó. — Mas voltemos às formigas: quando encontram algo que interessa, veja o que fazem.

Ele mostrou a Sherlock o que tinha na mão. Era um pote de cerâmica com um papel encerado preso ao gargalo por um barbante.

— Mel — Crowe explicou antes que Sherlock pudesse perguntar. — Comprei no mercado. — Ele retirou o barbante e o papel encerado. — Peço desculpas se isso traz lembranças ruins.

— Não se preocupe — Sherlock disse, ajoelhando-se ao lado do americano. — Devo perguntar por que anda por aí com um pote de mel no bolso?

— Nunca se sabe o que pode vir a ser útil — respondeu Crowe sorrindo. — Ou talvez eu tenha planejado tudo isso com antecedência. Você escolhe.

Sherlock apenas balançou a cabeça e sorriu.

— Mel é em grande parte feito de açúcar, além de mais um monte de outras coisas. Formigas adoram açúcar — Crowe continuou. — Elas o levam de volta ao ninho para alimentar a rainha e os filhotes que saem dos ovos.

Crowe mergulhou o dedo no mel, que Sherlock notou estar fluido por conta do calor da manhã ensolarada, e

deixou cair uma gota brilhante e farta, que ficou pousada na grama por alguns momentos, antes de escorrer para a terra e se espalhar em fios brilhantes.

— Vamos ver o que as formigas vão fazer.

Sherlock viu as criaturinhas continuarem em sua perambulação aleatória; algumas escalavam a grama e desciam pelo outro lado, outras caminhavam na terra, vencendo obstáculos que pareciam gigantescos comparados a



seu tamanho. Depois de um tempo, uma delas atravessou um

12

fio de mel e parou na metade do caminho. Por um momento, Sherlock pensou que ela havia ficado presa, mas a formiga caminhou pelo mel, foi até a ponta e voltou, depois abaixou a cabeça como se bebesse a substância dourada.

— Ela está recolhendo tudo que consegue carregar —

Crowe explicou, em tom casual. — E agora vai voltar para o ninho.

De fato, a formiga parecia estar refazendo os próprios

passos, mas, em vez de seguir diretamente para o ninho, ela continuava andando para a frente e para trás, para um lado e para o outro. Foram necessários alguns minutos, e Sherlock quase perdeu a formiga de vista algumas vezes quando ela atravessou a trilha traçada por outros grupos, mas, no final, o inseto alcançou o monte de terra seca e desapareceu por um buraco na lateral.

— E agora? — Sherlock perguntou.

— Olhe para o mel — Crowe orientou.

Dez, talvez quinze formigas já haviam descoberto a pequena poça dourada, e todas pegavam amostras. Outras iam se unindo ao grupo. Enquanto mais formigas chegavam à poça, as que já haviam bebido do mel se afastavam, seguindo na direção do ninho.

— O que você percebe? — perguntou Crowe.

Sherlock inclinou a cabeça para enxergar melhor.

— As formigas parecem estar demorando cada vez menos para voltar ao ninho — ele disse, sem muita certeza.

Depois de um tempo, havia duas linhas paralelas de formigas, uma seguindo na direção do ninho, outra caminhando para o mel. O perambular aleatório tinha dado lugar a um movimento cheio de propósito.

— Muito bem — aprovou Crowe. — Agora vamos fazer uma pequena experiência.

Ele enfiou a mão no bolso e pegou um pedaço de papel mais ou menos do tamanho da palma da mão. Crowe se abaixou e pôs o papel no chão, na metade do caminho entre o



ninho e o mel. As formigas passavam por cima do papel a

13

caminho do formigueiro como se nem tivessem notado sua presença.

— Como elas se comunicam? — Sherlock perguntou. —

Como as formigas que encontraram o mel informam às outras onde ele está?

— Elas não se comunicam — Crowe respondeu. — O

fato de algumas formigas estarem voltando com mel é um

sinal de que há comida lá fora, mas elas não podem

conversar, não podem ler a mente umas das outras e não

podem apontar com suas perninhas. O que acontece na

realidade é algo muito mais astuto. Deixe-me mostrar o que

é.

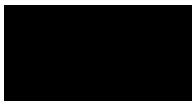
Crowe abaixou-se e girou o pedaço de papel em um

ângulo de noventa graus. As formigas que já estavam sobre ele desceram pela outra margem e pareciam perdidas, vagando sem direção. Mas Sherlock observava, fascinado, que as que ainda subiam no papel, na metade do caminho, repentinamente viravam e tomavam o rumo anterior até chegarem à beirada, então desciam e começavam a perambular de novo.

— Estão seguindo um caminho — Sherlock comentou, surpreso. — Uma trilha que elas conseguem ver, mas nós não. De alguma maneira que não compreendo, as primeiras formigas traçaram esse caminho e as outras o seguiram, e quando você virou o papel elas continuaram, sem saber que agora ele levava a outro local.

— É isso mesmo — Crowe disse em tom de aprovação.

— Deve ser algum tipo de substância química. Quando a formiga está transportando comida, ela deixa um rastro químico. Imagine um pedaço de pano impregnado com alguma coisa que tenha um cheiro forte, como anis, preso às patas dela, e as outras formigas, como cachorros, seguindo esse cheiro. Por causa do —andar do bêbadol, a primeira formiga vai perambular por toda a área antes de encontrar o formigueiro. À medida que mais e mais formigas encontrarem



o mel, algumas vão seguir por caminhos mais longos até o

14

formigueiro, enquanto outras vão escolher trilhas mais curtas. Com a chegada de mais formigas, os caminhos mais curtos serão reforçados pela química por funcionarem melhor e porque as formigas podem voltar mais depressa, e consequentemente os caminhos mais longos, os que dão mais voltas, desaparecem, por não serem funcionais. Depois de um tempo, o que se percebe é uma rota quase direta. E é possível provar essa teoria com o experimento do pedaço de papel. As formigas continuam seguindo a linha reta, embora ela agora as leve para longe do ninho, não para ele. Depois de um tempo, elas se corrigem.

— Incrível — Sherlock respondeu fascinado. — Nunca imaginei. Não é... inteligência... porque é instintivo e elas não se comunicam, mas *parece* inteligência.

— Às vezes — Crowe comentou —, um grupo é menos inteligente que um indivíduo. Veja o caso das pessoas:

sozinhas podem ser espertas, mas em uma multidão é comum ocorrer tumulto, especialmente se acontecer algum incidente que as incite. Outras vezes, um grupo exibe comportamento mais astuto que um indivíduo sozinho, como vimos aqui com as formigas, ou como em uma colmeia.

Ele se levantou, limpando a grama e a terra de sua calça de linho.

— O instinto me diz — continuou falando — que é quase hora do almoço. Acha que seus tios poriam mais um prato à mesa para um americano faminto?

— Certamente que sim — Sherlock respondeu. — Mas não tenho tanta certeza se a governanta, a Sra. Eglantine, vai ser da mesma opinião.

— Eu cuido dela. Tenho uma reserva de charme infinita para situações de emergência.

Eles voltaram andando pelo campo e por entre árvores, com Crowe apontando moitas de cogumelos comestíveis pelo caminho, reforçando as lições que dera a Sherlock semanas antes. A essa altura o garoto estava certo de sua capacidade





de sobreviver na natureza comendo o que encontrasse, sem

15

se envenenar.

Em meia hora eles se aproximavam da mansão Holmes; a casa ampla e imponente erguia-se no meio de um terreno de muitos acres. Sherlock já conseguia ver a janela de seu quarto no alto da casa: um quarto pequeno e de formato irregular sob o telhado inclinado. Não era confortável, e ele nunca ficava ansioso para ir para a cama à noite.

Havia uma carruagem na frente da porta principal; o condutor brincava, descuidado, com seu chicote, enquanto o cavalo ruminava o feno que estava em uma cevadeira presa por uma correia à sua cabeça.

— Visitantes? — perguntou Crowe.

— Tio Sherrinford e tia Anna não mencionaram convidados para o almoço — respondeu Sherlock, pensando em quem poderia ter vindo na carruagem.

— Bem, vamos descobrir em alguns minutos — Crowe falou. — É um desperdício de energia mental especular sobre uma questão cuja resposta será dada em seguida.

Os dois subiram a escada que dava para a entrada

principal. Sherlock correu para a porta, que estava entreaberta, enquanto Crowe o seguiu com menos pressa. O saguão não era muito claro, e era possível ver partículas de poeira atravessando os raios de sol que entravam pelas janelas altas. As pinturas a óleo que enfeitavam as paredes estavam praticamente invisíveis na escuridão. O calor de verão era uma presença quase física. — Vou avisar que você está aqui — Sherlock disse a Crowe.

— Não é necessário — Crowe resmungou. — Alguém já sabe. — Ele olhava para as sombras sob a escada.

Um indivíduo saía da penumbra de vestido preto, como o cabelo, e de pele muito pálida.

— Sr. Crowe — disse a governanta. — Creio que não o esperávamos.



— As pessoas estão sempre enaltecendo a

hospitalidade dos Holmes — ele respondeu com simpatia. —

E as refeições que servem aos viajantes de passagem. Além do mais, eu não poderia perder a oportunidade de revê-la, Sra. Eglantine.

A mulher conteve um resmungo mal-humorado. Os lábios se comprimiram sob o nariz fino e longo.

— Tenho certeza de que muitas mulheres sucumbem ao seu charme colonial, Sr. Crowe — ela respondeu. — Porém, eu não sou uma delas.

— O Sr. Crowe vai almoçar conosco — Sherlock falou com firmeza, apesar de sentir o coração abalado quando o olhar penetrante da Sra. Eglantine encontrou o dele.

— Essa decisão cabe a seus tios — respondeu a governanta —, não a você.

— Então, *eu* direi a eles — Sherlock retrucou —, não *você*. — Olhou então para Crowe. — Espere aqui enquanto vou falar com meus tios.

Quando o jovem voltou, a Sra. Eglantine havia desaparecido nas sombras.

— Há algo de estranho nessa mulher — murmurou Crowe. — Ela não se comporta como uma criada. Às vezes a Sra. Eglantine age como se fosse um membro da família. Como se estivesse no comando.

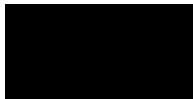
— Não sei por que meus tios continuam aceitando isso. Eu não permitiria.

Ele atravessou o saguão até o salão e olhou o cômodo.

Lá dentro havia criadas se movendo em torno do bufê que ficava no fundo da sala, servindo pratos de carne fria, peixe, queijo, arroz, vegetais em conserva e pães que seriam consumidos pela família em mais um almoço rotineiro na mansão Holmes, mas não havia nem sinal de seus tios.

Sherlock voltava ao saguão quando parou por um momento e bateu na porta da biblioteca.

— Sim? — disse uma voz do outro lado; uma voz que estava acostumada aos sermões e discursos que seu dono



passava boa parte da vida escrevendo: o tio de Sherlock,

17

Sherrinford Holmes. — Entre!

Sherlock abriu a porta.

— O Sr. Crowe está aqui — disse ao ver o tio sentado atrás da mesa. O homem vestia um terno preto de corte antiquado, e sua impressionante barba bíblica cobria o peito e se amontoava no mata-borrão diante dele. — Estava

pensando se ele não poderia almoçar conosco.

— Eu não perderia uma oportunidade de conversar com o Sr. Crowe — respondeu Sherrinford Holmes, mas a atenção de Sherlock foi atraída pelo homem parado ao lado das janelas abertas, recortado contra a luz em sua elegante casaca sobre a camisa de colarinho alto.

— Mycroft!

O irmão de Sherlock assentiu com ar grave, mas havia em seus olhos um brilho que a atitude sóbria não conseguia disfarçar.

— Sherlock — ele falou. — Você parece estar muito bem. O ar do campo o favoreceu, é evidente.

— Quando chegou?

— Há uma hora. Vim de Waterloo e peguei uma carruagem na estação.

— Quanto tempo vai ficar?

Ele encolheu os ombros; um movimento sutil para um homem tão grande.

— Não vou nem passar a noite, mas queria me informar sobre seu progresso. E esperava encontrar o Sr.

Crowe também. É bom saber que ele está aqui.

— Seu irmão e eu vamos terminar nossa conversa — disse Sherrinford —, e iremos encontrá-lo na sala de jantar.

Claramente Sherlock estava sendo dispensado, então

saiu e fechou a porta. Sabia que estava sorrindo. Mycroft voltara! De repente, o dia parecia ainda mais ensolarado que antes.

— Eu ouvi a voz de seu irmão? — Amyus Crowe perguntou do outro lado do saguão.



— É a carruagem dele lá fora. Ele disse que queria

18

conversar com você.

Crowe assentiu de forma séria.

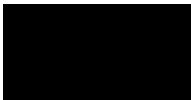
— Pergunto-me o porquê... — disse.

— Tio Sherrinford disse que você pode ficar para o almoço. Ele avisou que vai nos encontrar na sala de jantar.

— É um bom plano — Crowe falou em voz alta, mas havia uma ruga em sua testa que desmentia a tranquilidade das palavras.

Sherlock o levou à sala de estar. A Sra. Eglantine já estava lá, em pé junto à parede entre duas grandes janelas, cercada pelas sombras. Sherlock não a vira passar pelo

saguão. Por um momento o rapaz pensou se a governanta poderia ser um fantasma, se seria capaz de atravessar paredes, mas a ideia era estúpida. Fantasmas não existiam. Ignorando a Sra. Eglantine, ele se aproximou do bufê, pegou um prato e começou a se servir de fatias de carne e pedaços de salmão. Crowe o seguiu e fez o mesmo, começando pelo outro lado do bufê, no sentido oposto. A cabeça de Sherlock ainda girava depois do repentino reaparecimento do irmão mais velho. Mycroft morava e trabalhava em Londres, a capital do Império. Era funcionário público, trabalhava para o governo e, embora sempre tentasse diminuir a importância de sua posição, dizendo-se apenas um humilde escrivão, havia algum tempo que Sherlock acreditava que Mycroft era muito mais importante do que revelava. Quando Sherlock estava em casa — isto é, com a mãe e o pai, antes de ser mandado para a casa dos tios —, Mycroft às vezes chegava de Londres para passar algum tempo com a família, e o garoto notava que, todos os dias, um homem chegava em uma carruagem com uma caixa vermelha. Ele só entregava a caixa pessoalmente a Mycroft que, em troca, dava-lhe um envelope com, Sherlock imaginava, cartas e documentos escritos com base no conteúdo da caixa do dia anterior. Qualquer que fosse o



assunto, o governo precisava manter contato com ele

19

diariamente.

Com a boca cheia de comida, Sherlock ouviu a porta da biblioteca se abrir. Momentos depois, Sherrinford Holmes entrou na sala de jantar.

— Ah, *broma theon* — proclamou em grego, olhando para o bufê. — Depois, virando-se na direção de Sherlock, continuou: — Pode usar a biblioteca, meu *psykhes iatreion*, para conversar com seu irmão. — E, para Crowe, falou: — E Mycroft solicitou especificamente que você se juntasse aos dois.

Sherlock deixou o prato sobre a mesa e se dirigiu no mesmo instante à biblioteca. Crowe o seguiu; suas pernas longas percorriam a distância rapidamente, apesar da aparente lerdeza do andar manco.

Mycroft continuava na mesma posição ao lado das janelas francesas. Ele sorriu para Sherlock, depois se

aproximou para afagar seus cabelos. O sorriso sumiu quando olhou para Crowe, mas ainda assim ele apertou a mão do americano.

— Vamos começar do início — ele disse. — Depois de uma exaustiva investigação policial, não encontramos nenhum rastro do barão Maupertuis. Achamos que ele saiu do país e foi se esconder na França. A boa notícia é que não houve registro de mortes de soldados britânicos ou qualquer outra pessoa por picadas de abelha.

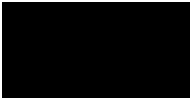
— O resultado do plano de Maupertuis é discutível — resumiu Crowe. — Desconfio que ele seja mentalmente instável. Mas foi melhor não correremos riscos.

— Sim, e o governo agradece — disse Mycroft.

— Mycroft... e nosso pai? — Sherlock perguntou sem rodeios.

— O navio deve estar se aproximando da Índia neste momento. Suponho que ele desembarque com seu regimento dentro de uma semana, mas o mais provável é que não tenhamos nenhuma notícia, dele ou de qualquer outro que o





acompanha, por um ou dois meses, considerando a

20

dificuldade e a demora da comunicação com um país tão distante. Se eu souber de alguma coisa, você será informado imediatamente.

— E... mamãe?

— Ela está com a saúde fraca, como você sabe. No momento se encontra estável, mas precisa repousar. O médico que cuida dela me disse que mamãe dorme dezesseis, dezessete horas por dia. — Mycroft suspirou. — Ela precisa de tempo, Sherlock. Tempo e absolutamente nenhuma sobrecarga mental ou física.

— Entendo — respondeu Sherlock, parando por um instante para desfazer o nó na garganta. — Então, devo continuar aqui, na mansão Holmes, até o fim das férias escolares?

— Não tenho muita certeza se a Escola Deepdene está lhe trazendo muitos benefícios.

— Meu latim melhorou — Sherlock respondeu depressa, e se arrependeu em seguida; deveria estar concordando com o irmão, em vez de discutir.

— Sem dúvida — Mycroft respondeu secamente —,

mas há outras coisas que um menino deve aprender além de latim.

— Grego? — Sherlock arriscou.

Mycroft sorriu, apesar da habitual seriedade.

— Vejo que seu senso de humor sobrevive ao período de hospedagem nesta casa. Não; apesar da óbvia importância do latim e do grego no mundo cada vez mais complexo onde vivemos, creio que você responderia melhor a um método de ensino mais pessoal e individualizado. Estou pensando em tirá-lo do colégio e providenciar para que tenha suas aulas aqui, na mansão Holmes.

— Não vou voltar para a escola?

Sherlock tentou identificar em si mesmo algum sinal de contrariedade, mas não havia nada. Não tinha amigos no



colégio, e até as melhores lembranças de lá eram de tédio, e

não de felicidade. Não havia nada para ele em Deedene.

— Precisamos começar a pensar em seu futuro acadêmico — Mycroft continuou. — Cambridge, é claro, ou Oxford. Acho que terá melhores chances se concentrarmos seus estudos de uma forma que Deepdene não pode fazer. — Ele sorriu mais uma vez. — Você é um garoto muito singular, e precisa ser tratado dessa maneira. Não estou prometendo nada, mas no fim das férias você será informado sobre os arranjos que serão feitos para continuar sua educação.

— É muita presunção perguntar se terei algum papel no aprendizado do jovem Sherlock? — Amyus Crowe manifestou-se.

— Terá — Mycroft respondeu com ar sério —, você o manteve na linha muito bem até agora.

— Ele é um Holmes — Crowe lembrou. — Pode ser orientado, mas não forçado. Você era igual.

— Sim — Mycroft disse simplesmente. — Eu realmente era, não? — Antes que Sherlock pudesse confirmar a súbita constatação de que Crowe também havia sido tutor de Mycroft, seu irmão continuou: — Pode nos dar licença agora, Sherlock? Gostaria de ter uma conversa privada com o Sr. Crowe. Temos assuntos a discutir.

— Eu vou... ver você de novo antes de ir embora?

— É claro que sim. Não partirei antes do anoitecer. Vai poder me mostrar a casa, se quiser.

— Podemos caminhar no jardim — Sherlock sugeriu.

Mycroft se arrepiou.

— Acho que não. Não estou adequadamente vestido para um passeio ao ar livre.

— É só o jardim da casa! — Sherlock protestou. — Não vamos à floresta!

— Se não houver um teto sobre minha cabeça nem tábuas sob meus pés, não faz diferença. Jardim ou floresta, para mim dá no mesmo. E agora, Sr. Crowe... aos negócios.



Relutante, Sherlock saiu da biblioteca e fechou a porta.

22

A julgar pelas vozes na sala de jantar, sua tia também estava almoçando. Não se sentia disposto a suportar o falatório constante, por isso saiu para caminhar por alguns instantes.

Sherlock andava com as mãos nos bolsos, contornando a casa e chutando uma ou outra pedra que encontrava pelo caminho. O sol incidia quase diretamente em sua cabeça, e ele sentia que uma fina camada de suor se formava na testa e

entre as espátulas.

As janelas da biblioteca estavam bem na frente dele. E estavam *abertas*.

Era possível ouvir vozes lá dentro.

Uma parte de sua consciência lhe dizia que aquela era uma conversa particular da qual havia sido excluído de maneira clara e direta, mas outra parte, muito mais sedutora, tinha certeza de que Mycroft e Amyus Crowe falavam sobre *ele*.

Sherlock aproximou-se, caminhando ao longo da varanda que acompanhava toda a lateral da casa.

— E eles têm certeza? — Crowe perguntava.

— Você já trabalhou para a Pinkerton — Mycroft respondeu. — Eles têm fontes de informação bem precisas, mesmo aqui, tão distante dos Estados Unidos da América.

— Mas para ele ter vindo até *aqui*...

— Suponho que a América tenha se tornado perigosa demais.

— O país é grande — Crowe argumentou.

— Mas em grande parte nada civilizado — retorquiu Mycroft.

Crowe não estava convencido.

— Era de se esperar que ele atravessasse a fronteira do México.

— Mas, aparentemente, não foi o que fez. — A voz de

Mycroft soava firme. — Veja desta maneira: você foi enviado à Inglaterra para rastrear simpatizantes do Sul na Guerra Civil,



homens cujas cabeças estão a prêmio. Que melhor motivo

23

poderia haver para vir para cá se não a presença *deles* aqui?

— É lógico — admitiu Crowe. — Desconfia de uma
conspiração?

Mycroft hesitou por um momento.

— Conspiração é uma palavra forte demais, por
enquanto. Suspeito que todos eles tenham vindo para cá por
este ser um país civilizado de mesmo idioma, e pela
segurança. Mas, com o tempo, vai surgir uma conspiração.

Muitos homens perigosos sem nada para fazer além de
conversar... Temos que cortar o mal pela raiz.

Sherlock sentia a cabeça girar. Do que eles estavam
falando? Começara a ouvir a conversa tarde demais para
conseguir compreendê-la.

— Ah, Sherlock — seu irmão falou de dentro da

biblioteca —, é melhor juntar-se a nós, já que está ouvindo tudo.



24

Capítulo dois

SHERLOCK ENTROU NA BIBLIOTECA PELA varanda, de cabeça baixa. Sentia-se envergonhado, com o rosto quente e, estranhamente, zangado; só não sabia se estava bravo com Mycroft por tê-lo surpreendido ouvindo a conversa ou consigo mesmo, por ter sido pego.

— Como soube que eu estava ali? — ele perguntou.

— Em primeiro lugar — Mycroft respondeu sem nenhum traço de emoção —, eu esperava que estivesse. Você é um jovem de curiosidade exacerbada, e eventos recentes demonstraram que não se esforça muito para seguir as regras da sociedade. Em segundo lugar, há uma brisa leve soprando pelas janelas da varanda. Quando você estava lá fora, mesmo sem ser visto, mesmo sem fazer sombra, seu corpo bloqueou

a brisa. Quando percebi que o vento tinha parado durante

alguns segundos, deduzi que havia algum obstáculo. A

conclusão óbvia foi que o obstáculo era você.

— Está zangado? — perguntou Sherlock

— De jeito nenhum — Mycroft respondeu.

— Seu irmão teria ficado bravo — Crowe interferiu —

se você fosse descuidado a ponto de deixar o sol projetar sua

sombra na janela.

— É — Mycroft concordou —, isso teria demonstrado

uma lamentável falta de conhecimento sobre geometria

simples, e também a incapacidade de prever os resultados

indesejados de suas atitudes.

— Está zombando de mim — Sherlock acusou-o.

— Só um pouco — admitiu Mycroft —, e apenas com as

melhores intenções. — Ele parou. — Quanto conseguiu ouvir

da nossa conversa?



Sherlock deu de ombros.

— Alguma coisa sobre um homem que veio da América para a Inglaterra e que você acredita ser uma ameaça. Ah, e alguma coisa sobre uma mulher chamada Pinkerton.

Mycroft olhou para Crowe e levantou uma sobrancelha.

Crowe abriu um sorriso discreto.

— Não é uma mulher — ele respondeu —, embora algumas vezes pareça. A Agência Nacional de Detetives Pinkerton é uma agência de detetives e guarda-costas. Foi fundada por Allan Pinkerton em Chicago há cerca de doze anos, quando ele percebeu que o número de ferrovias crescia nos Estados Unidos mas não havia nenhuma proteção contra assaltos, sabotagem e atividades do sindicato. Allan contrata seu pessoal como se formasse uma espécie de força policial especial.

— Totalmente independente das regras e das limitações do governo — murmurou Mycroft. — Sabe, para um país que se orgulha de seus princípios básicos democráticos, vocês têm o estranho hábito de criar incontáveis atividades independentes.

— Você o chamou de —Allan! — Sherlock notou. — Conhece o tal homem?

— Al Pinkerton e eu somos velhos conhecidos — Crowe admitiu. — Estivemos juntos há sete anos, escoltando Abraham Lincoln por Baltimore a caminho de sua posse na

presidência. Havia um plano dos estados do Sul para matar Lincoln naquela cidade, mas a Pinkerton foi contratada para protegê-lo e nós o entregamos vivo. Desde então, tenho prestado serviços para Al, às vezes. Nunca recebi um salário, na verdade, mas ele me paga pela consultoria quando sou acionado.

— O presidente Lincoln? — Sherlock repetiu atordoado.

— Mas ele não foi...?

— Ah, sim, eles o pegaram no final. — O rosto de Crowe estava duro e impassível como se esculpido em granito. — Três anos depois da trama de Baltimore, alguém



atirou nele em Washington. O cavalo que ele montava

26

empinou, e seu chapéu voou longe. Quando encontraram o chapéu, havia um buraco de bala. Lincoln não foi atingido por centímetros. — Ele suspirou. — Um ano mais tarde, há três anos apenas, ele estava no teatro, em Washington, assistindo a uma peça chamada *Our American Cousin*,

quando um homem chamado John Wilkes Booth atirou nele

pelas costas, pulou no palco e fugiu.

— Você não estava lá — Mycroft comentou com voz

mansa. — Não podia ter feito nada.

— Devia estar — Crowe respondeu no mesmo tom. — E

Al Pinkerton também. Na verdade, o único guarda-costas

cuidando do presidente naquela noite era um policial bêbado

chamado John Frederick Parker. Ele nem estava por perto

quando o presidente foi alvejado. Estava na Star Tavern, ao

lado do teatro, se afogando em cerveja.

— Eu me lembro de ter lido alguma coisa no jornal do

meu pai — disse Sherlock, rompendo o silêncio pesado que

caiu sobre a biblioteca. — E me lembro do papai falando

sobre isso, mas nunca entendi realmente *por que* o presidente

Lincoln foi assassinado.

— Esse é o problema com as escolas de hoje —

resmungou Mycroft. — Para elas, a história da Inglaterra

parou cem anos atrás, e não existe história mundial. — Ele

olhou para Crowe, mas o americano se manteve em silêncio.

— Já ouviu falar sobre a Guerra entre os Estados? —

perguntou a Sherlock.

— Só pelos artigos no *The Times*.

— Posto de maneira simples, onze estados na metade

sul

dos

Estados

Unidos

da

América

declararam

independência e formaram os Estados Confederados da

América. — Ele bufou. — É como se Dorset, Devon e

Hampshire decidissem de repente que queriam formar um

país diferente e declarassem independência da Grã-Bretanha.

— Ou como se a Irlanda decidisse se libertar do

governo britânico — murmurou Crowe.



— Essa situação é inteiramente diferente — disparou

27

Mycroft. Depois olhou para Sherlock e continuou: — Por um

tempo, houve dois presidentes americanos: Abraham Lincoln,

no Norte, e Jefferson Davis, no Sul.

— Por que eles queriam independência? — Sherlock

perguntou.

— Por que alguém quer independência? — Mycroft devolveu. — Porque não queriam acatar ordens. E nesse caso havia uma diferença de visões políticas. Os estados do Sul apoiavam a escravidão, enquanto Lincoln desenvolveu sua campanha eleitoral com base na libertação dos escravos.

— Não é tão simples — Crowe opinou.

— Nunca é — concordou Mycroft —, mas, nesse momento, é o suficiente. As hostilidades começaram em 12 de abril de 1861, e durante os quatro anos seguintes 620 mil americanos morreram lutando entre si; em alguns casos, irmão contra irmão e pai contra filho.

Ele pareceu estremecer e por um instante a biblioteca ficou mais escura, por causa de uma nuvem que passou diante do sol.

— Pouco a pouco, o Norte, conhecido como a União de Estados, destruiu o poder militar do Sul, que adotou o nome de Confederação de Estados. O mais importante general confederado, Robert Lee, rendeu-se em 9 de abril de 1865. A rendição foi uma consequência direta da notícia dos tiros que haviam atingido o presidente Lincoln. O atentado era parte de uma trama maior: seus confederados deveriam matar o secretário de Estado e o vice-presidente, mas o segundo assassino falhou, e o terceiro perdeu a coragem e fugiu. O

último general confederado rendeu-se em 23 de junho de

1865, e suas últimas forças militares, a tripulação do

CSS *Shenandoah*, renderam-se em 2 de novembro de 1865.

— Ele sorriu como se lembrasse de alguma coisa engraçada.

— Ironicamente, eles se renderam em Liverpool, na

Inglaterra, depois de atravessar o oceano em um esforço para

evitar a rendição às forças do Norte. Eu estava presente como



representante do governo britânico. E aquele foi o fim da

28

Guerra entre os Estados.

— Na verdade, não — Crowe desmentiu. — Ainda há

pessoas no Sul que querem a independência. Ainda há

agitadores tentando provocar uma luta por isso.

— O que nos traz de volta ao presente — Mycroft disse

a Sherlock — Os cúmplices de Booth naquela conspiração

foram capturados e enforcados em julho de 1865. Booth

fugiu, e soldados da União, supostamente, o capturaram e

fuzilaram doze dias depois.

— Supostamente? — Sherlock questionou, captando a

ênfase de Mycroft à palavra.

Mycroft olhou para Crowe.

— Durante os últimos três anos houve repetidos boatos

de que John Wilkes Booth havia escapado e que outro

conspirador, um homem parecido com ele, fora executado

pelos soldados. Comentou-se que Booth tinha trocado de

nome, para John St. Helen, e fugido do país para salvar a

própria vida. Ele era ator antes de se juntar à revolução.

— E acham que agora ele está aqui? — perguntou

Sherlock — Na Inglaterra?

Mycroft assentiu:

— Recebi um telegrama da Pinkerton ontem. Os

agentes foram informados de que um homem chamado John

St. Helen e, com aparência compatível com a descrição de

John Wilkes Booth, havia embarcado no Japão em direção à

Grã-Bretanha. Pediram-me para alertar o Sr. Crowe, que,

sabiam, estava no país. — Ele olhou para o americano. —

Allan Pinkerton acredita que Booth tenha chegado à

Inglaterra a bordo do CSS *Shenandoah* há três anos, ficando

aqui por um tempo e depois deixado o país. Agora, acham

que Booth está de volta.

— Como acredito ter mencionado há algum tempo —

Crowe disse a Sherlock —, fui convidado para vir a este país

procurar pessoas que tivessem fugido da América e da

punição pelos crimes terríveis cometidos durante a Guerra



entre os Estados. Não a morte de soldados em confrontos

29

diretos, mas o massacre de civis, as cidades incendiadas e

todo tipo de atos profanos e cruéis. Como estou aqui, faz

sentido que Alan Pinkerton queira que eu me envolva na

investigação desse homem chamado John St. Helen.

— Você se incomoda se eu perguntar de que lado

estava na Guerra entre os Estados? — Sherlock questionou

Crowe. — Acho que já me falou que é de Albuquerque.

Procurei em um mapa que encontrei aqui mesmo, na

biblioteca do meu tio. Albuquerque é uma cidade no Texas,

um estado do Sul. Não é isso?

— Sim — confirmou Crowe. — E o Texas integrou a

Confederação durante a Guerra. Mas ter nascido lá não

significa que apoio automaticamente tudo que o Texas faça.

Um homem tem o direito de tomar as próprias decisões com

base em um código moral superior. — Ele rangeu os dentes em uma reação espontânea. — Considero a escravidão... repugnante. Não acredito que um indivíduo seja inferior a outro por causa da cor da pele. Posso achar que outras coisas tornam um indivíduo inferior, entre elas a capacidade de raciocínio, mas não algo tão arbitrário quanto a cor da pele.

— É claro, a Confederação argumentaria — Mycroft respondeu em voz baixa — que a cor da pele de um homem é uma *indicação* de sua capacidade de raciocínio.

— Se quer determinar a inteligência de um homem, converse com ele — Crowe rebateu. — Cor de pele não tem nada a ver com isso. Alguns dos homens mais inteligentes com quem conversei eram negros, e alguns dos mais estúpidos eram brancos.

— Então, você se juntou à União? — Sherlock perguntou, ansioso para continuar ouvindo a fascinante e inesperada história de Crowe.

Ele olhou para Mycroft, que balançou a cabeça discretamente.

— Digamos que permaneci na Confederação, mas que *trabalhei* para a União.





— Como *espião*? — Sherlock murmurou.

30

— Agente — Mycroft corrigiu de forma serena.

— Isso não é... antiético?

— Não vamos discutir ética agora, ou perderemos o resto do dia. É suficiente dizer que os governos de todo o mundo utilizam agentes o tempo inteiro.

Alguma coisa que Mycroft dissera finalmente foi assimilada por Sherlock, que reagiu:

— Disse que a Agência Pinkerton pediu para você informar o Sr. Crowe sobre John St. Helen. Isso significa... — Uma onda de emoção o invadiu. — ...que não veio aqui para me ver. Veio para ver Crowe.

— Vim para ver os dois — Mycroft argumentou. — Uma das coisas que define o mundo dos adultos é que raramente as decisões são tomadas com base em um único fator. Os adultos fazem as coisas por diversas razões ao mesmo tempo. Você tem que entender, Sherlock. A vida não é algo simples.

— Deveria ser — Sherlock respondeu com rebeldia. — As coisas são certas ou são erradas.

Mycroft sorriu.

— Nunca tente o serviço diplomático — disse.

Crowe estava inquieto. Sherlock teve a impressão de que ele não se sentia à vontade.

— Onde mora esse tal St. Helen? — o homem perguntou.

Mycroft tirou do bolso do paletó um pedaço de papel e o estudou.

— Tudo indica que ele se instalou em uma casa em Godalming, na Guildford Road. O nome da propriedade é — ele leu novamente as informações no papel — *Shenandoah*, o que pode ser uma indicação importante ou mera coincidência. O que pretende fazer?

— Investigar — respondeu Crowe. — É para isso que estou aqui. É claro que preciso ter muita cautela na escolha do método que vou utilizar. É difícil um americano grande como eu passar despercebido.



— Então seja sutil — preveniu Mycroft — e não tente

fazer justiça com as próprias mãos. Existem leis neste país, e eu odiaria vê-lo enforcado por assassinato. Não gosto de ironia. Prejudica minha digestão.

— Eu poderia ajudar — Sherlock falou de repente, surpreendendo até a si mesmo.

A ideia pareceu ter passado diretamente para sua boca, sem ser analisada pela razão.

Os dois homens o olharam surpresos.

— De maneira nenhuma — Mycroft respondeu em um tom severo.

— Não, é claro que não — Crowe manifestou-se, falando ao mesmo tempo que Mycroft.

— Mas eu posso cavalgar até Godalming e fazer perguntas — insistiu Sherlock — Ninguém vai prestar atenção em mim. E já não provei que sou capaz de fazer esse tipo de coisa com aquela questão envolvendo o barão Maupertuis?

— Aquilo foi diferente — respondeu Mycroft. — Você se envolveu no assunto por acidente, e o maior perigo a que esteve exposto foi justamente quando o Crowe aqui tentou tirá-lo da história. — Ele parou para pensar. — Nosso pai nunca me perdoaria se eu deixasse que algo ruim acontecesse a você, Sherlock

Sherlock sentiu-se ofendido ao ouvir como o irmão

descreveu sua participação no incidente com o barão de Maupertuis, porque a versão dele ignorava ou distorcia vários pontos importantes, mas ficou quieto. Era inútil começar uma discussão sobre assuntos do passado quando havia algo muito mais importante para debater.

— Eu não faria nada para chamar atenção — Sherlock insistiu. — Não sei como poderia ser perigoso.

— Se John St. Helen for John Wilkes Booth, estaremos lidando com um assassino foragido da justiça — Crowe avisou. — Esse homem será enforcado se voltar ou se for levado de volta aos Estados Unidos. É como um animal



acuada. Se sentir que está sob algum tipo de ameaça, vai

32

encobrir seus rastros e desaparecer novamente, e eu terei que ir atrás dele. Não quero que você seja um dos rastros a encobrir no caso de uma nova fuga.

— Tem mais uma coisa — Mycroft murmurou, olhando para Crowe por um instante. — Não sei que informações a

Agência Pinkerton lhe repassou, mas existe uma suspeita crescente de que Booth e seus colaboradores faziam parte de algo maior.

— É claro que faziam — Crowe respondeu. — E o nome dessa coisa maior é Guerra entre os Estados.

— Eu quis dizer — Mycroft continuou pesadamente — que a ideia por trás do assassinato do presidente Lincoln não foi deles; esses homens seguiam instruções, e os comandantes, digamos assim, ainda estão livres. Se Booth está mesmo aqui na Inglaterra, é possível que esteja se preparando para voltar aos Estados Unidos e, nesse caso, deve haver um bom motivo. O que ele pretende?

Crowe sorriu.

— Se ele está de fato planejando o retorno à América, isso só facilita meu trabalho. Tudo o que preciso fazer é dar o alarme e tomar medidas para que ele seja preso assim que sair do barco.

— Mas não seria melhor, antes, verificar quais são as intenções dele? Prendê-lo não encerra a conspiração necessariamente.

— Se é que existe uma conspiração... — Crowe argumentou balançando a cabeça.

Sherlock se sentia como se estivesse no meio de uma discussão filosófica. Tudo o que sabia era que o tutor, cuja

presença se tornara constante em sua vida, estava diante de um problema que podia levá-lo de volta a seu país ou obrigá-lo a perseguir aquele homem em qualquer outro lugar do mundo. Se Sherlock pudesse fazer alguma coisa para resolver a questão, não hesitaria. Só não informaria a Mycroft.

— Posso ir agora? — perguntou.



Mycroft fez um gesto com a mão, dispensando-o.

33

— Sim, pode ir. Vá passear pelo campo, ou seja lá o que costuma fazer. Vamos conversar mais um pouco.

— Vá me visitar amanhã de manhã — Crowe sugeriu sem sequer olhar para Sherlock — Continuaremos o que paramos.

Sherlock saiu quando os dois homens começavam a discutir os detalhes dos tratados federais de extradição entre alguns estados americanos e o governo britânico.

Do lado de fora o sol ainda era uma presença marcante no céu. Era possível sentir o cheiro de madeira queimando e

o distante odor do malte das cervejarias de Farnham.

Godalming não podia ficar tão longe, certo? Naquele lugar havia uma Guildford Road, o que indicava que devia ficar perto de Guildford, e Guildford não era longe de Farnham.

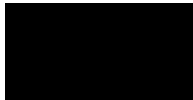
Matthew Arnatt saberia.

Matthew — ou Matty, como gostava de ser chamado — era um garoto que Sherlock conhecera e do qual se aproximara bastante nos últimos dois meses. Ele vivia sozinho em um barco, navegando pelos canais entre as cidades, roubando comida quando era necessário e evitando os abrigos para pobres. Matty estava ancorado em Farnham há mais tempo do que costumava ficar em outras cidades, mas ele e Sherlock não tinham conversado sobre os motivos dessa estadia prolongada.

Se Sherlock ia mesmo visitar Godalming e dar uma olhada na casa chamada *Shenandoah* e no homem que morava lá, que podia ou não ser John Wilkes Booth, queria ter Matty a seu lado. O garoto já salvara sua vida algumas vezes. Confiava nele.

Sherlock contornou a casa, passou pela cozinha e seguiu em direção ao estábulo. Os cavalos que ele e Matty haviam tirado da casa do barão de Maupertuis algumas semanas antes estavam ali, comendo feno com satisfação.

Sherlock não conseguira decidir o que fazer com eles depois



que o esquema colossal do barão havia desmoronado, por

34

isso pedira aos garotos que trabalhavam no estábulo para cuidarem dos animais e lhes pagara uma moeda. Ninguém parecia ter notado a presença de dois cavalos a mais na propriedade. E, é claro, ainda havia a vantagem de agora poder cavalgar com Virginia. Ela o estava ensinando a montar, e Sherlock apreciava o fato de conseguir fazer isso corretamente.

Sherlock selou seu cavalo e, pegando as rédeas do outro animal com a mão esquerda, levou as duas montarias para fora do estábulo. Ter que se preocupar com dois cavalos, em vez de dar atenção apenas àquele que montava, tornou o percurso mais lento, mas ainda assim ele conseguiu chegar a Farnham em meia hora. De lá, seguiu até o local onde o barco de Matty estava ancorado.

Matty estava sentado no barco, olhando para o rio. Ele

deu um pulo ao ver Sherlock

— Você está com os cavalos — o menino comentou.

— Eu sei — Sherlock respondeu. — Sua capacidade de observação é espantosa.

— Seu exibido — Matty respondeu calmamente. — Eu tô *observando* que quer que eu leve você para algum lugar. Se é isso, não devia ser tão sarcástico.

— Tem razão. Desculpe, às vezes não consigo me controlar.

— Então, aonde vamos?

— Vim perguntar se quer ir comigo a Godalming — disse Sherlock

Matty o olhou intrigado.

— Por que eu faria uma coisa dessas?

— Eu conto no caminho — respondeu Sherlock

A viagem a Godalming obrigou-os a seguir por uma subida que parecia não ter fim. A inclinação era, na verdade, o início de uma trilha que seguia estreita e sinuosa, debruçada sobre um precipício. A altura era vertiginosa dos





dois lados da trilha, e campos muito verdes se estendiam

35

diante deles até se perderem em uma nuvem distante.

Matty olhou por cima do ombro para Sherlock.

— Vamos seguir por um bom trecho de Hog's Back,

depois descemos a encosta passando por Gomshall. Isso vai

levar mais ou menos uma hora. Podemos continuar ou quer

parar e descansar um pouco?

— Vamos apreciar a vista por um ou dois minutos —

respondeu Sherlock — Os cavalos precisam recuperar o

fôlego.

— Os cavalos tão bem — Matty falou. — Você não tá

ficando cansado da sela, tá?

O restante do trajeto foi mais fácil, atravessando

campos e grandes áreas de vegetação rasteira onde carneiros,

cabras e porcos se alimentavam lado a lado. Quando

chegaram à fronteira de Godalming eles atravessaram uma

ponte sobre um rio estreito ladeado por juncos tão altos

quanto um homem. Uma estrada seguia à esquerda logo

depois da ponte.

— Acho que essa é a Guildford Road — disse Matty. —

Para que lado quer ir?

— Vamos sair da cidade — disse Sherlock — Tenho a sensação de que o lugar que procuro fica afastado, em uma região mais isolada.

Eles continuaram cavalgando, agora mais devagar para que Sherlock pudesse examinar as casas pelas quais passavam. Matty parecia satisfeito por só apreciar a paisagem, não fazia perguntas sobre o que estavam fazendo ali.

Muitas casas não tinham nome ou eram menores do que Sherlock imaginava. Afinal, ninguém chamaria de *Shenandoah* um casebre, certo? Um nome, especialmente um tão grandioso, implicava algo maior, mais substancial.

Havia crianças brincando fora de algumas casas, umas com bolas de couro, outras com brinquedos de madeira. Uma ou duas acenaram quando os meninos passaram a trote.



Depois de um tempo eles encontraram uma casa

afastada de todas as outras, solitária depois de uma curva na estrada e protegida por um bosque. Do percurso, Sherlock conseguiu enxergar uma placa de madeira ao lado da porta. A palavra na placa era longa, e parecia começar com —Sl. Ou talvez não. Trepadeiras com flores roxas subiam por uma parede lateral da casa, agarrando-se a qualquer saliência que encontravam.

— É aqui? — Matty perguntou. — Devemos bater na porta?

— Não — respondeu Sherlock. — Vamos continuar cavalgando, passar pela casa e parar depois dela.

A fachada era caiada, e havia venezianas nas janelas. O jardim era bem-cuidado, Sherlock notou ao passar. Era evidente que alguém morava ali.

Depois de passarem pela casa os garotos reduziram a velocidade do trote.

— Sabe, eu notei que você tá estudando o lugar —

Matty deduziu — e não quer que os moradores percebam. O que está acontecendo?

— Eu conto mais tarde — prometeu Sherlock —

Preciso me aproximar da porta da frente. Alguma ideia?

— Ir até lá e bater?

— Engraçadinho. — Ele olhou em volta. Não havia por ali nenhuma solução imediata. — Pode voltar até onde

estavam aquelas crianças jogando bola? — Sherlock enfiou a mão no bolso e pegou um punhado de moedas. — Dê algumas a eles e pergunte se podem nos emprestar a bola por um tempo. Avise que vamos devolvê-la.

Matty olhou para ele de um jeito estranho.

— Andamos um bom caminho para ficarmos jogando bola.

— Faça o que estou pedindo, por favor.

Matty suspirou e pegou as moedas, depois se afastou em um trote rápido, olhando por cima do ombro e estalando a língua.



Sherlock desmontou e esperou com paciência,

37

amarrando o cavalo e aproximando-se das árvores para tentar enxergar melhor a casa. Ninguém se movia. Seria o nome *Shenandoah* ou outra coisa

qualquer,

como *Summerisle* ou *Strangeways*?

Matty voltou depois do que pareceu uma eternidade.

Carregava a bola embaixo do braço.

— Não vai adiantar — ele disse ao chegar. — A bola tá murcha.

— Não tem importância. Vamos caminhar de volta à estrada e jogar a bola um para o outro. Quando nos aproximarmos da casa, quem estiver com a bola erra a jogada, para atirá-la o mais perto da porta que puder.

— E o outro vai ter que ir lá buscar. Entendi.

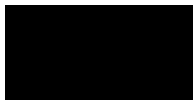
— *Eu* terei que ir buscá-la. Preciso ver o que está escrito naquela placa, e você não sabe ler. Quer dizer, não muito bem, pelo menos.

Eles voltaram à estrada, batendo bola. Uma ou duas vezes Matty a jogou no chão e chutou na direção de Sherlock.

Quando chegaram ao trecho mais próximo da casa, bem na frente da trilha aberta até a porta da frente, Matty colocou-se do outro lado da estrada. De lá, lançou a bola o mais alto que pôde, fazendo-a passar por cima da cabeça de Sherlock. Ela chegou ao jardim e quicou uma vez no chão, murcha, antes de rolar lentamente até a porta da frente.

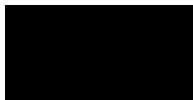
Sherlock fingiu estar muito irritado, abrindo os braços e balançando a cabeça, depois virou-se e caminhou pela

trilha até a entrada da casa. Disfarçando, abaixou-se para
pegar a bola e olhou para a placa de madeira.
Shenandoah.
Era a casa certa. Agora ele só precisava decidir o
próximo passo. Será que deveria ficar e observar o lugar por
algum tempo, e assim poder descrever o ocupante para
Mycroft e Amyus Crowe, ou se atreveria a entrar escondido e
dar uma olhada, caso o morador não estivesse em casa?



A escolha lhe foi negada quando a porta se abriu e um
38
homem apareceu, saído da escuridão. Era magro, com uma
barba estreita e pontuda salpicada de fios brancos, mas o que
fez Sherlock congelar de medo foi o lado esquerdo de seu
rosto. Ele havia sofrido queimaduras graves; a pele era
vermelha e enrugada, e o olho era só um buraco escuro, sem
o globo ocular.
— Seu vira-lata barulhento — o homem rosnou; em
seguida, agarrou Sherlock pelos cabelos e o arrastou para

dentro antes que ele tivesse tempo de emitir qualquer som.



39

Capítulo três

SHERLOCK SENTIA O COURO CABELUDO queimar.

Agarrado ao braço do desconhecido, deixou-se arrastar, tentando diminuir a agonia de ter o peso do corpo inteiro pendendo de alguns poucos tufo de cabelo. Já conseguia imaginar umas mechas se soltando, deixando expostas áreas ensanguentadas de carne viva.

— Só vim pegar minha bola de volta! — ele gritou.

O homem o ignorou. Estava resmungando uma sequência de palavrões e acusações contra si mesmo enquanto puxava Sherlock.

O saguão da casa era claro, o sol o invadia por uma claraboia. Havia uma estranha sensação de vazio no ambiente ainda pouco mobiliado. Os passos do homem ecoavam no piso de cerâmica.

Ele abriu uma porta com a mão esquerda e entrou,

arrastando Sherlock. Era uma sala de visitas: havia confortáveis poltronas forradas de *chintz* e com toalhinhas protegendo o encosto, para que o cabelo oleoso de algum cavalheiro não manchasse o tecido, e mesas sem nada em cima além de toalhas de renda. Isso tudo dava ao ambiente um ar de inacabado, fazia parecer que o lugar ainda não tinha habitantes. Aquilo era uma casa, não um lar.

Ah, e havia um corpo no chão. Sherlock viu apenas um par de botas e a metade inferior de uma pessoa de barriga para baixo, enquanto era puxado e jogado sobre uma cadeira. Ele tocou a cabeça, tentando encontrar ferimentos ou sangue, talvez até uma área de pele frouxa onde, o couro



cabeludo tivesse se soltado do crânio, mas estava tudo

40

normal. Exceto pela dor, que não era nada normal.

— Por favor! — Sherlock gritou, tentando fingir que era uma vítima inocente, alguém que apenas passava por ali. — Deixe-me ir. Meus pais vão ficar preocupados comigo! Eles

moram no fim da rua!

O homem nem olhava para ele. Em vez disso, sua cabeça ia de um lado para o outro como a de um pássaro, olhando da janela para a porta, da porta para a janela, indo e vindo.

Sherlock parou para observá-lo com atenção. Tudo que conseguira ver na porta havia sido a pele destruída do lado esquerdo do rosto, mas agora podia olhar também o corpo, e tentava encontrar alguma coisa que pudesse ajudar.

O terno era de boa qualidade, disse Sherlock tinha certeza. Era preto, elegante, e o caimento do paletó e da calça indicavam que fora feito por um alfaiate que sabia o que estava fazendo. Não parecia um saco de lã com mangas, como alguns ternos que ele via nos homens de Farnham, mas havia algo estranho no corte, alguma coisa... quase estrangeira.

Sherlock se perguntava se seria possível identificar o alfaiate simplesmente pelo corte e pela costura do tecido; ou, pelo menos, se o alfaiate havia seguido algum estilo em especial — alemão, inglês, americano.

O homem era magro, os ossos de seus pulsos e do pomo de adão eram salientes. O lado direito do rosto tinha uma beleza clássica, com bigode proeminente e cavanhaque, mas o lado esquerdo era um desastre. A pele era vermelha e brilhante, cheia de crateras como a superfície da Lua. A

barba desse lado era rala e irregular, como os restos de vegetação em uma floresta incendiada, e a órbita ocular era só um buraco com cicatrizes avermelhadas.

— Senhor... — Sherlock começou, mas o homem o calou com um gesto brusco.



— Quietos! — ordenou. Sua voz era penetrante, mas

41

havia nela uma nota chorosa que fez Sherlock se arrepiar. —

Fique quieto, seu cachorro filho da mãe!

O sotaque não era inglês. Era um acento parecido com

o de Amyus e Virginia Crowe, mas não exatamente igual.

Talvez um pouco mais educado. E ele falava como se tivesse

certeza de que seria ouvido. O homem *projetava* a voz, como

se estivesse no palco de um teatro, se apresentando. Sherlock

assistira a muitas peças de Shakespeare em apresentações ao

ar livre na mansão dos pais em Reigate, e não fosse por um

movimento espasmódico da cabeça, teria decidido que o

homem era ator, porque era o que sugeria sua postura e seu

jeito de falar.

— Quanto tempo temos? — o homem perguntou de repente. — Quanto tempo até eles voltarem?

— Eu não... — Sherlock começou a dizer, mas o homem se aproximou e lhe deu uma bofetada com as costas da mão.

Estrelas explodiram diante de seus olhos. Chocado, ele sentiu o gosto de sangue.

— Não minta para mim, menino. Posso farejar uma mentira no vento. Quanto tempo temos?

— Talvez uma hora... — respondeu Sherlock

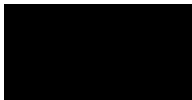
Não sabia ao certo o que o homem queria, mas tinha certeza de seu desequilíbrio mental. A melhor coisa a fazer era não discutir.

— Fumaça... — o homem disse de repente. De cabeça erguida, ele farejava o ar. — Sinto cheiro de fumaça. — De repente olhou para Sherlock — Precisamos sair daqui.

Temos que voltar para o Oriente. Lá é seguro. Aqui muita gente procura por mim. São muitos olhos. Muitos ouvidos.

— Posso verificar se a área está limpa — Sherlock propôs.

— A costa! Temos um barco! — Os olhos dele se iluminaram. — Um navio. Podemos navegar até Hong Kong. Vamos nos esconder lá até estarmos a salvo.



— Do que vamos nos esconder? — Sherlock perguntou,

42

mas o homem apenas o encarou.

— Não finja que não faz parte disso. Vocês *todos* estão envolvidos. Até o último filho da mãe.

Lembrando-se da discussão na mansão Holmes,

Sherlock tentou deduzir se aquele homem poderia ter

assassinado alguém, quanto mais o presidente dos Estados

Unidos da América. Ele era, evidentemente, desequilibrado,

estava à beira de um colapso nervoso, mas *era*, sim,

americano, e talvez a loucura fosse resultado de alguma coisa

que viveu. Agora Sherlock tinha informações suficientes para

transmitir a Amyus Crowe e ao irmão — o único problema era

descobrir como sair dali.

De repente o homem virou a cabeça, como se estivesse

presa a um fio que alguém puxara com força do lado de fora.

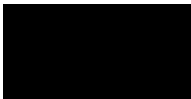
— Fumaça! — ele gritou e saiu correndo da sala,

deixando Sherlock sozinho.

Sherlock e o corpo.

Por um momento o garoto pensou em fugir. Se corresse, talvez conseguisse passar pelo homem que o capturara e agora estava parado do lado de fora da sala. Talvez tivesse uma chance de chegar à porta da frente. Ou então podia correr na direção oposta, para a janela na recepção perto da entrada, e chegar ao jardim por ali. Matty ainda estaria esperando por ele, e fugiriam juntos a cavalo. Mas havia um corpo naquela sala, e Sherlock precisava verificar se a pessoa estava morta ou apenas ferida. Não podia simplesmente ir embora e deixá-la ali. Isso iria assombrá-lo pelo resto da vida.

Ele se levantou da poltrona e foi examinar o corpo, atento a qualquer sinal da volta do desconhecido que o capturara. O homem tinha suíças. A cabeça estava virada para o lado e os olhos, fechados, mas Sherlock se sentiu aliviado quando ouviu-o respirando pela boca. O cabelo na nuca estava sujo de sangue, já parcialmente coagulado. Não



havia dúvidas de que ele fora atingido na cabeça por trás e

43

caíra. Tinha sorte de estar vivo.

Sherlock pensou por um momento. O homem que o arrastara para dentro daquela casa era desequilibrado, com certeza. A vítima caída no chão seria uma espécie de guarda?

Um vigia? E o lunático o teria derrubado e agora procurava um jeito de fugir da casa?

Sherlock colocou o homem inconsciente em uma posição mais confortável, de um jeito que o ângulo de sua cabeça não prejudicasse a respiração. Não podia deixar de notar que suas roupas eram semelhantes às do desconhecido insano, com o mesmo corte e do mesmo tecido. Deviam ter vindo do mesmo lugar.

Um ruído o alertou. Ele conseguiu voltar à poltrona um instante antes que o desconhecido retornasse à sala. A testa do homem estava coberta por uma camada de suor que cintilava, mas a pele rubra e queimada no lado esquerdo do rosto continuava seca.

— Há um navio esperando para me levar à China! —

ele declarou, e seu olho estava tão arregalado que era possível ver toda a parte branca, como o olho de um cavalo assustado.

Sherlock sabia que o estranho estava delirando, sonhando com a existência de um navio da mesma forma que

havia imaginado a fumaça que o fazia farejar o ar. A fumaça do fogo que, Sherlock presumiu, havia provocado as terríveis queimaduras.

— Vá na frente — Sherlock sugeriu com toda a calma que conseguiu fingir. — Eu vou em seguida.

Esperava que seu tom de voz controlado e confiante pudesse convencer o homem a se virar e sair, mas o efeito foi exatamente o contrário. O homem levantou uma das mãos e, horrorizado, Sherlock viu uma arma de fogo, uma pistola de cano longo e cromado com tambor giratório logo acima da coronha.

— Sem deixar rastros! — ele declarou, apontando o revólver para a testa de Sherlock



O garoto rolou para o lado na poltrona pouco antes de

44

o tiro explodir, com fumaça e barulho, e o encosto onde um instante antes estivera sua cabeça agora tinha um buraco por onde se via o estofamento de crina de cavalo. Sherlock rolou

para baixo de uma das mesas e empurrou-a na direção do homem armado, que atirou novamente, transtornado. A bala arrancou estilhaços da madeira e deslocou a mesa para o lado, para longe dos dois oponentes.

O atirador apontou para Sherlock novamente. Dessa vez a bala passou zunindo por cima de sua cabeça e acertou a janela, estilhaçando o vidro.

Sherlock correu para a porta do saguão. Um quarto tiro acertou o batente, arrancando fragmentos da madeira enquanto Sherlock passava pelo vão.

A distância do corredor até a entrada da casa era longa demais. Até que ele chegasse à porta e conseguisse abri-la, o homem já estaria no corredor, atirando novamente, e lá Sherlock ficaria encurralado. Em vez disso, virou-se e correu escada acima.

O homem apareceu no primeiro degrau quando Sherlock chegou ao segundo andar. Ele recarregava a pistola. Não era tão louco assim, Sherlock pensou enquanto corria. A cabeça empalhada de um alce girou na base de madeira presa à parede um segundo depois de um *bang* lá embaixo. Um buraco apareceu onde antes existira um olho de vidro. Não bastava que alguém já tivesse atirado no pobre coitado; agora o alce tinha que enfrentar a indignidade de ser alvejado novamente, e dessa vez não podia nem fugir!

O corredor terminava em duas portas. Sherlock ouvia os passos subindo a escada. Em desespero, pensou em tentar lembrar o formato da casa, já que a vira pelo lado de fora. Lembrava-se das trepadeiras subindo por uma parede, lateral. Seria a esquerda ou a direita? Escolheu o lado direito, mais por impulso do que por qualquer outra coisa. Se esperasse um pouco mais, se demorasse tentando pensar de forma lógica e coerente sobre



qual porta abrir, acabaria morrendo de um jeito ou de outro.

45

As chances eram de cinquenta por cento.

A porta se abriu com um toque. Ele entrou e a fechou rapidamente. Se o homem com a pistola tivesse que olhar nos dois dormitórios, Sherlock talvez ganhasse alguns minutos a mais antes de ser descoberto.

Havia uma cama desarrumada, como se seu ocupante houvesse se levantado e se vestido sem se preocupar com a arrumação, mas nenhuma criada houvesse aparecido para

ajeitar o dormitório. Sherlock deduziu que na casa só havia o atirador maluco e seu captor ou vigia. Se pretendiam fazer algo de ruim, escondendo-se de um perigo desconhecido, ter uma empregada seria um risco. Era melhor que permanecessem isolados, evitando a curiosidade dos moradores. E isso significava que eles provavelmente estavam cozinhando e cuidando de todas as tarefas domésticas sem ajuda.

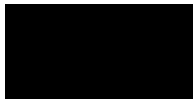
Então, Sherlock concluiu em um estalo: devia haver um terceiro homem. Sim, mais um, pelo menos, se o atirador precisava de supervisão constante.

Atento aos ruídos do lado de fora ou a qualquer movimento da porta, Sherlock caminhou até a janela.

Quando passou pela cama, notou ao lado uma bolsa preta no chão. A bolsa estava aberta, e Sherlock viu dentro dela um brilho de vidro e metal. Curioso, aproximou-se e examinou melhor o conteúdo.

Frascos contendo um fluido incolor estavam guardados em compartimentos individuais. Instrumentos médicos, bisturis e outros apetrechos estavam jogados no fundo. E, separada do restante, havia também uma caixa comprida e plana que Sherlock reconheceu. Vira outras como aquela, com os médicos que trataram sua irmã durante o período de enfermidade. Normalmente continham seringas hipodérmicas

— um cilindro vazio de vidro com um êmbolo em uma ponta e uma agulha muito fina na outra —, usadas para injetar medicamentos na corrente sanguínea.



Por um momento ele não estava mais no quarto, e sim

46

em casa, espiando por uma porta entreaberta enquanto médicos e enfermeiras se moviam em torno da cama de sua irmã. Agulhas e seringas o fascinavam; o brilho suave, a funcionalidade grotesca, a maneira como superavam o limite entre o exterior e a parte interna do corpo humano. A maneira como tornavam as coisas melhores. O jeito como silenciavam os gritos.

Ele estremeceu. Não tinha tempo para lembranças.

Estava sendo perseguido por um maluco armado, a segundos de alcançá-lo.

Por um momento pensou que a janela estivesse travada ou fechada com pregos. Não se movia, por mais força que ele fizesse. Mas *tinha* que se mover. Se naquele quarto havia

equipamento médico espalhado por todos os lados, não podia ser o dormitório do maluco, e não havia motivo, então, para uma janela lacrada.

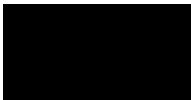
A janela do quarto do louco teria grades, disso ele tinha certeza.

Sherlock usou todo o peso do corpo para forçar a janela e, com um rangido da madeira, a vidraça subiu. O ar fresco tocou seu rosto. Ele se debruçou no parapeito e olhou em volta. Nenhum sinal de Matty no jardim ou na rua. Nenhum sinal de ninguém.

Ele olhou para baixo. As trepadeiras desciam até invadir os canteiros de flores no chão. Seria fácil descer por ali.

Mas e depois? Se o homem louco entrasse no quarto enquanto estivesse descendo, ele seria um alvo fácil. Um tiro na cabeça, e tudo estaria acabado.

Sherlock olhou para cima. A planta continuava pela parede até o telhado, até onde os olhos podiam alcançar, suas gavinhas se fixando no cimento entre os tijolos da parede. Havia uma sacada, um parapeito, talvez, contornando toda a beirada do telhado. Se — quando — o homem entrasse no quarto e notasse a janela aberta, sua



primeira reação certamente seria olhar para baixo. Se

47

Sherlock estivesse subindo, talvez conseguisse escapar. No

mínimo, ganharia alguns segundos a mais de vida.

Ele subiu no parapeito e agarrou a trepadeira com a

mão direita, usando a esquerda para fechar a janela com todo

o cuidado. Seria impossível voltar, mas o gesto poderia

garantir mais alguns momentos de segurança.

Apoiou-se na moldura da janela e tateou com o pé,

procurando um ponto onde dois caules se entrelçassem,

formando uma estrutura que poderia sustentá-lo. Após o que

pareceram séculos, encontrou um apoio que, apesar de ceder

um pouco com seu peso, não se romperia.

Nervoso, ele se deixou sustentar pela trepadeira e

moveu o pé esquerdo, procurando outro ponto de apoio.

Quando encontrou, deu um impulso para cima e procurou

outro caule com a mão esquerda. Em vez do caule, Sherlock

tateou um vão entre dois tijolos e, encaixando os dedos com

difficuldade, suspendeu um pouco mais o corpo. Pouco a pouco, centímetro a centímetro, foi subindo até deixar a janela lá embaixo e se aproximar do telhado.

A sujeira que se desprendia dos tijolos aos quais ele se agarrava caía em seu rosto, fazendo os olhos arderem. Ele os fechou e sacudiu a cabeça com força para tentar se livrar dos detritos. Mais poeira e alguns fragmentos continuavam caindo, em sua cabeça e seus ombros.

A trepadeira balançou de repente. Seu peso a estava arrancando da parede, desprendendo as gavinhas das frestas onde se fixavam a planta. Sherlock sentia que estava se afastando cada vez mais da parede, e quando olhou para baixo foi tomado pelo enjoo e pela vertigem ao ver o chão se movendo. Os caules que segurava com a mão direita se soltaram, e Sherlock tateou com rapidez os tijolos em busca de um apoio mais firme. Felizmente, agarrou outro trecho do caule, que era mais grosso e parecia ainda estar preso à fachada, e usou o pé direito para dar impulso e subir. A mão esquerda encontrou a superfície plana da beirada do telhado.





Tomado por uma mistura de gratidão e alívio, Sherlock parou

48

por um instante para recuperar o fôlego.

Abaixo de seus pés ele ouviu o rangido da janela se abrindo.

Paralisado, colocou o corpo à parede.

Sherlock sentiu, mais do que viu, uma silhueta espiando fora da janela, olhando o terreno lá embaixo.

Prendeu a respiração, evitando desesperadamente fazer qualquer barulho que pudesse denunciá-lo.

Mais fragmentos de cimento e tijolos despencaram do alto. A trepadeira a que ele se segurava com a mão direita cedeu e começava a se afastar da parede. Ficou agarrado à planta por tempo demais. Já devia ter transferido o peso do corpo, mas não se atreveu.

Mais poeira caiu em seus olhos, fazendo-o piscar. Seu nariz coçava. Ele queria espirrar, mas comprimiu as narinas franzindo o nariz.

A silhueta na janela se movia, tentando enxergar melhor o terreno lá embaixo. De onde estava, Sherlock notou vários engradados empilhados no jardim dos fundos da casa.

Havia frestas entre as ripas, e ele acreditou ter visto algo se mexer atrás delas, mas nesse momento o homem na janela olhou para cima.

Para ele.

— Seu cachorro insolente e covarde! — gritou o perseguidor, e atirou novamente.

A bala passou perto da orelha de Sherlock, zunindo como uma vespa furiosa. O calor provocado pelo deslocamento de ar pareceu chamuscar as pontas do cabelo. Desesperado, se agarrou à beirada do telhado e suspendeu o corpo e as pernas, no momento em que o lunático disparava mais um tiro.

Houve silêncio por um momento, enquanto Sherlock tentava recuperar o fôlego. Aproximando-se do beiral, olhou para baixo.



Não havia ninguém na janela. O maluco estava subindo

49

a escada para pegá-lo.

Sherlock olhou em volta desesperado. O patamar onde estava tinha pouco mais de um metro de largura. O telhado propriamente dito começava ali, subindo inclinado até o topo. Águas-furtadas entrecortavam a superfície a cada três metros, mais ou menos, provavelmente janelas dos dormitórios do segundo andar ou de quartos de quinquilharias.

Tinha que encontrar uma saída, e depressa.

Sabia que jamais conseguiria descer pela trepadeira, por isso correu pelo telhado até a janela mais próxima.

Estava trancada ou emperrada. Correu para a seguinte, mas o mesmo aconteceu. A terceira janela tinha uma fresta aberta, mas a madeira estava empenada e não se movia.

Ele começou a se dirigir à quarta janela, mas percebeu que o homem armado estava de pé em um canto do telhado, que contornava a casa. Era evidente que ele havia encontrado uma saída antes de Sherlock encontrar uma entrada.

O cano da pistola estava apontado para o peito de Sherlock

— Vá, vá para o inferno! — gritou o louco, espumando.

— E avise que eu mandei você para lá!

Sherlock esperou a bala acertá-lo e mandá-lo voando por cima do telhado. Por um momento pensou se o tiro o mataria antes da queda. Seria sua última experiência em

vida.

Outro homem apareceu em cima do telhado, um grandalhão com cabelos claros e varizes no pescoço e nas bochechas. Com o braço esquerdo ele deu uma gravata no louco e, com a mão direita, enfiou uma seringa em seu ombro direito. Em seguida, empurrou o êmbolo, enviando a droga contida na seringa para a corrente sanguínea do homem armado.

O louco desabou nos braços do outro homem, e a arma fez barulho ao cair nas telhas. Ele ainda tentava falar, mas



sua voz se arrastava. Os olhos tremeram por um instante, e

50

em seguida ele ficou imóvel.

O recém-chegado tirou a agulha do ombro do lunático.

Um líquido claro pingou da seringa, e o maluco despencou na plataforma na beirada do telhado. O homem então olhou para Sherlock

— O que está fazendo aqui, menino?

— Só queria pegar minha bola no jardim — Sherlock

respondeu, tentando soar mais infantil e vulnerável do que realmente era —, mas esse homem me agarrou e me puxou para dentro da casa. — Sherlock não pôde deixar de reparar que, ao se levantar, o homem havia recolhido o revólver e o segurava com o cano apontado para baixo.

— E o que o cavalheiro queria fazer com você, depois de levá-lo para dentro da casa?

— Não sei. Juro que não sei.

O homem ficou em silêncio por um instante, pensando, batendo com o cano do revólver na perna.

— Entre na casa — disse, depois de um tempo.

Casualmente, apontou o cano do revólver para Sherlock — E leve-o com você — acrescentou, indicando com a cabeça o homem inconsciente. — Arraste-o até o outro lado, há uma janela aberta ali. É só empurrá-lo para dentro.

— Mas...

— Não discuta, menino. Faça o que estou mandando.

Sherlock olhou para o rosto do homem e, depois para a arma, e em seguida novamente para ele. O sujeito não estava agitado, nervoso ou alterado. Não era louco. Estava perfeitamente equilibrado, mas tão propenso a atirar quanto o outro.

Sherlock deu um passo adiante e segurou os braços do

maluco. O recém-chegado recuou para abrir espaço, e Sherlock arrastou o corpo inconsciente pelo telhado, fez uma curva e o levou até a janela aberta, sempre atento à beirada da plataforma. Um passo em falso e ele cairia.



O corpo do homem era pesado e difícil de manobrar, e

51

Sherlock sentia o suor escorrendo por todo o seu corpo devido ao esforço. Depois de algum tempo conseguiu fazer com que metade do corpo inerte entrasse pela janela. Passando por cima dele com dificuldade, foi para o outro lado e puxou o homem inconsciente para dentro.

Durante todo o tempo o outro estranho armado o observava.

Um par de braços surgiu de repente por cima dos ombros de Sherlock e segurou o homem inconsciente.

— Eu cuido dele agora — disse uma voz aguda.

Sherlock virou a cabeça, surpreso. Havia uma quarta pessoa às suas costas: um homem mais baixo, atarracado e

careca. E ele não tinha um pedaço da orelha direita.

Sherlock se afastou e deixou o recém-chegado arrastar o corpo pelo corredor, para outro quarto. Havia uma chave na fechadura. Lá dentro, enquanto o corpo inconsciente era puxado para a cama, Sherlock percebeu que, de fato, o cômodo tinha janelas com grades. Aquele era o quarto do louco.

O terceiro homem — o grandalhão de cabelos claros — estava parado na porta, ainda segurando a arma.

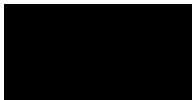
— Como está Gilfillan? — ele perguntou.

— Machucou feio a cabeça — respondeu o baixinho careca, ainda ajeitando o maluco na cama. — Ele vai sentir uma dor de cabeça horrível quando acordar, mas acho que vai ficar bem. Cabeça dura — riu. — A pancada teria que ser bem mais forte para causar algum estrago significativo.

— Eu posso cuidar disso — ameaçou o grandalhão. —

Que idiota, deixar Booth dominá-lo desse jeito. Ele podia ter arruinado todo o plano. A última coisa que precisamos é de Booth correndo solto por aí, especialmente em seu atual estado.

Booth! Sherlock tentou não esboçar nenhuma reação, mas, por dentro, sentia uma intensa satisfação. O homem era mesmo John Wilkes Booth, não John St. Helen.



O grandalhão continuava falando. Ele apontou para

52

Sherlock com a arma.

— E agora, por causa dele, temos uma testemunha.

O careca interrompeu o que estava fazendo e olhou para Sherlock pela primeira vez.

— O que vamos fazer com ele, Ives?

O grandalhão — Ives — deu de ombros.

— Acho que não temos muitas opções — disse.

O careca ficou nervoso.

— Ei, é só um garoto. Não podemos deixá-lo ir? — E

olhou para Sherlock — Você não viu nada, viu, menino?

Sherlock tentou parecer aterrorizado. Não foi difícil.

— Honestamente — respondeu, dando à voz o tom mais sincero possível —, vou esquecer tudo o que vi aqui.

Prometo que vou.

Ives o ignorou.

— Qual é o veredito com relação a Booth?

— O sedativo funcionou muito bem. Ele vai ficar fora do ar por algumas horas.

Ives assentiu.

— Isso me dá o tempo necessário, então.

— Tempo necessário para quê?

Ele levantou a arma e apontou-a diretamente para

Sherlock

— Matar o garoto e dar fim no corpo. Regra número um, lembre-se: nunca deixe para trás alguém que viu seu rosto.



53

Capítulo quatro

SHERLOCK SENTIU UM ARREPIO. Seria eliminado, seu corpo seria jogado em algum lugar como um saco de cascas de batata! Ele olhou para os dois homens tentando pensar em um jeito de escapar, mas Ives estava parado na porta e o baixinho careca bloqueava o caminho para a janela. E, mesmo que conseguisse chegar à janela, para onde iria?

Eles o seguiriam, o pegariam e o jogariam de cima do telhado ou lhe dariam um tiro.

— Por favor, senhor, eu não vi nada — choramingou

Sherlock, tentando ganhar tempo.

— Não banque o inocente comigo, garoto — Ives

grunhiu. Depois, caminhou para o corredor e fez um gesto mandando Sherlock segui-lo. — Por aqui, e seja rápido. — Ele olhou para o baixinho careca, que Sherlock presumiu ter algum tipo de conhecimento médico, considerando que Ives ouvia e acatava seus comentários ferimentos e insanidade. — Berle, deixe Booth bem preso e depois trate de pôr Gilfillan de pé. Quero sair daqui. Muita gente já viu que há algo estranho nesta casa. Garanto que nosso amigo não veio atrás da bola perdida. Ele veio por causa de uma aposta ou porque queria ver o que estávamos fazendo.

Sherlock estava no corredor. Ele olhou para trás, para Berle, que evitava encará-lo.

— Por favor, senhor, não deixe seu amigo me machucar

— choramingou, mas Berle olhou para John Wilkes Booth, ainda inconsciente em cima da cama.





— Sinto muito, garoto — Berle murmurou —, mas há

54

muita coisa em jogo aqui. Se Ives diz que você tem que morrer, você tem que morrer. Não vou me meter nisso.

Berle hesitou por um momento, olhando para alguma coisa sobre a cômoda.

— E quanto a isso aqui? — perguntou a Ives.

— O quê?

Berle estendeu o braço e pegou um recipiente de vidro coberto com um pedaço de gaze. A tampa improvisada estava presa ao gargalo por um elástico. De onde estava, Sherlock conseguiu ver pequenos furos feitos na gaze com uma faca afiada. Era o tipo de coisa que uma criança faria para guardar uma lagarta ou um besouro vivo — cobrir o pote para não deixar a criatura fugir e furar o tecido para que o animal possa respirar —, mas não conseguiu ver insetos ou qualquer outra criatura no interior do vidro. A única coisa que havia ali era uma massa vermelha e brilhante, como o pedaço de um figado ou um grande coágulo de sangue.

Ives não parecia preocupado.

— Vamos levar com a gente — ele anunciou. — O chefe

mandou. Ele quer essa coisa quase tanto quanto quer Booth.

Berle sacudiu o pote sem esconder a dúvida.

— Tem certeza de que está vivo?

— É bom que esteja. O chefe não costuma ter paciência com quem o desaponta, e essa coisa foi trazida lá de Bornéu.

— O rosto de Ives assumiu uma expressão preocupada. — Uma vez ouvi dizer que um criado dele derrubou uma jarra de julpepo de menta gelado na varanda. Duke simplesmente olhou para ele, sem falar nada. O empregado começou a tremer e foi recuando pelo jardim, que terminava na margem de um rio. Tremendo e chorando, ele caminhou de costas até entrar no rio e desaparecer. Como se estivesse hipnotizado. Nunca mais foi visto. Duke uma vez comentou que há jacarés naquela água, mas não sei se é verdade.

Berle ainda parecia em dúvida.



— Acho que Duke teria usado uma daquelas coisas que

— Talvez ele só quisesse provar algo. Talvez as tais

coisas não estivessem com fome. — Ives balançou a cabeça.

— Não importa. Vamos levar esse pote conosco. Assunto encerrado.

Ele empurrou Sherlock pelo corredor até a escada, sempre com o cano da arma encostado em suas costas.

— O que vai fazer comigo? — Sherlock perguntou.

— Não posso atirar — resmungou Ives. — Quer dizer, a menos que você me deixe sem alternativas. Se alguém encontrar o corpo de um garoto baleado, com certeza vai haver uma investigação, e uma casa com quatro estranhos vai ser o primeiro lugar que a polícia vai revistar. Eu poderia usar uma dose de um daqueles medicamentos do Berle, mas seria desperdício. Talvez a gente precise de todos eles, considerando a velocidade com que Booth vence o efeito das drogas. Não, acho que vou sufocar você com um pedaço de pano na boca. Assim não vai haver sinais evidentes de violência. Há uma pedreira perto daqui. Vou pôr seu corpo no carrinho, cobri-lo com sacos e levá-lo até lá. Posso até escolher em que buraco vou jogar você. E se você for encontrado, as autoridades vão deduzir que caiu e bateu a cabeça.

— Isso é mesmo tão importante? — Sherlock perguntou.

— Isso o quê?

— O que estão fazendo aqui. É tão importante que precisa me matar para se certificar de que ninguém vá descobrir?

Ives riu.

— Ah, as pessoas vão descobrir, sim. Com o tempo, o mundo vai descobrir, mas isso só vai acontecer no momento em que nós quisermos.

Sherlock estava no alto da escada, e Ives fez um sinal indicando que ele devia descer, seguir para o primeiro andar.



Sherlock obedeceu relutantemente. Sabia que teria que tentar

56

fugir em algum momento, mas se tentasse agora Ives atiraria e levaria seu corpo para algum lugar, um buraco qualquer onde ele nunca seria encontrado. Correr também não serviria para nada, seria apenas uma inconveniência passageira que Ives resolveria rapidamente. Talvez tivesse uma chance quando estivessem do lado de fora.

Enquanto descia a escada, Sherlock sentiu alguma coisa sob a sola do sapato; alguma coisa que caíra no tapete. Antes que pudesse ver o que era, Ives o empurrou para a frente. Curioso, Sherlock virou-se bem a tempo de ver um pedaço de barbante esticado na escada, do corrimão à parede. Foi nele que pisara.

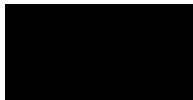
Ives tropeçou no fio quando descia o degrau. O pé ficou preso e o corpo continuou, impelido pela inércia. Seus olhos se arregalaram comicamente quando ele começou a cair. As mãos tentaram agarrar o corrimão e a parede, onde o revólver bateu antes de cair. Sherlock deu um passo para o lado e Ives passou rolando por ele. O homem girou várias vezes até chegar ao primeiro andar, onde ficou estendido.

Parado na metade da descida, Sherlock olhou para baixo, pelo corrimão. Lá embaixo, à sombra da escada, viu o rosto pálido de Matty olhando para ele. O garoto segurava a ponta de um barbante. O mesmo que Sherlock vira estendido no degrau da escada. Seguindo o caminho do fio, notou que um prego havia sido enfiado sem nenhum cuidado numa fresta entre o rodapé e a parede. O barbante estava preso à cabeça do prego.

— Você teve sorte de esse prego não ter se soltado quando o peso dele puxou o barbante — Sherlock observou calmamente, embora sentisse o coração batendo com força no

peito.

— Não — Matty corrigiu. — A sorte foi *sua*. Pra mim, não teria feito nenhuma diferença. Ele não sabia que eu tava aqui.



Sherlock terminou de descer a escada e abaixou-se

57

para examinar Ives. Ele estava inconsciente e havia uma mancha vermelha bem feia em sua testa. Mesmo assim, Sherlock pegou a arma. Precaução nunca é demais.

Matty juntou-se a ele.

— Qual é o seu problema com a casa das outras pessoas? — ele perguntou.

— Como assim?

— Quero dizer que tô sempre tirando você de alguma confusão. — Matty olhou para o alto da escada. — O que tá acontecendo lá em cima? Vi quando o sujeito com o rosto queimado puxou você para dentro da casa e depois vi os outros dois chegando em uma carroça. E quando olhei de

novo, vocês três tavam em cima do telhado. E vi armas, também, então achei que era melhor entrar e vir buscar você.

— Ele balançou a cabeça. — Para alguém tão inteligente, você passa tempo demais preso. Não consegue resolver seus problemas na base da conversa?

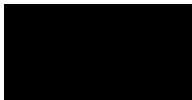
— Acho que conversar é o que causa os problemas, às vezes. — Sherlock parou para pensar. — Onde conseguiu o barbante?

— No meu bolso, é claro — respondeu Matty. — Você nunca sabe quando vai precisar de um.

— Venha — Sherlock o chamou. — Vamos sair daqui.

— Tem outro homem lá embaixo, na sala — Matty avisou. — Mas ele tá desmaiado. Ou melhor, tava, quando eu cheguei. Pode ter acordado, então é melhor tomarmos cuidado.

Os dois desceram a escada até o primeiro andar e passaram pela sala de visitas, onde o homem que Sherlock havia encontrado inconsciente e ferido — Gilfillan, como Ives o chamara — agora roncava deitado no sofá. Eles passaram com cuidado, sem fazer barulho, e seguiram para a porta da frente, atravessaram o jardim e chegaram à rua, onde Matty deixara os cavalos amarrados.



— Descobriu o que queria saber? — Matty perguntou

58

quando eles montaram.

— Acho que sim — Sherlock respondeu pensativo. —

Há quatro homens na casa e todos são americanos. Ou pelo menos três são; o quarto, não tive a chance de ouvir falando.

Um dos homens é mentalmente perturbado e outro é o médico que cuida dele. Acho que os outros dois o estão guardando, impedindo que fuja. Devem ter deixado um no local quando saíram. Talvez tenham saído para comprar comida ou coisa assim. Aí o homem perturbado, cujo nome é John Wilkes Booth, atacou o vigia. Depois, achou que eu estava envolvido em uma trama contra ele, por isso me puxou para dentro da casa.

— Mas o que eles tão fazendo aqui na Inglaterra? —

Matty quis saber.

— Não sei, mas está acontecendo alguma coisa. Aquela casa não é uma clínica de repouso para assassinos

desequilibrados.

— *Assassinos* desequilibrados?

— Eu conto tudo quando chegarmos à mansão.

A volta para Farnham levou cerca de uma hora e Sherlock se sentia mais desanimado a cada quilômetro percorrido. Como explicaria a Mycroft e a Amyus Crowe que sua rápida e discreta investigação havia feito com que os quatro ocupantes da casa soubessem que alguém os estava observando? Se tivesse pensado melhor, jamais teria se aproximado daquela casa.

A carruagem de Mycroft ainda estava parada em frente à mansão Holmes quando eles chegaram.

— Bem, boa sorte — disse Marty.

— O que quer dizer com —boa sorte!? — Sherlock questionou. — Não vai entrar comigo?

— Tá brincando? O Sr. Crowe me assusta e seu irmão me deixa apavorado. Vou voltar para o barco. Amanhã você me conta tudo. — Sem esperar resposta, Marty virou o cavalo e partiu em um trote rápido.





Sherlock respirou fundo e entrou em casa, atravessou

59

o corredor até a biblioteca e bateu na porta.

— Entre — autorizou o irmão com sua voz retumbante.

Mycroft e Amyus Crowe estavam sentados lado a lado à

mesa de leitura em um canto da biblioteca. Havia uma

grande pilha de livros diante deles — história, geografia,

filosofia — e três atlas abertos formando um grande mapa. As

Américas, pelo que Sherlock conseguia ver.

Mycroft observou o irmão com ar crítico.

— Foi atacado — ele disse. — E não por alguém da sua

idade.

— Nem deste país — Amyus Crowe acrescentou em voz

baixa.

— Na verdade — Mycroft continuou, agora olhando

para os sapatos de Sherlock —, foram dois agressores. Um

deles tinha alguma deficiência mental.

— E ambos estavam armados com pistolas — Crowe

disse.

— Como sabem essas coisas? — Sherlock perguntou

espantado.

— Isso é uma questão insignificante — Mycroft reagiu com um gesto desdenhoso. — Explicar seria perda de tempo. Mais importante é saber onde você esteve e por que foi atacado.

Relutante, Sherlock contou aos dois tudo o que havia acontecido, concluindo com o anúncio de que ainda estava com a pistola de Ives nas costas, enfiada na cintura da calça. Ele a pegou e colocou sobre a mesa, diante dos dois homens.

— Uma Colt, modelo do Exército — Crowe observou sem se alterar. — Calibre .44, seis balas. Trinta e cinco centímetros do martelo à ponta do cano. Substituiu a Colt Dragoon como arma preferida do Exército dos Estados Unidos. Precisão de aproximadamente cem metros. — Ele deu um soco na mesa, fazendo a pistola pular. — O que estava pensando quando foi àquela casa? — gritou. — Agora Booth e



os homens que o estão mantendo em cativeiro sabem que
60
estamos atrás deles! Vão desaparecer num piscar de olhos.

Sherlock mordeu a parte interna do lábio, tentando engolir a resposta.

— Eu só queria olhar — acabou falando. — Achei que poderia ajudar vocês.

— Não ajudou; pelo contrário, só atrapalhou — Crowe explodiu. — Isso é assunto de adulto. Você não tem a habilidade nem o conhecimento para fazer as coisas como devem ser feitas.

Uma parte da mente de Sherlock — a parte analítica e destituída de emoção — percebeu que o sotaque de Amyus Crowe aparecia mais quando ele estava zangado, mas a maior parte ainda se encolhia por saber que havia desapontado dois dos três homens cuja opinião ele mais considerava. Sherlock tentou pedir desculpas, mas a boca seca o impedia de falar. A expressão no rosto de Mycroft era de decepção, não de raiva.

— Vá para o quarto, Sherlock — ele disse. — Vamos chamá-lo quando... — Ele olhou para Crowe. — ...pudermos ter certeza de que a conversa será mais calma. Agora vá.

Sentindo o rosto queimar de vergonha, Sherlock se virou e saiu da biblioteca.

O corredor estava abafado com o calor da tarde. Ele parou por um momento e, de cabeça baixa, deixou os sentimentos se aquietarem, esperando até se sentir capaz de

subir a longa escada até seu quarto. A cabeça doía.

— Não é mais o queridinho? — perguntou uma voz nas sombras.

Sherlock levantou a cabeça e viu a Sra. Eglantine saindo do armário embaixo da escada. Ela sorria de um jeito cruel. O vestido preto de crinolina mal se movia em seu corpo, e o som do tecido arrastando no chão era quase como um sussurro em uma sala distante.

— Como consegue sobreviver nesta casa, sendo sempre tão rude com todos? — ele perguntou sem se alterar, sabendo



que não tinha nada a perder. As coisas naquele dia já tinham

61

chegado a um ponto em que não podiam piorar. — Se eu estivesse no comando, já a teria demitido há anos.

Ela pareceu surpresa com a reação. O sorriso vacilou em seu rosto.

— Você não tem nenhum poder aqui — a governanta disse irritada. — *Eu* tenho o poder nesta casa.

— Só até o tio Sherrinford morrer — Sherlock lembrou.

— Ele e tia Anna não têm filhos, o que significa que a propriedade será herdada pela família do meu pai. E, quando isso acontecer, vai ter que ser *muito* cuidadosa, Sra.

Eglantine.

Antes que a mulher pudesse responder alguma coisa, ele se dirigiu à escada e subiu para o quarto. Quando chegou ao patamar do segundo andar e se virou, ele a viu parada onde estava.

Sherlock deitou-se na cama, pôs um braço sobre os olhos e deixou o turbilhão de pensamentos em sua cabeça dominá-lo. Em que estivera pensando? Mycroft e Crowe haviam dito que ele não devia tentar ajudar. O que estava tentando provar, afinal?

Depois de um tempo percebeu que cochilara, porque a luminosidade no quarto parecia ter mudado, e ele sentia o braço formigar por ter ficado muito tempo na mesma posição. Sherlock levantou-se e desceu a escada devagar, mais para ir comer alguma coisa do que por qualquer outra razão. De repente estava faminto.

As empregadas arrumavam a mesa para o jantar.

Mycroft estava saindo da biblioteca. Não havia nenhum sinal de Amyus Crowe.

Mycroft acenou para Sherlock.

— Está se sentindo melhor? — perguntou.

— Na verdade, não. O que fiz foi estúpido.

— Não foi sua primeira estupidez e, provavelmente, não será a última. Trate de aprender alguma lição com tudo isso.



Cometer um erro é perdoável, na primeira vez. Depois disso,

62

começa a ficar tedioso.

Uma das criadas saiu da sala de jantar com um pequeno gongo preso a uma moldura. Sem olhar para Mycroft nem para Sherlock, ela tocou o gongo uma vez, alto, e voltou à sala de jantar.

— Vamos? — Mycroft convidou o irmão.

Momentos depois Sherrinford e Anna Holmes se juntaram a eles. Mycroft passou a maior parte do jantar discutindo a precisão da tradução latina, feita a partir da grega, dos livros em hebreu e aramaico do Antigo Testamento. Tia Anna ficou a maior parte do tempo conversando com Sherrinford e Mycroft, ignorando o fato de

eles já estarem conversando um com o outro, embora

Mycroft, sem dúvida nenhuma por mero cavalheirismo, às vezes olhasse para ela e respondesse a alguma pergunta lançada em seu contínuo monólogo. Sherlock passou o tempo comendo evitando o olhar penetrante da Sra. Eglantine, que o encarava parada perto da janela.

Depois do jantar, Sherrinford e Anna acompanharam Mycroft até os degraus da varanda para as despedidas.

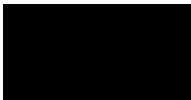
— Seu grego é fluente e seu latim também é particularmente bom — Sherrinford disse, como se esse fosse o maior elogio que ele podia fazer a alguém. — E apreciei seu discurso. Você não tem grande conhecimento do Antigo Testamento, mas já fez algumas deduções surpreendentes baseadas no que contei. Vou precisar pensar muito no que sugeriu sobre os primeiros dias da Igreja. Por favor, venha nos visitar em breve.

Tia Anna surpreendeu a todos dando um passo à frente e tocando o braço de Mycroft.

— Saiba que é sempre bem-vindo aqui — ela disse. —

Eu... lamento pela animosidade que afastou a família. Queria que fosse diferente.

— Sua bondade é uma força que pode superar todas as adversidades — Mycroft respondeu num tom gentil. — E a



caridade que vocês têm demonstrando cuidando do nosso

63

jovem Sherlock é um exemplo de dignidade para todos nós.

Considere os problemas superados ou, mais que isso,

erradicados. — Ele olhou para dentro, para o saguão, onde

Sherlock acreditava ter visto uma silhueta escura os

observando. — Porém, enquanto uma determinada pessoa

ainda exercer influência nesta casa, suspeito que nunca me

sentirei acolhido e aceito como espera que eu me sinta.

Anna desviou o olhar. Sherlock acreditou ter visto um

brilho de lágrimas em seus olhos.

— Somos o que somos — ela respondeu de um jeito

enigmático. — E fazemos o que fazemos.

Mycroft recuou um passo.

— Agora me despeço — disse. — E agradeço. Posso

abusar de sua boa vontade mais uma vez e pedir permissão

para que Sherlock me acompanhe até a estação? A

carruagem o trará de volta em seguida.

— É claro — Sherrinford concordou, com um gesto despreocupado.

Quando pegaram a estrada que saía da propriedade, Sherlock olhou para trás. Havia agora três pessoas nos degraus: a tia, o tio e a Sra. Eglantine. E, por acaso ou deliberadamente, a governanta se colocara no degrau mais alto, acima dos patrões.

— Ainda quer falar sobre o que aconteceu hoje —

Sherlock deduziu quando a carruagem ganhou as ruas de pedras e o calçamento irregular.

— É claro que sim. Vamos parar na casa do Sr. Crowe, pois ainda há muito a discutir.

A carruagem chacoalhava ao longo do caminho.

Sherlock ainda sentia dolorida a área da cabeça onde o lunático o agarrara pelos cabelos, arrastando-o para dentro da casa. Levantando a mão, ele disfarçou e puxou uma mecha de cabelo, só para ter certeza de que os fios estavam presos. A dor repentina encheu seus olhos de lágrimas, mas o cabelo continuou onde estava. Graças a Deus.





Dez minutos mais tarde, a carruagem reduziu a

64

velocidade e Sherlock viu a forma de um telhado inclinado surgindo além de um pequeno bosque de árvores baixas.

— Venha — Mycroft o chamou quando pararam diante de um portão em uma muralha de pedras. — O Sr. Crowe espera por nós.

A porta estava aberta, então Mycroft bateu e entrou em seguida, sem esperar resposta.

Amyus Crowe estava sentado em uma cadeira ao lado do fogão à lenha, seu corpo avantajado fazia com que a estrutura de madeira parecesse pequena. Ele fumava um cigarro.

— Sr. Holmes — disse tranquilo, movendo a cabeça em um cumprimento breve.

— Sr. Crowe — Mycroft respondeu. — Obrigado por nos receber.

— Por favor, sentem-se.

Mycroft escolheu a única poltrona confortável na sala.

Sherlock ficou com uma banquetta perto da lareira vazia e apagada. O chalé de Amyus Crowe continuava tão

desarrumado quanto ele lembrava. Uma faca fincada no console de madeira da lareira prendia uma pilha de cartas, e um único pé de chinelo no chão, na frente da mesma lareira, servia de cinzeiro para vários cigarros que apontavam para todos os cantos. E havia um mapa da região preso à parede por alfinetes de desenho, com círculos e linhas traçados em um padrão aparentemente aleatório. Algumas linhas continuavam pelo gesso da parede.

Sherlock se perguntou onde estava a filha de Crowe, Virginia. Não havia nenhum sinal dela no chalé e, conhecendo sua atitude voluntariosa e firme, sabia que ela não aceitaria ficar trancada no quarto enquanto os adultos conversavam. Talvez estivesse cavalgando pelo campo, como parecia fazer na maior parte do tempo. Não vira Sandia, sua égua, do lado de fora.



Ele sorriu. Virginia odiava ficar em espaços fechados.

Em alguns aspectos, era mais parecida com um animal do

que com uma pessoa.

— Posso oferecer uma taça de xerez? — Crowe propôs.

— Eu não suporto, o sabor me faz pensar que alguma coisa entrou no barril e morreu, mas sempre tenho uma garrafa para os visitantes.

— Obrigado, mas não — Mycroft respondeu. —

Sherlock não bebe e eu prefiro um conhaque neste horário. —

Ele olhou para o irmão. — A América ainda não conseguiu desenvolver uma bebida nacional — disse. — Os franceses têm vinho e conhaque, os italianos têm a *grappa*, os alemães têm a cerveja de trigo, os escoceses, o uísque, e os ingleses, a cerveja de cevada, mas nossos primos do outro lado do Atlântico ainda estão construindo sua identidade.

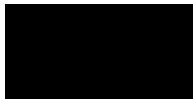
Sherlock teve a impressão de que Mycroft não estava falando realmente sobre bebidas, mas tentando provar alguma outra teoria mais sutil. Infelizmente, não conseguiu descobrir qual era, por mais que se esforçasse.

— Os mexicanos tomam uma bebida que destilam a partir do cacto — Crowe comentou bem-humorado. — O nome é tequila. Talvez possamos adotá-la.

— O que é um cacto? — Sherlock perguntou.

— É uma planta de polpa abundante com a casca espessa e coberta de espinhos — explicou Crowe. — Cresce no calor das terras áridas do Texas e do Novo México e

também na Califórnia. A casca grossa retém a água, dificultando a evaporação, e os espinhos afugentam vacas, cavalos e outros animais que poderiam comer a planta por seu alto teor de água. O cacto é a prova de que ou um Projetista criou coisas diferentes para ambientes diferentes, para facilitar a sobrevivência de todas as espécies, ou que existe uma força que faz os organismos vivos mudarem e se desenvolverem de modo a sobreviver no ambiente em que se encontram, como defende o Sr. Charles Darwin. Cada um aposta na alternativa que considera mais provável.



— De volta ao assunto em pauta, o que conseguiu

66

descobrir? — perguntou Mycroft.

Crowe deu de ombros.

— Achei a casa. Está vazia. Parece que os ocupantes

saíram às pressas. Conversei com um agricultor da região

que os viu indo embora. Ele disse que eram quatro homens.

Um deles parecia estar dormindo, outro tinha um curativo na

cabeça e os outros dois iam carrancudos como se previssem

uma jornada desagradável.

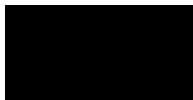
— As aves levantaram voo — Mycroft pensou por um momento. — Há mais alguma evidência de que o homem adormecido era John Wilkes Booth?

Crowe deu de ombros novamente.

— Com exceção do que seu irmão nos disse, nenhuma.

Faz sentido que ele tenha o rosto marcado por uma queimadura grave. A última notícia que se soube de John Wilkes Booth foi que esteve envolvido em um tiroteio com o Exército na Virgínia, dentro de um celeiro. Os militares o perseguiram e exigiram que se rendesse, mas Booth começou a atirar. O Exército revidou e em algum momento do confronto o celeiro pegou fogo. Deve ter sido uma lanterna a óleo derrubada pelas balas. Quando o incêndio foi controlado, os militares recolheram um corpo no meio dos escombros. As queimaduras eram tão extensas que não foi possível identificar a vítima, mas presumiram que fosse Booth. Agora tudo indica que Booth conseguiu escapar, e que algum cúmplice dele entrou no fogo mas não conseguiu sair a tempo. — Crowe parou e pensou por um instante. — Booth sempre foi nervoso. Parece que agora a enormidade do que ele fez e o incêndio do qual escapou fizeram o homem enlouquecer de vez. O que me interessa nisso tudo é que ele

está evidentemente sob os cuidados e a proteção de algum tipo de organização que precisa dele por algum motivo. Booth não vai liderar mais ninguém, a julgar pelo que disse nosso rapaz aqui, então... que utilidade ele tem para aqueles homens?



— Ele é um chamariz — Mycroft continuou. — Deve ser

67

o mais famoso confederado depois do general Lee e de Jefferson Davis. Se ainda há algum resquício de apoio aos confederados em qualquer lugar da América, e se eles têm algum interesse em depor a nova presidência e empossar outra mais favorável aos objetivos do grupo, John Wilkes Booth seria o homem ideal para ser usado como chamariz. Tudo o que têm a fazer é exibi-lo em algumas reuniões secretas e ressaltar sua coragem de tentar derrotar a União com algumas balas miradas nas pessoas certas e logo terão reunido uma multidão histérica.

Crowe balançou a cabeça ao dizer:

— Era isso o que eu temia. Não importa se ele

enlouqueceu; o grupo só precisa medicá-lo na dose certa,

acalmá-lo e mantê-lo de pé em um palco, e assim será

possível fazer todo tipo de discurso usando-o como veículo.

Qual é a posição do governo britânico em relação a tudo isso?

— Não tenho como falar pelo governo britânico —

Mycroft respondeu com cautela —, mas sei que o Ministério

das Relações Exteriores é favorável ao regime atual e não

gostaria de ver uma insurgência da Confederação. A

escravidão é uma prática repugnante que precisa ser banida.

A primeira atitude de um presidente confederado seria

reverter os avanços do regime do presidente Lincoln e de seu

sucessor. Isso não pode acontecer.

Crowe suspirou.

— Eles vão tentar voltar aos Estados Unidos, não vão?

Mycroft assentiu.

— Então, tenho que segui-los.

— Podemos enviar um telegrama — sugeriu Mycroft. —

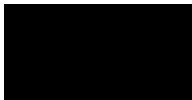
A mensagem atravessaria o Atlântico mais depressa.

Crowe balançou a cabeça.

— Não sabemos em que navio embarcarão.

— Podemos analisar os manifestos de carga. É certo

que eles vão viajar com nomes falsos, mas podemos buscar



quatro homens viajando juntos, um deles evidentemente

68

doente.

— Não vão viajar juntos — Crowe disse em um tom

firme, parecendo estar muito seguro. — Comprarão as

passagens separadamente, e é bem possível que contratem

um enfermeiro para acompanhar Booth na travessia. Não,

estaremos tentando rastrear quatro indivíduos cujas

descrições são tão vagas quanto seus verdadeiros nomes. —

De repente, ele bateu no braço da cadeira com o punho

fechado, fazendo Sherlock pular de susto. — Sou um

rastreador. Tenho que encontrá-los. É simples assim. Vou

presumir que eles estão a caminho de Nova Yorke começar

por lá.

— Eu poderia ajudar — Sherlock sugeriu,

surpreendendo até a si mesmo. — Posso ir às docas e ficar

atento a quem está embarcando nos navios.

— Não sabemos onde eles vão embarcar — Crowe

ponderou.

— Sim, pode ser em Southampton, Liverpool ou mesmo em Queenstown — Mycroft acrescentou com tranquilidade. —

Um garoto não pode vigiar três portos, por mais esperto que seja.

— Mas... — Sherlock começou a falar e parou.

O que queria dizer era que Crowe não podia deixar a Inglaterra, porque ele estava apenas começando a entender as lições que o tutor lhe ensinava, e que, se fosse mesmo partir, não poderia levar a filha, Virginia. Sherlock começava a desenvolver fortes sentimentos por ela, sentimentos que ele não entendia, que o enchiam de medo, mas que queria explorar, descobrir aonde o levariam. Porém, sabia que nenhum desses argumentos se sustentaria quando fosse contraposto a uma vaga, mas evidentemente importante, conspiração contra o governo de um país inteiro. De um jeito ou de outro, tudo indicava que sua vida ia virar de cabeça para baixo.

De novo.



Capítulo cinco

MYCROFT E CROWE COMEÇARAM A discutir o

horário de embarque e desembarque de vários navios e portos. Sherlock ficou entediado bem depressa. A mente ainda tentava solucionar o problema, encontrar uma resposta que eliminasse a necessidade de Amyus e Virginia Crowe deixarem a Inglaterra.

— Vocês não sabem como os homens são — ele ponderou depois de alguns minutos. — Podem rastreá-los, localizá-los, mas como saberão que os encontraram? Se o que tem as cicatrizes for mantido escondido, os outros serão só três homens no meio de muitos outros passageiros. Não há nada de especial ou singular em nenhum deles, exceto o sotaque, e imagino que o porto de onde parte um navio para a América seja cheio de americanos com sotaque parecido.

— Você pode me contar em detalhes como eles são — sugeriu Crowe. — Já o treinei para olhar as mínimas

diferenças que distinguem um rosto de outro: o contorno das orelhas, a raiz do cabelo e o formato dos olhos. Talvez possamos até fazer alguns desenhos com base em sua descrição. Virginia é muito habilidosa com os lápis.

— Não sei se isso vai ser suficiente — Mycroft manifestou-se. — As lembranças de uma testemunha, mesmo alguém observador como meu irmão, podem ser imprecisas, e é comum que a percepção se distorça em situações de forte tensão. Já faz um tempo que me interesso por esse assunto: a maneira como a mente humana é capaz de inventar detalhes e se convencer de que são verdadeiros. Suspeito de que haja muitos inocentes presos nas cadeias da Bretanha



por causa desses erros de reconhecimento, e isso acontece

70

frequentemente quando o veredito toma por base a descrição de uma única testemunha. Uma vez informado de que o procurado tem barba, aquele que procura só consegue ver homens com barba. Não, tudo o que Sherlock disser deve ser

considerado com parcimônia.

Sherlock quase protestou, quase disse que se lembrava perfeitamente dos quatro homens, mas algo o impediu. Sentia que a discussão começava a favorecê-lo, com Mycroft e Crowe percebendo que o problema era maior do que imaginavam no início, e não queria fazer nada que os levasse a mudar de opinião.

Porém, ao mesmo tempo em que o coração desejava impedir a partida de Amyus e Virginia Crowe, sua cabeça insistia em dizer que isso era importante. Mycroft e Crowe pareciam mais sérios do que jamais os vira. Sherlock não sabia ao certo se entendia todas as possíveis ramificações do que estava acontecendo — como quatro homens, um deles completamente maluco, poderiam afetar a política de toda uma nação? Mas podia perceber que o que estava em jogo ali era muito maior do que seus problemas e dilemas pessoais. Se pudesse ajudar, deveria fazer isso, não importando o quanto lhe custasse.

Essa era uma conclusão estranhamente madura, e ele não gostava das implicações disso.

— Matty também viu os homens — Sherlock falou de repente, quase sem pensar.

— O que quer dizer? — Mycroft perguntou com interesse repentino.

— Estou dizendo que Matty viu o homem que me puxou para dentro da casa, o que pode ser John Wilkes Booth, e depois, quando foi me salvar, viu pelo menos dois dos outros três homens. O que sobra estava inconsciente, nenhum de nós conseguiu vê-lo muito bem. Se querem uma descrição, mas temem que minha memória não seja inteiramente confiável, podemos buscar Matty. Juntos, com



certeza forneceremos uma boa descrição, em especial se

71

conversarem com um de cada vez, e não com os dois juntos.

Assim, não vamos nos influenciar.

— O garoto tem razão — resmungou Crowe. — Duas cabeças pensam melhor que uma. Talvez eu possa mandar Virginia encontrar o menino. Ela sabe onde fica ancorado o barco em que ele mora. Sim, um desenho baseado nas lembranças de duas testemunhas vai se aproximar mais da verdade do que outro feito a partir do relato de uma só.

Mycroft olhou para Sherlock

— Entendo que você não queira que o Sr. Crowe e a filha deixem a Inglaterra. Mesmo assim, acaba de nos dar uma sugestão que aumenta a probabilidade de ambos partirem. Está pensando como um homem, não como um menino. Estou orgulhoso de você, Sherlock. E nosso pai também estaria.

Sherlock virou-se para evitar que o irmão visse as lágrimas em seus olhos.

Sem perceber a forte carga emocional do momento entre os dois, Crowe levantou-se da cadeira e caminhou até a porta da casa.

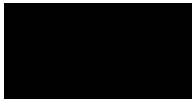
— Ginnie! — gritou depois de abri-la. — Preciso de você! — Ele ficou ali parado por um momento, até ter certeza de que a filha estava a caminho, depois voltou e ficou em pé ao lado da cadeira.

Virginia Crowe apareceu na porta aberta. Ela olhou para Sherlock e sorriu. Como sempre, ele se sentiu fascinado pela quantidade de cores em torno dela — o vermelho do cabelo, o bronzeado da pele, as sardas douradas no nariz e nas bochechas, o tom violeta dos olhos. Ela fazia as outras garotas parecerem desenhos em preto e branco.

— Oi, pai?

— Tenho uma tarefa para você. Quero que vá buscar o menino Arnatt naquele barco onde ele mora. Diga-lhe que

preciso fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu hoje.



Avisé que ele não está encrencado, mas explique que preciso

72

de ajuda.

Ela assentiu.

— Quer que eu o traga na garupa de Sandia?

— Assim será mais rápido. O cavalo aguentará o peso sem nenhum problema. O garoto é pequeno.

— Mas corajoso — Sherlock defendeu o amigo.

— Disso não tenho dúvida — Crowe respondeu. Depois olhou para Virginia. — Não perca tempo.

Ela olhou Sherlock mais uma vez como se quisesse perguntar alguma coisa, talvez convidá-lo a ir também, mas virou-se e partiu sem dizer nada. Alguns momentos depois, Sherlock ouviu o relincho do cavalo, o tilintar do metal dos arreios e, finalmente, o retumbar dos cascos batendo no chão, se afastando rapidamente.

Crowe e Mycroft voltaram a discutir formas de

atravessar o Atlântico mais depressa do que os americanos.

Tudo parecia depender do navio que eles escolheriam e de qual porto zarpariam. Algumas embarcações eram mais velozes que outras. Sherlock ouvia a conversa e compreendeu que alguns navios mais novos não contavam apenas com o vento e as velas para atravessarem o oceano — tinham também com poderosas máquinas a vapor que moviam rodas gigantescas, como as de um moinho de água, com pás de madeira em toda a sua circunferência. O motor fazia girar as rodas, e o movimento das pás na água impelia o navio mesmo sem vento. Havia algum lugar onde a máquina a vapor não podia ir, algum problema que não conseguia resolver? O que viria em seguida? Carroças e carruagens movidas por essas máquinas dominando ruas e estradas, levando pessoas de Londres a Liverpool em poucas horas? E talvez mais longe... O homem um dia poderia chegar à *Lua* usando máquinas de propulsão a vapor?

Balançando a cabeça para livrá-la desses pensamentos inacreditáveis, ele voltou a ouvir o diálogo entre Mycroft e





Amyus Crowe. Os dois adultos discutiam política, viagens e

73

revolução.

A conversa prosseguiu, e Sherlock às vezes a ouvia, às vezes se distraía. Política era algo que ele não conseguia entender, embora, de vez em quando, Crowe fizesse o assunto parecer mais interessante com um exemplo prático, como o número de pessoas que haviam morrido em determinado período ou local, ou como uma cidade específica que fora queimada por inimigos.

Depois de um tempo ele ouviu o som dos cascos batendo na terra, aproximando-se rapidamente. Sherlock correu para a porta, ansioso para rever Virginia e Matty.

Do lado de fora, à luz pálida do entardecer, ele viu Sandia se aproximando. Em cima do cavalo, Virginia e Matty formavam um só contorno e por um instante ele sentiu ciúmes da proximidade dos dois. Mas foi só por um instante.

Porém, quando Sandia aproximou-se, Sherlock compreendeu que o contorno era realmente de uma só pessoa. Virginia. Ela parou o cavalo diante da casa, perto de Sherlock. Seus olhos refletiam apreensão, e os cabelos

estavam embaraçados pelo vento.

— Onde está Matty? — Sherlock perguntou.

Ela desmontou e passou por ele correndo, entrando na casa. Sherlock a seguiu.

— Eles levaram Matty! — a menina gritou.

—
Como

assim?

—
Mycroft

levantou-se

repentinamente.

— Fui até o barco e o convenci a vir comigo — ela

relatou apressada. — Já estávamos a caminho daqui, na

estrada, quando encontramos uma árvore caída, impedindo a

passagem. Ela não estava ali antes, eu juro. Pensei em saltar

o obstáculo, mas com Matty atrás, tive medo de não

conseguir. Então, parei para ver se conseguíamos mover o

tronco. Foi quando os dois homens saíram do bosque.

Deviam estar escondidos. Um deles bateu na cabeça de

Matty. Acho que ele perdeu a consciência, porque parou de





lutar. O outro tentou me pegar, segurou meu cabelo, mas

74

mordi a mão dele e aproveitei para correr. Pulei na sela e fugi.

Quando olhei para trás, os dois homens carregavam Matty. —

Ela estava pálida e nervosa. — Eu o deixei lá! — gritou, como se só nesse momento percebesse o que estava acontecendo.

— Devia ter voltado para resgatá-lo ou ter ficado com ele.

— Se não tivesse fugido, eles a teriam capturado

também — Crowe respondeu. Ele se aproximou da filha e a

abraçou. — Graças a Deus está segura.

— Mas... e Matty? — gritou Sherlock.

— Vamos encontrá-lo — prometeu Mycroft. — É óbvio que...

Antes que conseguisse completar a frase, houve um

estrondo de vidros se quebrando e alguma coisa entrou pela

janela, aterrissando no chão com um baque. Crowe foi

correndo abrir a porta. Sherlock ouviu o galope de um cavalo

se afastando. Crowe praguejou com violência. Foi uma

explosão com palavras que Sherlock nunca ouvira, embora pudesse deduzir seu significado.

Sherlock se abaixou para pegar o objeto que havia sido

arremessado pela janela. Era uma pedra bem grande, quase do tamanho de dois punhos unidos. Em volta havia uma folha de papel presa com um barbante.

Mycroft pegou a pedra das mãos de Sherlock e a pôs sobre a mesa. Rapidamente, pegou uma faca e cortou o fio.

— É melhor preservar os nós — disse a Sherlock sem se virar para encará-lo. — Podem nos dizer coisas interessantes sobre o homem que os fez. Marinheiros, por exemplo, usam toda uma coleção de nós espetaculares que a população em geral desconhece. Se tiver alguns dias de folga, sugiro que aproveite esse tempo para estudar nós.

Deixando o barbante de lado, possivelmente para uma análise posterior, ele removeu o papel da pedra e o alisou sobre a mesa.

— É um aviso — disse a Crowe. — —Estamos com o menino. Pare de nos perseguir. Não tente nos seguir. Se nos



deixar em paz, ele será devolvido daqui a três meses, ileso. Se

insistirem, ele será devolvido também, mas em pedaços e ao

longo de algumas semanas. Estão avisados.

Crowe amparava Virginia.

— Imaginam que Matty seja meu filho, é claro — ele

disse —, porque o viram no cavalo com Ginnie. Mas vão

perceber o erro em breve, assim que o ouvirem falar alguma coisa.

— Não necessariamente — respondeu Mycroft. — Eles

não sabem há quanto tempo você está na Inglaterra. Na

verdade, não devem saber nem que você é americano. Acho

que o jovem Matthew está seguro, por enquanto. Muito bem, o que podemos deduzir a partir do bilhete?

— Esqueça o bilhete! Temos que ir atrás deles! —

Sherlock gritou.

— O menino tem razão — Crowe resmungou. — Existe

um tempo para análise e um tempo para ação. Agora é hora

de agir. — Ele se afastou de Virginia com muita delicadeza. —

Vocês ficam aqui. Nós vamos atrás deles.

— Eu também vou — Sherlock anunciou com

determinação. Quando Crowe abriu a boca para argumentar,

ele disse: — Matty é meu amigo, e eu o meti nessa encrenca.

Além disso, mais gente pode cobrir um território maior em menos tempo.

Crowe olhou para Mycroft, que deve ter assentido

imperceptivelmente, porque o tutor disse:

— Tudo bem, rapaz... Vamos partir agora.

Crowe se dirigiu à porta, e Sherlock o seguiu.

Do lado de fora, Crowe selou um cavalo e preparou outro para Sherlock. Quando o menino montou, o tutor já se afastava a galope.

Sherlock o seguiu galopando também.

O sol descia para o horizonte velado por uma camada de nuvens finas e era possível olhar diretamente para ele, como uma bola de luz vermelha. Crowe continuava galopando. Sherlock se esforçava para acompanhá-lo. O



impacto dos cascos no solo reverberava na coluna do garoto,

76

uma vibração constante que dificultava a tarefa de encher completamente os pulmões com ar.

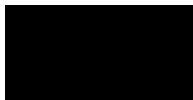
Como Crowe sabia em que direção seguir?, ele se perguntava. Devia ter calculado rapidamente qual era a estrada mais provável para se sair de Farnham em direção à

costa. Southampton seria o local óbvio para a partida, se queriam ir para a América. Mas Crowe podia estar enganado — os homens podiam ter planos de embarcar em Liverpool, viajando de trem desde Londres, o que significava que deixariam Farnham por outro local, e agora estariam indo por outra direção. Pela primeira vez Sherlock percebeu que o raciocínio lógico tinha limites, e só muito raramente produzia uma resposta única e definitiva. Era mais frequente que houvesse várias respostas possíveis, o que tornava necessário outro jeito de escolher entre elas. Podia ser intuição ou dedução, mas não era lógica.

Casas iam ficando para trás depressa demais para serem reconhecidas. Ao longe, Sherlock viu uma construção de pedras em uma colina: Castelo Farnham, talvez? O vento assobiava em seus ouvidos e gelava suas orelhas, apesar do calor daquele dia. Tinha a impressão de poder ouvir o eco do retumbar dos cascos de seu cavalo, mas não havia nada que pudesse provocar esse efeito. Sherlock olhou por cima do ombro e descobriu que Virginia os seguia. Ela abriu um sorriso e ele retribuiu. Devia ter imaginado que ela não ficaria longe da ação; Virginia era realmente diferente de todas as garotas que ele conhecia.

Os três percorreram enfileirados a região de pequenos chalés. Pessoas corriam para sair do caminho dos cavalos.

Sherlock ouvia as vozes alteradas que eles deixavam para trás. Adiante, a estrada estava vazia até onde podiam vê-la, antes de uma curva acentuada esconder o próximo trecho. Por mais quanto tempo Crowe continuaria cavalgando até perceber que seguiam na direção errada?



Virginia alcançou Sherlock. Os olhos dela brilhavam.

77

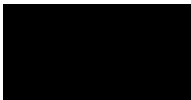
Sherlock suspeitava de que ela se divertia, apesar da urgência da missão. Ela amava cavalgar, e aquela era uma chance de se entregar à atividade como jamais fizera antes. Lá na frente, um tanto além do corpo largo e forte de Amyus Crowe e de seu chapéu branco de aba larga, que continuava em sua cabeça apesar da velocidade do galope, Sherlock de repente avistou uma carruagem. Ela balançava perigosamente enquanto seguia pela estrada aos solavancos, as rodas saindo do chão por alguns instantes em uma curva. Acima, Sherlock teve a impressão de ver a linha fina de um chicote que exigia esforço máximo dos cavalos. Estaria Matty

naquela carruagem? O condutor parecia muito empenhado em alcançar mais velocidade. Se não eram os americanos lá dentro, mais alguém estava suficientemente desesperado para deixar Farnham, tão desesperado que arriscava a vida por isso.

Sherlock também exigia mais velocidade do cavalo que correspondia. A distância entre ele e Crowe ia diminuindo, e já era possível enxergar melhor a carruagem. Tinha quatro rodas e era puxada por dois animais; todo o conjunto balançava com força quando as rodas passavam por buracos, saliências e pedras na estrada.

Virginia seguia à esquerda de Sherlock. Seus dentes estavam expostos no que parecia ser um sorriso, mas que o garoto apostava ser na verdade uma expressão de raiva e determinação.

Ele olhou para a direita, para o pai de Virginia. Os olhos dele estavam fixos na carruagem adiante, e havia tamanha força naquele olhar que por um momento Sherlock sentiu medo. Sempre pensara em Amyus Crowe como um cavalheiro para quem a lógica e a observação dos fatos eram mais importantes que tudo, mas Virginia já havia contado que o pai era um caçador de homens na América, e que nem sempre os entregava vivos. Olhar para ele agora era suficiente



para acreditar nessa história. Nenhuma força na Terra podia

78

deter um homem com aquele olhar.

O cavalo de Crowe espumava, de tanto que ele exigia do animal. Pequenas gotas eram levadas pelo vento para trás, para longe.

A estrada virava à direita, e a carruagem fez a curva sem diminuir a velocidade. As duas rodas da direita saíram do chão e o veículo quase tombou, mas os ocupantes devem ter jogado o peso para o lado contrário, porque a carruagem de repente se inclinou e as rodas bateram novamente na estrada.

Sherlock, Crowe e Virginia também fizeram a curva, os cavalos inclinados para o canto para não derraparem. À frente, conforme eles ergueram o corpo de novo, Sherlock viu uma carroça carregando feno recém-cortado indo em direção à carruagem. O condutor gesticulava desesperado para fazer a carruagem sair do caminho, mas deve ter percebido que era

tarde demais, porque puxou as rédeas e levou a carroça para fora da estrada, caindo em uma vala. A carruagem nem ao menos reduziu a velocidade e não se chocou com a traseira da carroça por centímetros. Momentos depois Sherlock, Crowe e Virginia também passaram galopando pelo local. Sherlock olhou para o lado, para se certificar de que o condutor estava bem. De pé, na frente da carroça, o homem gesticulava furiosamente. Na velocidade em que o trio galopava, logo ele ficou para trás e tornou-se apenas um fragmento de lembrança.

Um movimento na lateral da carruagem chamou a atenção de Sherlock. Um homem se debruçou na janela com uma espécie de bastão nas mãos. Sherlock achou que era um dos homens da casa em Godalming, mas não podia ter certeza. O homem apontava o bastão para trás, na direção da estrada, e uma chama brotou repentinamente da extremidade. Ele estava segurando um rifle!

Sherlock não saberia dizer para onde foi a bala. A carruagem sacudia tanto na escuridão da noite que era





impossível ter uma mira precisa, mas isso não queria dizer

79

que o homem não pudesse ter atingido um deles, ou um dos cavalos, acidentalmente.

Outro tiro, e dessa vez Sherlock teve a impressão de ouvir o zumbido da bala passando por ele; um zumbido furioso, como o de uma vespa pronta para atacar.

Crowe tentou fazer o cavalo correr ainda mais e por um momento conseguiu se aproximar da carruagem. Segurava a rédea com uma das mãos, enquanto a outra estava no cinto da calça. Ele sacou a pistola e apontou-a para o homem debruçado na janela. Então atirou, e o coice empurrou seu braço para trás e deslocou seu corpo na sela. O homem com o rifle voltou para dentro da carruagem. Sherlock não conseguia dizer se ele estava ferido ou apenas se escondendo.

Agora eles corriam ao longo de um rio. Uma luz prateada era refletida pela superfície da água.

O homem com o rifle apareceu outra vez, na mesma janela, mas agora olhava para a frente. Ele apontou o rifle e puxou o gatilho. Mais uma vez, a chama alaranjada brotou do cano como uma flor exótica no deserto. Confuso, Sherlock

chegou a pensar que ele atirava contra os cavalos que puxavam a carruagem, mas os disparos passaram por cima da cabeça dos animais! Sherlock então percebeu que ele queria assustar os cavalos, fazê-los correr ainda mais. E o truque parecia estar surtindo o efeito desejado. A distância entre o veículo e o trio que o perseguia aumentava rapidamente. Não conseguiriam manter o ritmo por muito tempo, porque os animais ficariam exaustos, mas era evidente que o homem tinha outra coisa em mente. O atirador desapareceu mais uma vez dentro da carruagem, mas só por um momento. De repente, a porta se abriu e ele se jogou. Havia calculado a manobra com perfeição, porque caiu entre os juncos e o mato à margem do rio. Não era possível vê-lo, mas Sherlock conseguia acompanhar seus movimentos pelas brechas entre as plantas. Além disso, a vegetação alta o atrasava.



Crowe reduziu o galope por um momento, sem saber o

que fazer, mas decidiu seguir em frente, indo atrás da carruagem, não do fugitivo. Mas Sherlock viu o homem emergir do meio dos juncos, ensoado e com ferimentos no rosto, provocados pelo choque com as plantas.

Ele segurava o rifle nas mãos. Levantou-o quando

Crowe se aproximou, mirou cuidadosamente e disparou.

No mesmo instante em que o clarão brotou do cano da arma, Crowe levantou os braços e caiu do cavalo, para trás.

Seu ombro direito chegou ao chão primeiro, e ele rolou pela estrada de terra algumas vezes antes de ficar imóvel, coberto de poeira. A montaria seguiu adiante, mas sem Crowe para manter o galope frenético o animal agora trotava devagar, diminuindo a velocidade até que parou. O cavalo continuava olhando para a carruagem que se afastava, como se tentasse entender o motivo de tanta pressa.

Virginia gritou:

— Pai!

Ela freou o cavalo e pulou da sela, correndo para perto do homem caído na estrada, sem pensar no atirador que acompanhava seus movimentos.

E já levantava o rifle.

Tudo isso aconteceu no espaço de poucos segundos.

Sherlock enterrou os calcanhares nos flancos do animal, que se lançou para a frente.

— Abaixese! — ele gritou.

Virginia olhou por cima do ombro, viu o cavalo correndo em sua direção e se jogou no chão. Quando ela rolou na terra, Sherlock puxou as rédeas. O cavalo saltou sobre a menina, dando a impressão de voar, apesar da gravidade.

As patas dianteiras tocaram o chão com força, o animal tropeçou e no mesmo instante o segundo tiro soou. Sherlock nem ouviu o disparo. Foi arremessado da sela, passando por cima da cabeça do animal. Sua mente estava tomada por completo pela enormidade do chão que se aproximava



depressa. Foi como se o tempo se multiplicasse, e ele se

81

descobriu tentando adivinhar se racharia o crânio ou se quebraria as duas pernas primeiro. Alguma coisa o fez se encolher, aproximar a cabeça do peito e envolvê-la com os braços, puxar os joelhos até o abdome. Ele caiu e rolou pelo chão, sentindo as pedras ferirem suas costelas, as costas e as

pernas. O mundo rodava à sua volta, uma sequência

interminável de claro, escuro, claro. Ele perdeu o senso de direção. Não sabia mais onde estava.

Depois de uma eternidade, Sherlock parou. Levantando a cabeça com todo o cuidado, tentou descobrir onde havia parado. Tudo estava confuso, nebuloso, e ele tinha a sensação de que parte de seu corpo ainda estava rolando, rolando e rolando, apesar de as pedras sob suas mãos e joelhos comprovarem que estava parado. Seu estômago se retorcia, e ele teve de fazer esforço para não vomitar. Sentia muitos arranhões e cortes pelo corpo todo arderem.

Já distante, a carruagem na qual Matty era mantido prisioneiro desaparecia em uma nuvem de poeira.

Uma sombra caiu sobre ele. Sherlock levantou os olhos. O homem com o rifle estava em pé a seu lado. Não tinha certeza, mas podia ser aquele que ele vira inconsciente na casa, o que havia sido agredido por John Wilkes Booth. Os outros o chamaram de Gilfillan. Sua cabeça tinha um curativo, e seus olhos estavam cheios de ódio.

— Qual é o problema com vocês, garotos? — ele perguntou, levantando o rifle. — Causaram mais confusão para nós na última semana do que todo o Exército da União desde o fim da guerra!

— Devolva meu amigo — Sherlock rosnou, levantando-

se depressa.

— Você fala demais para alguém que vai estar morto em um minuto — o homem respondeu sorrindo. — Pegamos o garoto para impedir que você e o homem do chapéu branco viessem atrás de nós, mas parece que não funcionou. Então vou ter que matar todo mundo agora e mandar um telegrama



para Ives dizendo que pode matar o garoto, já que não

82

precisamos mais dele. — O homem tirou o dedo do gatilho para mostrar o dorso da mão a Sherlock. Havia sangue, e uma marca vermelha, que pareciam dentes, entre o polegar e o dedo indicador. — Aquela garota me mordeu! — ele anunciou, incrédulo.

— Sim, aposto que isso acontece muito com você —

Sherlock respondeu, levando a mão às costas para remover as pedras que haviam ficado grudadas em sua pele depois do tombo. Ele as arremessou contra Gilfillan, atingindo-o no rosto e no olho esquerdo. O homem levou as duas mãos ao

rosto soltou o rifle, que quicou duas vezes no chão. Sherlock correu para pegar a arma, mas o homem chutou-a para longe. Sua mão agarrou o cabelo de Sherlock e torceu-o. Sherlock gritou com uma mistura de raiva e dor e atacou o homem com o pé. A bota encontrou a canela de Gilfillan, que soltou seu cabelo. Sherlock olhou em volta tentando encontrar o rifle. Ele e o americano viram a arma ao mesmo tempo e mergulharam juntos na ânsia de pegá-la. Sherlock foi mais rápido, segurando o cano da arma e rolando no chão enquanto o homem praguejava.

Os dois ficaram ali por um momento, sem fôlego. O homem limpou a boca com as costas da mão.

— Você não tem coragem para isso — ele disse. — Vou pegar esse rifle e dobrá-lo em volta de seu pescoço e sufocá-lo até arrancar a vida desse seu corpo magrelo.

Ele deu um passo à frente, e Sherlock levantou o rifle em uma atitude ameaçadora.

— Não... — disse.

O homem continuou se aproximando. Com um sorriso intimidante, ele estendeu as mãos para agarrar Sherlock



Capítulo seis

SABENDO QUE NÃO TINHA ESCOLHA, Sherlock

apontou o rifle para o peito do homem e puxou o gatilho,

preparando-se para o coice que viria em seguida.

Nada aconteceu. O rifle não disparou.

Gilfillan sorriu triunfante.

— Areia — disse. — É preciso tratar os rifles velhos

direito. Qualquer coisinha pode atrapalhar. — Ele enfiou a

mão no bolso da calça e pegou um objeto pequeno e escuro.

Ele sacudiu a mão e de repente havia uma lâmina nela, uma

lâmina curva e afiada. — Nada como uma faca. Descobri que

elas funcionam em quase todas as circunstâncias. É mais

lenta que um rifle, mas muito mais divertida.

O homem deu um passo à frente e moveu a faca de um

lado para o outro, tentando atingir os olhos de Sherlock. O

menino pulou para trás, sentindo o ventinho frio provocado

pelo movimento da faca. Os últimos raios de sol eram

refletidos pela ponta da lâmina, traçando uma linha vermelha

no campo de visão de Sherlock, uma linha que continuava ali

mesmo depois de a lâmina passar.

Gilfillan se aproximou, movendo a faca de baixo para cima, tentando cravá-la na barriga de Sherlock, mas o garoto defendeu o golpe com o cabo do rifle. O impacto jogou-o para trás, mas Gilfillan segurou-o pelo pulso e praguejou. — É isso — ele rosnou. — Não vou mais tratar você com igualdade. Vou cortá-lo como um boi.

Ele agarrou Sherlock pela orelha antes que o menino pudesse se esquivar, puxando-o para mais perto enquanto aproximava a faca de seu pescoço. Instintivamente, Sherlock



colocou o rifle entre eles, tentando bloquear o movimento da

84

lâmina, mas quando a arma passou diante de seu rosto ele teve uma súbita inspiração e a empurrou para a frente, acertando o olho direito de Gilfillan.

O americano gritou e cambaleou para trás, levando as mãos ao rosto. O sangue jorrava por entre seus dedos. Sherlock esperava que ele caísse, incapacitado, mas o olho intacto encontrou o de Sherlock e o homem gritou

novamente, um som de ódio que ecoou pela floresta e fez as aves levantarem voo. Jogando-se para a frente, ele segurou a faca com firmeza, tentando alcançar Sherlock. Ainda com o rifle nas mãos, o garoto bateu na cabeça do americano com o cabo. O impacto foi tão violento que reverberou desde a cabeça do homem, protegida pelo curativo, até os ombros de Sherlock, de um lado a outro. O americano caiu como um saco de milho e ficou parado no chão, inconsciente.

Sherlock observou-o por alguns momentos, em parte esperando que ele se levantasse e tentasse atacá-lo mais uma vez, mas o homem continuou deitado e parado, exceto pelo peito que subia e descia com a respiração difícil. O olho direito era uma massa vermelha e sangrenta, e o sangue que escorria da cabeça manchava o curativo, sob o qual o edema crescia a olhos vistos.

O homem era como uma força sobrenatural, imune à dor e aos ferimentos que normalmente derrubariam uma pessoa comum. Sherlock sentia a respiração queimando no peito enquanto esperava Gilfillan levantar-se. Todos os americanos eram assim? Seria esse o tal espírito desbravador sobre o qual ouvira falar? Parte de Sherlock queria se aproximar e bater várias vezes com o rifle na cabeça do sujeito, porque assim teria certeza de que ele nunca mais se mexeria, mas não tinha certeza se o objetivo era realmente

eliminar Gilfillan antes que ele recobrasse a consciência ou se só queria vingança pelo que ele fizera com Amyus Crowe e tentara fazer com ele. Depois de um tempo, abaixou o rifle.



Não era um assassino. Não um assassino a sangue-frio, pelo

85

menos.

Quando teve certeza de que Gilfillan não ia se mover durante algum tempo, ele se afastou, ainda observando o homem, e continuou recuando até ouvir o cavalo de Amyus Crowe resfolegando atrás dele. Então, virou-se.

Amyus estava caído no chão de terra. À luz avermelhada do anoitecer o sangue em sua testa parecia brilhar com uma intensidade quase demoníaca.

— Ele...? — Sherlock começou, mas não tinha coragem de terminar a pergunta.

— Ainda está respirando — Virginia respondeu, sem fôlego. O sotaque se tornara mais forte.

Ela levou a mão ao bolso e tirou um pedaço de tecido

— um lenço, Sherlock supôs. Quando a viu abaixar-se para limpar a testa do pai, ele tirou o lenço de sua mão.

— Vou umedecê-lo no rio — disse.

Virginia assentiu com gratidão.

Ele correu até o local onde o americano, agora desmaiado, havia rolado por entre os juncos, abrindo um caminho antes de se levantar e atirar contra Amyus Crowe. Aproximando-se do rio tanto quanto era possível sem correr o risco de cair, Sherlock molhou o lenço, depois voltou para onde estava Crowe. Virginia havia ajeitado os braços e as pernas do pai, de forma que agora ele estava deitado em uma posição mais natural, não retorcido como caíra. Quando se abaixou ao lado de Virginia, Sherlock notou que o peito de Crowe subia e descia, e suas pálpebras tremiam. Era como se uma eternidade houvesse transcorrido desde que ele caíra do cavalo, mas Sherlock sabia que não podiam ser mais do que alguns segundos, menos de um minuto, com certeza. A luta com Gilfillan não havia sido longa, mas fora intensa, e isso a fizera *parecer* demorada.

Virginia deslizava as mãos pelos braços e pernas do pai.





— Nenhum osso quebrado, pelo que pude perceber —

86

ela disse. — Não sei sobre as costelas, mas vou ficar surpresa se ele não tiver fraturado algumas. E já encontrei vários cortes e hematomas.

— Seu pai teve sorte — Sherlock comentou. — Perto do rio como estamos, o solo é mais úmido e macio. Se ele tivesse caído antes, em um terreno de terra batida, provavelmente estaria morto.

Virginia pegou o lenço e passou-o pela testa do pai. O tecido ficou sujo de sangue, revelando um corte longo e superficial, que voltou a sangrar imediatamente.

— Acho que este é o ferimento da bala — ela disse.

— Mais um golpe de sorte. Alguns centímetros para a esquerda e teria perfurado a têmpora. — Sherlock respirou fundo, tentando conter o tremor das mãos. — Precisamos encontrar um médico.

Virginia balançou a cabeça.

— Temos que levá-lo de volta para casa. Eu mesma posso cuidar dele. Se não há fraturas, meu pai só precisa de repouso. — Ela suspirou. — Acho que ele já enfrentou coisas

piores e sobreviveu. — Ela olhou para Sherlock, desviou os olhos e olhou novamente, notando vários edemas, arranhões, cortes e hematomas. — Você está bem?

— Já me machuquei mais jogando rúgbi.

Ela franziu o cenho, e Sherlock balançou a cabeça.

— É um jogo do qual não gosto e que não jogo direito.

O que quero dizer é que vou ficar bem.

— Você o pegou? — ela perguntou furiosa.

— Eu o detive, mas acho que seu pai e meu irmão vão querer interrogá-lo, por isso não o machuquei muito. Mas podia ter feito isso.

— Talvez devesse — ela respondeu secamente.

Pensando em ferimentos na cabeça, Sherlock perguntou:



— Será que ele teve uma concussão? A bala acertou a

cabeça dele, mas o tombo talvez o tenha machucado também...

Virginia encarou-o. Sua expressão sugeria raiva, mas

os olhos contavam outra história. Ela estava desesperada.

— Vamos ter que observá-lo — ela disse. — Vamos ficar

atentos a sinais como tontura, vômito, náusea ou confusão.

— Já tive tudo isso — Crowe anunciou com voz fraca,

mas clara. — E não foi nada divertido. Mas eu mesmo causei

esses sintomas todos, então... Desta vez, não foi minha culpa.

— Pai!

De olhos ainda fechados, ele estendeu um braço e a

tocou no ombro com um gesto desajeitado.

— Eu rolei quando bati no chão. Aprendi a técnica com

um peão de rodeio em Albuquerque. Com todos os músculos

relaxados e rolando como um porco-espinho, eu poderia ter

sobrevivido a quedas piores que essa. — Amyus olhou para

Sherlock — Vejo que também descobriu essa técnica. — Ele

parou, fechou os olhos e respirou lentamente. — O que

aconteceu com a carruagem?

— Eles escaparam — Sherlock respondeu, muito

aborrecido. — E levaram Matty.

— E o homem que ficou e atirou em mim?

— Está vivo, mas inconsciente. Acho que podemos levá-

lo de volta e interrogá-lo.

— Sim, imagino que sim — Crowe respondeu, sério.

Sherlock pensou por um momento.

— Posso amarrá-lo — disse — e colocá-lo no cavalo. Se estiver bem o bastante para cavalgar, Virginia poderá voltar montando Sandia, e eu vou andando.

— Temos que ser rápidos — Virginia lembrou. Por alguma razão, ela estava vermelha e não olhava para Sherlock — Voltar andando tomaria tempo demais. Pode ir na garupa do meu cavalo.

— Tem certeza? — Sherlock perguntou.



— De cavalo dado não se olha os dentes — Crowe

88

lembrou rindo. — As ideias são boas, mas como vai amarrar o homem?

Sherlock refletiu por um momento. Não tinham cordas.

Talvez pudesse usar as rédeas do cavalo, mas como fariam para conduzi-lo no caminho de volta? Seria possível

improvisar amarras com os juncos da margem do rio?

Estavam molhados, e levaria muito tempo.

— Com o cinto — ele anunciou finalmente. — Posso

usar meu cinto para amarrar as mãos dele atrás das costas.

Crowe assentiu.

— Acho que é uma boa ideia — disse. — Ou pode usar o barbante que tenho no bolso. — Ele olhou para Sherlock — Existem coisas que um homem deve sempre carregar consigo: faca, fósforos e um rolo de barbante. Há pouca coisa que não se possa fazer com uma combinação dos três.

Sherlock aceitou o barbante de Crowe e voltou ao local onde havia deixado Gilfillan. Estava quase escuro, e por um momento ele não conseguiu localizar o homem na penumbra, mas passado um instante ele o viu caído exatamente no mesmo lugar. Sherlock amarrou as mãos dele, cruzando um pulso sobre o outro, depois foi buscar o cavalo que pastava tranquilamente no capim ao lado da estrada, como se aquele tipo de coisa acontecesse todos os dias. Puxando o animal pela rédea, ele o levou para perto de Gilfillan e se abaixou, tentando descobrir como levantaria o homem do chão e colocaria na sela. No final, ele conseguiu pôr o americano de joelhos, mesmo inconsciente, e se colocou na frente dele, deixando-o cair sobre suas costas. Então levantou-se, usando os joelhos e sentindo os músculos protestarem, com a cabeça inclinada para a frente e o corpo de Gilfillan equilibrado precariamente nos ombros. Por um momento, entrou em pânico, sem saber como o colocaria na montaria, mas Amyus

Crowe já conseguia ficar de pé e Virginia se aproximava para ajudá-lo. Unindo forças, os dois puseram Gilfillan na sela do cavalo, que mal pareceu perceber. Para impedir que o homem



escorregasse, Sherlock amarrou seus pulsos ao arreio de um

89

lado e os tornozelos ao do outro. Quando terminou, recuou

um passo para admirar o trabalho.

— Queria perguntar — Virginia falou ao lado dele —

que nome deu ao cavalo?

— Nenhum — respondeu Sherlock.

Ela o encarou com surpresa.

— Por que não?

— Não achei que fosse necessário. Cavalos não sabem

que têm nomes.

— Sandia sabe qual é o nome dela.

— Não, ela conhece o som da sua voz. Duvido que

entenda o significado de palavras.

— Para um garoto que sabe tanto, você não sabe muita

coisa — ela anunciou em tom crítico.

Os quatro formavam um grupo deprimente no trajeto de volta à casa de Amyus Crowe. Ele seguia curvado sobre o cavalo, Virginia montava Sandia com Sherlock às suas costas na garupa enquanto o cavalo dele vinha no fim da fila, com Gilfillan atravessado na sela. A viagem pareceu levar séculos.

Sherlock sentia o cansaço pesar sobre os ombros como um cobertor. Os arranhões ardiam, e tudo que ele queria era se jogar na cama e dormir até não conseguir mais.

Era noite fechada quando eles chegaram, e Mycroft estava parado na porta.

— Sherlock! — ele gritou. — Eu estava... — E parou.

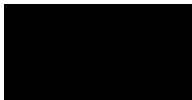
Sua voz soava mais aguda que de costume. Era como se lutasse contra uma forte emoção.

— Está tudo bem — Sherlock anunciou, cansado. —

Estamos bem. O Sr. Crowe foi baleado, temos um prisioneiro e não conseguimos resgatar Matty, mas pelo menos ainda estamos vivos.

— Eu não tinha como saber o que estava acontecendo

— Mycroft queixou-se ao ver o irmão desmontar. — Podia escolher entre várias vias de ação, mas não sabia qual seria melhor.



— Já não devia estar no trem? — perguntou Sherlock

90

Mycroft deu de ombros.

— Se for necessário, posso achar um hotel confortável onde passar a noite.

— Seus chefes não vão ficar aborrecidos amanhã, quando você não aparecer para trabalhar?

Mycroft franziu o cenho, como se a ideia de ter um chefe fosse estranha.

— Sim — respondeu depois de uma longa pausa. —

Acho que sim. — E sorriu. — Mas como o que está acontecendo aqui pode ter um impacto direto nas relações internacionais, não deixa de pertencer à minha área de atuação. Em último caso, se for realmente necessário voltar a Londres no meio da noite, ainda posso fretar um trem.

Sherlock encarou-o chocado.

— Você *pode*?

— Bem, nunca precisei, mas acredito que meus Termos

de Referência permitam uma ou outra extravagância. Agora me contem tudo.

Enquanto ele e Virginia ajudavam Amyus Crowe a desmontar e os quatro entravam na casa modesta, deixando o americano inconsciente preso à sela do cavalo, Sherlock foi relatando ao irmão tudo o que acontecera naquela noite desde que deixaram o chalé. Virginia acrescentou alguns detalhes que ele esqueceu, e quando Sherlock falava sobre a luta com o americano, sentiu a mão dela em seu braço em um gesto preocupado. Mycroft também estava aflito por pensar em como o irmão havia se aproximado da morte várias vezes.

— Não está clara qual é a melhor atitude a tomar —

Mycroft falou depois de um tempo, quando todos se sentaram com suas bebidas. — Até o prisioneiro acordar, não dispomos de mais nenhuma informação que possa ser útil. Tempo e recursos não estão a nosso favor.



— Posso ir acordá-lo — Crowe falou em voz baixa. — E

depois trocar uma palavrinha com ele. Uma conversa civilizada.

— Interrogatório violento não é uma opção — Mycroft avisou. — O homem pode ser procurado em pelo menos dois países, mas tem o direito de ser tratado de maneira respeitosa até ser realmente condenado, e mesmo depois da condenação não pode ser tratado com brutalidade por ninguém em posição de autoridade. Como um dos mais antigos e um dos mais jovens países civilizados, a Inglaterra e os Estados Unidos têm a obrigação de dar o exemplo para o resto do mundo. Se agirmos como bárbaros, perderemos o direito de impedir quem quiser agir da mesma maneira, e o mundo vai mergulhar na anarquia.

— Mesmo que a cortesia provoque dano ou morte a alguém que deveríamos proteger? — Crowe indagou.

— Mesmo assim. Devemos manter o padrão de conduta elevado, por maior que seja a tentação de descer aos vales da iniquidade.

— Tenho uma ideia — Sherlock manifestou-se, surpreendendo até a si mesmo, pois, era verdade, algo surgira em sua mente, mas ele ainda não conseguira analisar todas as implicações do tal pensamento.

— Continue — disse Mycroft. — Se isso puder impedir

o Sr. Crowe de arrancar as unhas do nosso prisioneiro com

uma pinça, eu sou a favor.

— Aquele homem, o americano, ele saltou da carruagem para nos deter quando tudo indicava que a alcançaríamos e a impediríamos de chegar ao porto, por onde pretendiam sair da Inglaterra.

— Correto — Crowe resmungou.

— Pelo que me contou nosso prisioneiro, ele pretendia mandar um telegrama aos outros anunciando seu sucesso ou fracasso.

— Sim — Mycroft o incentivou.



— E se ele não mandou esse telegrama, se os outros

92

ainda esperam por ele no fim da jornada, vão acabar deduzindo que o pegamos — Sherlock apontou. — Vão presumir que o rendemos, que o impedimos de enviar o telegrama e ainda o temos conosco, e nesse caso a melhor opção será matar Matty, porque ele deixará de ser útil como

refêm.

— Ah, não! — sussurrou Virginia.

— Então, para onde ele teria enviado o telegrama? —

Sherlock especulou. — Quer dizer, não acredito que os outros vão se hospedar em um hotel para esperar por ele. Pelo que sabemos, estavam a caminho do porto e embarcariam imediatamente.

Crowe e Mycroft se entreolharam.

— O menino tem razão. — Crowe manifestou-se depois de alguns momentos. — Eles devem ter combinado algum jeito de trocar mensagens. Talvez um local perto do navio: um posto do correio ou algo assim, um ponto onde um telegrama possa ser retirado.

— E tiveram que fazer isso nos poucos segundos antes de ele pular da carruagem — disse Sherlock — Seria provável que ele não se lembrasse, depois de toda aquela tensão...

— A menos que um dos comparsas anotasse o endereço... — Mycroft completou o raciocínio. — Sherlock, sua cabeça é bem razoável para um pescoço tão fino. Temos que revistar os bolsos do homem.

Crowe levantou-se da cadeira.

— Eu cuido disso — anunciou. Ao notar que Mycroft o olhava com ar de censura, acrescentou: — Não se preocupe,

não vou tentar acordá-lo se estiver inconsciente, e se já estiver acordado farei apenas uma pergunta muito educada antes de examinar seus bolsos. Suponho que isso seja aceitável, considerando que um interrogatório violento não é...



— Vamos abrir uma exceção — Mycroft respondeu,

93

calmo. — Neste caso.

Amyus saiu à procura de Gilfillan. Sherlock notou que Virginia acompanhou a saída do pai com uma expressão preocupada. Queria conversar com ela sobre isso, mas Mycroft exigia sua atenção.

— Sherlock... — Ele o chamou. — Sherlock, receio estar falhando em meu dever de cuidar de você e protegê-lo. Sinto muito.

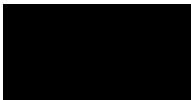
O garoto o encarou atento, tentando decidir se o irmão falava sério.

— O que quer dizer?

— Nosso pai o deixou aos meus cuidados. Ele me pediu para garantir que sua educação não fosse interrompida, e que você ficasse feliz e em segurança. Desde que papai partiu para a Índia com seu regimento, eu o abandonei aos cuidados de parentes que você nem conhecia; depois não fiz nada enquanto você foi envolvido, primeiro, nos planos de um francês maluco com delírios de grandeza e, agora, em uma bizarra tentativa de mandar de volta para a América o homem que matou um ex-presidente. Durante os últimos meses, você passou mais tempo vendo a morte de frente do que muitos homens ao longo de toda a vida. Foi agredido, raptado, surrado, drogado, perseguido, alvejado, queimado e quase esfaqueado. Como se não bastasse, teve que sobreviver sem supervisão na perigosa metrópole de Londres, em um país desconhecido e à noite. Se eu soubesse tudo que aconteceria com você eu...

Mycroft parou, aparentemente dominado pela emoção, e quando ele virou a cabeça, Sherlock teve a impressão de ver em seus olhos o brilho das lágrimas. Comovido, tocou o ombro do irmão mais velho.

— Mycroft... Você sempre foi a coisa mais estável da minha vida. Eu sempre pedi seus conselhos, e você sempre foi muito generoso com seu tempo. Nunca fez eu me sentir



como se o estivesse incomodando, mesmo quando tinha

94

coisas mais importantes a fazer.

Mycroft tentou dizer algo, mas Sherlock continuou:

— Nunca fomos aquele tipo de irmãos que sobem juntos nas árvores do jardim de casa. Você nunca teve essa energia e eu nunca vi propósito nisso. Mas não tem importância. Foi a você que sempre fui pedir orientação, e nunca me desapontei. Duvido que isso mude algum dia. Você é o que eu quero ser quando crescer: bem-sucedido, importante e seguro. Você nunca me abandonou, nunca falhou comigo, nem nunca falhará.

Mycroft olhou para ele e sorriu.

— Quando você crescer — disse —, suspeito que abrirá um caminho no mundo que ninguém jamais abriu. Posso antever um tempo quando eu irei procurá-lo para pedir conselhos e orientação. Mas, apesar de tudo o que disse, fiquei parado enquanto você corria perigo.

Sherlock balançou a cabeça.

— Acho que sempre há perigo em todos os lugares.

Você pode ignorá-lo ou enrolar-se em cobertores para não se machucar ou pode enfrentá-lo e desafiá-lo. Se escolher a primeira alternativa, o perigo o pegará de surpresa. Se escolher a segunda, vai ficar o tempo todo encolhido no escuro, deixando a vida passar. A única atitude lógica é enfrentar. Quanto mais você se acostuma ao perigo, melhor lida com ele.

Mycroft sorriu e por um momento Sherlock conseguiu enxergar, entre as camadas de gordura que agora se acumulavam no corpo do irmão, o menino que um dia ele fora.

— Eu obtenho informações e acumulo conhecimento —

Mycroft disse. — Mas você... você desenvolveu sabedoria.

Chegará o dia em que o mundo todo saberá seu nome.

— Além disso — Sherlock respondeu, tentando aliviar

um pouco a tensão —, tenho me divertido muito

recentemente. Se alguém tivesse me falado que no final das





férias de verão eu saberia cavalgar, lutar boxe e duelar e que

95

teria velejado para atravessar o Canal, eu teria rido. Aposto que a maioria dos garotos da escola não fez mais do que empinar pipa e comer em piqueniques improvisados no jardim. Uma parte de mim ainda acredita que vou acordar e descobrir que tudo foi um sonho.

Mycroft passou os olhos pela sala e parou onde Virginia estava, atenta à porta, esperando o retorno do pai.

— E suponho que existam outras compensações — ele disse.

— Como assim? — Sherlock indagou, repentinamente desconfortável.

— Estou me referindo à alegria de uma companhia. —

De repente ele assumiu uma expressão pensativa. — Sou um homem... solitário — ele disse. — Não tenho paciência para pessoas tolas e prefiro passar o tempo com um livro e uma garrafa de conhaque. Mas não me tome como exemplo. Se uma amizade ou, se me atrevo a dizer, um afeto surgir em sua vida, abrace essa experiência com entusiasmo.

Sherlock sentiu um repentino desânimo, porque as

palavras de Mycroft fizeram com que se lembrasse de

Matthew Arnatt, que continuava em poder dos raptos.

— Não me importo de enfrentar o perigo — ele disse

com ar sério. — Mas não quero pôr em risco meus amigos.

— Seus amigos fazem escolhas, como você faz as suas

— Mycroft ressaltou. — Os mesmos argumentos valem para

todos. Eles não são marionetes e você não pode mantê-los

seguros, da mesma forma que eu aparentemente não consigo

garantir sua segurança. Se essas pessoas quiserem estar com

você, estarão. Elas aceitam o risco. — Ele levantou uma

sobranalha. — O jovem Matthew já deve ter percebido que

conviver com você não é seguro, assim como também não é

tedioso.

— Vamos trazê-lo de volta, não vamos?

— Não permito que meu coração assine um cheque que

a vida pode me impedir de pagar — Mycroft respondeu em



tom ameno. — Não posso prever o futuro com absoluta

certeza, mas posso usar meu conhecimento e minha experiência para tentar adivinhá-lo de maneira mais ampla. Acho que existe grande probabilidade de Matty voltar para nós ileso, mas o que vai acontecer enquanto isso é algo que não temos como saber.

A porta se abriu e Amyus Crowe entrou no chalé segurando um pedaço de papel amassado.

— Encontrei isto aqui no bolso do prisioneiro — ele disse. — Parece algum tipo de código. Não sei o que significa.

— Ele estava consciente? — Mycroft perguntou.

— Ou está inconsciente ou é um ótimo ator. Mas dei uma olhada rápida em suas roupas. O corte e as etiquetas são bem americanos...

— Vamos ver esse papel. Talvez nos dê uma ideia de para onde ele enviaria o telegrama.

Crowe alisou o bilhete sobre a escrivaninha. Mycroft e Sherlock se aproximaram. Virginia manteve-se afastada, sorridente agora que o pai retornara.

O papel tinha números e letras rabiscados com uma caligrafia que só poderia ter sido feita dentro de uma carruagem em alta velocidade. Sherlock identificou dez grupos, cada um com cinco caracteres:

csne0 oopa9 ruoth rte4 ehta5
iaost omste spser dtgrc eorna

— O que isso significa? — perguntou Sherlock.

— Parece ser um simples código de substituição —

Crowe respondeu. — Foi muito usado durante a Guerra entre os Estados para impedir que as mensagens caíssem em mãos erradas. A ideia é simples: em vez de —a| você escreve outra coisa, como —z|, e em vez de —b| você pode escrever —y|. Desde que você e o destinatário da mensagem saibam que letras são usadas na substituição, ou qual é a —chave| do código, o texto pode ser codificado e decodificado com segurança.



— Mas nós não sabemos qual é a chave, sabemos? —

97

Sherlock perguntou.

— Isso mesmo. Se tivéssemos uma mensagem mais longa, poderíamos decifrá-la por análise de frequência, mas não é o caso.

— Análise de frequência?

— Este não é o melhor momento para uma aula —

Mycroft suspirou.

Mas Crowe decidiu dar a explicação mesmo assim.

— Há muitos anos um homem de grande inteligência descobriu que nas mensagens escritas em inglês certas letras aparecem com mais frequência que outras. O —e! é o mais utilizado. O —tl vem em segundo lugar, depois —a!, —ol e —nl. —Q! e —z! são as letras menos usadas, o que não é de surpreender. Se você tem um bloco de texto grande no qual certas letras foram substituídas por outras, o segredo é procurar a mais comum. Provavelmente será o —e!. A segunda mais frequente será o —tl. É um processo de eliminação. Com um pouco de sorte, é possível decodificar um trecho da mensagem suficiente para deduzir o restante. — Ele olhou para o pedaço de papel sobre a mesa. — Mas não sei se o método vale para este aqui. Não há letras bastantes para uma análise de frequência, e estou me perguntando se eles tiveram tempo para combinar as substituições e codificar uma mensagem de acordo. Imagino que a solução seja bem mais simples.

— Simples como? — Sherlock se interessou.

— Dez grupos de cinco letras cada. Isso me faz pensar em uma grade ou uma tabela.

Crowe reescreveu rapidamente as letras, mas criando um arranjo mais organizado:

oopa9

ruoth

rtr4



eha5

98

iaost

omste

spser

dtgrc

eorna

— Muito bem, há duas maneiras de montar uma tabela do tipo cinco por dez — ele resmungou. — Assim ou ao contrário.

Rapidamente ele criou outra grade, agora com mais colunas e menos linhas:

c o r r e i o s d e

s o u t h a m p t o

n p o r t o s s g r

e a e a s t e r n

0 9 h 4 5 t e r c a

— —Correios de Southampton! — Sherlock leu, quase sem respirar. — —Porto SS *Great Eastern*, 09h45, terça.l

Esses devem ser o local para onde a mensagem seria enviada e o local e o horário de onde o navio vai partir.

— Não é um código muito elaborado — Crowe resmungou —, mas deve ter sido o melhor que eles conseguiram fazer dentro de uma carruagem em alta velocidade. — Ele olhou para Mycroft. — Acho que nós dois sabemos o que vem em seguida, não?

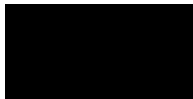
Mycroft assentiu.

— Vou tomar as primeiras providências.

Sherlock olhou para um e para o outro.

— O *que* vem em seguida? — quis saber.

Os dois homens se entreolharam. Foi Mycroft quem respondeu:



— Eles reservaram lugares em um navio que vai partir

de Southampton amanhã, às 9h45. Enquanto estamos resolvendo as coisas aqui, eles estão a caminho de Southampton. Até eu conseguir acionar a polícia local, o navio já terá zarpado.

— Então eles conseguiram fugir — Sherlock resumiu.

— Não necessariamente — Mycroft discordou. — Há navios partindo para a América todos os dias. A maioria até aceita levar passageiros, mas sua principal função é transportar cartas e carga. É com isso que se ganha mais dinheiro. Se conseguirmos reservar passagens em uma embarcação com partida programada para amanhã ou depois, para o mesmo destino, chegaremos lá logo atrás deles. Talvez até antes. Podemos encontrar um navio mais leve ou mais potente. Eles não escolheram a embarcação em que viajariam pensando em uma possível perseguição, mas sim em deixar o país o mais rápido possível.

— *Nós?* — Sherlock perguntou.

— O Sr. Crowe vai ter que ir — respondeu Mycroft —, porque tem jurisdição em seu país natal. Ele pode pedir ajuda à polícia. E é óbvio que vai levar a filha, porque não a deixaria aqui sozinha. Eu, por outro lado, vou ficar, porque preciso garantir que o governo britânico seja informado de todos os eventos e preciso fornecer ao Sr. Crowe todo o apoio

diplomático que possa ser necessário aqui.

— Ele não pode mandar um telegrama para a Pinkerton, para que os agentes interceptem o *Great Eastern* na chegada ao porto?

Mycroft balançou a cabeça e suas proeminentes bochechas balançaram com o movimento.

— Está esquecendo que não temos descrições claras desses homens; não o bastante para termos certeza de que serão capturados. Com exceção de John Wilkes Booth, nenhum deles pode ser identificado por outra pessoa além de você.

— *Eu?* — Sherlock perguntou, quase sem ar.



— Sim, você foi o único que viu os outros homens. Não

10

posso exigir que faça isso, Sherlock. Em sua consciência, não

0

posso nem *pedir* isso a você. Tudo que posso fazer é lembrar que o Sr. Crowe não poderá prender os homens se não

conseguir identificá-los.

— Está dizendo que quer que *eu* vá para a *América*? —

Sherlock sussurrou.

— Posso dizer a tio Sherrinford e tia Anna que será uma viagem pedagógica — Mycroft sugeriu. — Uma espécie de estágio ou intercâmbio que vai durar um mês, aproximadamente. Eles se oporão, é claro, mas creio que consigo convencê-los.

— Na verdade — Sherlock respondeu, pensando na Sra. Eglantine e no estranho poder que ela parecia exercer na casa de seus tios —, acredito que vai ser mais fácil do que imagina convencê-los a me deixar passar um tempo longe.



10

1

Capítulo sete

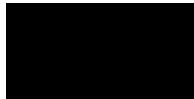
AS DOCAS DE SOUTHAMPTON ERAM uma confusão de homens, mulheres e crianças em suas melhores roupas. Algumas dessas pessoas se moviam como formigas pelas

rampas de embarque até o convés de um ou outro navio, outras desciam pelo desembarque e olhavam em volta, fascinadas com a imagem de um novo país, enquanto muitas se despediam de amigos e parentes ou recebiam recém-chegados de braços abertos. E no meio de tudo isso havia homens uniformizados empurrando carrinhos carregados de malas e baús e trabalhadores das docas vestindo roupas pesadas e manobrando gigantescos paletes com cargas de todos os tipos.

No alto, guindastes de madeira içavam os produtos para os navios ou desciam para o porto o que chegava. As enormes embarcações mais pareciam montanhas de madeira e ferro, com mastros e chaminés que quase tocavam o céu compondo uma espécie de floresta matemática na paisagem. Sherlock tinha a impressão de notar uma centena de crimes sendo cometidos em todos os lugares para onde olhava: bolsos eram furtados, jogavam-se cartas marcadas, redes que envolviam carregamentos eram cortadas de forma que os menores itens podiam ser removidos, crianças eram furtivamente afastadas dos pais por sabe-se lá que motivos, recém-chegados pagavam adiantado pelo transporte para hospedarias e hotéis que nem existiam ou que não eram exatamente como lhes fora descrito.

Ali estava a humanidade exibindo o que tinha de

melhor e pior.



As últimas vinte e quatro horas talvez tivessem sido as

10

mais frenéticas na vida de Sherlock. Depois da reunião no

2

chalé de Amyus Crowe e da inesperada decisão de partirem

para a América — uma decisão na qual Sherlock ainda mal

consequia acreditar —, ele e Mycroft haviam retornado à

mansão Holmes, passando antes por Farnham para enviar

um telegrama cuidadoso ao correios do porto de

Southampton, no qual informavam a Ives e Berle que Gilfillan

consequira deter seus perseguidores. Uma vez na mansão

Holmes, Mycroft fora conversar com o tio na biblioteca,

enquanto Sherlock subira até o quarto para acomodar seus

poucos pertences no velho baú do pai. Ele dormira mal,

perturbado em parte pelas lembranças da luta com Gilfillan e

pela dor dos ferimentos, mas também pela excitação da

viagem. Deixaria o país, iria à América! O café da manhã

havia sido tenso, com Sherrinford e Anna sem saberem ao certo o que dizer e a Sra. Eglantine com um sorriso gélido atrás deles. Pouco depois, Sherlock embarcara na carruagem com Mycroft, observando um criado acomodar sua bagagem na parte de cima do veículo, e os irmãos partiram para a longa viagem até Southampton.

No caminho, Sherlock descobriu-se pensando na mensagem em código que Amyus Crowe encontrara no bolso de Gilfillan. Nunca parara para refletir sobre códigos, mas a maneira rigorosa como eram criados e o processo lógico que podia ser utilizado para decifrá-los agradavam sua mente analítica. Ficou imaginando todo tipo de criptogramas, desde simples reorganizações como a que haviam decodificado no dia anterior até substituições mais complicadas, nas quais símbolos tomavam o lugar de letras, e arranjos ainda mais complexos, nos quais a substituição mudava de acordo com outro código, de forma que, na primeira vez que um —al aparecia, era substituído por uma coisa, e na aparição seguinte, por outra, e assim por diante, tudo comandado por um algoritmo subjacente. Nesse caso, uma simples análise de frequência como a que Amyus Crowe explicara seria inútil.





Como algo desse tipo poderia ser decifrado? O mundo dos

10

códigos e das cifras exigiria mais pesquisa.

3

Finalmente chegaram a Southampton. Amyus e

Virginia Crowe já esperavam por eles — Crowe com um

curativo discreto na testa, quase escondido pela aba do

chapéu. Sherlock deduziu que pai e filha haviam cavalgado

até ali e providenciado para os animais estábulo e

alimentação para o período em que estariam fora.

— Tenho as passagens e os documentos para a viagem

— Mycroft falou, entregando os papéis a Amyus Crowe. —

Vocês vão embarcar no SS *Scotia*. É aquele ali. É da Cunard

Line e é um ótimo navio. As passagens são de primeira

classe, é evidente. Não poderia submetê-lo aos rigores de uma

viagem sem nenhum conforto, especialmente com sua filha e

meu irmão a seus cuidados.

Sherlock olhou para a direção apontada pela mão de

Mycroft e viu um enorme navio que parecia ter quase o

tamanho de um campo de rúgbi. Havia uma roda de pás na

metade do casco, e ele imaginava que houvesse outra

parecida do outro lado. Além delas, havia dois mastros, cujas velas no momento se encontravam recolhidas. Sherlock deduziu que as rodas eram movidas por motores a vapor escondidos dentro do gigantesco casco — as duas chaminés que emergiam do convés deviam servir para isso —, já que as velas seriam usadas quando houvesse vento e o motor faria girar as rodas e impulsionaria o navio em tempo de calmaria. Sua mente lógica dedicou-se a esse pensamento. Se as rodas eram movimentadas por motores a vapor, esses motores deviam ser alimentados por carvão em brasa. Isso significava que devia haver reservas de carvão a bordo, considerando que não seria possível obtê-lo no meio do Atlântico. O navio então teria mais peso a carregar, o que significava que mais carvão seria necessário só para transportar o carvão. Mas como calcular quanto carvão era necessário para a viagem se para cada tonelada de carvão extra era necessário acrescentar um pouco mais só para



transportar essa tonelada, sabendo-se que quando essa

tonelada fosse utilizada precisaria de menos carvão para

4

transportar o restante? Havia um cálculo matemático complexo nessa operação, um raciocínio que ele não conseguia acompanhar, que o fazia se lembrar do exemplo que Amyus Crowe tinha dado algumas semanas antes sobre como o número de raposas e coelhos variava com o tempo. Será que tudo no mundo era determinado e comandado por equações?

— Por maior que seja minha gratidão por toda a sua ajuda, Sr. Holmes — Amyus Crowe estava dizendo, estranhamente sem-graça —, não sou um homem rico. Não conversamos sobre a questão da recompensa financeira.

— Não é necessário — Mycroft protestou, obviamente constrangido com a discussão sobre dinheiro. — O governo britânico pagou pelas passagens. Em algum momento da próxima semana terei uma conversa com seu embaixador e vou sugerir que ele ajude a cobrir os custos, já que estamos colaborando para estabilizar a política interna de seu país.

Mas, por enquanto, é suficiente saber que não ficará sem recursos ao desembarcar em Nova York. Presumo que tenha acesso a alguma verba lá.

Amyus Crowe assentiu.

— Muito grato, Sr. Holmes.

Sherlock olhou para Virginia, parada em silêncio ao lado do pai. Ela parecia nervosa, seu rosto estava pálido e abatido.

— Não se sente bem? — Sherlock perguntou, aproximando-se dela enquanto o irmão continuava conversando com o americano.

Virginia assentiu.

— Não quero falar sobre isso.

— Pensei que ficaria satisfeita por voltar para casa.

Ela o fitou com um olhar cortante.

— Que parte de —não quero falar sobre isso! você não entendeu?



Sherlock levantou as mãos em um gesto de defesa e

10

recuou alguns passos, como se lidasse com um animal

5

selvagem. Virginia devia ser a pessoa mais difícil que ele

conhecia, e não era a primeira vez que pensava isso.

— Alguma notícia do *Great Eastern*? — Crowe perguntava a Mycroft.

— Conforme indicava a mensagem cifrada, o navio zarpou hoje de manhã de um píer próximo daqui, rumo a Nova York. Tive acesso à lista de passageiros, mas não encontrei nomes que significassem algo para nós. Um passageiro não se apresentou, e só posso deduzir que seja o infeliz Sr. Gilfillan, que está agora aos cuidados da polícia de Farnham. Cuidarei para que ele seja transferido para a Polícia Metropolitana ainda hoje, mais tarde. Isso vai facilitar as investigações.

— Não seja duro demais com o homem — Crowe sugeriu em tom leve. — Lembre-se de que ele ainda não foi condenado.

Mycroft ergueu uma sobrancelha, mas não respondeu.

Em vez disso, olhou para Sherlock, pôs uma das mãos em seu ombro e, com a outra, apontou para o SS *Scotia*.

— Seis anos em atividade, construído e operado pela Cunard Line aqui na Inglaterra — ele explicou. — Tem trezentos e setenta e nove pés e pesa três mil e novecentas toneladas. O nome do capitão é Judkins, e ele é o melhor operador da Cunard. O navio acomoda trezentos passageiros mais a carga e queima cento e sessenta e quatro toneladas de

carvão por dia. Pode fazer a viagem de Southampton a Nova Yorkem oito dias e algumas horas. Imagine só, uma semana e você está na América! Nos tempos dos pioneiros, os homens que começaram a construir aquele país majestoso, a viagem teria demorado meses.

— Já estive na América, Mycroft? — perguntou

Sherlock

Um tremor sacudiu o corpo avantajado do irmão.



— Southampton já é um território estranho para mim

10

— ele respondeu. — A América poderia muito bem ser o

6

Ártico.

Mycroft olhou para Crowe.

— Sua bagagem já deve estar a caminho das cabines —

disse. — Pensei muito e por fim reservei três camas em duas cabines. Você e Sherlock dividirão uma delas. Na outra ficará Virginia, na companhia de outra passageira. Não consegui

descobrir o nome dela, pois aparentemente essa decisão cabe ao comissário, mas é claro que uma mulher que viaja na primeira classe deve ter boa educação.

— Tenho certeza de que Virginia não terá problemas —

Crowe falou, aparentemente desconfortável.

— Mais uma coisa — Mycroft prosseguiu. — Tomei a precaução de reservar assentos para vocês três no primeiro jantar a bordo. Pessoas acostumadas a esse tipo de viagem me garantiram que o local onde você se senta para o primeiro jantar determina sua posição social durante o restante da travessia. Os melhores assentos são aqueles que ficam mais perto do capitão, mais perto das portas, em caso de enjoo, e mais afastados dos motores. Sei que a viagem dura apenas oito dias, mas nada impede que vocês tenham todo o conforto possível. — Ele teve um novo tremor. — Não posso dizer que os invejo. Hoje em dia o trajeto da minha residência ao gabinete e de lá até o clube é suficiente para me deixar exausto. Não consigo imaginar nada que possa me tirar dessa rotina.

Crowe sorriu.

— Pode acabar se surpreendendo, Sr. Holmes, com as coisas capazes de nos afastar de nossas órbitas. Às vezes são as mais simples. Suspeito que o senhor ainda possa descobrir a alegria de viajar ao exterior.

— Deus não permita — Mycroft respondeu com fervor.

E então era hora de partir. Sherlock estendeu a mão.

Mycroft fez o mesmo. Eles se cumprimentaram com seriedade, como cavalheiros se encontrando na rua.



— Boa viagem — desejou Mycroft —, e faça tudo que o

10

Sr. Crowe disser. Sua presença nesse navio é importante, e

7

talvez não seja possível saber a dimensão desta importância por algum tempo, mas não esqueça que você é o único capaz de identificar aqueles bandidos. No mínimo, esses homens são criminosos e fugitivos políticos que devem ser presos e julgados por seus crimes. Na pior das hipóteses, é possível que estejam tramando um golpe que terá que ser sufocado, sob o risco de a frágil situação política na América ser afetada e ficar ainda pior. E, por favor, divirta-se. São poucos os garotos de sua idade que têm a chance de viajar ao exterior. Ele levou a mão ao bolso e pegou um livrinho.

Entregou-o a Sherlock e disse:

— Vai precisar de alguma coisa para passar o tempo.

Aqui está uma cópia de *A República*, do filósofo grego Platão.

O livro é escrito em forma de diálogos dramatizados entre o

mentor de Platão, Sócrates, e vários atenienses e

estrangeiros, e nessas conversas eles discutem o significado

de justiça e debatem se o homem justo é ou não mais feliz

que o injusto. Platão também utiliza os diálogos para propor

uma sociedade governada por reis filósofos e para discutir o

papel do filósofo e o do poeta na sociedade. *A República* é um

dos trabalhos mais influentes nos campos de filosofia e teoria

política, e sugiro que aproveite para estudá-lo.

— É traduzido? — Sherlock perguntou inseguro.

— É claro que não — Mycroft se surpreendeu. — Sei

que você lê muito rápido. Se fosse em inglês, terminaria em

uma tarde. Traduzindo enquanto lê, você vai ter com o que se

ocupar durante boa parte da viagem. Além disso, uma

tradução depende sempre da competência do tradutor. Se

quer ler e entender adequadamente qualquer texto escrito em

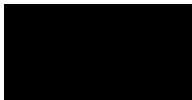
língua estrangeira, precisa aprender o idioma original. — Ele

hesitou. — Conhecendo seu amor pelo grotesco e pelo

mórbido, quero ressaltar que, embora Platão tenha morrido

de velhice, seu mentor, Sócrates, morreu quando as

autoridades gregas o obrigaram a beber veneno. Não sei se



essa informação o ajudará a ler o livro até o fim, mas

10

conhecendo seu interesse pelo melodramático ofereço esse

8

conhecimento como um presente para ser usado como achar
melhor.

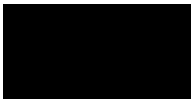
— Nós nos veremos logo — Sherlock falou, sentindo um
estranho aperto na garganta.

Não sabia se aquilo era uma afirmação ou uma
pergunta, mas Mycroft virou o rosto por um momento, com
os olhos brilhando.

— Sherlock — ele disse —, nunca terei filhos. Estou
habituação demais a fazer tudo do meu jeito, e intolerante
demais para mudar e me adaptar a uma casa governada por
padrões que não sejam os meus. Mas se algum dia viesse a
ter um filho, não poderia amá-lo mais do que amo você. Seja
cuidadoso. Muito cuidadoso.

Os três embarcaram rapidamente, subindo pela rampa

que se estendia do porto até o convés do navio. Ao fim da subida, as passagens foram verificadas, e eles desceram uma escada de madeira e foram conduzidos para um corredor sem janelas no interior do navio, onde ficavam os quartos. Foram primeiro à cabine de Virginia, onde a bagagem dela já estava, embora a senhora com quem dividiria o aposento ainda não houvesse chegado. Dirigiram-se então ao aposento de Sherlock e Amyus Crowe. Os cômodos eram pequenos, com aproximadamente três metros de extensão, painéis de madeira, um beliche de um lado e um sofá confortável do outro. Em cada lado da cabine havia uma pia e um espelho. Acima do sofá, uma janela redonda deixava entrar luz e ar, mas Sherlock notou com certo nervosismo que ela podia ser fechada e aparafusada. Seria uma medida de precaução para o caso de tempestades? E, se fosse, com que frequência era usada? E como teriam ventilação adequada se a tempestade durasse mais que algumas horas? Amyus Crowe observou as camas do beliche.



— Melhor eu ficar com a de baixo e você com a de cima

10

— ele resmungou. — Se eu cair, prefiro que seja de uma

9

altura menor. Além do mais, sou bem mais pesado que você.

Lembrando o que havia pensado sobre a janela e

possíveis tempestades, Sherlock notou que as duas camas

tinham uma proteção de madeira alta ao longo do colchão,

provavelmente para impedir que a pessoa caísse enquanto

dormia, mas se as ondas fossem muito violentas, os

ocupantes da cabine poderiam sacudir de um lado para o

outro nas camas como um chocalho.

— Não gosto desses colchões — Crowe falou

desanimado, testando a espessura.

Sherlock achou que eram mais densos que o colchão

em que dormia na casa dos tios, mas achou melhor não dizer

nada.

Sabendo que toda bagagem já estava nas cabines, eles

retornaram ao convés principal para acompanhar os

preparativos da partida. A rampa de embarque estava sendo

removida quando chegaram, e as pessoas no porto acenavam

para os passageiros. Uma parte de Sherlock queria observar a

multidão em busca do rosto redondo de Mycroft, mas outra

parte sabia que ele já fora embora. Seu irmão não era um

homem sentimental e odiava despedidas.

Sherlock levou a mão ao bolso do casaco onde havia guardado o exemplar da *República* de Platão, presente de Mycroft. Um presente inesperado, e ele pretendia ler todo o livro, mesmo em grego.

Os motores do navio, nas profundezas de seu ventre, agora aumentavam a força, e Sherlock não só ouvia o ribombar como sentia a trepidação percorrendo a madeira do convés. De repente constatou, horrorizado, que aquele barulho seria uma companhia constante nos próximos oito dias. Como dormiria? Como conseguiria ouvir o que as outras pessoas diziam? O único consolo era saber que provavelmente se acostumaria, mas no momento não conseguia nem imaginar como seria possível.



As cordas que mantinham o SS *Scotia* preso ao porto

11

estavam sendo desamarradas dos postes e flutuavam nas

0

laterais do casco como fitas, apesar de serem da grossura dos pulsos de Sherlock. As enormes rodas de pás começaram a girar, movimentando a água embaixo delas e, pouco a pouco, impelindo o navio. Um apito soou, e ao ouvir o sinal as pessoas no porto aplaudiram e gritaram, como se ninguém jamais houvesse visto nada parecido. Toucas, chapéus e boinas foram jogados para o alto, e os passageiros reunidos no convés responderam da mesma maneira.

Uma repentina onda de tristeza e culpa inundou o coração de Sherlock. Queria que Matty também estivesse ali. Queria que Matty estivesse *seguro*. A mente continuava criando imagens do que podia estar acontecendo com seu amigo, e era preciso fazer um grande esforço para afastá-las. Ives e Berle não tinham motivos para machucar Matty. Ele era sua apólice de seguro.

A pergunta era: Ives e Berle raciocinavam com a mesma lógica que Sherlock?

Olhando em volta para tentar se distrair, ele viu um homem ali perto. Estava sozinho, segurando o que parecia ser um estojo de violino, mas, em vez de olhar para a multidão no porto, ele olhava na direção oposta, para o mar. Era magro, com cabelos negros mais longos do que o comum para homens e vestia paletó e calça que pareciam ser de veludo cotelê. Sherlock calculou que devia ter uns trinta

anos. O homem levantou uma das mãos para proteger os olhos do sol, e Sherlock notou que seus dedos eram longos e finos. De repente ele olhou para o garoto com o canto do olho e sorriu, tocando a testa em uma saudação casual. Seus olhos eram verdes, e o sorriso largo deixava ver um dente de ouro quase escondido no fundo da boca.

— É o começo de uma aventura — ele disse, e a voz tinha um leve sotaque irlandês.

— Oito dias no mar, sem nada para fazer além de dar voltas por aí e ler — respondeu Sherlock, animado com a



agitação da partida a ponto de falar com um completo

11
estranho. — Não é uma grande aventura.

1
— Ah, mas pense nos quilômetros e quilômetros de água que estarão embaixo de nós enquanto viajamos. Pense nos destroços de outros navios no fundo do mar, nas estranhas criaturas que nadam por lá, entrando e saindo

pelas escotilhas e contornando esqueletos de marinheiros afogados. A aventura está em todos os lugares, se souber onde procurar. — Ele levantou o estojo que carregava. — E se nada mais acontecer, posso aproveitar esse tempo para ensaiar minha música no convés, sob as estrelas, e fazer serenata para as sereias.

— Sereias? — Sherlock indagou com ar cético. — É mais provável que cante para os golfinhos ou qualquer outro tipo de animal marinho.

— Um homem pode sonhar — disse o desconhecido.

Ele acenou com simpatia para Sherlock, tocou o chapéu e se afastou por entre os passageiros. Sherlock seguiu com os olhos os longos cabelos negros, mas depois de um tempo o homem desapareceu entre tantos outros desconhecidos.

— Se quiser andar por aí e explorar, vá em frente —

Amyus Crowe falou atrás dele. — Vamos passar mais de uma semana neste navio e não tenho intenção de ficar de olho em você durante todo esse tempo. Desde que não caia no mar, não tem muito para onde fugir. Vou até a cabine de Ginnie para me apresentar à sua companheira de viagem e ter certeza de que a mulher não é uma maluca, uma bêbada ou as duas coisas. Venha nos encontrar na cabine, e então veremos o que vai acontecer na hora do jantar.

Sherlock se dirigiu à parte da frente do navio — a proa, como os marinheiros a chamam. No caminho, passou pela ponte — a área elevada onde ficava o capitão, imaculado em seu uniforme e seu quepe, ao lado do timoneiro, responsável por manobrar a embarcação e guiá-la com o timão, uma roda bem grande, de tamanho e formato semelhantes aos de uma



roda de carroça, pelo que Sherlock podia notar. Atrás deles

11

havia uma pequena cabine protegida do vento e da chuva,

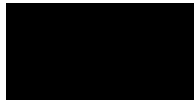
2

mas a maior parte da ponte era aberta. De um lado havia um objeto estranho preso a um poste, uma espécie de relógio com ponteiros muito longos que podiam ser movidos pelo mostrador, mas, em vez de apontar os números que determinariam horas e minutos, eles apontavam palavras — —Frentel, —Todo Vapor!, —Parar! e —Lentol. Sherlock só precisou de alguns segundos para deduzir que aquele devia ser um equipamento de comunicação, um aparato que

permitia ao capitão transmitir suas ordens à sala de máquinas, bem abaixo do convés. Os ponteiros, quando indicando palavras específicas, deviam fazer soar sinais sonoros distintos na sala de máquinas, e os trabalhadores então agiriam de acordo com a ordem recebida.

Mais adiante, pouco antes do beque, havia um compartimento coberto, como um celeiro comprido. Até o cheiro lembrava o de um celeiro. Sherlock espiou lá dentro por uma das aberturas na parede e surpreendeu-se ao ver que havia animais, todos reunidos no pequeno cercado. Eram três andares, com vacas, porcos e carneiros apertados no primeiro, patos e gansos no do meio e galinhas no do alto. Todos protestavam contra a vibração e o vento frio que soprava do mar e varria o navio. Dali deviam sair o leite, os ovos e até a carne, o que faria com que o número de animais diminuísse ao longo da jornada. Sim, no final da viagem o cercado, assim como o depósito de carvão, estaria quase vazio. Sherlock não esperava que houvesse animais vivos a bordo, mas fazia sentido. Não seria possível manter os alimentos frescos durante a travessia, especialmente se tempestades ou problemas mecânicos os atrasassem. Em algum outro lugar do navio frutas e vegetais deviam estar estocados, ou talvez houvesse até uma horta, e em outro compartimento estariam muitos tonéis de água potável e

várias centenas de garrafas de vinho, vinho do porto,



champanhe, conhaque e uísque para os passageiros da

11

primeira classe.

3

Alguma coisa chamou sua atenção pelo canto dos olhos, e ele virou a cabeça depressa. Uma silhueta escura desapareceu na sombra de um bote salva-vidas. Sherlock deu alguns passos à frente, mas a silhueta havia desaparecido. Ele balançou a cabeça. Devia ser apenas um dos passageiros. Mais adiante Sherlock observou por um tempo o litoral se afastando, à direita. O navio contornaria a costa, passando pela Cornuália, e depois seguiria para a costa da Irlanda. De lá faria a travessia por mar aberto, percorrendo os quase cinco mil quilômetros que os separavam do porto onde desembarcariam, em Nova York.

Sherlock estava surpreso com o quanto o navio parecia seguro. O balanço era quase imperceptível. Talvez a situação

mudasse quando estivessem no meio do Atlântico, mas o tamanho e o peso da embarcação pareciam protegê-lo das ondas relativamente pequenas da costa britânica. Sherlock pensou no barquinho em que havia escapado com Matty do forte napoleônico do barão de Maupertuis até a costa perto de Portsmouth. Aquela jornada havia sido terrível, e o garoto não pretendia experimentar nada parecido de novo.

De repente se sentia sozinho. A Inglaterra e o que ela significava — seu lar, sua família, até sua escola — desapareciam lentamente, e tudo o que o esperava era desconhecido, um novo mundo, um novo grupo de pessoas e costumes. E perigo. Não sabia o que queriam os homens que mantinham John Wilkes Booth cativo, mas era evidente que tinham um plano e estavam dispostos a matar para mantê-lo em segredo. E lá estava ele, apenas um menino, envolvendo-se em intrigas que iam muito além dos limites de seu mundo.

E Matty. Como estaria Matty? Sherlock duvidava de que o amigo tivesse o mesmo conforto de que eles desfrutavam a bordo do SS *Scotia*. Matty devia estar amarrado ou pelo menos preso em uma cabine em algum lugar. Talvez quem o levou tivesse concordado em deixá-lo





livre, já que estavam em um navio, de onde ele não poderia

11

escapar, com a condição de que o menino não causasse

4

problemas. Mas Matty era teimoso, e é possível houvesse recusado o acordo.

Isto é, presumindo que ele estivesse vivo. Amyus Crowe e Mycroft haviam deduzido que sim, mas Sherlock tinha plena consciência de que deduções eram apenas projeções em um mar de fantasia, baseadas em poucos fatos conhecidos. Se os fatos estivessem errados ou se a projeção não fosse feita corretamente, o resultado seria muitíssimo diferente. E Matty poderia estar morto. Os americanos talvez tivessem resolvido não se sobrecarregar com um prisioneiro vivo durante a viagem e decidido cortar a garganta do garoto, jogando seu corpo em uma estrada qualquer da Inglaterra. A mensagem podia ter sido só um truque, uma tentativa desesperada de impedir a interferência de Amyus Crowe, mas sem garantias.

Devagar, Sherlock voltou caminhando ao longo da balaustrada que delimitava o convés. Em um dado momento,

teve que pedir informações a um tripulante, um homem magro com um uniforme impecável e cabelos claros bem-cortados sob o quepe. Depois de descobrir aonde tinha que ir, caminhou por entre grupos de passageiros animados, passou pelas duas chaminés e por dois mastros gigantescos, grossos como troncos, e contornou o longo salão da primeira classe, cujas janelas se abriam para o convés. E de lá voltou à proa do barco. A esteira branca deixada pela passagem do navio lembrava a cauda de um cometa. Aves marítimas os seguiam, mergulhando na espuma em busca de peixes desorientados e perturbados.

Na parte traseira do navio uma escada estreita levava ao interior do casco. Homens com roupas rústicas se aglomeravam no alto da escada, fumando e olhando para os passageiros mais elegantes. Sherlock deduziu que aqueles eram os passageiros da classe econômica, que viajavam apertados e em condições nada saudáveis no convés inferior,



dormindo em redes ou em bancos, mas pagavam bem menos

pelas passagens. Pessoas dispostas a começar uma nova vida

5

na América, diferentes dos passageiros da primeira e segunda classes, que embarcavam para tratar de negócios ou para passear.

Ele sentiu uma presença a seu lado. Antes de se virar, Sherlock soube que era Virginia.

— O que achou da cabine? — ele perguntou.

— Melhor do que a da viagem para a Inglaterra — ela respondeu. — Meu pai vai dizer que a comida e as acomodações eram melhores, mas não se deixe enganar. Não estávamos na classe econômica, mas também não era a primeira, e não é porque era um navio americano, e não inglês, que a situação seria automaticamente melhor.

— E sua companheira de cabine?

— É uma viúva idosa que está viajando para encontrar o filho, que se mudou para Nova York há cinco anos. Ela trouxe uma criada, que viaja na área dos serviços, e planeja começar a ler a Bíblia agora e terminá-la até chegarmos em Nova York. Só posso lhe desejar boa sorte.

— Quer dar uma volta no convés? — Sherlock perguntou, nervoso.

— Por que não? É melhor conhecermos o lugar. Afinal,

é aqui que vamos passar os próximos oito dias.

Eles seguiram em frente, caminhando pelo lado do navio que Sherlock ainda não havia percorrido. Quando chegaram ao salão da primeira classe, ele fez um gesto de modo a deter Virginia.

— Só quero dar uma olhada lá dentro — disse.

A porta se abria para o lado de fora e as dobradiças resistiam, um arranjo que devia ser proposital para impedir que o vento empurrasse a porta a todo instante. Sherlock puxou-a com força e olhou para dentro do salão. O lugar estava vazio, exceto pelos dois tripulantes vestidos de branco que dispunham talheres de prata na única grande mesa que dominava o espaço. Havia por volta de cinquenta cadeiras em



torno dela — provavelmente, o número de passageiros que

11

viajavam na primeira classe. Os tripulantes olharam para o

6

menino parado na porta, moveram a cabeça com um

cumprimento rápido e voltaram ao trabalho.

O salão era revestido de madeira escura, com espelhos dispostos em pontos estratégicos para criar a ilusão de profundidade. Onde não havia espelhos, havia murais artísticos intercalados com os painéis de madeira. Nas paredes havia também lamparinas a óleo presas por suportes sólidos.

— Todos nós vamos comer aqui, então? — Sherlock murmurou.

Virginia assentiu.

— Todos juntos — ela respondeu. — Foi assim no barco em que viemos para a Inglaterra.

— Lordes e damas convivendo com industriais e empresários do teatro. Muito democrático. Nenhum lugar para onde o *hoi oligoi* possa fugir, escapar da *hoi polloi*.

— E sem serviço de bordo — Virginia acrescentou. — As pessoas comem aqui ou não comem.

Um dos tripulantes começou a distribuir nas mesas os cartões que determinavam o lugar de cada passageiro.

Sherlock estava curioso para saber onde o suborno de Mycroft os colocara. Agora que haviam zarpado, não havia mais garantias. Mesmo com o suborno, podiam ser acomodados em uma das pontas, longe do capitão e das portas, em cima dos motores, e nada poderiam fazer além de

reclamar. Sherlock compreendia que estavam à mercê do comissário — um homem que já havia demonstrado ser subornável.

O garoto recuou, fechando a porta, e viu algo se mover com sua visão periférica. Ele olhou para o lado, para onde o salão terminava, formando um pequeno corredor entre a parede e a chaminé mais próxima. Alguém se esgueirara para as sombras do corredor. Ele não conseguiu ver quem era, nem ter certeza se era um marinheiro ou um passageiro. A



única coisa que viu foi o sol iluminando algo azul e brilhante

11

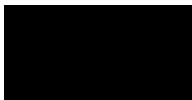
no pulso da pessoa que se escondia. Uma abotoadura azul,

7

talvez? Não podia afirmar.

Correu até o fundo do salão e olhou para o corredor, mas não havia ninguém. Uma escotilha na metade do caminho levava ao fundo do navio. Quem os observava havia sumido, mas Sherlock sabia que a história não terminava ali.

Era a segunda vez que percebia alguém nas sombras, observando seus movimentos. Alguém naquele navio estava interessado neles, e isso só podia significar uma coisa. Os americanos que haviam raptado Matty tinham um informante a bordo.



11

8

Capítulo oito

A ROTINA DE VIAGEM PARA Nova York foi estabelecida nas primeiras dezoito horas, pelo que Sherlock pôde perceber.

Apesar do tamanho do navio, as áreas onde os passageiros podiam circular eram bem restritas. Depois de caminhar pelo convés, fazer a primeira refeição, conhecer a sala dos fumantes e a biblioteca e conversar com outros passageiros sobre o tempo estranhamente calmo, as opções acabavam. Entre as refeições, os viajantes pareciam, em maioria, passar o tempo no convés lendo um livro em uma

cadeira confortável, reunidos em torno das mesinhas na sala dos fumantes ou no bar, jogando cartas. Quando o sol se punha, os tripulantes apareciam para acender as lamparinas, mas as regulavam na menor intensidade possível, e logo todos se recolhiam às cabines para dormir.

Sherlock passou as primeiras horas vendo seu país de origem se afastar até ser apenas uma linha escura no horizonte, mas perdeu o instante em que ele realmente desapareceu. Devia ter piscado ou virado para o lado para olhar outra coisa. Em um momento a Inglaterra estava lá e no próximo o navio estava sozinho em um oceano infinito. Navegavam rumo ao sol poente, e a única coisa indicando que continuavam em movimento era a esteira de espuma branca deixada pela embarcação.

Ele, Amyus Crowe e Virginia haviam se reunido com os outros passageiros para jantar, mas enquanto Amyus conversava tranquilamente com todos à sua volta, Sherlock



descobriu que não tinha o que dizer. Comeu em silêncio e

observou as outras pessoas, tentando adivinhar quem eram,

9

de onde vinham e para onde iam. Amyus Crowe já havia lhe ensinado algumas maneiras de deduzir a ocupação de um indivíduo — as manchas nas mangas da camisa, o desgaste no paletó, os calos nas mãos —, e ele já havia decidido que um dos homens à mesa era contador e outros dois eram domadores de cavalos.

O capitão Charles Henry Evans Judkins era um homem alto, com um impressionante par de costeletas brancas enfeitando seu rosto. Seu uniforme era impecável, preto, passado com perfeição e decorado com debruns dourados, e seu porte era muito ereto e militar. Ele fazia sucesso com as mulheres — todas vestiram suas melhores roupas para a ocasião — e contava estranhas histórias sobre seus anos de serviços prestados para a Cunard Line. As que mais impressionavam a plateia eram as que mencionavam criaturas fabulosas, como baleias e lulas gigantes que algumas vezes eram vistas ao longe, e também os relatos sobre as violentas tempestades que às vezes se formavam no horizonte como muralhas negras e sacudiam a embarcação com ondas tão grandes que, de vez em quando, o convés ficava na vertical, como a parede de um penhasco. Judkins

contava essas histórias com o talento de um artista, envolvendo os ouvintes com suas palavras e criando a impressão de que a viagem por mar era uma aventura cheia de perigos, uma experiência à qual eles só sobreviveriam se tivessem muita sorte. Mas Sherlock sabia que ele estava interpretando um papel, oferecendo uma forma de entretenimento que determinaria o modo como os passageiros veriam o restante da jornada. Afinal, se o capitão dissesse que a travessia era tediosa como um passeio no parque, que histórias teriam para contar aos amigos quando desembarcassem?

Um relato em especial chamou a atenção de Sherlock.

Judkins falava sobre as diversas tentativas de se estender um



cabo sobre o Atlântico, entre a Irlanda e Newfoundland, de

12

forma a permitir a comunicação por telégrafo. Se isso

0

pudesse ser feito, em vez de levar mais de uma semana para

ir de um país ao outro em malotes do correio a bordo de um navio, uma mensagem poderia ser transmitida quase imediatamente por meio de pulsos elétricos. A ideia da comunicação telegráfica fascinava Sherlock já podia ver, depois do que acontecera na casa de Amyus Crowe, que as letras das mensagens teriam que ser substituídas por códigos de fácil transmissão por pulsos de eletricidade — pulsos longos e curtos, talvez, ou um simples arranjo de —ligadol e —desligadol, mas a ideia de estender um cabo por cinco mil quilômetros, de uma costa à outra, pelo fundo do oceano, sem que ele se rompesse com a pressão, o deixava estarecido. Existia alguma coisa que a mente humana não fosse capaz de realizar, quando se predispunha à tarefa? De acordo com Judkins, o método original previa dois navios se afastando a partir de um ponto central no Atlântico, estendendo os cabos em direções opostas até ambos chegarem à costa, mas os problemas surgiram logo no início, quando as tripulações dessas duas embarcações tentaram unir os cabos no meio de uma forte tempestade. Nas tentativas seguintes, navios partiram da Irlanda rumo a Newfoundland, estendendo os cabos à medida que iam navegando, mas os cabos sempre se rompiam e tinham que ser recolhidos e emendados pela tripulação.

— Eu me lembro de uma ocasião — Judkins contou

com sua voz grave e firme — em que um cabo rompido foi sugado pelas profundezas abissais do oceano, *e havia uma criatura segurando a ponta!* — Ele olhou em volta, com os olhos brilhando sob as sobrancelhas grossas, enquanto os passageiros fascinados mal conseguiam respirar. — Uma criatura maldita como uma lacraia do mar, se quiserem acreditar; branca, com pelo menos meio metro de comprimento e quatorze patas com garras que agarraram o cabo e não soltavam. Ela ainda estava viva quando puxaram



o cabo para o convés, mas morreu logo depois, por ter sido

12

removida de seu habitat no fundo do oceano.

1

Uma mulher deixou escapar um grito de pavor.

— Os homens que lá estavam me contaram —

continuou Judkins — que a criatura tinha gosto de lagosta, depois de cozida.

Todos riram aliviados. Sherlock olhou para Amyus

Crowe. Ele também ria.

— Ouvi histórias semelhantes — Crowe murmurou, usando um tom de voz que só Sherlock pôde ouvir. — Essas coisas são chamadas de — isópodes! Parecem camarões, mas as condições no fundo do oceano favorecem um crescimento prodigioso.

O tripulante que servia a mesa no trecho em que Sherlock estava sentado — perto do capitão, como Mycroft havia prometido — era o mesmo homem de cabelos curtos e claros que o ajudara antes. Ele cumprimentou Sherlock com um aceno quando se inclinou para depositar um prato de sopa diante do passageiro sentado do outro lado da mesa.

Não havia lagosta, o que era ótimo.

Depois do jantar, Sherlock deixou Amyus Crowe no bar e foi para a cama. Se Amyus se recolheu à cabine em algum momento, Sherlock não viu, e quando acordou e se vestiu para o café da manhã o amigo já havia saído. Ele parecia viver bem com poucas horas de sono.

Apesar de ser preparada em alto-mar, em uma cozinha apertada e improvisada, a comida era muito boa. Cada refeição tinha alguma novidade, e esperar para ver o que seria servido no café, no almoço ou no jantar era um dos pontos altos do dia. Tudo era feito na hora, certamente; seria difícil conservar pratos prontos por tanto tempo. Mas, apesar

de o número de animais no cercado a bordo ter diminuído durante a viagem, não havia nenhum sinal evidente da matança — nenhum rastro de sangue no convés, nem gritos aflitos das criaturas sacrificadas. Evidentemente a tripulação tinha sua própria rotina, que repetia havia anos.



O céu no primeiro dia estava claro e azul, e as ondas

12

eram pequenas o suficiente, comparadas ao tamanho do

2

navio, para bater no casco sem fazê-lo balançar. Sherlock lera

histórias sobre tempestades no mar e ouvira conversas entre

passageiros que apavoravam os outros com relatos de

terríveis viagens anteriores, nas quais ondas gigantescas se

erguiam sobre o navio e quebravam, levando consigo os

animais transportados a bordo. Porém, até aquele momento,

o mar estava tão calmo que havia algumas pessoas jogando

uma espécie de bocha em uma área mais vazia do convés.

Os passageiros da classe econômica tinham uma área

delimitada do convés para caminhar e lavar suas roupas.

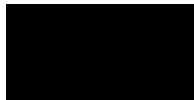
Ficava depois da escada que descia até o fundo da embarcação, onde eles penduravam as redes para dormir. O cheiro que vinha de lá era uma mistura repugnante de odores corporais. Lá embaixo não havia brisa, e ninguém podia ver o céu e o horizonte, por isso o enjoo era constante no grupo.

Quando subiam ao convés, esses viajantes menos favorecidos olhavam de esguelha para os passageiros da primeira classe, com más intenções, ou observavam o deque com evidente desânimo. Toda vez que Sherlock passava por eles, agradecia a Deus por Mycroft ter comprado passagens na primeira classe. Não sabia se teria sobrevivido à econômica. Não entendia como alguém conseguia suportar aquilo.

As gigantescas rodas de cada lado do navio giravam constantemente, movidas pelos motores a vapor cuja vibração podia ser sentida sempre que se tocava em alguma superfície de madeira. As pás que as compunham empurravam a água, impelindo o navio para a frente. O capitão ordenara que as velas fossem içadas pouco depois de Southampton ter desaparecido no horizonte, mas, pelo modo como elas pendiam, frouxas, Sherlock concluíra que não havia vento suficiente para inflá-las e acelerar a embarcação.

Era surpreendente, mas por grande parte do primeiro dia, após o café, Sherlock não vira Amyus e Virginia. Ela

parecia desanimada e se recolhera à cabine, e o pai dividia



seu tempo se certificando que ela estava bem e remoendo

12

seus pensamentos na cabine que dividia com Sherlock

3

Alguma coisa incomodava Virginia. Sherlock tentava se lembrar se ela havia mencionado algo sobre a viagem da América para a Inglaterra, mas a garota só relatara que não viajara na primeira classe, embora também não houvesse ficado na classe econômica. Tinha a sensação de que ela comentara alguma coisa importante quando se conheceram, mas não conseguia lembrar o quê.

Sherlock ouviu música vinda de algum lugar. Deu as costas para as ondas, tentando identificar de onde saía o som. A melodia flutuava no ar, leve como as gaivotas que pairavam atrás do navio, quase sem mover as asas. Era de um violino, notas que iam subindo até quase pararem no tom mais agudo, para então despencar.

Sherlock afastou-se da balaustrada e caminhou para a popa, procurando a origem da música. Havia pouca diversão a bordo; qualquer coisa que rompesse a monotonia merecia ser investigada e aproveitada.

Após o salão, em uma área livre do convés, um homem tocava violino. Era o mesmo que ele vira no dia anterior, quando deixavam Southampton — o de longos cabelos negros e olhos verdes. Ele ainda vestia o mesmo conjunto de paletó e calça de veludo, embora parecesse ter trocado a camisa. O violino repousava entre um ombro e o pescoço, a cabeça inclinada e o queixo mantendo o instrumento estável, enquanto a mão esquerda manjava as cordas e a direita movimentava o arco. Os olhos dele estavam fechados, e seu rosto indicava intensa concentração. Sherlock nunca ouvira uma melodia como aquela: era selvagem, romântica e turbulenta, nada ordenado e matemático, como as peças de Bach e Mozart que costumava ouvir nos ocasionais recitais na Escola Deepdene para Meninos.

Vários passageiros estavam reunidos em torno do homem, ouvindo a música com um sorriso misterioso no rosto. Sherlock observava e ouvia — o músico se aproximou do





clímax, segurou uma nota e então parou. Por um momento

12

manteve o violino no ombro, os olhos ainda fechados e um

4

sorriso no rosto. Depois de um instante baixou os braços e abriu os olhos. Todos aplaudiram e ele fez uma mesura. O estojo do instrumento estava diante dele no convés, Sherlock percebeu, e alguns passageiros depositavam moedas dentro dele ao se afastarem.

Depois de um momento restavam apenas o violinista e Sherlock. O homem se abaixou para pegar o dinheiro, depois olhou para o garoto.

— Gostou da música, amigo?

— Sim, gostei. Se tivesse algum dinheiro, contribuiria.

— Não precisa. — Ele ergueu o corpo após deixar o arco e o violino no estojo. — O dinheiro complementa meus rendimentos, reduz as despesas e é um extra que me permite uma ou outra bebida no bar, mas não estou tentando sobreviver com minha música. Não aqui no navio, pelo menos. Porém, tenho que praticar, e meu companheiro de cabine não parece apreciar nada além de polcas alemãs.

— O que acabou de tocar? — Sherlock perguntou.

— Um concerto recente para violino em sol menor, criado por um compositor alemão chamado Max Bruch. Eu o conheci em Koblenz no ano passado, e ele me deu uma cópia da partitura. Estou tentando tocá-lo desde então. Creio que um dia ele fará parte do repertório de todo violinista clássico.

— É incrível.

— Ele usou algumas ideias do trabalho de Felix Mendelssohn, mas acrescentou o próprio estilo.

— Você é músico profissional?

O homem sorriu; um sorriso fácil, espontâneo, que revelava dentes brancos e fortes.

— Às vezes sou — respondeu. — Posso atuar em vários campos, mas acabo sempre voltando ao violino. Toquei com orquestras em salas de concerto e com quartetos de cordas em salões de chá da alta-sociedade, improvisei pelas ruas e acompanhei cantores em bares enquanto canecas de cerveja



eram arremessadas no palco. A propósito, meu nome é Stone.

Rufus Stone.

5

— Eu sou Sherlock Holmes. — Ele se aproximou e estendeu a mão. Rufus Stone apertou-a por um momento com um cumprimento firme. A mão dele era forte e inspirava confiança. — Por isso está viajando para a América? —

Sherlock perguntou. — Para tocar violino?

— Há cada vez menos oportunidades na Inglaterra — respondeu Stone. — Tenho esperanças de que o Novo Mundo tenha alguma utilidade para mim, especialmente depois de terem perdido tantos homens na Guerra entre os Estados. — Ele deu uma olhada em Sherlock — Você tem a estrutura de um bom violinista. Postura ereta e dedos longos. Sabe tocar? Sherlock balançou a cabeça.

— Não toco nenhum instrumento.

— Devia tentar. As garotas adoram um músico. — Ele inclinou a cabeça para o lado, quase como se o violino ainda estivesse ali. — Sabe ler partituras?

— Sim, aprendi na escola. Havia um coral, e cantávamos todas as manhãs.

— Gostaria de aprender a tocar violino?

— Eu? Tocar violino? Está falando sério?

Stone assentiu.

— Temos uma semana no mar, e esse tempo vai passar muito devagar se não nos divertirmos. Quando eu chegar a Nova York, vou procurar emprego como professor de violino. Seria ótimo se eu pudesse realmente dizer que já ensinei alguém a tocar. No momento, tenho boas ideias sobre como lecionar, mas nunca as coloquei em prática. Então... o que diz? Quer me ajudar?

Sherlock pensou por um instante. Não jogava uíste nem bridge, e sua única ocupação era a laboriosa tradução da *República* de Platão, o livro que Mycroft havia lhe dado. A proposta pareceu bem mais interessante.

— Não posso pagar — avisou. — Não tenho dinheiro.



— Não haverá nenhuma cobrança financeira. Você vai

12

me prestar um favor.

6

— O que pode me ensinar em uma semana?

Stone pensou um pouco.

— Podemos começar pela postura — sugeriu. — Como

ficar de pé e como segurar o violino. Quando eu estiver

satisfeito, passaremos às várias técnicas da mão

direita: *détaché*,

legato,

collé,

martelé,

staccato,

spiccato e *sautillé*. Quando isso estiver bom, passaremos às

técnicas da mão esquerda: baixar e levantar de dedo, deslizar

e *vibrato*. Depois disso, receio que restem apenas prática,

prática e mais prática; escalas e *arpeggios* até sentir a ponta

dos dedos doer.

— Eu disse que sei ler partitura, mas não consigo

produzir notas — Sherlock admitiu. — Nosso mestre de coral

disse que não tenho um bom ouvido.

— Isso não existe — Stone respondeu sem hesitar. —

Talvez não saiba cantar, mas garanto que vai conseguir tocar

pelo menos uma canção até o final da semana, e garanto que

as pessoas vão lhe dar moedas pela sua execução, mesmo

que seja só uma polca alemã. O que me diz?

Sherlock sorriu. De repente, a viagem pareceu bem

mais interessante do que ele havia esperado.

— Acho ótimo — disse. — Quando começamos?

— Agora — Stone anunciou decidido. — Vamos praticar até a hora do almoço. Pegue o violino. Quero ver sua postura. Durante as três horas seguintes Sherlock aprendeu a manter a postura e a segurar um violino e um arco. Ele até tocou algumas notas, que soaram como um gato sendo estrangulado, mas Rufus (ele pediu para ser chamado assim quando Sherlock usou —Sr. Stonel, alegando que o sobrenome o fazia parecer um banqueiro) disse que não tinha importância. O propósito da primeira aula, ele explicou, não era aprender a tocar o violino, e sim a *senti-lo*.

— Quero que fique relaxado, mas atento. Quero que seus braços, mãos e dedos conheçam todas as formas que



um violino pode ter. Quero que você sinta o violino como uma

12

extensão de seu corpo quando terminarmos.

7

No final, Sherlock sentia dores em músculos cuja existência até então desconhecia; o pescoço sofria com

cãibras e os dedos formigavam depois de tanto tempo

apertando as cordas.

— Não sai do lugar! — ele protestou. — Por que me

sinto como se tivesse participado de uma corrida?

— Fazer exercício não significa se mover — disse

Rufus. — Significa contrair e relaxar os músculos. É raro ver

músicos gordos, porque, embora estejam sentados ou em pé

sem sair do lugar, eles estão sempre exercitando os

músculos. Exceto os percussionistas. Esses engordam.

— O que vamos fazer agora?

Rufus sorriu.

— Agora vamos almoçar.

Enquanto Rufus guardava o violino no estojo e levava o

instrumento para a cabine, Sherlock foi procurar Amyus

Crowe. O americano grandalhão saíra de onde quer que

estivesse escondido, mas não havia nenhum sinal de Virginia.

Quando eles se sentaram à mesa comunitária, Sherlock

apresentou Crowe a Rufus Stone.

— É um prazer conhecê-lo, senhor — disse Crowe,

apertando a mão de Rufus. — É músico, pelo que vejo.

Violinista.

— O senhor me ouviu tocar? — Rufus perguntou,

sorridente.

— Não, mas notei que há uma poeira fina em seus

ombros. De acordo com minha experiência, isso sugere três possibilidades: o homem em questão é professor, é jogador de bilhar ou toca violino. Não há mesas de bilhar a bordo, que eu saiba, e não vi crianças suficientes para justificar a criação de uma sala de aula.

Sherlock examinou os ombros da própria roupa. De fato, havia uma fina camada de pó. Ele esfregou um pouco



entre o polegar e o indicador. Era uma poeira amarelada e

12

pegajosa.

8

— Isto não é giz — ele disse. — O que é?

— Breu de colofônia — respondeu Rufus.

— É uma resina — explicou Crowe. — Os músicos a chamam simplesmente de breu. É extraída do pinheiro, e depois de fervida e filtrada é moldada em barras, como sabão. Os violinistas cobrem o arco com essa substância. A adesão que a resina provoca entre as cordas e o arco é o que as faz

vibrar. É claro que a resina seca e produz um pó, que se deposita no ombro do músico, já que essa é a área do corpo mais próxima do instrumento. — Ele olhou para o paletó de Sherlock e franziu o cenho. — Você também esteve tocando violino. Não, esteve *aprendendo* a tocar violino.

— Rufus, quer dizer, o Sr. Stone esteve me ensinando.

— Espero que não se incomode, Sr. Crowe — Rufus falou. — Só ofereci de modo a nos ajudar a ocupar o tempo.

— Nunca dei muita importância à música — Crowe resmungou. — A única canção que conheço é o hino nacional, e só porque as pessoas ficam em pé quando toca. — Ele lançou a Sherlock um olhar de esguelha. — Pretendia dar prosseguimento a nossos estudos enquanto estamos a bordo, mas Virginia não está reagindo muito bem à viagem. — Ele balançou a cabeça. — Não sei se mencionei, mas minha esposa, mãe dela, faleceu na última travessia marítima que fizemos, quando viemos de Nova York para Liverpool. As recordações estão ocupando a mente de Virginia, e confesso que eu também não me sinto muito animado. — Ele suspirou. — A memória é uma coisa engraçada. A pessoa consegue deixar de lado as lembranças sobre algo até quase esquecê-las, mas um pequeno detalhe pode trazer tudo de volta. Normalmente, é algum cheiro ou som que desperta a memória. Ginnie não falava da mãe havia algum tempo, mas

o cheiro do mar e do navio trouxe todas as recordações de

volta com força total.

— Sinto muito — disse Sherlock.



Pareceu inadequado, mas ele não conseguiu pensar em

12

mais nada.

9

— Coisas ruins acontecem — Crowe respondeu. — É

uma das verdades universais da condição humana. — E

suspirou. — Vou confiar que você passará algum tempo

cuidando daquela tradução que seu irmão sugeriu —

acrescentou. — E vou tentar passar uma ou duas horas por

dia com você, discutindo o que seus olhos e ouvidos

registrem aqui no navio, mas as oportunidades para uma

reflexão adequada serão escassas. O restante do tempo será

seu. Use-o como quiser.

O almoço transcorreu em um silêncio desconfortável.

Assim que a refeição terminou, Sherlock pediu licença e saiu.

Tinha a sensação de que havia decepcionado Amyus Crowe de alguma forma, e não queria piorar isso voltando imediatamente às lições de violino. A julgar pelo rápido aceno de cabeça com que Rufus se despediu, o violinista entendera. Sherlock passou uma hora sentado no convés, lendo o difícil texto em grego da *República* de Platão. O processo de tradução para o inglês era tão trabalhoso que ele mal conseguia entender o que lia — compreendia o significado de cada palavra, mas, no final da frase, tinha perdido de vista onde ela começara e o que queria dizer.

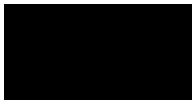
Em um dado momento levantou os olhos do livro, lutando com um verbo transitivo especialmente difícil, e viu um comissário, de uniforme branco, parado a seu lado segurando uma bandeja. Era o mesmo homem que o ajudara antes e o mesmo que servira o jantar na noite anterior.

— Precisa de alguma coisa, senhor? — perguntou.

— Um dicionário de grego?

O rosto marcado e bronzeado do comissário não se alterou.

— Lamento não poder ajudá-lo, senhor. Há uma biblioteca a bordo, mas não creio que tenhamos um dicionário de grego, especialmente um dicionário de grego *antigo*, que é o que deve estar procurando.



— Sabe *todos* os livros que estão na biblioteca? —

13

perguntou Sherlock.

0

— Trabalho neste navio desde a primeira viagem —

respondeu o tripulante. — Conheço todos os livros da biblioteca, todos os coquetéis do cardápio, todas as tábuas do convés e todos os rebites do casco. — Ele assentiu. — Meu nome é Grivens, senhor. Se precisar de alguma coisa, é só pedir.

Sherlock olhou para a mão que segurava a bandeja.

Era tatuada do pulso para cima, e o desenho desaparecia sob a manga do uniforme. O garoto teve a impressão de que a tatuagem seguia um padrão de pequenas escamas, coloridas com um delicado tom de azul e dourado que brilhava ao sol.

A mesma cor que ele havia visto no pulso da sombra que o estivera observando no dia anterior. Coincidência?

Grivens percebeu que Sherlock olhava para seu pulso.

— Algum problema, senhor?

— Desculpe. — O menino pensou rápido. Era evidente que havia notado algo de estranho, mas precisava disfarçar sua reação inadequada. — Estava apenas observando sua... tatuagem. Meu... irmão tem uma parecida. — Mentalmente, ele pediu desculpas a Mycroft, que era a última pessoa no mundo em quem Sherlock esperava ver uma tatuagem.

Exceto, talvez, tia Anna.

— Fiz em Hong Kong — Grivens contou. — Antes de embarcar no *Scotia*, quer dizer.

— É muito bonita.

— O tatuador era um chinesinho enrugado que vivia em um beco atrás da praça do mercado em Kowloon — continuou o comissário. — Mas ele é famoso entre os marinheiros do mundo todo. Ninguém faz trabalhos como os dele, ninguém mesmo, em lugar nenhum. Ele usa cores que ninguém mais consegue produzir. Sempre que vejo uma das tatuagens que ele fez em outro marinheiro ou se um marinheiro vê a minha, trocamos um cumprimento, porque





sabemos que estivemos no mesmo chinêsinho. É como fazer

13

parte de um clube, sabe?

1

— Por que tantos marinheiros têm tatuagens? —

Sherlock indagou. — Pelo que percebi, todos os tripulantes deste navio têm algum tipo de tatuagem, e são todas diferentes.

Grivens desviou o olhar para o mar.

— Esse não é um assunto que costumamos discutir, senhor — ele disse. — Especialmente com os passageiros. A questão é que, e me perdoe se sou indelicado, se houver um naufrágio, pode levar algum tempo até os corpos serem levados à praia, isso presumindo que tal coisa aconteça. Já houve casos em que a identificação foi impossível, até mesmo para os parentes mais próximos. A ação da água salgada, o clima e os peixes... Bem, creio que já entendeu o que quero dizer. Uma tatuagem dura muito mais e pode ser reconhecida muito tempo depois de um rosto ter sido desfigurado. Então, foi assim que começou, como um meio de identificação. É reconfortante saber que depois da morte nossas famílias

terão alguma chance de nos dar um enterro digno.

— Ah... Faz sentido, eu acho. Obrigado.

Grivens assentiu.

— Disponha, senhor. Vai continuar aqui por mais algum tempo?

— E aonde mais eu iria?

— Voltarei mais tarde, então. Talvez precise de alguma coisa.

Ele se afastou, abordando outros passageiros para servi-los, mas Sherlock ficou pensativo. Se aquele era o homem que o estivera observando das sombras — se é que estava mesmo sendo observado, já que a suposição se baseava apenas em uma sensação de movimento —, por que ele queria saber se Sherlock permaneceria no convés? Será que queria revistar sua cabine, para procurar pistas sobre o que Sherlock sabia? Ou planejava ir atrás de Amyus Crowe e Virginia? De qualquer maneira, Sherlock decidiu que não



podia mais continuar ali. Levantou-se rapidamente e

atravessou o convés, rumo à escada que descia ao corredor

2

das cabines.

A porta de sua cabine estava entreaberta. Quem estava

lá dentro? O comissário ou Amyus Crowe?

Sherlock aproximou-se, tentando espiar pela fresta. Se

fosse Grivens lá dentro, procuraria Amyus Crowe e contaria a

ele o que estava acontecendo.

Alguém empurrou suas costas com força. Ele foi jogado

para a frente, para dentro da cabine. Outro empurrão e

Sherlock estava no chão — evitara se chocar com o beliche no

último instante, virando a cabeça e encolhendo-se antes do

impacto. O carpete fez seu rosto arder, e Sherlock virou-se no

chão, erguendo os olhos.

Grivens fechou a porta da cabine. Seus olhos azuis

agora eram frios e duros como pedras.

— Acha que é muito esperto, não é? — ele disparou.

Sherlock se assustou com a repentina mudança de

atitude, de servidão à raiva.

— Já quebrei homens adultos ao meio. Acha que não

percebi que ia me seguir até aqui para ver se eu estava

revistando sua cabine? Notei quando estava olhando minha

tatuagem, e li em seus olhos o momento em que a

reconheceu, o instante em que soube que era eu quem observava vocês três ontem. Por isso o fiz pensar que pretendia revistar sua cabine e o atraí até aqui.

— Para quê? — Sherlock perguntou.

Era difícil respirar ali deitado e encolhido como estava.

— Para tirá-lo deste navio. Primeiro você, depois os outros dois.

— Tirar do navio? — Sua mente demorou dois ou três segundos para entender o que aquilo significava. — Quer dizer... *nos jogar* do navio? No *Atlântico*? Vão sentir nossa falta.



— O capitão pode até voltar para procurá-los, mas não

13

vai adiantar. Não vão sobreviver por mais de meia hora nessa

3

água.

A mente de Sherlock funcionava em alta velocidade, tentando entender como tudo aquilo acontecera.

— Você não faz parte disso. *Não pode* fazer. Os homens

que estamos seguindo não sabiam em que navio

embarcamos. Eles não sabiam nem que íamos embarcar!

— Fui pago para vigiar três passageiros, um homem

grande de chapéu branco e dois adolescentes. Talvez com

outro homem, um gordo, ou talvez não. Um terço do dinheiro

agora e dois terços depois, se lerem nos jornais a notícia de

que três ou quatro passageiros desapareceram no mar.

— Mas como eles sabiam que embarcaríamos neste

navio? — perguntou Sherlock, mas logo compreendeu. —

Eles pagaram alguém em *todos* os navios?

Grivens assentiu.

— Todos os navios saindo nos próximos dias, eu acho.

E nos encontraram no mesmo lugar: um bar onde os

comissários dos navios se reúnem entre uma viagem e outra.

— Mas quanto isso custou?

— Não é problema meu, desde que tenham o dinheiro

necessário para me pagar quando eu chegar em Nova York

Eles não pareciam ter problemas financeiros. — O homem

agarrou Sherlock pelo cabelo. — E me prometeram uma

quantia extra se eu conseguisse fazer você falar tudo o que

sabe sobre os planos deles. Podemos resolver isso da maneira

mais fácil, sem dor, e ainda prometo deixar você inconsciente

antes de jogá-lo no mar. Ou podemos ir pelo caminho mais

difícil, e nesse caso serei forçado a amputar seus dedos com um cortador de charuto, um por um, até você me falar tudo, e depois jogarei você do navio ainda consciente.

— Eu vou gritar! — Sherlock respondeu. — As pessoas vão ouvir.

— Eu não comentei? — perguntou Grivens. — Antes de me tornar comissário eu fazia as velas do navio. Os dedos



nunca esquecem a sensação da agulha de ferro perfurando a

13

lona. Vou costurar sua boca com barbante, menino, só para

4

ter o prazer de ver o pavor em seus olhos quando jogá-lo ao mar. — Ele fez uma pausa. — Agora, responda: o quanto sabe sobre os planos dos ianques?

Ele se inclinou para agarrar os cabelos de Sherlock. O azul cintilante da tatuagem em seu pulso parecia brilhar na cabine escura.

Sherlock ergueu uma das pernas e acertou a bota na

virilha de Grivens. O comissário dobrou-se, grunhindo de dor.

O garoto levantou depressa e segurando os ombros de Grivens empurrou-o para a frente. O homem caiu, e Sherlock passou por ele a caminho da porta.

A mão do comissário segurou seu tornozelo e puxou com força, trazendo-o de volta. Sherlock girou o corpo e com o outro pé deu um chute na testa do homem, atingindo-o bem na sobrancelha. Grivens soltou o garoto e caiu para trás, praguejando.

Sherlock sabia que tinha que fugir e encontrar Amyus Crowe. Correu para a porta e abriu-a, deixando a luz das lamparinas no corredor invadir a cabine. Ele quase caiu ao sair, fechou a porta e correu. Às suas costas, ouviu o estrondo da porta se chocando contra a parede e o bater dos pés do comissário ao segui-lo. O corredor terminava em uma bifurcação. Sherlock foi para o lado esquerdo, em busca da escada que o levaria ao convés e à segurança, mas deve ter se enganado em algum trecho do caminho, porque não havia nem sinal de escada por ali. Em vez disso, os corredores o levavam cada vez mais para o fundo do navio.

Forçado a decidir entre uma escada que descia ainda mais ou o caminho de volta, ele escolheu a escada. Aquela área não era mais para os passageiros; ali as paredes eram de madeira simples e as lamparinas eram amareladas e fracas.

Só havia a madeira sob seus pés; nada de carpetes macios.

Sherlock ouviu passos. Grivens ainda o perseguia. Ele seguiu em frente.



Agora o som dos motores era mais alto, como o pulsar

13

de um grande coração mecânico, e a atmosfera estava bem

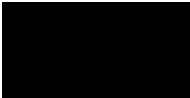
5

mais quente. Sherlock suava, também por estar correndo, mas em maior parte por causa do vapor que pairava no ar. Subitamente, ele fez uma curva e viu uma porta larga e alta adiante. Estava fechada. Olhou depressa por cima do ombro, mas sabia que não podia voltar. Tinha que seguir em frente.

Sherlock abriu a porta e entrou.

No Inferno.





13

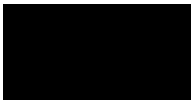
6

Capítulo nove

O CALOR O ATINGIU COMO uma bofetada e quase o derrubou. Era como entrar em um forno aceso. Ele sentiu os cabelos perto da nuca ficando úmidos e o suor escorrendo no

rosto e no pescoço. O ar era tão denso e quente que era difícil respirar.

A porta se abria para uma varanda de ferro fundido e, lá embaixo, havia um inferno cavernoso cheio de máquinas e peças: pistões, rodas, eixos, tudo se movendo em direções e velocidades variadas: de um lado para o outro, para cima e para baixo, girando e girando. Era a sala das máquinas do *Scotia*, o motor que fazia girar as grandes rodas dos dois lados do navio. Em algum lugar perto dali, Sherlock sabia, havia uma caldeira, e nela marinheiros que jogavam o carvão em uma imensa fornalha, onde ele queimaria e produziria calor, que por sua vez transformaria a água de uma caldeira acima dessa em vapor e o empurraria por uma rede de canos até ali, onde pistões, rodas e engrenagens convertiam a pressão do vapor no movimento giratório que ativava gigantescos eixos ligados às rodas. Se ali já era quente como o inferno, a sala da caldeira deveria ser pior do que trabalhar dentro de um vulcão. Como os homens suportavam aquilo? O barulho era ensurdecedor: uma combinação de estampidos, assobios e estrondos que faziam a cabeça doer. Sherlock sentia a vibração no batente onde apoiava a mão e até no próprio ar. Era como receber vários socos no peito. Era praticamente impossível sustentar qualquer tipo de conversa naquelas condições. Os homens que trabalhavam ali deviam



se comunicar por linguagem de sinais, e surdez devia ser um

13

risco ocupacional.

7

A iluminação vinha de lamparinas sujas que pendiam das paredes em vários locais e também de grades no teto que permitiam a passagem de finos feixes de luz do mundo lá fora, mas a claridade se difundia rapidamente na atmosfera enfumaçada, úmida e poeirenta, e havia grandes áreas escuras em todos os lugares. As grades também deixavam entrar o ar, que chegava como uma brisa fresca e agradável a quem estava sob elas. Pó de carvão e vapor d'água pairavam na atmosfera; espíritos irrequietos que não sabiam para onde ir.

Sherlock olhou em volta rapidamente, tentando decidir aonde *ele* poderia ir. A sala das máquinas parecia ocupar vários andares do navio. Passarelas atravessavam o espaço em alturas variadas. Escadas de ferro davam acesso às

passarelas. Vigas de ferro cruzavam o espaço conferindo-lhe alguma estabilidade e servindo de pontos de apoio para os canos e as rodas. Tudo parecia ter sido projetado de forma que qualquer cano, pistão, roda ou eixo pudesse ser alcançado por um homem com uma chave-inglesa, caso surgisse um problema.

Alguns canos menores terminavam em válvulas de pressão — instrumentos do tamanho dos punhos de Sherlock, com mostradores indicando a pressão do vapor canalizado. Os engenheiros podiam analisar os mostradores e calcular se o motor do navio precisava de mais carvão ou se era necessário reduzir a pressão. Outros canos tinham grandes rodas de metal que provavelmente serviam para abrir ou fechar válvulas, permitindo que o vapor passasse por canos distintos com diferentes pressões.

Sherlock olhou para cima e viu dois grandes recipientes de pressão no teto, onde parte do encanamento terminava. Os recipientes pareciam se abrir para o nível do convés. Ele só precisou de um momento para deduzir que





aquilo levava às duas chaminés do *Scotia*, por onde saía o

13

vapor que já havia cumprido seu papel.

8

Tudo era feito de um metal preto e espesso, sempre quente, e as coisas eram presas por braçadeiras da largura de um polegar. As máquinas pareciam tremular, cercadas pelas ondas de calor do carvão incandescente: o ar quente dançava, dificultando o cálculo das distâncias.

O cheiro da sala das máquinas fazia o nariz de Sherlock coçar desconfortavelmente. Era um odor sulfúrico, como o de ovos podres, mas havia também algo de óleo e carvão e mais alguma coisa que lembrava o gosto de sangue, provavelmente por causa do ferro aquecido.

Uma silhueta saiu das sombras. Sherlock encolheu-se, esperando ver Grivens, mas era outro membro da tripulação, um engenheiro. Seu peito estava nu e ele exibia músculos impressionantes. Onde a pele não estava enegrecida pelo pó de carvão havia rios de suor, formando um padrão de listras claras e escuras igual ao das gravuras de zebras que Sherlock havia visto em livros sobre a África na biblioteca do pai. O

tecido macio da calça estava ensofado de suor, e ele carregava uma pá apoiada ao ombro. Toda a sua postura — o jeito como caminhava, sua expressão, tudo — sugeria um cansaço extremo. Sherlock o viu passar pelo motor ruidoso e desaparecer por outra porta sem olhar para cima, provavelmente a caminho de uma rede no fundo escuro do navio.

Sabendo que Grivens estava atrás dele, provavelmente bem perto, Sherlock correu pela varanda até que encontrou um ponto em que havia escadas subindo e descendo. Para onde ir? Subir o levaria para mais perto do convés, mas talvez não houvesse uma saída. Tinha certeza de nunca ter visto nenhum dos engenheiros ou fogueiros lá em cima. Deviam ser proibidos de subir, condenados a passar toda a viagem na escuridão. Iria para baixo, então, e precisava torcer para encontrar outras saídas da sala das máquinas.



O garoto desceu os degraus de ferro o mais depressa

possível, sentindo os dedos queimarem em contato com o

9

metal quente. A vibração das máquinas subia pelos braços a ponto de fazer seus dentes rangerem. O calor e a dificuldade para respirar no ambiente úmido e denso o enfraqueciam; suas mãos suadas escorregaram das laterais da escada duas vezes, e ele quase caiu. Por fim, Sherlock conseguiu chegar ao térreo e apoiou a testa na escada por um segundo, aliviado e grato, antes de continuar em frente.

Lá em cima, na varanda, a porta se abriu com estrondo. Sherlock a ouviu bater na parede. Houve um momento de silêncio, depois passos pesados ecoaram na passarela de metal.

Sherlock se esgueirou por um corredor entre duas grandes partes do motor, trechos irregulares de ferro preto decorados com canos variados. Seu ombro tocou em um deles, e ele deu um pulo. O ferro estava pelando.

O corredor terminava em uma superfície de metal curva e coberta de rebites; devia ser parte de algum tipo de recipiente de pressão. Era o fim. Não havia saída.

As sombras o escondiam. Sherlock tentou ficar quieto, encolhido, imóvel.

Passos na escada, depois silêncio quando o homem chegou ao térreo.

— Garoto — gritou a voz de Grivens —, vamos conversar. Começamos com o pé esquerdo, é verdade. Eu exagarei. Apareça, seja um bom menino, e vamos conversar como velhos amigos. Vamos rir disso tudo um dia, prometo que vamos.

Sherlock não confiava nas palavras do homem nem em seu tom de voz. Se soubesse do esconderijo, sabia que seria morto.

— Tudo bem — Grivens falou novamente. — Tudo bem, então. — Era difícil ouvi-lo com todo o barulho das máquinas e o estalar dos canos. — Está com medo. Eu entendo. Acha que vou lhe fazer algum mal. Muito bem, vamos falar sobre



dinheiro, então. Fui pago para eliminar você, e isso eu já

14

contei, mas sou um homem prático. Um empresário, se

0

quiser. Tenho certeza de que o banqueiro grandalhão pode cobrir a oferta dos homens que me contrataram. Vamos juntos

procurá-lo e resolver essa situação como pessoas esclarecidas. Ele pode me dar um cheque, e eu esqueço que tinha que acabar com vocês três. O que acha?

Sherlock achava que era um truque, mas não seria tolo a ponto de dizer isso. Preferiu continuar em silêncio.

Em algum lugar perto dali uma válvula se abriu e o vapor escapou com um apito ensurdecedor.

— Garoto? Você ainda está aí? — A voz soava mais próxima dessa vez, como se Grivens tivesse se movido. Ele procurava Sherlock, em vez de apenas esperar que suas palavras o convencessem a sair do esconderijo. — Sei que começamos com o pé esquerdo, mas quero consertar a situação. Saia daí e venha conversar.

Sherlock sentiu que estava encostado em um cano ou uma parte do motor que continha vapor. O calor se espalhava por suas roupas, queimando as costas. Tentou se afastar um pouco, mas para isso teria que expor parte do corpo em uma nesga de luz. Sherlock se moveu devagar, mas o calor foi demais e ele teve que se afastar depressa, antes que sofresse queimaduras graves. Seu pé bateu em uma parte do cano e o barulho ecoou pela sala como um sino.

— Então, você *está* aqui — Grivens deduziu, e sua voz soava muito próxima. — Bem, já é um começo.

Uma sombra surgiu na entrada do corredor onde

Sherlock se escondia. À luz acinzentada que penetrava pelas grades no alto ele conseguiu ver a silhueta da cabeça e dos ombros de Grivens e notou que ele segurava alguma coisa, uma ferramenta que mantinha acima da cabeça, pronto para atacar. Parecia uma chave-inglesa; uma chave-inglesa muito grande e pesada.

Sherlock pensou que ali, no fundo do navio, Grivens nem teria que se preocupar em arrastar seu corpo pelo



convés e jogá-lo ao mar. Simplesmente o jogaria no fogo e o

14

deixaria queimar. Tudo que ele precisava fazer era subornar

1

os foguistas com algumas moedas para que ficassem quietos,

e Sherlock seria reduzido a cinzas.

— Saia, saia, de onde quer que esteja — cantava

Grivens.

Seu corpo agora bloqueava toda a luz que entrava no

corredor. Era como se ele sentisse a presença, a localização

de Sherlock. Em vez de seguir adiante, ele entrou no

corredor.

Sherlock se abaixou, tentando continuar nas sombras.

Mais alguns segundos e Grivens o veria, e então estaria tudo acabado.

Sua mão tocou no chão quente, e ele levou alguns segundos para perceber que ela havia deslizado para além do ponto onde o cano ao qual ele estivera encostado deveria se fundir com o chão. Ele moveu os dedos, explorando. Era como se o cano não descesse até o chão, mas descrevesse uma curva apoiado em uma estrutura presa ao chão por rebites. Embaixo dela havia espaço suficiente para Sherlock passar. Sua esperança era encontrar uma saída do outro lado. Caso contrário, estaria tão encurralado quanto agora, mas em uma posição ainda mais desconfortável.

Sherlock ficou de gatinhas, depois se deitou de bruços.

O chão quase queimava sua pele. A camisa estava molhada de suor e grudou no piso quando ele tentou se arrastar para passar sob a estrutura da máquina. Então ele levantou a mão e agarrou uma das barras de ferro, pensando em puxar o corpo, mas o metal queimou seus dedos e ele gritou de dor.

— Ahá! — Grivens correu para o fundo do corredor,

batendo com a chave-inglesa nos canos e fazendo um barulho horrível. — Onde você está, seu porcaria?

Sherlock preparou-se e estendeu a mão para a estrutura mais uma vez. O metal queimava a pele, mas ele aguentou firme e puxou com força, tomando impulso com os joelhos e os pés, arrastando-se sob a estrutura e afastando-se



de Grivens. De repente, sentiu um espaço acima dos ferros e

14

levantou-se devagar até ficar em pé. A mão latejava, mas

2

agora ele estava em outra parte da sala das máquinas. Outro corredor estendia-se diante dele com paredes formadas por redes de canos. Ele correu por esse espaço, procurando uma escada ou uma porta.

Alguma coisa estalou lá atrás. Sherlock virou-se e viu

Grivens em pé no fim do corredor de paredes metálicas. Ele acabara de bater com a chave-inglesa em um poste de metal.

— Tudo bem, garoto. Fim da linha. Já se divertiu

bastante, agora é hora de acabar com isso. Deixe o velho

Grivens pôr fim a seu sofrimento, está bem?

— É tarde demais para aquele acordo que propôs há

pouco? — Sherlock tentou.

Grivens sorriu.

— Tarde demais — respondeu. — Lamento, mas sou um homem de palavra. Quando faço um acordo, cumpro minha parte. Não poderia romper o contrato agora, entende?

Que tipo de homem eu seria?

— Então, era tudo mentira.

— Sim, apenas palavras. Havia uma chance de você acreditar nelas e sair do esconderijo por conta própria, mas eu não acreditei muito nisso.

Ele começou a andar, balançando a chave-inglesa.

Sherlock

olhou

em

volta,

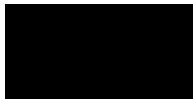
procurando

desesperadamente alguma coisa que pudesse servir de arma no confronto. Parecia que lutar era sua única opção agora.

Clang! A chave-inglesa bateu em um cano de ferro e o choque reverberou por toda a sala de máquinas.

— Olhe para mim — Grivens disse com voz calma e baixa. — Olhe para mim, garoto. Olhe nos meus olhos. Não procure saídas. Aceite o inevitável, está bem?

Sherlock sentia que a cadência da voz do homem, a lógica das palavras e o calor da sala das máquinas o estavam colocando em uma espécie de transe. Ele balançou a cabeça



repentinamente. Não podia se deixar hipnotizar pelo

14

comissário de bordo.

3

Desesperado, olhou para os lados. Alguma coisa chamou sua atenção — algo apoiado em uma escada. Uma pá! Um dos foguistas devia ter deixado a pá ali ao final do turno. O cabo estava coberto de pó de carvão e parte da lâmina havia sido derretida, como se, por acidente, alguém a houvesse mantido por tempo demais nas chamas enquanto revirava o carvão. Sherlock pegou-a, segurando-a diante do corpo com a lâmina erguida perto do rosto.

— Então, o pirralho é corajoso. — O rosto de Grivens era uma máscara sombria. — Isso só quer dizer que vou ter que me esforçar um pouco mais para ganhar meu dinheiro.

Grivens lançou-se para a frente e moveu a chave-

inglesa, tentando acertar a lateral da cabeça de Sherlock. O garoto se esquivou e a chave atingiu um tubo de ferro.

Fagulhas voaram pela sala. Sherlock sentiu-as queimarem seu rosto e passou uma das mãos na cabeça, caso houvesse algo em seu cabelo.

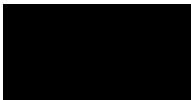
Grivens rosnou, já preparando uma nova investida.

Levantou a chave acima da cabeça e abaixou-a com força, tentando atingir o crânio de Sherlock.

O menino, meio desajeitado, bloqueou o golpe com a pá. A chave-inglesa acertou o cabo de madeira, deixando uma marca e quase derrubando Sherlock. A vibração atingiu seus braços como se pudesse arrancá-los. Mesmo assim, ele conseguiu mover a pá e acertar o joelho de Grivens com a lâmina. O homem gritou e cambaleou para trás, a boca aberta em uma expressão incrédula.

— Seu miserável! — ele urrou girando a chave inglesa como um taco e atacou novamente.

Sherlock levantou a lâmina da pá para se defender. Ao atingir a chave-inglesa, houve um estrondo pavoroso. Grivens foi jogado para trás pelo impacto. A ferramenta caiu de sua mão e desapareceu na escuridão da sala das máquinas. Os



dedos de Sherlock saltaram a pá como se não tivessem mais

14

força para sustentá-la.

4

Grivens estava quase de joelhos, segurando o cotovelo

direito com a mão. Seu rosto estava distorcido em uma

expressão animalesca.

Sherlock virou-se e correu.

O corredor terminava em mais uma bifurcação, com

diversas opções à esquerda e à direita. Sherlock escolheu o

lado direito e correu, parando apenas ao encontrar uma

escada. Ele olhou para trás, mas não havia sinal de Grivens.

Sentindo a fraqueza no ombro que absorveu o choque entre a

pá e a chave-inglesa, subiu desajeitadamente a escada até

uma passarela.

A passarela seguia em paralelo ao eixo principal,

passando pela parede da sala de máquinas e encontrando

uma das rodas de pás. Sherlock havia perdido o senso de

direção. Não sabia qual das rodas era movida pela eixo, talvez as duas. Não que isso fosse importante. O eixo girava lentamente ao seu lado, era volumoso como seu corpo e brilhava por causa da graxa. Seguindo para o centro da sala das máquinas havia o complexo arranjo de engrenagens, pistões e válvulas que o movimentavam.

Debruçado no corrimão que se estendia por toda a extensão da passarela, ele tentou ver onde estava Grivens.

Não teve sorte — o comissário havia desaparecido.

A luta não parecia ter atraído atenção. A sala das máquinas era sempre deserta ou Grivens havia subornado a tripulação para desaparecer enquanto ele lidava com Sherlock?

Alguma coisa agarrou seu tornozelo e o puxou.

Sherlock caiu na passarela, sentindo a perna ser puxada para baixo. Agarrou-se ao corrimão para não cair. O rosto de Grivens estava colado à grade de metal. Era dele a mão que agarrava o tornozelo de Sherlock.

— Vai mesmo me fazer trabalhar por esse dinheiro, não é? — ele falou entre os dentes. — Só por causa disso vou





fazer o ianque e a filha sofrerem muito. Pense nisso enquanto

14

estiver aqui, sangrando até a morte.

5

A única resposta de Sherlock foi esticar o outro pé, raspando a sola da bota pela perna até encontrar os dedos de Grivens. O comissário grunhiu de dor e soltou o tornozelo do garoto, que rolou para o lado e levantou-se.

O rosto do marinheiro apareceu no alto da escada enquanto ele subia. Seus dentes estavam à mostra em uma expressão de ódio.

— Isso não tem mais a ver com dinheiro — sibilou. —

Agora é pessoal.

Sherlock recuou devagar. O comissário chegou ao alto da escada e continuou na direção do menino. Seus ombros estavam encurvados, e os dedos, crispados como garras. Seu uniforme branco, antes imaculado, agora estava cinzento e sujo.

Sherlock sentiu algo pressionando sua lombar. Olhou para baixo rapidamente e viu que havia chegado ao fim da passarela. Estava encostado em uma das rodas que

controlavam o fluxo de vapor pelos canos. Ao lado dele o enorme eixo cilíndrico rodava incansavelmente. Chegara à área onde o mecanismo transformava o movimento linear dos pistões em rotatório, movendo o eixo. Havia várias peças, semelhantes a cabeças de cavalo engraxadas, subindo e descendo em um ritmo complicado. Por um segundo Sherlock apreciou o brilhantismo da engenharia em ação no navio. Como as pessoas podiam simplesmente saber que aquelas coisas funcionavam e não se interessar em descobrir como? Não que ele fosse ter a chance de aprender mais alguma coisa na vida. Grivens ainda seguia na sua direção e se aproximava cada vez mais. Esticou as mãos para o pescoço de Sherlock.

— Eu devia ganhar um bônus por isso — o comissário sussurrou.

Os dedos dele apertavam o pescoço de Sherlock com força e o menino sentia os olhos saltarem. Seu peito queria



puxar o ar, mas nada chegava aos pulmões. Desesperado, ele

agarrou os pulsos de Grivens, tentando afastá-los, mas os

6

músculos do comissário estavam contraídos, duros como ferro. Sherlock tentou puxar os dedos de Grivens. Talvez conseguisse tirá-los de seu pescoço. Agora enxergava tudo vermelho e sem foco, e havia pontos pretos dançando diante de seus olhos, encobrindo o rosto de Grivens. Seu peito ardia.

Desesperado, o garoto contorceu o corpo com a força que ainda tinha. Pego de surpresa, Grivens perdeu o equilíbrio e curvou-se sobre o corrimão que acompanhava a passarela, mas não soltou o pescoço de Sherlock. As válvulas ao lado subiam e desciam: peças de metal socando o ar a poucos centímetros do rosto dos dois. A expressão de Grivens era feroz, seus olhos pareciam poços de ódio.

Sherlock relaxou o corpo, como se não tivesse mais energia. Grivens, novamente pego de surpresa, deixou-o cair.

Em vez de ficar de joelhos, o menino soltou as mãos e agarrou o cinto de couro do agressor, dando impulso com as pernas e erguendo os braços para levantar o homem. Os pés de Grivens levantaram da passarela quando Sherlock puxou seu cinto para cima. Já desequilibrado, Grivens não conseguiu evitar que seu próprio peso o alavancasse por cima do corrimão. Sherlock esperava que o homem o soltasse, que

tentasse se agarrar à balaustrada, mas ele continuava apertando seu pescoço, puxando-o para baixo também. Até que a manga da roupa de Grivens ficou presa em um pistão. A peça enganchou no tecido e puxou com força. Ele gritou — um grito curto e desesperado de medo e ódio — quando seu corpo foi arrancado da passarela e sugado pela máquina. Sherlock soltou o cinto do homem e levantou os braços, para tirar as mãos dele de seu pescoço. Finalmente o garoto pôde respirar de novo, enquanto o corpo do marinheiro foi puxado para baixo, girou pelo eixo e ficou preso nas peças que martelavam.



O motor nem engasgou, mas Sherlock teve que virar o

14

rosto para não ver o que acontecia a Grivens, preso nos

7

metais.

Sherlock curvou-se, apoiou as mãos nos joelhos e

tentou levar o máximo possível do ar quente e úmido aos

pulmões. Por um instante achou que sufocaria, porque o corpo exigia mais oxigênio do que ele podia inspirar, mas aos poucos sua respiração foi voltando ao normal. Quando sua visão ficou menos embaçada e os olhos recuperaram o foco, e quando conseguiu respirar novamente sem sentir o peito doer, ele se levantou e olhou em volta.

Nenhum sinal de Grivens. A graxa preta no eixo e nos pistões parecia mais vermelha e brilhante, mas era só.

Depois de um tempo Sherlock desceu a escada e atravessou a sala das máquinas, procurando uma saída. Não sabia se a porta que acabou encontrando era a mesma por onde havia entrado, mas isso não tinha importância. Do lado de fora o ar estava fresco e ameno. Foi como sair do inferno direto para o céu.

As pessoas o observaram quando por fim Sherlock chegou ao convés, mas ele não se importava. Só queria voltar à cabine, limpar a graxa e a sujeira do corpo e trocar de roupa. Colocaria as que vestia agora para lavar. Talvez a lavanderia de bordo conseguisse limpá-las, talvez não. No final, já nem se importava mais.

Amyus Crowe estava na cabine quando Sherlock abriu a porta.

— Acho que alguém esteve aqui bisbilhotando — ele disse, um segundo antes de se virar e ver o estado de

Sherlock — Meu Deus, o que aconteceu?

— As pessoas que estamos seguindo... Elas

distribuíram dinheiro no porto — o menino respondeu

cansado. — Em cada navio que vai zarpar esta semana deve

haver um homem a quem uma boa quantia foi prometida se

nos matarem.



— Pelo menos um — Crowe falou. — Mas vamos deixar

14

para pensar nisso mais tarde. Quem era?

8

— Um dos comissários.

— E onde ele está agora?

— Digamos que vai haver um tripulante a menos

servindo o jantar esta noite — respondeu Sherlock

Ele contou a Crowe toda a história enquanto se lavava

e mudava de roupa. Amy us ouvia em silêncio. Quando

Sherlock começou a se repetir, Crowe levantou a mão.

— Acho que já entendi tudo — disse. — Como se sente?

— Cansado, desidratado e dolorido.

— Isso é compreensível, mas como se *sente*?

Sherlock o fitou intrigado.

— Como assim? O que quer dizer?

— Quero dizer que um homem morreu, e você foi o motivo. Vi homens mergulharem em poços profundos de culpa e tristeza depois de um evento como esse.

Sherlock pensou por um minuto. Sim, um homem havia morrido, e ele era responsável, mas não foi a primeira vez. O capanga do barão Maupertuis, Clem, muito provavelmente tinha se afogado quando caiu do barco de Matthew Arnatt, e isso aconteceu porque Matty o atingira na nuca com um gancho de metal. O braço direito de Maupertuis, Sr. Surd, fora picado por abelhas até a morte, mas isso podia até ser considerado um acidente — ele tinha caído de costas na colmeia. E as pessoas que estavam no forte napoleônico no momento em que ele explodiu podem ter morrido queimadas ou ter se afogado quando pularam no mar, mas Sherlock não achava que participara diretamente do destino delas. Crowe estava certo? Seria essa a primeira morte que ele havia causado diretamente?

— Não sou o que se pode chamar de religioso — disse por fim. — Não acredito que haja um mandamento de Deus dizendo — Não matarás!, mas acho que a sociedade é melhor

quando *há* leis e quando as pessoas não podem

simplesmente andar por aí matando as outras. Isso é parte



do que Platão discute no livro que meu irmão me deu quando

14

embarcamos. Mas o comissário estava tentando *me* matar, e

9

se eu não fizesse o que fiz, ele não desistiria.

Não *escolhi* matar aquele homem. Ele provocou a briga, não

eu.

Crowe assentiu.

— É justo — disse.

— Qual era a resposta certa?

— Não existe resposta certa, filho; não que eu consiga

pensar, pelo menos. É um dilema: a sociedade funciona

porque as pessoas seguem as regras e não saem por aí

matando umas as outras, mas se elas escolherem viver fora

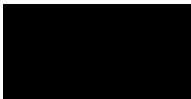
dessas regras, o que faremos? Deixamos que se safem ou

lutamos contra elas usando as mesmas armas? Se você

escolhe a primeira alternativa, elas podem acabar dominando a sociedade, porque estão sempre dispostas a lutar mais sujo e mais duro do que você. E se escolhe a segunda, como vai evitar se tornar tão ruim quanto elas? — Ele balançou a cabeça. — No final, o único conselho que posso lhe dar é: se você chegou ao estágio em que a vida de um homem não tem mais importância, é porque já foi longe demais. Enquanto a morte o incomodar, e desde que entenda que ela é o último recurso, não o primeiro, é bem provável que esteja do lado certo da linha.

— Acha que Mycroft sabia que alguma coisa assim ia acontecer? — Sherlock perguntou. — Acha que foi por isso que ele me deu o livro?

— Não — respondeu Crowe —, mas seu irmão é um homem sábio. Acho que ele considerou que em algum momento você faria essas perguntas a si mesmo e quis se certificar de que você tivesse as ferramentas para encontrar as respostas.



Capítulo dez

SHERLOCK DORMIU UM POUCO, EMBORA fosse meio da tarde. E foi um sono agitado, cheio de imagens de Matty amarrado e indefeso na escuridão, chorando sozinho, imaginando onde estavam seus amigos. Quando acordou, sentiu o rosto úmido com lágrimas de solidariedade e precisou de alguns momentos para lembrar onde estava e o que havia acontecido.

Os músculos doíam e os pulmões queimavam, e ele sentia os hematomas doloridos no ponto em que Grivens apertara seu pescoço. Tentou encontrar em si mesmo algum traço de horror pelo que fizera, mas não havia nada assim tão intenso. Pesar, sim. Lamentava o fato de um homem ter morrido, mas seus sentimentos paravam por aí.

Deitado na cama, pensando em Grivens para evitar pensar em Matty, Sherlock lembrou-se da tatuagem azul cintilante no pulso do homem, a que o fizera perceber que alguém o observava. Nunca pensara em tatuagens, ou talvez pensasse nelas como algo meramente decorativo, mas havia algo mais naquele desenho. Para os marinheiros, elas eram um meio de serem reconhecidos, identificados. A tatuagem o ajudou a identificar o homem que o estivera observando a

mando dos fugitivos americanos. E, segundo o que dissera o comissário, é possível reconhecer um tatuador por seu estilo, como se pode reconhecer uma pintura de Vermeer ou Rubens. Ou, Sherlock pensou, lembrando-se das pinturas no salão da mansão Holmes, de Vernet. Sua mente encheu-se de ideias sobre uma enciclopédia de tatuagens, com referências



aos lugares onde foram feitas e aos artistas que as criaram.

15

Seria possível fazer algo assim?

1

Depois de um tempo decidiu que não conseguiria nada

ficando ali deitado. Levantou-se da cama e saiu.

O sol brilhava forte no convés do SS *Scotia*. Para

qualquer lado que se olhasse, o horizonte era uma linha

plana. Era como estar no centro de uma travessa de

porcelana azul. Não havia nenhum sinal de que se moviam;

até as aves pareciam estar paradas no ar.

Após alguns minutos percebeu que estava ouvindo um

violino, embora não tivesse notado até então. Rufus Stone?

Provavelmente. As chances de existirem dois violinistas a bordo eram bem pequenas, e ele teve a impressão de identificar alguns elementos do estilo de Stone — como os floreios que ele acrescentava ao final de certas linhas e o jeito como os dedos da mão esquerda às vezes lutavam com os *arpeggios* mais complicados.

Sherlock foi procurar o músico e o encontrou no lugar de sempre, perto da proa do navio. Desta vez não havia plateia. Talvez estivessem todos entediados.

— Já começava a me perguntar se havia abandonado nossas aulas como um homem joga fora um lenço velho — Stone falou, sem parar de tocar.

— Eu tive... uma tarde atribulada — respondeu

Sherlock — Mas agora estou aqui.

— Então, vamos começar. — Rufus parou de tocar e baixou o violino. — Alguma pergunta antes de verificarmos se aprendeu bem a postura que estudamos de manhã?

Sherlock pensou por um momento.

— Qual é sua peça favorita? — perguntou. — O Bruch que tocava hoje cedo?

Rufus refletiu por um instante.

— Não — respondeu. — Tenho uma queda pelo trabalho de Henryk Wieniawski. Ele escreveu vários concertos

para violino, dos quais prefiro o segundo, em ré menor. E

também temos a infame sonata para violino em sol menor de



Giuseppe Tartini. É um verdadeiro teste de habilidade para

15

um músico.

2

— Infame? — Sherlock perguntou.

— Ela é conhecida como *O trilo do diabo*. Tartini

contava que tinha sonhado com o diabo tocando violino.

Quando acordou, tentou escrever a peça musical que o diabo executava, e esse foi o mais próximo que conseguiu chegar. É tão difícil que alguns críticos sugeriram que Tartini vendeu a alma ao diabo pela habilidade de executá-la.

— Que bobagem.

— É claro que é. Mas é uma história interessante, e

sempre ajuda a encher uma plateia, se as pessoas acreditam que há algo de misterioso ou bizarro na música que você vai tocar. — Ele ofereceu o violino a Sherlock — Agora, vamos

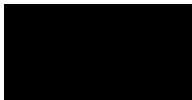
ver quanto da lição de hoje você guardou.

Durante o restante da tarde Sherlock segurou o violino sob o olhar crítico de Rufus Stone e tentou, uma de cada vez, diferentes maneiras de usar o arco para tirar notas do violino, sem se preocupar com qual nota estava tocando. Por enquanto, Rufus desejava que ele dominasse a técnica.

Sherlock começou movendo o arco pelas cordas com gestos longos, fluidos e suaves — *détaché*, como Rufus descreveu — e apenas sustentando o braço do violino com a mão esquerda, sem manipular as cordas. Horas se passaram antes de Rufus se dizer satisfeito, primeiro com uma corda e depois com cada uma das outras, enquanto Sherlock se esforçava terrivelmente para alcançar o tom da nota, sem se preocupar com quanto tempo era capaz de sustentá-la.

E o restante da viagem prosseguiu assim. Depois do café, Sherlock ia se juntar a Rufus Stone no convés e lá eles passavam duas horas, depois iam ao salão para almoçar.

Faziam mais duas horas de ensaio e Sherlock voltava à cabine para um intervalo, quando lia um pouco da *República* de Platão. Mais duas horas com Rufus Stone e então o jantar. Depois disso, Sherlock costumava ficar um pouco com Amyus Crowe na biblioteca antes de ir para a



cama, mas o dia do americano era basicamente ocupado com

15

os cuidados com Virginia, e ele dispunha de pouco tempo

3

para continuar a ensinar a Sherlock. Pouco tempo e pouco

material de apoio ou exemplos. Sherlock já havia notado que

Amyus Crowe preferia um método de ensino peculiar, levando

para as aulas alguma coisa que vira ou encontrara e usando

isso como base para a lição. No meio do oceano, sem nada ao

redor, havia poucas oportunidades para empregar esse

método.

Sherlock quase não viu Virginia durante a travessia.

Ela ficava na cabine, não queria ir ao convés nem conversar

com as pessoas. Sherlock a viu duas ou três vezes e notou

que sua pele estava ainda mais pálida e translúcida

comparada aos cabelos vermelhos, a ponto de se preocupar

com a possibilidade de que Virginia talvez não sobrevivesse à

viagem. Mas Amyus Crowe garantiu que ela ficaria bem.

Estava apenas lembrando a primeira jornada por mar, de Nova York a Liverpool, quando a mãe havia falecido.

— É apenas um desconforto emocional — disse Crowe uma noite na biblioteca —, agravado pela monotonia da jornada e pela imensa saudade de Sandia. Ginnie é uma garota habituada à vida em espaços abertos, como você já deve ter percebido. Ela odeia ficar presa, seja onde for. Você verá que, quando desembarcarmos, ela voltará ao normal.

O clima se manteve surpreendentemente estável durante toda a travessia. Com exceção de um dia de céu encoberto e chuvas torrenciais, quando Sherlock e Rufus Stone tiveram que praticar na cabine de Sherlock, o céu permaneceu azul e o mar, calmo. Ou, pelo menos, as ondas eram pequenas comparadas ao gigantesco casco do *Scotia*, que conseguia passar por elas sem maiores problemas.

Uma vez, no quarto dia, houve certa agitação quando o capitão anunciou que tinham avistado outro navio. Os passageiros se revezavam ao telescópio para ver o ponto distante no horizonte. Amyus Crowe usou esse acontecimento como base para uma lição, pedindo a Sherlock para calcular





a probabilidade de dois navios estarem dentro do campo de

15

visão um do outro, considerando a vastidão do oceano e o

4

número relativamente pequeno de embarcações, mas

Sherlock já havia percebido que, embora o Atlântico fosse

imenso e houvesse uma longa distância entre Southampton e

Nova York, a maioria dos navios seguia pela mesma rota, e

havia dezenas, talvez centenas deles navegando ao mesmo

tempo. Considerando esses dados, as chances eram, na

verdade, bem altas.

Sherlock e Amy us perceberam a troca de sinais

luminosos entre as duas embarcações com o cair da noite.

Sherlock

ficou

observando

enquanto

a

tripulação

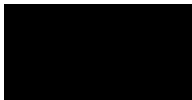
do *Scotia* enviava sua mensagem com uma lanterna, na

frente da qual havia um obturador que podia ser aberto ou

fechado. Parte do garoto preocupou-se com a possibilidade de informações secretas sobre ele e seus companheiros serem trocadas entre conspiradores nos dois navios, mas isso significaria que boa parcela da tripulação estava envolvida na conspiração, o que era improvável. Além do mais, não houvera mais nenhuma tentativa de revistarem a cabine ou de fazerem qualquer coisa contra algum deles, nem antes nem depois de o outro navio ter sido avistado. Tudo indicava que Grivens era a única pessoa no *Scotia* recrutada pelos conspiradores.

O desaparecimento do comissário causou pouca consternação entre a tripulação e absolutamente nenhuma entre os passageiros. O capitão nem mesmo tentou reverter os motores do navio para verificar se ele havia caído no mar. Sherlock deduziu que restos das roupas de Grivens teriam sido encontrados entre as máquinas e que o capitão presumira que ele caíra no motor depois de ter bebido demais.

Com o passar do tempo Sherlock aprendeu os principais estilos de manejo do arco — *legato*, *collé*, *martelé*, *staccato*, *spiccato* e *sautillé* — e havia começado a usar os dedos da mão esquerda para manipular as quatro cordas,



formando notas e acordes. Ainda não havia tocado nada mais

15

melódico que notas longas e agudas porque Rufus Stone fazia

5

questão de aprimorar a técnica e a habilidade antes de deixar

o aluno brincar com a música. Sherlock compreendia a

metodologia do mestre. Era lógica. Fazia sentido.

— O que vai acontecer quando desembarcarmos? —

Sherlock perguntou um dia, já perto do fim da viagem, em

uma pausa das lições.

— O que vai acontecer é que vou entrar em um mundo

novo e radiante, cheio de oportunidades, e tentar me

estabelecer como professor de música em primeiro lugar.

Depois, se tiver sorte, vou encontrar uma orquestra que me

contrate. Você, por outro lado, vai se reunir ao estimado Sr.

Crowe e a sua filha misteriosamente ausente para fazer o que

quer que tenham planejado na cidade de Nova York

No quinto dia de viagem, durante um intervalo no

quase incessante aprendizado de violino, Sherlock passou algum tempo na proa do navio, debruçado na balaustrada e olhando para a frente, para a distante linha azul do horizonte.

Ele não estava sozinho. Havia vários outros passageiros naquela parte do navio, apreciando o vento, as ondas e as nuvens, talvez até tentando avistar a terra firme, embora fosse cedo demais para isso. As histórias do capitão sobre grandes tempestades e monstruosas criaturas do mar deviam ter atizado a imaginação dos viajantes, que observavam atentos, esperando ver um sinal de algo incomum. Sherlock estava mais atento à possibilidade de detectar um iceberg perdido por ali.

Um homem enrolado com um sobretudo para se proteger do vento gelado atraiu a atenção de Sherlock. Sua barba negra era bem-aparada, com as pontas viradas para fora, e ele tinha um bigode encerado, que também se erguia nas pontas. Em vez de olhar para o oceano, o indivíduo estava de costas e rabiscava em um caderno com o lápis.





Sherlock olhou com mais atenção e percebeu que ele

15

desenhava. O menino mudou de posição, tentando enxergar o

6

que o era, mas tudo que conseguiu ver no papel foi um objeto cilíndrico com pontas estreitas, algo como um charuto grosso.

Parecia ser separado em seções por paredes internas ou barreiras.

— Está interessado no meu desenho? — perguntou o

homem, erguendo os olhos, e sua voz tinha um sotaque forte; alemão, Sherlock pensou.

— Desculpe — Sherlock falou, corando. — Só queria entender por que não está olhando para a frente, como todo mundo.

— Eu *estou* olhando para a frente — disse o homem. —

Muito à frente, para um tempo em que jornadas como a nossa não serão feitas em barcos, que estão sujeitos a tempestades e ondas, mas em balões.

— *Balões?* — Sherlock repetiu. E olhou para o caderno.

— É isso que está desenhando?

O homem o encarou com ar crítico.

— Não acredito que seja um industrial ou espião militar — ele disse. — Novo demais para isso. E seu rosto me diz que tem a mente aberta e uma inteligência aguçada, o que não é comum entre os espiões, de acordo com a minha experiência. — Ele riu, embora tenha soado mais como um ronco. — Tenho sido... criticado... em meu país pelas ideias que defendo. Espero que na América as coisas sejam diferentes.

— Sou Sherlock Holmes. — Ele estendeu a mão direita.

— É um prazer conhecê-lo.

— E eu sou Ferdinand Adolf Heinrich August Graf von Zeppelin — respondeu o homem, fazendo uma mesura breve antes de estender a mão para Sherlock — Em seu país eu seria chamado de conde Zeppelin. Pode me chamar simplesmente de —Conde—. Ele virou o caderno para mostrar o desenho a Sherlock — Agora, diga-me... Consegue imaginar um balão gigantesco feito de seda envernizada e



sustentado por anéis, uma aeronave rígida, podemos dizer,

cheio de um gás mais leve que o ar, voando sobre o oceano a

7

uma altura tal que, abaixo, os passageiros vejam apenas nuvens, e não ondas?

— Que gás você utilizaria? — Sherlock perguntou.

O conde assentiu.

— Excelente pergunta. Os franceses têm usado ar quente para balões pequenos, mas não acredito que funcione para os maiores, e o Exército americano vem obtendo bons resultados com gás de coque, que é um derivado da queima do carvão. Eu usaria hidrogênio, se fosse possível purificá-lo na medida necessária.

— E como moveria o balão? — Sherlock estava fascinado com as ideias daquele homem estranho. — Ele com certeza flutuaria sem direção, não?

— Esta embarcação em que viajamos agora não flutua, simplesmente. Ela se move. Tem motores. Tem pás. Se pás podem mover um navio na água, também podem impelir um balão no ar.

Sherlock encarou-o em dúvida.

— Tem certeza de que isso funcionaria?

Von Zeppelin sorriu com frieza.

— Tenho conduzido um estudo exaustivo sobre o voo

de aeronaves mais leves que o ar. Há quatro anos estive na América como observador do Exército Potomac do Norte durante a guerra contra os Estados Confederados. No tempo que passei lá, decolei pela primeira vez em um balão de reconhecimento, que é preso por cordas. Também conheci o professor Thaddeus Lowe, que provavelmente é o maior especialista do mundo nesse tipo de voo. — O rosto severo de Von Zeppelin parecia se iluminar quando ele falava sobre balões. Ficou óbvio para Sherlock que o assunto o entusiasmava. — O professor Lowe já havia construído um balão com o propósito de atravessar o Atlântico, como faz este navio, e deu a ele o nome de *Great Western*. Tinha trinta e dois metros de diâmetro e podia sustentar doze toneladas.



Antes da guerra ele o utilizou em um bem-sucedido voo entre

15

a Filadélfia e Nova Jersey, mas a primeira tentativa de

8

atravessar o Atlântico fracassou quando um vento forte

desprende o envelope, a parte que se enche de gás. — Ele deu de ombros. — O começo da guerra interrompeu os planos do professor Lowe. Ele formou o Batalhão de Balões do Exército da União para atender a uma solicitação explícita do presidente Lincoln. A guerra é uma coisa estranha... Por um lado, arrasta homens de intelecto para longe de suas pesquisas e conquistas, mas, por outro, também acelera o progresso. Sem a Guerra entre os Estados me pergunto se o presidente teria se interessado pelas possibilidades de um balão.

— Sherlock!

A voz era feminina e jovem. Era Virginia. Sherlock virou-se e viu-a parada a alguns passos de distância, perto de um bote salva-vidas. Ainda estava pálida, mas sorria.

— Com licença — ele disse ao conde. — Preciso ir.

Von Zeppelin curvou-se novamente.

— É claro. O sexo frágil é mais importante que tudo.

— É casado? — perguntou Sherlock.

— Sou noivo — respondeu. O rosto austero se iluminou ao abrir um grande sorriso. — O nome dela é Isabella Freiin von Wolff, da casa de Alt-Schwanenburg, e é a mulher mais maravilhosa do mundo. — Ele olhou para Virginia, depois encarou Sherlock — Embora você certamente possa discordar da minha opinião.

Sherlock sorriu para ele. Sentiu uma simpatia imediata

pelo conde alemão.

— Até mais tarde — disse.

— O navio é pequeno — comentou o conde —, e não há tanta gente assim a bordo. Com certeza vamos nos encontrar novamente em breve.

Deixando o conde para trás, Sherlock caminhou na direção de Virginia.



— Achei que você fosse passar a viagem toda na cabine

15

— ele disse, encabulado.

9

— Confesso que também tive medo disso — ela respondeu. — Odeio ficar trancada em ambientes pequenos, mas acho que não tive muita escolha. — Ela corou, a vermelhidão subitamente tomando o rosto pálido, e desviou os olhos. — Creio... que meu pai já deva ter contado que esta viagem me fez lembrar a última que fizemos, quando minha

mãe faleceu.

— Ele contou — Sherlock confirmou.

— E, para piorar, fiquei enjoada. Quem poderia

imaginar que alguém que tem o hábito de cavalgar sentiria enjoo no mar? Pois eu senti, e muito.

Ele não conseguiu evitar um sorriso. Essa honestidade completa e absoluta era uma das coisas que mais apreciava em Virginia. Nenhuma jovem inglesa teria sonhado em discutir com tanta franqueza um desconforto estomacal.

— Como se sente agora? — ele perguntou.

— A mulher com quem divido a cabine preparou um chá de ervas. Hoje é o primeiro dia que consigo manter um pouco de chá no estômago, mas acho que está ajudando.

— Sinto muito sobre sua mãe — ele disse, meio desajeitado. — Lamento que esta viagem traga de volta lembranças tão tristes. Imagino que ficar na Inglaterra faça com que você pense nela o tempo todo.

— Faz, sim. — Ela fez uma pausa. — Não sei se minha mãe já estava doente quando embarcou ou se contraiu algo a bordo, mas ela ficou muito mal durante uma semana inteira. Foi ficando cada vez mais magra, cada vez mais pálida, até por fim partir. — Uma lágrima surgiu e começou a descer lentamente por seu rosto. — Eles a sepultaram no mar. O capitão disse que não podia manter o corpo a bordo até o

final da viagem, então os tripulantes a envolveram em um pedaço de lona, fizeram algumas preces rápidas e depois a jogaram na água. Aquilo foi o pior de tudo. Eu nem tenho



uma sepultura para visitar. — Ela fez um gesto, mostrando

16

toda a vastidão do oceano Atlântico. — Só isso.

0

Sherlock ficou em silêncio por um momento, depois

falou:

— Minha mãe está doente. — Ele nem sabia que ia

falar isso; as palavras simplesmente brotaram de sua boca.

— O que ela tem? — indagou Virginia.

— Ninguém fala sobre isso. — Ele parou. — Acho que é

tísica.

— Tísica?

— Tuberculose. Ela está muito pálida, magra e sempre

cansada. Às vezes vejo sangue no lenço com que ela cobre a

boca para tossir, mas sei que meu irmão e meu pai tentam

evitar que eu perceba. — Agora que ele começara a falar, não conseguia mais parar. — Fui à biblioteca de meu pai e pesquisei em todos os livros até encontrar os sintomas. Ela tem tuberculose e vai morrer. Não existe cura. A pessoa simplesmente definha, pouco a pouco.

Virginia aproximou-se e descansou a cabeça no ombro dele por um momento antes de afastar-se.

— Minha mãe morreu rápido, pelo menos — disse, erguendo os olhos para fitá-lo. — Jamais havia pensado nisso antes, mas agora acho que foi uma bênção. Vê-la definhar durante semanas, meses, anos... Deve ser terrível.

Sherlock virou-se para não deixá-la ver o brilho das lágrimas que sentia arderem em seus olhos.

— Vamos realmente encontrá-lo? — ela sussurrou.

— Quem?

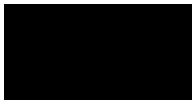
— Matty.

Sherlock ficou sem ar. Estivera repetindo a mesma pergunta para si mesmo e ainda não encontrara resposta.

— Vamos encontrá-lo — disse. — E ele vai ficar bem.

Os homens que o sequestraram têm todos os motivos do mundo para mantê-lo vivo.

— Isso não é uma resposta de verdade — ela disse baixinho —, e você sabe disso.



— Já conheceu o navio? — Sherlock perguntou,

16

mudando de assunto deliberadamente.

1

— Quase nada. Passei a maior parte do tempo dormindo.

— Então vou lhe mostrar.

Ele a acompanhou pelo convés e mostrou tudo, da proa

à popa, incluindo o cercado onde eram mantidos os animais

— agora quase vazio, após cinco dias de viagem. Na proa do barco ela tocou seu braço.

— Meu pai contou que você se meteu em uma briga — ela disse. — Está machucado?

— Estou sempre me metendo em brigas — respondeu Sherlock

— Devia aprender a lutar melhor.

— Ei, tenho me saído bem até agora. Sobrevivi, não é?

— O que aconteceu? Quero saber!

Ele contou tudo o que havia se passado com Grivens, o comissário, e, diferentemente de quando relatara a história a Amyus Crowe, descobriu que agora se sentia emocionado, e teve que parar algumas vezes para controlar os sentimentos. Por alguma razão, contar tudo a Virginia tornava o episódio mais real. Não era mais só uma sequência de acontecimentos.

Quando ele terminou, Virginia afagou seu braço.

— Você está bem?

— Vou ficar, acho.

— É um choque, não é?

Sherlock encarou-a intrigado.

— O quê?

— Ser responsável pela morte de um ser humano. E saber que poderia ter sido você.

Ele deu de ombros com certo constrangimento.

— Acho que sim. Eu só... não sei como reagir. Não sei o que seria apropriado.

— Lembro que quando nós morávamos em

Albuquerque, sempre que voltava de uma de suas viagens,





papai simplesmente desmoronava em uma poltrona e queria

16

um copo de uísque. Tentávamos conversar com ele, mas

2

papai não respondia. Naquela época, eu não sabia o que havia acontecido, o que ele fizera ou onde estivera. Só mais tarde descobri que ele procurava assassinos e traidores, e que às vezes essas perseguições não acabavam bem. — Ela parou por um momento. — Acho que o que estou tentando dizer é que, quando isso deixa de ser importante, quando você descobre que não reage mais a algo assim, é hora de começar a se preocupar, porque é aí que você deixa de ser humano. Ela se esticou e o beijou no rosto rapidamente: um toque de calor no ar frio.

— Vou me deitar um pouco. Acho que vejo você na hora do jantar.

Virginia se afastou. Sherlock ainda conseguia sentir o calor deixado pelos lábios em seu rosto.

Os últimos três dias da travessia foram dominados pela ansiedade, e também por uma espécie de febre de apostas, com os passageiros tentando adivinhar tudo, desde o dia, a

hora e até o minuto em que veriam terra firme até o nome do piloto que subiria a bordo para guiá-los até o porto de Nova York. Sherlock ficou longe de todas essas especulações, aplicando-se com a mesma intensidade às aulas de violino com Rufus Stone. Agora praticava notas e cordas com a mão esquerda, treinando até sentir as bolhas se formarem na ponta dos dedos. Só no último dia Stone permitiu que ele juntasse o que havia aprendido sobre postura, uso do arco e como a mão esquerda devia segurar o braço do violino e, finalmente, tocasse de verdade.

A realização o encheu de orgulho.

— Vai precisar de um violino — Rufus falou. — Um instrumento bom, não um feito com madeira barata e cola comum. — Ele olhava com ar sério para Sherlock — Você tem um talento natural, meu amigo, e seus dedos são longos, finos e flexíveis. Pode ir longe. Não estou dizendo que será um grande violinista de concerto, para isso teria que ter



começado as aulas aos cinco anos de idade, mas se continuar

praticando certamente poderá ganhar a vida em uma

3

orquestra de teatro.

A conversa foi interrompida por uma comoção entre os

passageiros na frente do navio. Terra à vista!

Sherlock correu para ver. A viagem havia sido longa o suficiente para ele quase se esquecer de como era andar em uma superfície que não se movesse sob seus pés.

A América era uma forma escura no horizonte que, ao longo de várias horas, foi ganhando contornos de colinas e montanhas cobertas de árvores. Estranhamente, não parecia ser muito diferente da paisagem do sul da Inglaterra, mas havia algo no ar, um cheiro indefinido que sugeria que ele realmente estavam em outro lugar.

O navio descreveu uma curva tomando a direção de Nova York, com a costa a estibordo. Apesar de ainda faltarem várias horas para a chegada ao porto, alguns passageiros correram para arrumar suas bagagens.

A última refeição antes do desembarque foi uma festa, com pratos especiais e um bolo, além de caixas de champanhe. Sherlock comeu pouco e retirou-se o mais rápido possível para dormir um pouco antes de atracarem. Tinha um pressentimento de que seria melhor estar descansado.

Finalmente chegavam ao porto de Nova York. Apesar de suas intenções, Sherlock esperou no convés com todo mundo, observando as diversas ilhotas pelas quais passavam. O navio agora progredia lentamente, com cuidado, sob o controle do piloto — um marinheiro local que chegara a bordo de um pequeno bote.

— Área complexa — Amyus Crowe disse ao lado de Sherlock — Um dos portos mais difíceis do mundo. Há três corpos d'água distintos se encontrando aqui: o oceano Atlântico, o rio Hudson e o estreito de Long Island. Junte a isso as mais de cinquenta ilhas e trinta e poucos rios, riachos e afluentes do Hudson que desaguam aqui e o resultado é um sistema complicado de marés e correntes.



— O que fazemos agora? — o garoto perguntou.

16

— A primeira coisa que tenho que fazer é procurar as

4

autoridades. Vamos precisar de ajuda nessa missão, e preciso

avisá-los que estou de volta. Alguns homens nesta cidade me devem favores e pretendo cobrar cada um deles. Vamos ver se alguém se lembra de ter visto o jovem Matty e seus sequestradores, para começar. Seu irmão já deve ter mandado um telegrama avisando sobre nossa chegada, por isso espero encontrar alguém no porto. Depois, vamos descobrir quando o SS *Great Eastern* aportou, se é que já chegou. Se não, vamos esperar por ele. Se já estiver aqui, vamos investigar onde podem estar três homens, um deles deficiente mental, e um garoto. Tenho certeza de que podemos encontrá-los. — Havia algo de ríspido na voz de Crowe, e quando Sherlock o fitou, viu que o rosto dele parecia ter sido entalhado em pedra. — E quando os encontrarmos, eles vão se arrepender do dia em que nasceram.

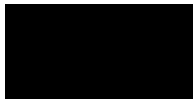


tentavam chegar à rampa com suas bagagens ao mesmo tempo, e o número de passageiros parecia ter duplicado de repente, com a classe econômica subindo ao convés, movendo-se atordoada sob o sol forte. Depois de algum tempo, porém, os passageiros estavam em um edifício amplo, parecido com um galpão, onde se formaram filas e as pessoas eram chamadas a uma fileira de mesas, nas quais os oficiais da imigração, uniformizados e muito sérios, examinavam os documentos de todos. Sherlock ouvia centenas de vozes falando com os mais variados sotaques, mencionando destinos como Chicago, Pensilvânia, Boston, Virgínia e Baltimore.

Sherlock viu Rufus Stone em outra fila. O violinista levava a caixa do instrumento pendurada no ombro, mas parecia ter pouca bagagem além disso. Quando ele se virou e viu o garoto, deu uma piscadela. Sherlock sorriu de volta. O alemão — conde Ferdinand von Zeppelin — também estava em outra fila. A postura rígida e a testa franzida sugeriam que não estava acostumado a esperar ou a se misturar com gente de classe social tão diferente. Ele não olhava em volta — seus olhos estavam fixos à frente, como se desejasse estar em qualquer outro lugar, menos ali.

O navio havia aportado ao lado de muitas outras embarcações de diferentes companhias de navegação, todas

ancoradas ao longo da extensa área do porto. Muitos tinham duas grandes rodas de pás nas laterais dos cascos de ferro ou de madeira, mas Sherlock notou que diversos barcos menores



ainda usavam apenas velas e que alguns, os de ferro, mais

16

modernos, tinham um conjunto de lâminas de metal presas a

6

um eixo na parte de trás.

O tempo estava quente e abafado. Fez Sherlock

lembrar-se da sala de máquinas do SS *Scotia*, só que com o

cheiro de esgoto para completar. Ele tentava respirar o

mínimo possível, mantendo-se com Virginia atrás de Amyus

Crowe, que lidava com um oficial de imigração especialmente

carrancudo. Depois, seguiu Amyus para o lado de fora, para o

ar livre da América.

América! Estava em outro país! Sherlock olhou em

volta com grande entusiasmo, tentando catalogar as

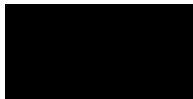
diferenças entre a Inglaterra e a América. O céu era do

mesmo tom de azul, é claro, e as pessoas pareciam ser idênticas àquelas que ele deixara para trás, mas havia algo indefinivelmente diferente. Talvez fosse o corte das roupas ou o estilo arquitetônico dos prédios ou algo que ele nem conseguia imaginar, mas

a América *era diferente* da Inglaterra.

Crowe conseguiu alugar um cabriolé — um entre centenas que esperavam em fila pelos passageiros que desembarcavam —, e eles partiram pelas ruas de terra incrivelmente largas de Nova York. A maioria dos edifícios era feita de madeira ou de um tipo de pedra marrom que devia ser extraída naquela região. As construções de madeira, em geral, só tinham um ou dois andares, mas as de pedra marrom podiam ter até cinco, e muitas tinham um porão a que se podia chegar descendo alguns degraus. Alguns dos prédios mais próximos ao porto eram hotéis, hospedarias, restaurantes ou bares, mas no caminho até a cidade Sherlock viu cada vez mais lojas e escritórios, assim como grandes edifícios de apartamentos, nos quais centenas de pessoas viviam juntas, cada uma em seu conjunto de cômodos. Isso

com certeza era algo que não se via na Inglaterra com frequência, exceto talvez nos perigosos guetos e cortiços de Londres.



E havia meninos em todas as esquinas vendendo

16

jornais: quatro ou seis folhas de texto em letras pequenas que

7

eles balançavam no alto enquanto gritavam as manchetes mais chamativas — corpos encontrados sem as mãos, roubos a mão armada, denúncias de políticos que aceitaram suborno... Toda a vida humana parecia estar ali — ou o lado mais sórdido dela, pelo menos —, e cada menino parecia vender um jornal diferente — o *Sun*, o *Chronicle*, o *Eagle*, o *Star*... Uma interminável parada de nomes.

O cabriolé parou na frente de um hotel que parecia ser mais salubre que os próximos ao porto. Devia acontecer algum tipo de efeito de filtragem ali, Sherlock pensou. Os passageiros da classe econômica acabariam acomodados em

hospedarias baratas e sujas à beira da água, enquanto os que tinham mais dinheiro buscariam acomodações mais afastadas do porto, nas áreas mais limpas, melhores e, consequentemente, mais caras.

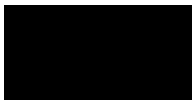
— Este é o Hotel Jellabee — Crowe disse enquanto descia do veículo e ajudava Virginia a desembarcar. — Já me hospedei aqui antes. É um lugar decente; ou era, pelo menos. A Agência Pinkerton costuma utilizá-lo com frequência; a sede fica bem perto daqui. Vamos entrar e ver se há quartos disponíveis, depois vamos jantar no Niblo's Garden. É o melhor da cidade.

Enquanto Crowe ia à recepção reservar os quartos, Sherlock olhou ao redor. Dentro do hotel estava tão quente quanto na rua, ou mais. No entanto, o lugar era limpo, arrumado e tinha carpetes decentes no chão, e as pessoas no saguão estavam bem-vestidas. Muitas falavam com um sotaque parecido com o de Amyus e Virginia Crowe e com o dos homens que eles seguiram até ali, mas Sherlock notou uma variedade de idiomas — francês, alemão, russo e outros que ele não conseguia identificar.

Crowe aproximou-se deles sorrindo.

— Reservei um apartamento para nós — ele disse. —

Tem uma sala de estar e três dormitórios. Quando



resgatarmos Matty, ele vai ter que dividir o quarto com você,

16

Sherlock

8

— É claro. — Era impossível não notar que Crowe tinha dito — quando e não — sei ao se referir ao resgate de Matty.

Eles subiram a escada até o terceiro andar, onde ficava o apartamento que ocupariam. Sherlock contou os andares e, intrigado, percebeu que haviam subido apenas dois.

— Ah, boa observação — Crowe disse ao ouvir o comentário. — Essa é uma das diferenças entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Na Inglaterra temos o térreo, depois o primeiro andar, o segundo e assim por diante. Aqui na América o piso térreo é chamado de primeiro andar, e depois dele há o segundo e o terceiro. Não existe o térreo.

— O que mais preciso saber? — Sherlock perguntou.

— O que vocês chamam de pavimento, nós chamamos de calçada. De resto, creio que é tudo igual. Mas o dinheiro é

diferente. Temos dólares e centavos, não libras, xelins e pences. Mais tarde darei algum dinheiro para vocês dois, mas não fiquem exibindo-o por aí.

O apartamento era bom — a sala de estar tinha dois sofás e algumas poltronas confortáveis, além de uma escrivaninha e uma janela com vista para a rua. O quarto de Sherlock era menor, mas a cama era muito mais macia do que a que ele havia deixado na mansão Holmes. O hotel não era de alto nível, de jeito nenhum, mas atendia a uma clientela que tinha dinheiro e expectativas.

— Posso sair para caminhar um pouco? — Sherlock perguntou a Amyus Crowe.

Crowe pensou por um momento.

— Você é um menino esperto. Acha que vai saber o caminho de volta?

— Tenho certeza que sim.

— A cidade tem um padrão de grade; é só seguir a lógica. — Aproximou-se da escrivaninha e pegou uma folha de papel timbrado. — Caso se perca, pergunte onde fica o Hotel Jellabee. O endereço está aqui. Não se envolva em jogos





de cartas nas esquinas, não mostre seu dinheiro e não

16

discuta com ninguém. Se for parar em um lugar chamado

9

Five Points, saia o mais depressa que puder. Você vai saber que está lá pelo cheiro; a região é cheia de destilarias de aguarrás, fábricas de cola e matadouros. Siga essas regras e vai ficar bem. — Ele enfiou a mão no bolso e pegou algumas notas e moedas. — Isto deve ser o suficiente para comer alguma coisa, se ficar com fome, ou alugar um cabriolé para voltar.

— O que vai fazer?

— Vou descobrir quando o SS *Great Eastern* aportou. E se ainda não chegou, vou descobrir para quando é esperado.

Sherlock virou-se para perguntar se Virginia queria ir com ele, mas ela já se retirara para o quarto.

Crowe balançou a cabeça.

— Deixe-a — disse. — Há lembranças demais aqui.

Deixe-a superar esse momento.

Do lado de fora, sob o sol, o cheiro de esgoto e comida estragada era muito mais forte. Sherlock caminhou pelo

pavimento — pela *calçada*, corrigiu-se —, apreciando a paisagem e os sons daquela nova cidade em uma nova terra. Passou por lojas com placas dizendo —armarinhol, que pareciam ser estabelecimentos que vendiam pequenos utensílios domésticos, e por bares que serviam de tudo, de —corageml — que ele imaginou ser uma espécie de cidra, pelo cheiro — a algo chamado —negus de vinho do portol, uma mistura quente de vinho e especiarias. Várias travessas partiam da rua principal; eram becos estreitos entre os edifícios nos quais, surpreendentemente, havia não só cães e gatos, mas também porcos remexendo o lixo, procurando o que comer. Também havia restaurantes em todas as esquinas, oferecendo pratos de variadas nacionalidades. Sherlock ficou impressionado em especial com o número e a variedade de bares de ostras, que em geral serviam cerveja, vinho e o misterioso —corageml, assim como as ostras, que podiam ser fritas, cozidas, refogadas, grelhadas ou



simplesmente servidas sobre gelo. Ostras pareciam ser o

alimento mais comum em Nova York

0

Além dos bares, restaurantes e lojas, havia igrejas feitas de pedras brancas, com campanários pontiagudos e escadarias que subiam até a porta principal, e depósitos onde eram estocados todos os tipos de produtos que saíam dos navios ou seriam embarcados neles. Em poucos quarteirões Sherlock viu coisas mais diversas do que havia conhecido em todos os vilarejos e cidades da Inglaterra juntos.

E alguém o seguia.

Percebeu depois de meia hora de caminhada. O mesmo chapéu-coco marrom aparecia no meio das pessoas, atrás dele. Ele o reconheceu porque havia uma faixa verde chamativa em torno da copa. Sherlock fez questão de estudar o ambiente procurando chapéus como aquele, mas só havia um, e estava sempre atrás dele.

Entrou em uma loja qualquer e ficou olhando os utensílios domésticos — tábuas de lavar roupa, sabão, pregadores e coisas do tipo — que estavam à venda, mas quando saiu o homem do chapéu-coco marrom estava parado na esquina, lendo um jornal que devia ter comprado de um dos garotos da rua. Sherlock tentou atravessar uma viela cheia de lixo para sair na rua paralela àquela, mas, de algum

jeito, o homem do chapéu marrom deduziu o truque e correu por outra transversal, de forma que, quando olhou para trás novamente, Sherlock viu que o homem ainda o seguia. Não conseguia ver o rosto do desconhecido, mas ele era grande e caminhava com um movimento característico dos ombros, como se houvesse acabado de descer de um navio e ainda não estivesse adaptado à terra firme.

Sherlock pensou depressa. Não sabia se o homem o havia visto sair do hotel ou se simplesmente o escolhera na rua aleatoriamente. Se ele o vira na rua, a última coisa que queria fazer era levá-lo ao hotel onde estava hospedado, onde Virginia e Amyus Crowe estavam agora. Precisava despistá-lo. Não, concluiu em um estalo: precisava reverter a situação;



seguiria o perseguidor para descobrir onde ficava seu

17

esconderijo. Afinal, Matty podia estar lá também.

1

Não ia ser nada fácil.

Ele entrou em outra loja de variedades. Esta parecia ter uma boa seleção de roupas — paletós, bonés e calças. Imaginando que o perseguidor permaneceria do lado de fora por algum tempo, Sherlock escolheu rapidamente uma boina simples e um paletó e notou aliviado que a loja tinha outra saída, que dava em uma rua secundária. Levou as compras ao balcão, onde um atendente o olhou da cabeça aos pés e disse:

— Sabe, um garoto como você devia pensar em comprar uma funda. Acabamos de receber um novo lote. Não quer dar uma olhada?

— Uma funda? — Sherlock pensou na palavra por um instante. Será que era alguma gíria local que ele devia conhecer? Então lembrou-se das aulas de estudos bíblicos na Escola Deepdene para Meninos. Davi não havia usado uma funda para matar Golias no Primeiro Livro de Samuel? Era uma espécie de arma para arremessar pedras com precisão e força.

— Todos os garotos por aqui têm uma dessas — o atendente acrescentou.

— Quanto custa? — perguntou Sherlock.

O preço não acrescentava muito à soma do valor das roupas, por isso Sherlock aceitou a oferta. Se possuir uma funda o ajudasse a ficar mais parecido com os garotos locais,

melhor. Depois de vestir o paletó e colocar a boina na cabeça, ele esperou o vendedor embrulhar a jaqueta antiga — a peça de roupa pela qual o perseguidor estaria procurando — em papel pardo. A funda era uma bolsa de couro simples onde se colocava uma pedra, com tiras de couro dos dois lados. Uma delas devia ser amarrada ao pulso; a outra o atirador devia segurar enquanto girava a funda e soltar no momento do arremesso, deixando a pedra voar.



— Vai precisar de munição — disse o homem,

17

entregando a Sherlock o pacote onde estava sua jaqueta. —

2

Vou lhe dar um saco de bolinhas de graça.

Sherlock pagou com o dinheiro dado por Amyus Crowe.

Depois, guardou a funda e as bolinhas em um bolso, e pegou

o pacote feito com papel pardo e barbante. Puxando o boné

sobre a testa, Sherlock deixou a loja pela porta lateral e saiu

a passos rápidos, tentando colocar uma distância

considerável entre ele e o homem do chapéu-coco marrom.

Quando se aproximou de uma esquina, acelerou o passo ainda mais.

Ao virar, ele chamou o vendedor de jornais mais próximo.

— Quanto quer por todos os jornais?

O menino mal podia acreditar na própria sorte.

— São dez centavos cada — disse. — E ainda tenho cinquenta para vender. Então são... — Ele parou e fez a conta mentalmente. — Seis dólares, redondo.

Sherlock estimava que havia pouco mais de quarenta jornais, e mesmo que fossem cinquenta, o valor final seria de apenas cinco dólares.

— Dou cinco dólares por tudo — ofereceu.

— Feito! — o menino gritou.

Ele entregou a pilha de jornais e Sherlock lhe deu o dinheiro. Assim que o garoto saiu, correndo, mostrando o dinheiro aos companheiros e rindo, Sherlock começou a vender os jornais.

— Leiam todas as notícias! — gritava, imitando da melhor maneira possível um sotaque nova-iorquino. Sabia que o que estava reproduzindo era a maneira como Amyus Crowe e Virginia falavam, mas, desde que não soasse como um britânico, era o suficiente. — Terrível assassinato em... —

ele pensou depressa — ...Five Points! Polícia intrigada! Há expectativa de outros assassinatos!

Os outros jornalheiros examinavam suas manchetes, tentando entender de onde ele tirara aquilo, mas já havia três



compradores em fila para levar os exemplares de Sherlock

17

quando o desconhecido do chapéu marrom apareceu na

3

esquina.

Era Ives — o homem da casa em Godalming. O loiro de cabelos curtos, o que tinha uma arma.

Sherlock tentou se encolher, curvando os ombros e a coluna como se estivesse cansado e não se alimentasse bem havia um tempo. Funcionou. O olhar de Ives passou por ele, ignorando-o como teria ignorado uma lâmpada a gás ou um bebedouro para cavalos. Ele parou, olhou em volta, certamente tentando encontrar Sherlock. Quando não conseguiu localizá-lo, Ives resmungou um palavrão, ficou ali

parado por um momento, sem saber o que fazer, a alguns passos do menino que procurava, depois virou-se e foi embora.

Sherlock jogou os jornais aos pés do jornaleiro mais próximo.

— Ei, venda estes também — disse.

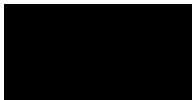
— Mas é o *Sun* — respondeu o garoto. — Eu só vendo o *Chronicle*.

— Aumente sua oferta de produtos — Sherlock respondeu, já partindo atrás de Ives.

O homem se afastava depressa, de cabeça baixa e com as mãos nos bolsos. Parecia derrotado. Quem o havia contratado talvez ficasse zangado por ele ter perdido Sherlock de vista. Mas o fato de que ele não se dirigia ao Hotel Jellabee significava que não sabia onde estavam hospedados.

O sol descia no céu, já iluminando mal o topo dos prédios e espalhando uma claridade alaranjada sobre tudo. A luz incidia diretamente nos olhos de Sherlock, obrigando-o a semicerrá-los. Era difícil saber para onde ia Ives. Eles percorreram cinco quarteirões ou mais, até que o homem entrou em uma hospedaria.

Sherlock olhou em volta sem saber o que fazer. Não tinha ideia se ali era Five Points, mas com certeza não era tão agradável quanto a área onde ficava o Hotel Jellabee, apesar



da presença de uma igreja meio malconservada no fim da

17

rua. O cheiro era horrível, mas ele não sabia dizer se era por

4

causa de destilarias de aguarrás e matadouros ou se era

apenas o odor de esgoto e podridão que parecia pairar sobre

Nova York como uma névoa invisível. O lugar aparentava ser

perigoso. As pessoas paradas nas esquinas não eram mais

meninos vendendo jornais, e sim homens em camisas puídas

e calças sujas, olhando com hostilidade para quem passava.

Em algum lugar um homem tocava uma melodia chorosa em

um trompete. O instrumento estava desafinado, mas havia

tantas outras coisas fora do tom por ali que as notas se

encaixavam bem ao cenário.

Agora, a necessidade de passar despercebido era ainda

maior do que antes. Ele entrou em um beco e esfregou a

boina no chão, depois rasgou uma das mangas do paletó,

deixando à mostra o forro de tecido.

Parecia mais adequado assim.

De volta à rua, mancando um pouco para andar de um jeito diferente, Sherlock se aproximou da hospedaria. A porta estava aberta, e ele olhou para dentro.

Não havia saguão, como no Jellabee. Se entrasse, só poderia subir a escada ou passar por uma das portas. E não podia bater em cada uma delas perguntando por Matty.

Precisava pensar em outra coisa.

Olhando em volta, viu que o edifício da frente tinha uma escada de metal presa à parede do lado de fora — talvez uma saída de incêndio. Degraus uniam os andares, uma sequência que era interrompida por pequeninas sacadas de metal em cada pavimento. Se subisse, poderia espiar pelas janelas da hospedaria. Se as cortinas estivessem abertas. Se as vidraças estivessem limpas.

Pare de embromar!, ele se censurou. Sherlock atravessou a rua, esperou por um momento em que não houvesse ninguém passando e subiu rapidamente a escada de ferro até o primeiro andar. Ou seria o segundo? Não tinha certeza.





Ali, encolheu-se encostado à balaustrada da sacada de

17

metal e olhou para o edifício do outro lado da rua. Quatro

5

janelas, todas sem cortinas, o que era uma bênção. Em um dos quartos havia um homem que ele não reconhecia, andando de um lado para o outro. Em outra janela havia uma mulher olhando para fora, com o que parecia uma camisola. Ao perceber a presença de Sherlock ela sorriu com tristeza. Os outros dois quartos estavam vazios.

Ele continuou até o andar de cima. O metal estalava e balançava sob seus pés. Quando havia sido a última inspeção de segurança? Ou melhor, alguma vez aquela escada fora vistoriada?

Na sacada seguinte ele parou e olhou para o prédio da frente, para mais quatro janelas.

As duas primeiras estavam vazias.

A terceira dava para um quarto onde quatro homens bebiam e conversavam. Um deles era Ives e outro era Berle, o médico. Sherlock não conhecia os dois restantes.

O importante, porém, era que Matthew Arnatt estava

ali, com os cotovelos apoiados no parapeito da janela, olhando para a rua. Seus olhos seguiam curiosos cada pessoa e movimento lá fora. Ele parecia estar bem, sem nenhum ferimento visível. E seu aspecto também sugeria que havia sido alimentado; pelo menos, não parecia estar faminto ou fraco. Só entediado e triste.

Até que viu Sherlock. Então seus olhos brilharam e seu rosto se iluminou com um sorriso largo.

Sherlock estava muito feliz por ver que Matty estava vivo e, ao que tudo indicava, com boa saúde. De repente, o medo que mantivera sufocado durante toda a viagem veio à tona, ameaçando dominá-lo. Piscou para afastar lágrimas de alívio.

Sherlock levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio.

Matty assentiu, mas ainda estava sorrindo. Sherlock sabia que, se os homens no quarto vissem aquele sorriso, saberiam que algo havia acontecido. Por isso, empurrou os cantos da



boca para baixo com os indicadores, compondo uma

expressão de tristeza exagerada. Matty franziu o cenho.

6

Sherlock

tentou

novamente,

baixando

também

as

sobrancelhas, e então as de Matty subiram e ele arregalou os

olhos ao compreender o significado da mensagem. O sorriso

desapareceu de seu rosto e a boca se rearranjou na curva que

Sherlock havia visto momentos antes, embora os olhos ainda

brilhassem.

— Você está bem? — Sherlock perguntou com o

movimento dos lábios.

Matty assentiu discretamente.

— Eles estão tratando você bem? — O menino moveu a

boca mais uma vez, sem emitir som.

Dessa vez Matty franziu o cenho.

— *Eles... estão... tratando... você... bem?* — repetiu

Sherlock, separando as palavras para facilitar a

compreensão.

Matty repetiu o gesto afirmativo com a cabeça, muito

levemente.

— Vamos tirar você daí! — Sherlock avisou.

Matty abriu a boca e formou as palavras:

— Eu sei.

Os homens atrás de Matty pareciam ter concluído sua conversa. Sherlock teve a sensação de que não dispunham de muito tempo.

— Para onde vão levar você?

Os lábios de Matty se moveram, mas Sherlock não conseguiu entender o que ele estava tentando dizer.

Franzindo o cenho, balançou a cabeça para demonstrar que não havia compreendido a resposta. Matty tentou novamente, mas as palavras formadas eram desconhecidas para Sherlock.

Matty ergueu as mãos, tocando as têmporas com as pontas dos dedos. Estava indicando a cabeça? Ele apontou para a rua, onde um grupo de moleques revirava latas de lixo e jogava restos de comida no chão. Por fim, Matty levantou as



sobranceiras, como se perguntasse se Sherlock havia

17

entendido. Sherlock balançou a cabeça, fazendo um não

7

silencioso. Matty tentou novamente — apontando para a própria cabeça e apertando os olhos, depois indicando os meninos de rua. E acrescentou mais gestos — ergueu um dedo e apontou para si, depois ergueu dois dedos e apontou para Sherlock e, após erguer três dedos, deu de ombros, como se estivesse confuso.

Era uma maluquice. Fosse o que fosse que Matty tentava transmitir, Sherlock não conseguia entender.

Estava se preparando para dizer mais uma vez que não entendia o recado quando um dos homens atravessou o quarto e segurou o ombro de Matty, puxando-o para longe da janela. Ele nem olhou para fora, o que fez Sherlock deduzir que queria apenas levar o menino para algum lugar e não vira que ele estava se comunicando com alguém. Sherlock desviou os olhos e tentou desaparecer de vista. Quando olhou para a janela novamente, o quarto estava vazio. Os homens haviam partido, levando Matty.

Sherlock desceu a escada apressadamente e atravessou a rua, aproximando-se da hospedaria. Não sabia o que ia fazer, mas tinha que ser alguma coisa.

Era tarde demais. No tempo em que ele e Matty tentavam se comunicar, um dos homens devia ter descido para providenciar o transporte, enquanto outro levava a bagagem para a rua. Quando Sherlock se aproximava da porta, eles já entravam no veículo. Sherlock conseguiu ver o rosto assustado de Matty antes de o condutor pôr os cavalos em movimento.

Ele olhou em volta procurando outro carro, mas só havia pedestres na rua.

O desespero o invadiu.

Não. Não tinha tempo para isso. Correndo tanto quanto podia, Sherlock voltou ao hotel, refazendo a rota que havia memorizado inconscientemente, sabendo que tinha o papel timbrado no bolso caso se perdesse. A mente trabalhava tão



depressa quanto as pernas, tentando decifrar o significado da

17

mensagem. Uma dica, é claro. Uma resposta à sua pergunta.

Mas o quê?

Charadas, talvez? Matty tentava soletrar o nome do lugar para onde ia, talvez formando sílabas? Lojas, esquinas e hotéis iam ficando para trás, e Sherlock continuava correndo, sentindo o ar passar por suas narinas e queimar-lhe a garganta. E durante todo o tempo ele tentava decifrar as pistas.

Cabeça. Cérebro? A expressão, de olhos apertados, era de concentração? Concentrar-se? Pensar?

A rua. Ele havia apontado para os garotos ou para a bagunça que faziam, sujando a rua e virando latas de lixo? Seus pés batiam no pavimento e ele passava por pedestres que caminhavam mais devagar, tentando pensar...

Pense, Sherlock, pense.

E de repente tudo se encaixou. Pensar, pensamento, —pensel. E o que eram aqueles garotos, se não —vândalos! Pense-vândalos. Havia um lugar na América, em algum lugar perto dali, chamado Pensilvânia. Pensilvânia. Era isso que Matty estava tentando transmitir?

Mas e quanto à outra mensagem — um dedo apontando para ele mesmo, dois dedos para Sherlock e depois os três dedos erguidos e a aparente confusão? O que aquilo significava?

Se Matty era o número um e Sherlock, o número dois,

o que seria o três?

O Hotel Jellabee já podia ser visto. Os músculos de Sherlock gritavam de dor, mas ele continuava correndo.

Matty e Sherlock e uma terceira coisa, alguma coisa que faltava. Virginia! Devia ser Virginia. E o nome dela também era o nome de um lugar!

Pensilvânia Virgínia. Ainda não fazia sentido para Sherlock, mas talvez Amyus Crowe pudesse explicar.

Ele passou correndo pela entrada do hotel e subiu a escada, praticamente desabando contra a porta do



apartamento. Os punhos fechados a esmurraram. A porta se

17

abriu e ele caiu para o lado de dentro. Virginia estava em pé

9

na sua frente, olhando assustada para ele.

— Onde está seu pai? — ele perguntou, sem fôlego.

— Ainda não voltou. Deve estar na Agência Pinkerton.

— Encontrei Matty. Mas ele está sendo levado agora. —

Era preciso fazer um grande esforço para formar as palavras, ofegante como estava. — Matty me mandou uma mensagem: — Pensilvânia Virgínia. Acho que ele tentava me dizer para onde o estavam levando, mas não entendi. Eles vão para a Pensilvânia ou para a Virgínia? Ou para os dois lugares? São lugares, não são?

Virginia balançou a cabeça.

— É mais simples que isso. A Ferrovia Pensilvânia tem trens partindo de uma estação própria em Nova York. Eles têm uma linha que segue para Virgínia. É para lá que estão levando Matty. Deve ser.

— Precisamos encontrar seu pai e contar a ele.

— Não temos tempo — ela respondeu. — Se eles estão a caminho da estação, precisamos ir para lá agora e interceptá-los, tentar resgatar Matty. Não podemos esperar por papai. Vou deixar um bilhete.

Ela foi até a escrivaninha rapidamente, abriu uma gaveta e pegou um maço de dinheiro.

— Papai deixou isto aqui para não ser roubado na rua.

Não que alguém fosse tentar, mas ele sempre é cuidadoso. De qualquer forma, podemos precisar.

Ela rabiscou um bilhete para o pai em uma das folhas de papel timbrado que estavam na gaveta e eles saíram juntos. Havia um cabriolé deixando um hóspede na porta do

hotel; Virginia aproveitou e entrou na carruagem, puxando Sherlock junto. Ela falou com o condutor; Sherlock não conseguiu ouvir o que ela dizia, mas a carruagem partiu em um trote acelerado.

— Prometi pagar em dobro se ele nos levar até a estação em dez minutos — Virginia explicou.



Ela e Sherlock seguraram firme enquanto a carruagem

18

sacudia pelas ruas de Nova York. Em duas ocasiões as rodas

0

caíram em buracos maiores, fazendo com que um caísse sobre o outro, mas eles rapidamente se afastaram.

Quando o cabriolé parou do lado de fora de uma imponente estrutura que devia ser a entrada da estação ferroviária,

Sherlock

sentia-se

dolorido

da

viagem

desconfortável. Enquanto Virginia pagava o condutor, ele correu para o prédio.

A cena era de um caos controlado, com pessoas caminhando em várias direções, atravessando um amplo saguão de mármore. Do outro lado, uma série de arcos se abria para o que Sherlock deduziu serem as plataformas. Placas de madeira penduradas em ganchos anunciavam o destino dos trens e as paradas ao longo do caminho.

Enquanto ele observava, algumas placas eram retiradas e outras colocadas no lugar.

Sherlock correu ao longo da fileira de arcos, lendo todas as placas. Depois de alguns momentos percebeu que Virginia corria a seu lado.

Chicago, Delaware, Baltimore... De repente, Sherlock compreendeu com um sobressalto que Virgínia era um estado, mas que os destinos nas placas eram *idades*. Na Inglaterra, ele sabia que Southampton, por exemplo, ficava em Hampshire, mas nos Estados Unidos não fazia ideia em que estados ficavam aquelas cidades.

— Ali! — Virginia gritou. — Richmond... é a capital da Virgínia. Plataforma 29. Linha Pensilvânia.

Ela indicou o caminho por um arco, e Sherlock a

seguir. Um guarda vestido com um impressionante uniforme azul e quepe de bico olhou com ar de censura para o paletó rasgado de Sherlock e tentou detê-los, mas Virginia passou correndo por ele. O homem tentou agarrar o braço de Sherlock, mas o menino empurrou-o e continuou em frente. Agora corriam pela plataforma, passando pelos vagões de um trem que parecia interminável. A locomotiva no início



da fila estava escondida além de uma curva. Diferentemente

18

das estações na Inglaterra, onde as plataformas e as portas

1

ficavam no mesmo nível do vagão, ali a plataforma era mais baixa, e degraus levavam às portas dos vagões.

Sherlock ia olhando as janelas enquanto eles corriam, procurando Matty, mas foi a face queimada e desfigurada de John Wilkes Booth que ele viu primeiro. Segurando o braço de Virginia, ele a deteve e os dois voltaram juntos.

— Não temos muito tempo — ele avisou, ofegante.

Virginia olhou de um lado para o outro. Além de um pequeno grupo de pessoas embarcando em alguns vagões adiante, não havia ninguém que pudesse ajudá-los. Até mesmo o coletor de passagens que tentara interceptá-los pouco antes tinha sumido — provavelmente fora buscar a polícia.

— Temos que encontrar um guarda no trem — Virginia sugeriu, já subindo a escada. — Ele pode impedir que o trem parta.

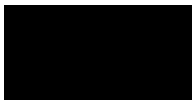
Sherlock não teve alternativa senão segui-la. Não sabia muito bem se ela havia pensado direito naquilo, mas, por outro lado, não tinha nenhuma ideia melhor para sugerir.

Estavam dentro do vagão. Havia um corredor central, estendendo-se entre bancos de madeira estofados.

Mais à frente, em um conjunto de assentos, estavam Ives, Berle, John Wilkes Booth e, a julgar pelo formato da cabeça, Matty. Os homens conversavam intensamente, e Sherlock se escondeu entre dois bancos antes que fosse visto.

Virginia olhava em volta tentando encontrar um guarda. O coração de Sherlock disparou quando ele ouviu o apito soar do lado de fora; um som agudo e prolongado.

E então o trem começou a se mover.



18

2

Capítulo doze

O PRIMEIRO IMPULSO DE SHERLOCK foi correr até a porta e pular do trem. Ele agarrou o braço de Virginia e puxou-a, mas a garota resistiu.

— Temos que sair! — Sherlock sussurrou. — Não compramos passagens e deixamos seu pai...

— Podemos comprar as passagens com o guarda no trem — respondeu Virginia —, ou diremos que elas estão com nosso pai, que está em outro vagão. E podemos mandar um telegrama para o papai na primeira parada dizendo onde estamos. O mais importante é não perder de vista os homens que sequestraram Matty. Se os perdermos agora, nunca mais os encontraremos. Temos que segui-los até se instalarem em outro hotel ou em uma casa, em algum lugar.

— Mas...

— Confie em mim. Estamos em meu país, eu sei como

as coisas funcionam aqui. Já viajei de trem sozinha antes.

Vai dar tudo certo.

Sherlock se conformou. Acabaram ali por acidente, mas

já que estavam no trem precisavam tirar proveito disso.

Descer e voltar ao hotel seria desperdiçar todo o esforço que

havam feito para chegar à América.

— Muito bem — ele concordou. — Vamos ficar.

— Não temos mais escolha — Virginia respondeu

enquanto apontava para a janela. Do lado de fora a

plataforma havia desaparecido, e o trem ganhava velocidade

sobre os trilhos assentados em estradas de terra. Ele podia



sentir, além de ouvir, os estalos das rodas do vagão passando

18

sobre as soldas dos trilhos a intervalos regulares.

3

Sherlock olhou para o corredor, para os homens que

mantinham Matty cativo.

— Estão sentados — disse. — Vamos procurar lugares

para nós e pensar no que faremos a seguir. Estamos apenas seguindo-os ou vamos tentar resgatar Matty?

— Depende do que acontecer — respondeu Virginia. —

Por que acha que estavam com tanta pressa para pegar o trem?

— Por minha causa — admitiu Sherlock — Um deles me viu na rua, mas consegui me esconder, e ele voltou para o hotel. Devem ter decidido sair de lá. Foi lá que consegui encontrar Matty, e ele tentou me dizer para onde eles o levariam. Há dois lugares vagos ali. Vamos nos sentar, pelo menos.

Os assentos eram voltados para o fundo do vagão, de costas para o grupo que levava Matty como prisioneiro.

Quando se sentaram, Sherlock olhou pela janela. O trem fazia a curva e subia, e nesse momento ele conseguiu ver a máquina que puxava a composição. Talvez fosse ingenuidade, mas esperava ver algo parecido com as locomotivas que iam de Farnham a Londres passando por Guildford, mas esta era diferente. A forma básica da caldeira cilíndrica era a mesma, mas a pequena chaminé comum nas composições inglesas era substituída por uma coisa enorme com laterais inclinadas que saíam da caldeira. E havia um objeto bizarro preso à frente do trem; uma grade de metal formando um ângulo que parecia servir para remover obstáculos dos trilhos.

— Búfalos — Virginia disse simplesmente.

— O quê?

— Búfalos. E vacas. Eles andam pelos trilhos, e às

vezes param na via. O trem precisa reduzir a velocidade, e aquela coisa empurra o animal para fora do caminho.

— Ah! — Ele pensou por um momento. — Por que não contamos ao coletor de passagens?



— Contar o quê?

18

— Que Matty está sendo sequestrado por aqueles

4

homens.

— O que ele vai fazer? — Virginia balançou os cabelos cor de cobre. — O coletor de passagens quase sempre é um velhinho a caminho da aposentadoria. Ele não vai poder fazer nada.

O trem seguia adiante. Do lado de fora, casas e ruas davam lugar a árvores e a vastos trechos de espaço aberto. O

sol brilhante fazia a vegetação parecer cintilante, como se tivesse um brilho próprio.

— Quanto tempo dura a viagem? — ele perguntou.

— Para Richmond? — Ela pensou por um instante. —

Um dia, talvez. Depende do número de paradas. E também é possível que tenhamos que trocar de trem em algum lugar.

— Um *dia*? — O país era *grande*. — E onde vamos comer?

— Deve haver um vagão-restaurante no fundo do trem.

Se não, sempre tem gente vendendo comida nas estações. O trem fica parado por tempo suficiente para podermos descer e comer alguma coisa. E talvez até dê tempo de mandar um telegrama para meu pai no hotel ou na Pinkerton, especialmente se deixarmos o texto pronto e apenas entregá-lo. Muitas estações têm um posto de telégrafo.

— Teremos que ser cuidadosos para que não nos vejam

— Sherlock lembrou.

— Nós vamos conseguir — ela respondeu, confiante.

Sherlock olhou por cima do ombro para ter certeza de que os homens continuavam no mesmo lugar. Um deles caminhava pelo corredor, vindo em sua direção. Sherlock virou-se sem fazer barulho, esperando que o homem não houvesse notado sua presença. Era Berle, o médico careca. Ele passou direto, e Sherlock ficou olhando para suas costas,

acompanhando seu progresso pelo vagão. Teria de ficar muito atento para quando ele voltasse, porque, então, estariam frente a frente, e ele certamente o reconheceria se o visse.



Sherlock percebeu que a maneira mais eficiente de

18

esconder o rosto seria virar para o lado e beijar Virginia

5

quando Berle voltasse. Assim, tudo que o homem veria seria a parte de trás de sua cabeça. Ele olhou para Virginia e abriu a boca, pronto para dar essa sugestão. Ela o encarou com aqueles olhos brilhantes cor de violeta.

— O que é? — perguntou.

— Eu estava pensando... — Sherlock começou, hesitante.

— Pensando o quê?

Era algo simples de dizer. — Talvez tenha que beijá-la para não ser reconhecido, por isso, não se surpreenda se isso acontecer, mas, por alguma razão, não conseguia formar as

palavras. Estavam muito próximos, tanto que podia contar as sardas no rosto de Virginia. Poderia simplesmente se inclinar e encostar os lábios nos dela.

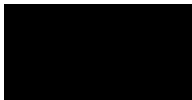
— Nada. Não se preocupe.

Ela franziu o cenho.

— Não, diga. O que é?

— Sério, não é nada. — Sherlock virou-se, atento para o caso de Berle voltar. Se o visse entrar no vagão, olharia pela janela ou alguma coisa assim. Ainda usava a boina que havia comprado no armário. Podia só puxá-la sobre os olhos e fingir que estava dormindo. Isso funcionaria. Provavelmente. Olhou pela janela mais uma vez. Postes de telégrafo passavam do lado de fora, um depois do outro, paralelos à ferrovia. Sem pensar, Sherlock contou os segundos entre os postes — um, dois, três, quatro — e de novo — um, dois, três, quatro. Os espaços entre os postes eram iguais, pelo que podia notar. Se soubesse qual era a distância entre eles, poderia usar a informação sobre o tempo entre um poste e outro para saber em que velocidade o trem viajava. Não que a informação fosse mais do que interessante, mas serviria para passar o tempo.

Uma cidadezinha passou depressa pela paisagem e desapareceu quase imediatamente. Sherlock viu apenas as



construções baixas de madeira e carroças de quatro rodas. E

18

cavalos. Muitos cavalos.

6

O movimento do trem o estava deixando sonolento.

Havia usado muita energia correndo de volta ao hotel mais cedo, e a tensão constante começava a esgotar suas forças.

Seu corpo precisava de repouso.

Devia ter cochilado por algum tempo, porque, quando percebeu, do lado de fora da janela havia uma longa descida até um rio cintilante. O trem estava sobre uma ponte, atravessando um penhasco. Pelo que podia ver, a ponte era de madeira e ligeiramente mais larga que o trem.

Virginia sentiu que ele ficara tenso de repente.

— Não se preocupe — ela disse —, é completamente seguro. Essas pontes existem há anos.

Pouco depois disso o trem começou a reduzir a marcha.

— Vamos entrar em uma estação — avisou Virginia.

— Ou tem um búfalo nos trilhos — Sherlock

respondeu.

Sua mente começava a estudar possibilidades. Chegar a uma estação dava a eles uma nova série de opções, desde comer alguma coisa a enviar uma mensagem para Amyus Crowe e até tentar resgatar Matty. Se conseguissem tirá-lo do trem, poderiam esperar por Amyus Crowe na cidade ou simplesmente embarcar em um trem de volta para Nova York — presumindo que houvesse mais de um por dia ou por semana. Só então percebeu que não fazia ideia dos horários dos trens neste país.

— Temos que ir para a plataforma — ele disse. — Se tivermos uma chance, precisamos tentar afastar Matty daqueles homens.

O trem reduziu ainda mais a velocidade. Passavam agora por um campo de plantas altas com topos bulbosos. A única cerca que Sherlock conseguia ver ia da linha do trem até o horizonte. O som do apito da locomotiva soou de repente do lado de fora: um silvo triste como o chamado de alguma criatura mítica. Havia agora um grupo de casas e





galpões compondo a paisagem, depois mais casas, e então

18

uma cidade inteira se materializou enquanto o trem ia

7

parando lentamente, encaixando-se entre duas plataformas
pouco acima do chão.

— Vamos descer — Sherlock decidiu ao ouvir à
distância a voz do coletor de passagens.

— Perseverance, Nova Jersey! Parada de dez minutos,
senhoras e senhores; parada de dez minutos em
Perseverance.

Sherlock puxou Virginia do assento e foi com ela em
direção à porta do vagão. Alguém do lado da fora a abriu, e os
dois pularam para a plataforma.

— Vá procurar comida — ele falou. — O dinheiro está
com você. Vou ficar vigiando para ver se eles desembarcam.

A plataforma estava cheia de gente em roupas
empoeiradas feitas de brim, algodão ou algum tipo de tecido
padronizado que lembrava um pouco um xadrez escocês.

Sherlock atravessou esse mar de gente para se posicionar sob
a sombra de uma parede. Alguns passageiros ficariam na

cidade, outros desembarcavam só por alguns minutos, outros estavam subindo no trem nesta estação. O coletor de passagens ia de um lado para o outro distribuindo orientações.

Ives — o grandalhão de cabelos loiros e curtos — saiu do trem com Matty. Berle, o médico, devia estar cuidando de John Wilkes Booth, o maluco. Matty estava pálido, mas Ives até que o tratava bem. Não o empurrava nem o agredia, mas mantinha a mão sobre o ombro do garoto. Ele o levava para uma fileira de pequenas construções de madeira próximas dos trilhos, casinhas pouco maiores que um galpão de jardim. Banheiros, Sherlock deduziu. Deviam ser apenas buracos no chão fechados por madeira para garantir privacidade.

Ives empurrou Matty para dentro de uma daquelas cabanas e fechou a porta. Ele permaneceu ali por um



momento, depois se afastou, torcendo o nariz e cobrindo o

rosto com a mão. O cheiro devia ser desagradável.

8

Sherlock correu para a área atrás dos reservados e contou as casinhas até chegar àquela onde Matty havia entrado. A madeira era meio podre perto do chão. Ives estava certo; o cheiro era repugnante.

— Matty! — ele cochichou por entre as frestas na madeira.

— Sherlock! — o menino gritou. — Vi você e Virginia no trem!

— E *eles* nos viram?

— Não. Teriam comentado.

— Certo. — Sherlock testou a madeira na base do reservado. — Ajude-me a abrir um buraco.

Juntos, com Sherlock puxando e Matty empurrando, eles arrancaram alguns pedaços de madeira da parede, o suficiente para Matty passar. Sherlock segurou a mão dele e puxou. Momentos depois os dois estavam juntos do lado de fora.

— Você está bem? — Sherlock indagou, ofegante.

— Melhor agora. — Matty franziu o cenho. — Fiquei com medo no navio, mas eles me trataram bem e me alimentaram. E eu sabia que você me resgataria.

— Vamos sair daqui.

Juntos, eles se esgueiraram pela parte de trás dos reservados. Sherlock olhou com cuidado pela lateral do último galpão e viu que Ives ainda estava no mesmo lugar perto dos trilhos, esperando.

— Onde está Virginia? — indagou Matty.

— Foi buscar comida.

— E o Sr. Crowe?

— Ficou em Nova York.

— Como isso aconteceu?

Sherlock balançou a cabeça.

— Muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Não foi como nós planejamos.



Ives afastou-se mais, cobrindo o nariz. Enquanto ele

18

estava de costas, Sherlock segurou o braço de Matty.

9

— Vamos!

Os dois correram pela estação até um edifício simples

onde funcionava o balcão de venda de passagens e uma sala de espera. Sherlock conduziu Matty por uma das laterais, fora do campo de visão de Ives, caso ele se virasse. Virginia estava lá esperando por eles. Ela entregou a Sherlock dois cones de papel recheados de alguma coisa quente, depois envolveu Matty em um enorme abraço.

— É tão bom ver você de novo! — exclamou.

Matty abraçou-a de volta.

— É bom ver você também — ele disse, emocionado.

Sherlock olhava para fora do prédio. A multidão ia diminuindo — as pessoas que seguiriam viagem já haviam embarcado e as que ficariam na cidade não permaneceram na estação por muito tempo. Restavam apenas alguns passageiros que ainda esticavam as pernas e compravam comida. O guarda estava em pé na plataforma, ao lado da composição, consultando o relógio de bolso. Lá na frente, ao lado da locomotiva, o condutor enchia o reservatório de água usando uma mangueira saída de um tanque alto perto dos trilhos.

— Agora, só precisamos esperar até o trem partir —

Sherlock falou. — Depois, embarcamos no próximo trem de volta para Nova York

— Não vai ser tão fácil — avisou Virginia.

— Por que não?

Ela apontou na direção dos banheiros do lado de fora.

— Olhe!

Berle e Ives estavam juntos. Ives explicava alguma coisa para Berle, que parecia furioso.

— Eles perceberam que Matty desapareceu — Sherlock concluiu. — E vão começar a procurar.

Ele estava certo. Berle e Ives se separaram, seguindo em direções distintas. Berle caminhava ao longo do trem,



olhando por baixo dos vagões para ver se havia alguém do

19

outro lado, enquanto Ives ia na direção deles. Não, na

0

verdade ele caminhava para a sede da estação. Dentro do prédio ele parou para olhar a sala de espera.

— Depressa! — disse Sherlock — Por aqui!

Ele levou os outros dois de volta ao trem.

— Não podemos voltar para lá! — Virginia protestou.

— Não temos escolha. Ives e Berle vão olhar cada

milímetro da estação e dos reservados. Se conseguirmos entrar no trem e sair pelo outro lado, podemos nos esconder e voltar quando a composição partir.

Ele subiu a escada que levava a um dos vagões.

Virginia e Matty o seguiram sem esconder a relutância.

Sherlock moveu-se rapidamente para o outro lado do trem e tentou abrir a porta.

Estava trancada.

Ele fez mais força.

Nada.

Virginia estava vigiando a porta aberta.

— Estão voltando! — ela avisou.

Sherlock olhou para o final do vagão.

— Vamos para a outra porta — disse. — Venham!

Felizmente, haviam embarcado em um vagão diferente daquele em que viajaram. Ao percorrerem o corredor central, passando por pessoas que ainda estavam em pé, arrumando as bagagens ou simplesmente esticando as pernas, não viram nenhum dos homens que tentavam evitar.

No final do vagão Sherlock experimentou a porta que se abria para fora do trem, para o lado oposto da plataforma.

Aquela estava destrancada, mas quando a abriu e se preparou para pular, viu que o grandalhão Ives estava daquele lado. O homem olhava para o campo aberto, na

direção contrária à do trem. Sherlock fechou a porta rapidamente.

Virginia examinava a plataforma.



— O careca ainda está lá fora — disse. — Está

19

verificando os dois lados do trem.

1

Do lado de fora, o guarda apitou.

— Todos a bordo! — anunciou.

Sherlock pensava depressa. Não havia saída.

— Vamos ter que tentar novamente na próxima estação

— ele anunciou, decidido. — Pelo menos conseguimos resgatar Matty.

Mais um apito e segundos depois a composição

começou a se mover, primeiro bem devagar, depois acelerando gradualmente. Virginia olhou pela janela.

— O careca embarcou — disse.

Sherlock olhou pela janela do outro lado.

— Ives também.

— Então, estão todos dentro do trem — Matty resumiu.

— Ótimo. E eu nem consegui ir ao banheiro como precisava.

— Pelo menos temos comida — lembrou Virginia.

— Vamos encontrar lugares para sentar — Sherlock

sugeriu. — De preferência, o mais longe possível daqueles

homens. Do outro lado do trem, se conseguirmos. — Ele se

virou para começar a andar, mas alguma coisa no silêncio

atrás de si o fez voltar.

Berle e outro homem que Sherlock não reconhecia

estavam atrás de Virginia e Matty, segurando facas contra a

garganta dos dois. Deviam ter passado pela porta interna que

unia os vagões sem que eles percebessem.

Sherlock olhou por cima do ombro.

Ives se aproximava pelo corredor, vindo da direção para

a qual ele planejava seguir pouco antes. E não parecia feliz.

— Não seja idiota, garoto — avisou Berle. — Ives já está

muito zangado. Não piore a situação. Ele às vezes fica...

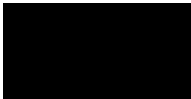
descontrolado. Coisas ruins acontecem quando ele fica assim.

Sherlock olhou de um para o outro, de Ives para Berle.

A cruz e a espada.

O coração parecia pesar dentro do peito. Não tinha

saída. Duas alternativas, ambas resultando em cativeiro.



Não, corrigiu-se. O que Mycroft diria? O que Amyus

19

Crowe sempre repetia? Quando só existem duas

2

possibilidades, e você não gosta de nenhuma delas, crie uma terceira opção.

Ele abriu a porta do vagão e deu um passo na direção do vazio. A paisagem verdejante do interior do estado de Nova York passava depressa. Ele ouviu Virginia sufocar um grito. Ives praguejou. Sherlock mantinha a mão esquerda no batente da porta e o pé esquerdo apoiado no ponto exato onde batente e piso se encontravam. O vento o empurrava para trás, mas ele deu impulso para a frente e para um lado, para a junção entre os vagões. Havia notado uma escada ali antes, degraus que levavam à parte de cima do trem, e tateou com a mão direita até encontrar a escada. Os dedos encontraram um degrau, e ele estendeu a perna direita, tentando pisar na escada. Depois do que pareceu uma

eternidade, mas provavelmente não passou de dois ou três segundos, seu pé encontrou algo sólido. O degrau. Soltando o batente da porta, ele puxou o corpo para a escada.

Alguém segurou seu pé esquerdo antes que ele pudesse erguê-lo. Ele chutou a mão que o prendia, sentindo o calcanhar acertar o rosto de alguém. Os dedos soltaram seu tornozelo, deixando no lugar a dor causada pela pressão.

No instante seguinte, ele estava em cima do trem.

Tinha que ficar abaixado, agarrado à barra de ferro que acompanhava todo o comprimento do vagão.

Sherlock via a composição fazendo uma curva à sua frente. A fumaça que saía da chaminé corria para trás, dificultando a respiração e fazendo seus olhos lacrimejarem.

Ele hesitou por um momento. Em vez de ser capturado, escolhera a única alternativa existente — a fuga —, mas escapar seria difícil. Ainda estava no trem — *em cima* dele — e não tinha um plano. Para onde quer que fosse, Ives e os outros homens o encontrariam. E com certeza o matariam. E não podia simplesmente fugir, pular do trem quando





passassem por um rio ou algo assim. Tinha que resgatar

19

Virginia e Matty.

3

O desespero o cercava como uma nuvem negra, mas ele o afastou com muito esforço. Teria tempo para isso mais tarde. Agora precisava pensar.

Se conseguisse percorrer os vagões até a frente do trem, talvez pudesse alertar o condutor. Talvez encontrasse um jeito de mandar uma mensagem para as autoridades ou fazer o trem voltar para levá-los a Nova York ou alguma coisa.

Qualquer coisa!

Ainda abaixado, ele foi se movendo pelo teto do vagão.

O vento era seu oponente, empurrando-o de volta como um punho gigante bem no meio do peito, mas ele insistia. Era preciso. Os olhos lacrimejavam por causa da fumaça da locomotiva, e o ar ficava preso no peito, mas não podia parar.

Matty e Virginia dependiam dele.

O trem estremeceu sobre uma seção irregular dos trilhos, e Sherlock quase perdeu o equilíbrio. Ele balançou para a frente e para trás por um momento, tentando colar o

corpo ao vagão, e permaneceu imóvel até ter certeza de que estava seguro.

Bem, *um pouco mais* seguro, corrigiu-se, olhando em volta e vendo a paisagem passar depressa em raios verdes e marrons.

Aproximavam-se de um rio. Podia vê-lo à frente do trem, que descrevia uma curva e corria para uma ponte que parecia ser feita de palitos de fósforo. Sentia o coração disparado dentro do peito.

E ele ameaçou explodir quando a cabeça e os ombros de Ives apareceram na junção entre aquele vagão e o da frente. Ele devia ter atravessado pela porta interna e subido a escada seguinte.

Ives subiu e ficou em pé sobre o vagão. A coluna de fumaça da locomotiva, transportada pelo vento, soprava em torno dele como um manto branco.



— Não está raciocinando, garoto — ele berrou. — Para

onde vai? É mais seguro lá embaixo, com os outros.

4

Sherlock balançou a cabeça.

— Só precisa de um de nós para pressionar Amyus

Crowe — ele gritou de volta. — E não acredito que vai querer andar por aí carregando três reféns.

— Amyus Crowe. Está falando daquele grandalhão do terno branco? Não sabia o nome dele até agora, mas o homem é persistente. E você também.

— Você nem imagina quanto — berrou Sherlock, mas estava com medo. Ele olhou para trás. Não havia ali nenhum sinal de Berle ou do outro homem, mas as chances de conseguir descer e voltar por onde havia subido eram mínimas. Deviam estar esperando por ele lá embaixo, onde os vagões se uniam, um deles segurando Virginia, o outro, Matty.

Quando ele se virou novamente, Ives empunhava uma arma.

— Você tem brios, admito — ele disse, levantando a pistola.

Uma parte do cérebro de Sherlock se perguntava o que eram —brios!, enquanto a outra constatava que o trem fazia uma curva e já começava a entrar na ponte que ele vira momentos antes. De repente, o terreno sob os trilhos

desapareceu, dando lugar a um enorme vazio cortado no fundo por uma faixa azul e brilhante. Uma terceira parte do cérebro estava tentando dizer alguma coisa a ele.

Ives atirou. Sherlock encolheu-se, mas o vento e a vibração haviam prejudicado a mira de Ives, como ele sabia que aconteceria, e a bala passou longe de Sherlock.

Ives aproximou-se um pouco mais, tentando manter o equilíbrio, e Sherlock tentou capturar a ideia que insistia em se manter fora do alcance da consciência. Algo que ele tinha feito recentemente. Alguma coisa que havia *comprado*.

A funda! Desesperado, vasculhou os bolsos procurando a bolsa com as duas tiras de couro. Bolso direito da calça.



Não. Bolso esquerdo da calça. Não. Ives se preparava para

19

atirar outra vez. Bolso esquerdo interno do paletó. Não, mas

5

os dedos tocaram o pacote de bolinhas que ganhara do dono da loja. Ives apontava a pistola em sua direção, apoiando-a

com a mão esquerda. Bolso esquerdo externo do paletó...

Sim! Sherlock pegou a funda e encaixou a mão direita no laço, posicionando a outra ponta no centro da palma, deixando a bolsa de couro solta.

Ives atirou. A bala passou assobiando bem perto da orelha de Sherlock.

Ele enfiou a mão esquerda no bolso, pegou uma bolinha e encaixou-a na funda. Antes que Ives pudesse reagir, ele girou as alças sobre a cabeça duas vezes e soltou a ponta de couro que estava em sua mão. A bolinha voou na direção de Ives, deixando um rastro brilhante no céu, e o acertou na orelha esquerda, provocando um corte profundo.

Ives gritou de surpresa e choque ao sentir o sangue pingando em seu ombro. Ele arregalou os olhos, incrédulo.

Sherlock segurou a ponta da funda e encaixou outra bolinha na bolsa.

O trem estava agora no meio da ponte, e Sherlock sentiu um movimento lateral, como se a ponte balançasse sob o peso da composição.

Ives se jogou para a frente, tentando chegar perto de Sherlock, as mãos esticadas para agarrá-lo. Era como se houvesse esquecido que tinha uma arma.

Sherlock girou a funda duas vezes e soltou a tira de couro. A distância agora era menor, e a bolinha acertou o

meio da testa de Ives, onde ficou parada, na depressão provocada pelo impacto. Ives caiu para trás, com os olhos tão abertos que era possível ver o branco em torno das pupilas. As costas dele chocaram-se contra o teto de metal do vagão e ele rolou para o lado, desaparecendo no vazio. Sherlock ouviu o grito desesperado enquanto o homem caía, e então não havia nada senão o apito do trem e o lamento do vento.



Sherlock caiu de joelhos, ainda agarrado à barra de

19

ferro. Esperou a respiração se acalmar e o coração voltar ao

6

ritmo normal, e só então se levantou para voltar à escada por onde subira.

Um eliminado; ainda restavam muitos outros. Mas agora ele tinha uma arma.

Os trilhos estalavam sob as rodas quando o trem chegou ao fim da ponte. O apito soou novamente. Sherlock olhou para a frente, para a locomotiva, e viu que o trilho se

dividia em dois. Um seguia em linha reta, enquanto o outro descrevia uma curva, contornando a beirada do precipício.

O trem seguiu pela curva, reduzindo a velocidade ao passar por uma abertura em uma cerca e se aproximando de uma estação que já estava à vista de Sherlock.

Não era uma estação, percebeu.

Uma casa. Uma casa grande e branca. Além dela havia o que parecia ser uma sequência de cercados, áreas muradas e gaiolas, como um zoológico particular.

Ele desceu a escada o mais depressa possível e voltou ao interior do vagão. O guarda percorria o corredor, lutando para passar por entre os passageiros confusos, e gritava:

— Parada imprevista. Por favor, não desembarquem.

Esta é uma parada imprevista.

O trem parou com um longo sopro de vapor. Estavam parados diante de uma enorme varanda nos fundos da casa.

Havia um grupo de oito ou nove homens esperando.

Qualquer esperança que Sherlock poderia ter de que fossem policiais ou soldados desapareceu quando Berle e o outro homem desceram do trem, segurando Virginia e Matty pelos braços, e foram se juntar ao grupo.



Capítulo treze

O TREM ERA O RETRATO do caos. Todos os passageiros pareciam estar gritando com o guarda, tentando descobrir por que haviam trocado de linha, por que pararam e onde estavam. O guarda não parecia ter as respostas — ele tranquilizava as pessoas, mas havia em seu rosto uma expressão revelando profunda confusão.

— Parada imprevista! — ele gritava sem parar. — Por favor, *não* desembarquem aqui.

Na plataforma os dois homens continuavam parados com Virginia e Matty. Esperavam alguma coisa. Por ele, Sherlock suspeitava. John Wilkes Booth estava ali por perto, mas, apesar de estar de pé sem ajuda, balançava lentamente de um lado para o outro e seus olhos não se fixavam em nada em particular. Devia ter sido drogado para ficar quieto.

Um dos homens — outro desconhecido — tirou a mão direita de trás das costas momentaneamente. Ele segurava uma arma.

Sherlock viu que não tinha escolha, por isso saiu do

trem e desceu a escada para a varanda da casa.

Os homens que esperavam na plataforma, perto do último vagão, retiravam caixas do trem. Eram caixas parecidas como as que ele vira no jardim da casa em Godalming — aquelas que pensara conter alguma coisa que se mexia. As caixas eram levadas para uma carroça que esperava junto da plataforma, mas os homens pareciam ter cuidado para não deixar os dedos muito próximos das frestas entre as tábuas. Dois deles praguejaram quando a caixa que carregavam escorregou e quase caiu no chão, mas Sherlock



não conseguiu determinar o que havia desequilibrado a

19

carga. Talvez alguma coisa se movera dentro dela.

8

Sherlock não ouviu nenhum sinal, mas o trem começou a se mover, afastando-se da casa com estrondo à medida que os ganchos que mantinham unidos os vagões eram puxados. No início ele se movia devagar, mas ia

ganhando velocidade e se afastando mais e mais.

— Onde está Ives? — Berle perguntou a Sherlock, erguendo a voz para superar o barulho do trem. Ele apertava o braço de Virginia com a mão direita e com a esquerda segurava a alça de uma caixa do tamanho de uma bola de futebol.

— Desceu — Sherlock respondeu. Podia sentir o coração batendo forte dentro do peito, mas tentava manter a calma e demonstrar que estava tudo sob controle.

Virginia e Matty olhavam para ele, preocupados. Ele olhou para um e depois para o outro, tentando transmitir a mensagem de que tudo ficaria bem, mas não acreditava nisso e tinha certeza de que eles também não.

— Quer dizer que ele *caiu* — disse Berle. —

Você *matou* Ives.

— Sinto cheiro de fumaça — Booth disse atrás deles, com os olhos fechados. Sua voz era sonhadora, distante.

— Quietos! — grunhiu o terceiro homem, o que segurava Matty. — Ou vai levar um ferro em brasa do outro lado dessa sua cara!

Ele devia estar sendo submetido à loucura de Booth desde Nova York — possivelmente, desde Southampton, até — e aproximava-se do limite de sua paciência. Sherlock observou-o por um momento; não tivera a chance de observá-

lo no trem. Ele tinha o corpo de um boxeador e vestia calça e colete de brim, com uma camisa sem colarinho por baixo. Havia uma bandana vermelha amarrada em torno de seu pescoço.

— Não o incomode, Rubinek — Berle avisou. — Duke ainda precisa dele.



O homem chamado Rubinek olhou para Sherlock

19

— E *ele*? Duke não precisa *dele* para nada, e o garoto

9

admitiu que matou Ives. — Ele mostrou a mão direita, a que não segurava Matty, e apontou a arma para Sherlock

— E Gilfillan? — perguntou Berle. — Também está morto? Ele nos mandou um telegrama.

— Ele está preso — Sherlock respondeu. Não sabia se isso era exatamente verdade, mas devia ser, a essa altura.

Berle fechou os olhos por um momento.

— As coisas só pioram — ele disse em voz baixa. —

Duke não vai ficar satisfeito, e já ouvi falar sobre o que

acontece quando Duke não está satisfeito.

— Não temos muitas opções — Rubinek falou, de forma prática. — O trem foi embora, e nós ficamos aqui. Vamos nos livrar das crianças, depois encontramos Duke.

— Não vamos nos livrar das crianças — Berle respondeu em voz baixa, mas com autoridade. Sem Ives, ele assumia o comando, evidentemente. — Duke vai querer interrogá-los, descobrir o quanto sabem. *Depois*, sim, vai querer jogá-los aos seus bichinhos de estimação.

— Ainda quero matá-los eu mesmo — Rubinek resmungou como uma criança mimada a quem havia sido negado um doce.

— Pelo menos temos Booth e esta coisa — Berle falou, levantando a caixa até a altura dos olhos para olhá-la. — Vamos torcer para que seja o bastante. — Ele suspirou. — Bem, vamos acabar com isso.

Berle seguiu na frente em direção à varanda onde, Sherlocknotou, havia uma mesa redonda na frente de portas envidraçadas. Uma toalha branca fora posta sobre a mesa, e havia uma jarra de bebida, aparentemente suco de laranja, um prato com pães e sete copos no centro. Sete cadeiras de ferro pintadas de branco tinham sido dispostas em torno da mesa. Um guarda-sol branco havia sido encaixado no centro,

proporcionando sombra por causa do sol escaldante.



— Guarda-sol. — A palavra se repetia na mente de

20

Sherlock enquanto eles caminhavam pela varanda e se

0

aproximavam da mesa. Aquilo o fazia lembrar de alguma

coisa, mas ele não conseguia determinar o que era. O

problema da memória, pensou, era que só conseguia reter

uma determinada quantidade de informações. Se houvesse

um jeito de apagar todas as lembranças desnecessárias e

substituí-las

pelas

importantes...

Talvez

devesse

simplesmente anotar tudo que considerasse importante em

um caderno, ou em vários cadernos, organizados em ordem

alfabética para encontrar os dados com facilidade quando

precisasse deles.

Estava apenas tentando distanciar-se do que acontecia, pensando em outra coisa, mas a tentativa foi destruída quando Rubinek empurrou-o com o cano do revólver para uma das cadeiras.

— Sente — o homem rosnou.

Sherlock obedeceu. Matty e Virginia foram acomodados um de cada lado dele, depois Berle e John Wilkes Booth se sentaram à esquerda de Virginia, e Rubinek sentou-se à direita de Matty.

Restava uma cadeira vazia, Sherlock notou. Devia estar reservada para o misterioso Duke.

— Meu pai vai nos encontrar, se não nos soltarem — Virginia avisou.

— Seu pai é o grandalhão do terno branco? — Berle olhou para Virginia, para Matty e, depois, para Sherlock — Ele não é pai de todos vocês, é? Não vi vocês todos juntos antes. — Ele olhou mais atentamente para Matty. — Pegamos você porque achamos que isso o faria desistir de vir atrás de nós. Isso mostra que não sabíamos nada. Devíamos ter capturado a menina.

— Ele teria vindo atrás de vocês da mesma maneira — disse Virginia. — É o que ele faz. É meio insubordinado. Berle ia dizer alguma coisa, mas a porta da varanda

que dava para a casa se abriu de repente. Dois criados em



impecáveis casacas pretas mantinham a porta aberta para

20

alguém passar.

1

Era um homem alto, com mais de um metro e oitenta, provavelmente quase um metro e noventa, Sherlock calculou, e muito magro. Tudo que ele usava era branco — terno, colete, camisa, botas, chapéu de aba larga e luvas —, com exceção da faixa em torno da copa do chapéu e da gravata que pendia da gola da camisa e desaparecia no colete. Esses dois detalhes eram de couro preto. Por um momento Sherlock pensou que o rosto do homem era muito pálido ou estava coberto de maquiagem, mas depois de um instante percebeu que ele usava uma máscara de porcelana, uma peça feita com tanto cuidado, com tamanha riqueza de detalhes, que parecia um rosto de traços delicados. O cabelo que escapava do chapéu e emoldurava a máscara era de um louro tão claro

que era quase branco.

Os olhos que espiavam pelos buracos na máscara, porém, não eram brancos. A íris era tão escura que era quase negra, e a região em torno estava vermelha e injetada. Em contraste com a brancura imaculada da máscara, os olhos pareciam brilhar, rubros.

Os pulsos que emergiam das mangas da camisa eram quase impossivelmente magros. Sherlock pensou se seria possível quebrar aqueles ossos com um simples aperto de mão. Não que o homem tivesse estendido a mão para cumprimentá-los. Os dois braços eram puxados para longe do corpo quando ele se movia, com tiras de couro negro presas aos pulsos levando ao interior da casa. E alguma coisa mantinha essas tiras bem esticadas.

Ele parou assim que cruzou a porta. Sherlock teve a impressão de ver alguma coisa se movendo ao fundo, nas extremidades das tiras de couro, mas não tinha certeza.

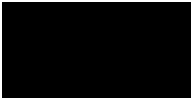
Deviam ser cães, talvez, mas bem grandes.

— Dr. Berle — o homem falou por trás da máscara.

Sua voz era fraca, aguda, quase um sussurro. — Capitão

Rubinek, Sr. Booth. E nossos distintos convidados, é claro.





Infelizmente, não sei seus nomes. Por favor, pelo bem de uma

20

conversa cortês, tenham a delicadeza de se apresentarem.

2

— Sou Virginia Crowe.

Matty fez uma careta.

— Matthew Arnatt.

— Ah! — disse o homem. — Um amigo do outro lado do oceano. — Ele olhou para Sherlock com os olhos vermelhos.

— E o senhor, quem é?

— Sherlock Scott Holmes — respondeu ele.

— Outro visitante britânico. Que... interessante.

A atenção de Sherlock foi atraída pelas mãos que seguravam as tiras. Havia algo de errado com elas, e ele levou um instante para compreender o que era. Faltavam dedos em ambas — o mínimo na esquerda e o anelar na direita —, mas as luvas haviam sido feitas sem espaços para eles, por isso não havia dedos vazios ou tecido preso por alfinetes.

Havia outra coisa estranha nas mãos do homem. Eram tão magras quanto o restante do corpo, mas era possível ver saliências na pele através do tecido das luvas. Como seriam aquelas mãos nuas?

— Estamos em desvantagem — Sherlock falou, voltando a se concentrar na máscara de porcelana e tentando manter a voz calma. — Posso perguntar seu nome?

— Sou Duke Balthassar — respondeu o homem. Sua voz era seca como folhas no outono. — E Duke é meu primeiro nome, não um título de nobreza, como conde ou príncipe. Agora, por favor, sirvam-se. Temos suco de laranja e pães doces. Garanto-lhes que o suco foi feito agora e os pães acabaram de sair do forno.

Virginia estendeu a mão para a jarra.

— Deixem-me servir — ela disse.

Duke Balthassar aproximou-se mais da área iluminada pelo sol. As tiras em suas mãos distenderam-se e, relutantes, dois animais foram puxados para a varanda.

Virginia derrubou o suco de laranja sobre a toalha branca.



Por um momento Sherlock não conseguiu entender o

20

que eram. Pareciam gatos marrons e brilhantes, mas a

3

cabeça deles batia na cintura de Duke Balthassar. Seus olhos eram pretos e as caudas balançavam incansavelmente enquanto olhavam as pessoas, uma a uma.

— *Pumas?* — Virginia sussurrou, sem ar.

— Exatamente — confirmou Balthassar. Ele parecia satisfeito. — Eu até poderia dizer para não ter medo deles, mas esse seria um mau conselho. Você *deve* ter medo deles.

— Não sabia que pumas podiam ser domesticados —

Virginia respondeu, e Sherlock ouviu o tremor na voz dela.

— Não podem — disse Balthassar. — Não mesmo. Mas, como todas as criaturas, inclusive os humanos, eles respondem ao medo. E estes animais têm medo de mim. —

Ele disse alguma coisa em um idioma estrangeiro e os pumas se deitaram na varanda, acomodando a cabeça sobre as patas.

Sherlock via os dentes naquelas bocas entreabertas.

Eram dentes que podiam arrancar a mão de um homem, e as garras que ele via parcialmente recolhidas tinham força suficiente para arrancar um braço de sua articulação.

— Como se faz um puma sentir medo de você? — ele perguntou, temendo não gostar da resposta.

— Da mesma maneira que se faz um homem ter medo de você — Balthassar respondeu. Um dos criados vestidos de preto puxou a última cadeira vazia e ele se sentou com delicadeza, cruzando as pernas finas como as de um gafanhoto. — Com uma mistura de dor e exemplos do que vai acontecer em caso de desobediência. Eles têm memória.

Lembram-se dos exemplos e comportam-se de acordo. Ou você se desfaz deles e recomeça com outro animal, e o ato de desfazer-se, se for realizado de forma adequada e se durar o tempo necessário, já serve como um exemplo do que vai

acontecer caso o novo animal não obedeça. Você pode deixar o corpo à mostra por algum tempo.



Houve um momento de silêncio à mesa, com todos

20

observando os pumas.

4

— Gostei de seu trem — Matty comentou depois de um tempo.

A máscara de porcelana não se moveu, mas Sherlock sentiu um sorriso por trás dela.

— Você é muito gentil. O trem é útil quando preciso ir a reuniões em Nova York ou algum outro lugar. Odeio ter que pegar uma carruagem até a estação mais próxima. As estradas são esburacadas, e há muita poeira. É bem melhor quando o trem vem até mim.

— Como conseguiu algo assim? — Sherlock perguntou.

— Garanto muitos negócios à companhia que administra a ferrovia — Balthassar explicou. — Sou um

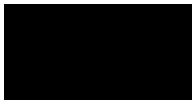
empreendedor. Tenho vários circos e exposições itinerantes que levam animais exóticos a todos os cantos deste belo país, e essas exposições e circos viajam em nossos próprios trens. Quando informei à companhia que queria uma extensão dos trilhos e um mecanismo que me permitisse desviar a composição para minha casa sempre que fosse necessário, os responsáveis concordaram. — Ele parou. — Depois de um tempo. Depois de eu dar exemplos do que aconteceria se eles *não* concordassem.

Sherlock tentou imaginar que tipo de exemplos

Balthassar havia fornecido, mas depois mudou de ideia. As imagens eram muito nítidas.

— Então, desviou nosso trem porque seus homens estavam nele — deduziu Virginia.

— Exato. Eles haviam telegrafado informando que estariam a bordo e avisaram que trariam cargas muito preciosas. — O homem olhou para John Wilkes Booth, que observava o copo de suco de laranja como se ele contivesse os segredos do universo. — O Sr. Booth aqui é uma delas. Há algum tempo espero que ele retorne a este país antes glorioso. Tenho planos para ele. Outra carga foi descarregada mais cedo e, neste momento, está sendo apresentada a seu



novo ambiente. — Ele olhou para a caixa que Berle segurava.

20

— E acredito que tenha aí a última unidade. É isso mesmo,

5

Dr. Berle?

Berle assentiu e lambeu os lábios secos.

— Sim, Duke. Você...

— Ainda não, doutor. Há muito tempo espero pela
chegada dessa encomenda em particular. Quero saborear o
momento. — Ele parou e olhou para todos em torno da mesa.

— No entanto, estou sentindo falta dos estimáveis senhores
Ives e Gilfillan. Onde estão eles?

Sherlock sabia que tinha duas opções: podia deixar

Berle dizer a Balthassar que Gilfillan estava preso e Ives
estava morto ou podia ser mais rápido, contar tudo e tomar a
iniciativa. Decidiu tomar a iniciativa.

— O Sr. Gilfillan está preso na Inglaterra — disse. — E
eu matei o Sr. Ives há pouco, jogando-o de cima do trem. —

Sherlock olhava para as frestas na máscara de Duke

Balthassar. — Ah, e também eliminei um comissário do

SS *Scotia* que tentou me matar. Ele havia sido pago pelo Sr.

Ives.

Um silêncio caiu sobre a mesa. Ouvia-se apenas a

respiração ruidosa dos dois pumas, que observavam Sherlock

com grande atenção. De alguma forma, os animais sabiam

que havia uma batalha pelo comando entre ele e Duke

Balthassar.

— Muito corajoso da sua parte — Balthassar falou

depois de um instante. — Por que, exatamente, você os

matou?

— Talvez quisesse dar o exemplo aos seus outros

serviçais — Sherlock respondeu com tom neutro. — Fazê-los

sentir medo de mim.

Balthassar riu: era um som claro, alto, agudo, um som

que fez os pumas se encolherem.

— De fato, *muito* corajoso — ele disse. — Acho que

gosto de você, Sr. Sherlock Scott Holmes. Não o suficiente

para mantê-lo vivo, mas gosto.





— Não vai fazer nada com ele? — Rubinek indagou.

20

— Por quê? — Balthassar devolveu a pergunta. — Não.

6

Se os homens foram idiotas a ponto de se deixarem vencer por um menino, então já foram tarde. Pouparam-me o trabalho de lidar com eles eu mesmo. Não, o jovem Sherlock aqui não verá o pôr do sol, mas não será por ter eliminado homens que trabalhavam para mim. Não. Ele e os amigos vão morrer porque não tenho utilidade para eles aqui.

O silêncio caiu sobre a varanda.

— Então — Balthassar prosseguiu depois de um momento tenso —, agora que já nos apresentamos e agora que estão confortáveis e saciaram a sede e a fome, por favor, digam-me o quanto as autoridades sabem sobre meus planos.

— Não sabemos de nada — Sherlock respondeu.

— Está errado em duas questões — Balthassar falou.

— Primeira, é evidente que você sabe de *alguma coisa*, se conseguiu interferir nos meus planos e matar dois dos meus homens. Crianças em geral não tropeçam em algo dessa magnitude ou, se isso acontece, fogem bem rapidamente. Pelo

que sei, você foi visto pela primeira vez na Inglaterra, na casa onde o Sr. Booth era... mantido em segurança. Foi lá que o Sr. Ives e o Dr. Berle o viram pela primeira vez. A pergunta é: o que estava fazendo lá? Chegou à casa por acaso, por mero acidente, ou estava procurando o Sr. Booth?

Sherlock abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Balthassar o calou com um gesto.

— Seu segundo erro — ele prosseguiu, naquele mesmo tom neutro e agradável — é que não importa *o que* você sabe. Isso não me interessa nem um pouco. Tenho todos vocês aqui, e ninguém vai escapar. Nas próximas horas, todos morrerão, e junto com vocês vai morrer todo o conhecimento que tiverem sobre meus planos. E isso é uma promessa. Não, a única questão importante é o que o pai dessa garota, Amyus Crowe, e as autoridades da Inglaterra e dos Estados Unidos sabem? — Ele parou e virou a máscara de porcelana



para Sherlock — Fale, e fale agora, antes que eu perca a

paciência.

7

Apesar do sol quente brilhando em um céu azul e sem nuvens, Sherlock sentiu uma brisa fria soprando pela varanda.

— Se vai nos matar de qualquer jeito — ele respondeu com cautela —, por que deveríamos dizer alguma coisa? Não é como se pudéssemos salvar nossas vidas com isso. Você mesmo já disse.

— Sim, tem razão — Balthassar concordou. — Este país tem por base os princípios do comércio e da negociação. Muito bem, vou fazer uma oferta.

Ele virou a máscara de porcelana para Virginia.

— Estenda a mão — disse.

Virginia olhou para Sherlock com o pânico estampado no rosto. Ele não sabia o que a menina devia fazer: obedecer ou ignorar a ordem? Sherlock não conseguia prever qual seria o desfecho de uma ação ou de outra. Apesar da atitude agradável, Balthassar parecia caminhar sobre a linha tênue que separa civilidade e loucura.

— Que coisa tediosa — ele falou. — Sr. Rubinek?

Rubinek inclinou-se por cima da mesa e agarrou o pulso de Virginia, puxando seu braço e aproximando a mão aberta de Balthassar.

— Excelente — disse o homem da máscara de porcelana. Depois, ele falou em tom gutural algumas palavras em um idioma que Sherlock não conseguiu identificar.

Um dos pumas se levantou e caminhou na direção de Virginia, a pele deslizando suavemente sobre músculos definidos e visíveis a cada movimento que ele fazia. Virginia ficou paralisada: até sua respiração parecia estar suspensa. O puma abriu as mandíbulas e estendeu o pescoço até a mão de Virginia estar dentro de sua boca. Rubinek soltou o braço e sentou-se normalmente na cadeira. O grande felino fechou a boca até os dentes pressionarem a carne do pulso de Virginia.



— Agora, temos duas possibilidades — Balthassar falou

20

em um tom relaxado e sereno. — Ou você me diz o que quero

8

saber ou o puma vai arrancar a mão da menina. — A

máscara de porcelana permanecia impassível, mas Sherlock

podia sentir um sorriso por trás da superfície lisa. — A

propósito, o nome dele é Sherman. O do outro é Grant. Uma piadinha minha.

Virginia mantinha os olhos fixos em Sherlock

— Eu vou contar — Matty anunciou apressado.

— Não — Balthassar recusou com delicadeza. — Quero que o Sr. Sherlock me diga. Pelo que percebi, ele é o líder desse grupinho. É ele quem tem que aprender a sentir medo de mim. É ele quem precisa ser *treinado*. — O homem da máscara fez uma pausa breve. — Sabe, há várias maneiras de morrer. Uma bala na cabeça é um método rápido e indolor, imagino. Sangrar até a morte é lento e doloroso. Você não pode escolher se vai morrer ou não; tirei de suas mãos essa possibilidade. No entanto, pode escolher *como* você e seus amigos morrerão: depressa ou devagar, em agonia ou em paz.

— Muito bem — Sherlock falou com o coração disparado. — Chame o puma de volta, e eu falo o que quer saber.

— Não — Balthassar rebateu. — Você fala primeiro, eu chamo o puma depois.

A tensão no ar era quase visível. Sherlock sabia que ele e Balthassar testavam a força de vontade de ambos para saber quem dos dois era o mais determinado. O problema era que Balthassar estava em vantagem.

— As autoridades sabem sobre John Wilkes Booth —

ele disse. — Sabem que ele não está morto, que foi levado do

Japão para a Inglaterra e que agora está aqui, na América. O

governo britânico sabe disso, e a Agência Pinkerton também.

Presumo que pretendam informar o governo norte-americano.

No entanto, eles não sabem o que pretende fazer com ele.

— Muito bom — Balthassar aprovou. — E o que mais?

— Não há mais nada!



— Sempre tem mais alguma coisa. Por exemplo, as

20

autoridades sabem sobre *mim*?

9

— Não.

— Então, foi parar naquele trem por acidente? Acho
que não.

— Estávamos seguindo seus homens — Sherlock

revelou, apontando para Berle e Rubinek — Queríamos

resgatar Matty.

— E havia mais alguém com vocês no trem? — A voz de

Balthassar era calma, mas implacável.

— Não. Estávamos sozinhos.

— São muito ardilosos, então. — Balthassar fez uma pausa, e Sherlock teve a impressão de que ele estava pensando se mandava Sherman arrancar a mão de Virginia

mesmo depois de obter as informações que queria.

Sherlock nem se deu o trabalho de rezar. Nenhuma entidade externa poderia socorrê-los agora. Estavam sozinhos, à mercê dos caprichos de um louco.

Esse pensamento provocou uma ideia. Talvez pudesse reverter a situação, virá-la contra o homem da máscara de porcelana.

Balthassar deu uma ordem curta e o puma recuou relutantemente, afastando os dentes que pressionavam o pulso de Virginia. Todo o seu corpo pareceu murchar. O animal observou-a por um segundo, depois voltou para perto de Balthassar.

— Tenho uma pergunta — disse Sherlock.

Balthassar encarou-o com seus olhos vermelhos por trás da máscara.

— Não entendeu as regras? Eu faço as perguntas, você as responde, e isso garante a vocês uma morte rápida e indolor. Esse é o acordo.

— Mas temos que acreditar na sua palavra em relação a isso — ponderou o menino. — *Acho* que vai arrancar de nós todas as respostas que quer e depois vai nos torturar do mesmo jeito, só por prazer. Partindo dessa suposição, não



temos nada a ganhar cooperando, somente vamos retardar o

21

início da tortura.

0

Balthassar pensou um pouco.

— Essa é uma análise lógica — concordou. — Você só tem minha palavra e não sabe se ela é confiável ou não. Tem uma contraproposta?

— Vamos aceitar sua palavra — Sherlock respondeu — , se também responder às nossas perguntas.

— Interessante — Balthassar murmurou. — Bem, não tenho nada a perder com isso e posso obter mais informações. Por outro lado, você não perde nada, porque ainda escolho como vão morrer, mas pode conseguir algumas

informações, o que parece importar para você. Então... sim, eu concordo. Pode fazer as perguntas.

— Para que precisa de John Wilkes Booth? Por que o fato de ele estar vivo e na América é tão importante a ponto de pessoas terem que morrer para mantê-lo em segredo?

— Ah, as pessoas precisam morrer pelas mais variadas razões, e poucas são importantes. Mas gosto de você, Sherlock Scott Holmes. Você tem fibra. Então, vou dizer o que quer saber. — Ele olhou para Berle e Rubinek —

Afinal, *eles* não vão entender. Só querem o dinheiro.

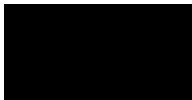
— Ei... — Berle manifestou-se, mas ficou quieto quando Balthassar lançou-lhe um olhar.

— Sei que é inglês, mas deve ter ouvido falar sobre a Guerra entre os Estados — começou o homem da máscara de porcelana.

Sherlock assentiu.

— Meu irmão disse que a questão era a escravidão. — Ele olhou para Virginia. — E o pai dela disse que era muito mais complicado do que isso.

— O pai dela está certo. No final, a questão principal era a da autodeterminação. Há oito anos tivemos uma eleição na qual o Partido Republicano, liderado por Abraham Lincoln, usou como base para sua campanha a promessa de impedir que a escravidão se expandisse para além dos



estados onde já existia. Lincoln ganhou a eleição, e por isso

21

sete estados do Sul declararam sua secessão da União antes

1

mesmo da posse do novo presidente. Esses estados foram

Carolina do Sul, Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia,

Louisiana e Texas. Eles formaram um novo país, os Estados

Confederados da América, com Jefferson Davis como

presidente. Menos de dois meses depois, Virgínia, Arkansas,

Carolina do Norte e Tennessee haviam se unido a eles.

— O que é secessão? — perguntou Matty.

— Secessão — Balthassar explicou — é quando um

estado se retira da União de Estados e se declara uma

entidade separada. Secessão é um direito que acreditamos ter

sido garantido na Declaração de Independência, mas a finda

administração de James Buchanan e a vindoura, de Abraham

Lincoln, não concordavam com isso. Eles consideraram a

secessão uma rebelião e a declararam ilegal. — Um suspiro

profundo interrompeu a explicação. — No final, não é importante se você acredita que um homem pode manter escravos ou não. Nossa verdadeira luta é pelo direito de estabelecermos nossa própria nação, independente daquela que Lincoln estava liderando, e fazer as coisas à nossa maneira. Se a escravidão não fosse a causa para o início dessa guerra, outro motivo teria sido usado.

— Mas vocês perderam — Sherlock comentou. — Ulysses S. Grant e William Sherman venceram Robert E. Lee em batalha. Ele se rendeu.

— Ele não tinha o direito de render-se — Balthassar disparou, irritado. — Não tinha essa autoridade. A guerra continua, mesmo que não a reconheçam. O Governo Exilado da Confederação ainda tenta assegurar a liberdade do regime opressor da União para todos os estados que desejarem se separar.

Sherlock distraiu-se com um movimento da mão de Balthassar. Não, não da mão dele, o menino percebeu, mas *na* mão dele. O tecido branco da luva esquerda se movia ligeiramente, bem no local das saliências que ele havia





notado antes. Diante de seus olhos um caroço parecia

21

se *mover*, subindo pela mão em direção ao pulso. Que diabo

2

era aquilo?

— Ah! — Balthassar notou que Sherlock olhava para

sua mão. — Vejo que notou a presença de meus pequenos

companheiros. Deixe-me fazer uma apresentação mais

formal.

Ele levou a mão direita à esquerda e segurou o tecido.

Com um movimento firme, mas cuidadoso, Balthassar

removeu-o.

Virginia sufocou um grito, enquanto Matty deixou

escapar um gemido de repugnância.

A mão, sem o dedo mínimo, e o pulso de Balthassar

eram cobertos pelo que pareciam ser bolhas, mas que, depois

de um segundo, Sherlock reconheceu como seres vivos

parecidos com lesmas. A pele dos seres tinha um tom cinza-

avermelhado e era úmida, e as coisas pareciam pulsar

levemente sob seu olhar atento.

— O que é isso? — ele perguntou.

Balthassar removeu a outra luva. Sua mão direita, aquela em que faltava o anelar, também estava tomada pelas criaturas parecidas com lesmas.

— Conheça meus médicos — ele disse. — Uma equipe inteira de médicos dedicada ao meu bem-estar.

Levantando a mão direita, ele soltou um gancho atrás da orelha esquerda e removeu a máscara de porcelana com um gesto rápido.

Os pumas sibilaram e tentaram recuar pela varanda.

O rosto de Balthassar era abatido, com nariz e ossos da face proeminentes, mas seus traços eram difíceis de distinguir sob as criaturinhas invertebradas que aderiam à pele branca como gotas negras de piche.



palavra que expressava seu choque. Sherlock supunha que ele havia aprendido essa palavra em seus passeios pelo cais.

Sherlock estava fascinado. Era repugnante, sim, mas fascinante também. Quando olhou com mais atenção, ele notou que o rosto de Balthassar era coberto por pequenas cicatrizes triangulares. Seja lá o que fossem as coisas grudadas em seu rosto, ele as usava há algum tempo.

— Não é exatamente a face de um novo país — ele disse, tentando disfarçar seus sentimentos. — Posso entender sua necessidade de usar a máscara.

— Todo procedimento médico tem efeitos colaterais — Balthassar respondeu em voz baixa. — O mercúrio, utilizado para tratar sífilis, leva os homens à loucura. Eu me considero um homem de sorte por sofrer efeitos colaterais meramente cosméticos.

— Mas o que *são* essas coisas? — Matty sussurrou.

Foi Virginia quem respondeu:

— São sanguessugas — ela disse. — Vivem em córregos e lagos em climas quentes.

—

Sanguessugas

—

repetiu

Matty.

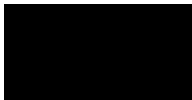
—

E

você *deixa* essas coisas sugarem seu sangue? Você é maluco!

— Pelo menos estou vivo — Balthassar respondeu, sem se perturbar. — Minha família tem uma doença hereditária.

Meu pai morreu por isso, assim como o pai dele. O sangue flui lentamente por nossas veias. Sem tratamento, o corpo começa a parar de funcionar, pouco a pouco. — Ele levantou



uma das mãos e olhou para o dedo que faltava. — Não

21

restava muito de meu pai quando ele morreu.

4

— E as sanguessugas ajudam? — Sherlock perguntou, fascinado.

— Elas têm uma substância na saliva que impede a coagulação. É isso que permite que elas se alimentem. Com sanguessugas em número suficiente grudadas em minha pele, todas se alimentando ao mesmo tempo, todas

secretando essa substância, a circulação do sangue é mais

rápida. O sangue realmente corre pelas veias.

— Mas... elas não sugam seu sangue *todo*? — Matty

perguntou.

Balthassar deu de ombros.

— Um dedal cada, no máximo. Um preço pequeno a pagar por uma boa saúde, e eu não me nego a pagá-lo. O que me lembra... — Ele olhou para o Dr. Berle. — Creio que tem alguma coisa para mim.

Berle tinha uma expressão preocupada no rosto. Ele pegou a caixa que mantinha sobre as pernas e a pôs sobre a mesa, depois soltou o fecho e levantou a tampa. Dessa caixa retirou um recipiente de vidro com tampa de papel impermeável presa por um barbante.

Dentro do recipiente havia algo horrível.

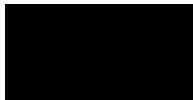
As sanguessugas nas mãos e no rosto de Duke

Balthassar — e provavelmente no resto do corpo também — eram pequenas, pouco maiores que o dedo mínimo de

Sherlock. A que estava dentro do pote de vidro era do tamanho de um punho fechado, vermelha e brilhante. Estava encolhida no fundo do recipiente, com a pequenina cabeça balançando às cegas no ar, procurando alimento.

Virginia cobriu a boca com a mão e virou o rosto. Os pumas, deitados no chão da varanda, tentaram recuar ainda

mais, arrastando-se lentamente. Seus dentes estavam expostos e os olhos expressavam susto e medo, mas o temor que tinham de Balthassar parecia ser maior do que o medo da sanguessuga, e eles não tentaram correr.



— Uma espécie impressionante — disse Balthassar,

21

pegando o pote sobre a mesa. — Quando foi sua última

5

refeição?

— Há um mês, mais ou menos — respondeu Berle. —

Foi o que me disseram. — Ele parou e engoliu em seco antes

de continuar. — Duke, como médico, como *seu* médico,

preciso dizer que esse... *tratamento*... não é algo que

recomendo. Na verdade, nem estou convencido de que isso

funciona. As coisas que está fazendo com seu corpo

são... *monstruosas*!

— Continuo vivo, doutor, e ainda tenho minhas

extremidades, exceto dois dedos da mão e alguns do pé —

respondeu Balthassar. — Essa é toda a prova de que preciso.

— Ele puxou uma ponta do barbante e o laço que mantinha no lugar a tampa de papel impermeável se desfez. — E com esta bela criatura vou poder pensar com mais clareza, e minha força não terá limites.

Ele enfiou a mão no pote e com todo cuidado pegou a sanguessuga. Ela pendia mole de seus dedos. Balthassar afastou do rosto uma mecha de cabelos finos e brancos, depois colocou o parasita atrás da orelha direita.

Os pumas soltaram um miado aterrorizado.

Sherlock viu a criatura mover a cabeça, procurando uma veia, ele supôs, e então se prender à pele de Balthassar.

A parte de trás de seu corpo se moveu por um instante, contorcendo-se, e depois também se prendeu com firmeza.

Balthassar fechou os olhos e sorriu satisfeito.

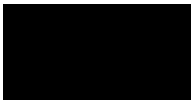
— Isso mesmo — sussurrou. — Isso mesmo, minha belezinha. Alimente-se. Continue se alimentando.

— Quanto... quanto tempo elas ficam no lugar? — perguntou Sherlock

— Dias — Balthassar respondeu com ar sonhador, ainda com os olhos fechados. — Semanas, em alguns casos.

Quando estão satisfeitas, elas se desprendem e hibernam por um ou dois meses enquanto digerem o sangue ainda fluido.

Tenho um grande estoque de sanguessugas, a maioria delas



da América, da Flórida e do Alabama, mas nenhuma como

21

esta. Ah, não, *nenhuma* como esta. — Ele sorriu. — Eu sabia

6

que ela existia, nas florestas do Extremo Oriente. Podia sentir
sua presença. Ela me chamava, pedia para eu ir buscá-la.

Havia algo em seu tom de voz que fez Sherlock pensar
em John Wilkes Booth anunciando que sentia cheiro de
fumaça — um tom sonolento, distante da realidade. Estaria o
animal secretando mais alguma coisa em sua corrente
sanguínea além do anticoagulante, uma espécie de narcótico
que impedia a vítima de se importar com a presença de um
parasita em seu corpo, uma substância que provocava
alucinações agradáveis? Ele guardou a suposição para
estudá-la mais tarde — se continuasse vivo. Ainda não tinha
nenhuma ideia de como escapariam dali.

Um movimento perto dos pés de Balthassar chamou a
atenção de Sherlock. Os pumas se afastavam dele pouco a

pouco e olhavam aterrorizados para a gigantesca

sanguessuga vermelha, deixando claro que não gostavam dela. Pareciam ter medo.

— Sherman, Grant — Balthassar sussurrou, depois disse uma palavra que Sherlock não conseguiu entender. Os poderosos felinos pararam, mas seus músculos permaneciam tensos.

A sanguessuga vermelha pulsava, Sherlock notou.

Pulsava com o sangue de Balthassar, sugado de uma veia atrás da orelha.

— Está perdendo tempo — disse Balthassar. — Tem mais alguma pergunta?

Sherlock tentou desviar sua atenção do parasita.

— Você disse que —o Governo Exilado da Confederação ainda tenta assegurar a liberdade do regime opressor da União para todos os estados que desejarem se separar, ele repetiu com precisão.

— Isso mesmo.

— Mas como? — Sherlock perguntou.





— Tente imaginar. Eu confirmarei se sua conclusão for

21

acertada. — Quando Sherlock abriu a boca para protestar,

7

Balthassar acrescentou: — Pense nisso como um meio de me dar mais informações. Se você conseguir deduzir a resposta corretamente, considerando o que sabe sobre o Dr. Booth, as autoridades também poderão fazer o mesmo. Prometo, se não conseguir deduzir a resposta, eu explicarei.

Sherlock pensou por um momento. Quanto mais tempo conseguisse manter Balthassar falando, mais poderia adiar o momento da morte de seus amigos. Enquanto isso, talvez pudesse pensar em um jeito de escapar. Talvez Amyus Crowe os encontrasse.

— Então — ele disse —, John Wilkes Booth perdeu a razão. Agora alterna entre episódios de alucinação e violência e precisa passar a maior parte do tempo drogado para que consigam carregá-lo por aí. É obviamente inútil como assassino ou em qualquer outro papel que não seja decorativo. Mas você precisa dele como um incentivo, alguém que possa levar ao centro do palco para incentivar as tropas.

Balthassar assentiu, mas a palavra —tropas! fez uma ideia despertar na cabeça de Sherlock, apesar de só tê-la escolhido como metáfora.

— Você *está* juntando tropas — ele disse. — Não creio que consiga derrubar o atual governo ou mesmo promover a secessão por meios políticos. Já tentou e fracassou. Está formando um exército, não é? Por isso precisa de Booth: para motivar seus soldados. Para mostrar a eles que há uma ligação direta entre a Guerra entre os Estados e o que está fazendo agora!

Mais uma vez, Balthassar assentiu.

— Prossiga.

— Mas não imagino que consiga formar um exército tão grande para derrotar o Exército da União. Não outra vez. Não depois da última derrota. Então, precisa de um exército para fazer alguma outra coisa. — Sua mente trabalhava depressa. — Mas o quê? Se o exército não vai lutar em solo americano,



deve estar se preparando para invadir outro lugar. — Ele

pensou nos mapas que vira a bordo do SS *Scotia*. — México?

8

Balthassar balançou a cabeça de um lado para o outro.

— O palpite é bom, mas errado. Já tentaram há alguns anos, mas o plano fracassou, por falta de apoio. Além do mais, o México é quente e árido e tem um exército próprio, que resistiria à invasão.

— O quê, então? — A resposta surgiu clara em sua cabeça. — Se tem um exército, precisa de uma fronteira para os soldados atravessarem. E os Estados Unidos só têm duas fronteiras: uma com o México e a outra com o... *Canadá*?

Balthassar assentiu.

— Muito bem. Sim, formamos um exército, com a força de alguns milhares de soldados, acampados em uma área não muito distante daqui. Eles têm vindo para cá há meses, em grupos de tamanhos variados para não chamar atenção. Com John Wilkes Booth como nossa figura decorativa, ou nosso *Mascote*, se preferir, vamos marchar e tomar o porto de Halifax para impedir que os britânicos se recomponham. Depois vamos cortar as linhas de comunicação entre o leste e o oeste do Canadá tomando Winnipeg. Podemos então atravessar o país e tomar Quebec e a região dos Grandes Lagos. Feito isso, poderemos formar uma nova nação onde

confederados de pensamento semelhante se unirão a nós e

manterão escravos, como Deus quer.

— Mas por que o Canadá? — Sherlock perguntou.

— A terra é boa para a agricultura, o clima é

temperado, pelo menos perto da fronteira com os Estados

Unidos, os portos são excelentes para o comércio, não há um

exército para resistir ao nosso avanço e, é claro, aquele é um

território britânico recentemente confederado. E a Inglaterra

se negou a nos apoiar em nossa luta contra a União.

— O governo britânico jamais abrirá mão do Canadá —

Sherlock anunciou, pensando em Mycroft.

— Eles nem vão se importar, provavelmente —

Balthassar respondeu com desdém. — Pense na logística de



deslocar um exército para um território a cinco mil

21

quilômetros de distância para uma única batalha,

9

especialmente se estivermos no comando dos portos. Não, vai

haver alguns anos de embate diplomático, é claro, mas o

Canadá será nosso.

— E você vai ser o presidente? — Sherlock perguntou.

— Um homem com uma máscara de porcelana?

A cabeça de Balthassar virou bruscamente para o lado.

As palavras de Sherlock o haviam atingido.

— John Wilkes Booth, talvez — ele respondeu,

contrariado. — Com a devida orientação e os medicamentos

apropriados, é claro. Ou mesmo o general Robert E. Lee. Não

faltam candidatos. Mas eu serei a força por trás do trono.

O movimento repentino perturbou um dos parasitas

menores. Ele caiu do rosto de Balthassar sobre a mesa com

um *plop* baixinho. Balthassar olhou para a sanguessuga.

— Velha — disse. — Uma das minhas mais antigas

servidoras. Acho que chegou a hora da aposentadoria, minha

amiga.

Pegou-a da mesa e jogou-a na boca, engolindo-a como

se comesse uma ostra.

Sherlock notou que a sanguessuga havia deixado uma

mancha vermelha na toalha sobre a mesa. Ele mantinha os

olhos fixos naquela nódoa. Tinha a sensação de que acabaria

vomitando se olhasse para algum outro lugar. Qualquer um.

— Devo dizer — Balthassar murmurou com sua voz

fraca e fina, recolocando a máscara de porcelana sobre o

rosto infestado de parasitas e coberto de cicatrizes — que demonstrou uma capacidade espantosa de prever meus planos a partir de fatos isolados. Ou então meus planos são muito mais evidentes do que eu havia pensado. De qualquer maneira, não posso mais perder tempo. Se você, uma simples criança, conseguiu deduzir minhas intenções, o governo unionista certamente poderá antecipá-las também. Creio que nossa marcha para o Canadá terá que começar nos próximos dias. Muito obrigado pela ajuda.



— E quanto a nós? — Virginia perguntou.

22

Sherlock sentiu orgulho da firmeza na voz dela.

0

— Ah, não preciso de vocês agora — Balthassar respondeu. Não havia nenhum sinal de raiva ou ressentimento em sua voz. Não havia nada, nenhuma entonação diferenciada. Ele podia estar discutindo o preço das folhas de chá. — Serão eliminados.

— Como? — quis saber Sherlock

— Ah! — A máscara de porcelana conferia ainda mais neutralidade à reação de Balthassar. — Confesso que em relação a esse detalhe talvez eu o tenha enganado. Tenho em mente um destino para vocês que vai resolver três problemas distintos, mas que envolve muita dor e grande sofrimento. — Ele fez um gesto para o brutal Rubinek. — Capitão, por favor, leve nossos hóspedes ao novo compartimento. Minhas mais recentes aquisições precisam ser alimentadas. — Olhou novamente para Sherlock. — Meus caçadores de criaturas raras e incomuns garantiram que elas haviam comido antes de serem capturadas — ele contou em um tom sereno —, e levam várias semanas para digerir a refeição, período em que permanecem quase em coma. Mas elas fizeram uma longa viagem de Bornéu até aqui e seu comportamento atual sugere que estão com fome outra vez. — Ele fez uma pausa, e Sherlock suspeitou que o homem sorria por trás da máscara. — Já antevejo as multidões que elas vão atrair quando forem exibidas. Usando-os como alimento, eu me livro de vocês, não preciso me preocupar com os corpos e asseguro a meus animaizinhos uma refeição de boa qualidade que os manterá satisfeitos por um bom tempo. — Ele parou novamente. — Soube que essas criaturas deixam a comida submersa e a guardam embaixo de pedras até ficar... macia. Vai ser

divertido assistir ao processo completo.

Antes que Sherlock pudesse dizer alguma coisa, outros dois homens apareceram das sombras atendendo a um gesto de Rubinek. Os três homens seguraram Matty, Virginia e



Sherlock pelos ombros, empurrando-os pela varanda com

22

violência.

1

Sherlock sentiu o desespero invadindo seu peito como uma enxurrada. Apesar de tudo, teriam uma morte cruel e dolorosa. Não sabia quais eram as últimas —aquisições— de Balthassar, mas podia imaginar que não eram animaizinhos inocentes como esquilos ou papagaios. O que quer que fossem, certamente eram grandes e tinham dentes afiados. Mais pumas? Não, esses ele podia encontrar ali mesmo na região. Não precisava ter mandado caçá-los fora do país. Olhou para Matty enquanto os homens os empurravam pela varanda. Ele parecia amedrontado, mas sorriu

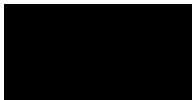
rapidamente para Sherlock

Os três foram empurrados pela escada, para o terreno de terra batida, na direção das jaulas, gaiolas e currais que Sherlock vira pela janela do trem. Eram levados para a área murada mais afastada. O muro parecia ter sido construído recentemente. De um lado havia uma varanda de onde era possível ver o interior daquela área. Uma escada subia até lá, e Sherlock começou a tremer quando viu uma prancha de madeira partindo daquela varanda e acabando bem no meio da área cercada.

Outra escada descia para a escuridão. Sherlock tentou imaginar o que podia haver ali embaixo, mas a especulação foi interrompida quando Rubinek empurrou-o em direção à varanda. Os outros dois conduziam Matty e Virginia logo atrás.

Agora Sherlock conseguia enxergar a área dentro dos muros. De onde estava, aquilo mais parecia um poço. A área interna era rochosa e irregular, com vegetação brotando das frestas entre as pedras e uma poça de água escura ocupando cerca de um terço do espaço. Não havia sinal de nada vivo ali dentro, mas isso não o reconfortava.

Rubinek levou Sherlock para a beira da prancha. Os outros dois homens mantinham Matty e Virginia juntos a alguns passos de distância.



— Vá em frente — ele disse. — Você sabe o que fazer.

22

— E se eu não for? — perguntou Sherlock

2

Rubinek levantou a mão. Ele segurava uma pistola bem pequena, pouco maior que a palma da mão, com dois canos paralelos, um sobre o outro.

— O que espera por você lá embaixo não quer saber se vai chegar vivo ou morto. E, francamente, eu também não me importo — Rubinek anunciou.

Sherlock olhou para trás, para a casa. Esperava que Balthassar os seguisse para assistir à execução da varanda, mas o homem alto e vestido de branco continuava no mesmo lugar de antes. Ele havia aberto um mapa sobre a mesa e o consultava. Era como se já houvesse esquecido Sherlock e seus amigos.

Relutante, o menino caminhou até a extremidade da prancha. Ela oscilava com seu peso. A queda até o fundo do

poço devia ser de uns três metros.

— Pule — Rubinek mandou. Agora que o menino estava cumprindo as ordens, ele guardou a pistola no bolso do paletó.

— Vou quebrar as pernas! — Sherlock protestou. — Só tem pedras lá embaixo!

— E daí? — O homem bateu no bolso do paletó. A ameaça era clara.

Sherlock olhou para o espaço delimitado por muros e para Virginia; depois deu dois passos antes de correr para o final da rampa e pular dentro do buraco.

Usando a tábua como alavanca, ele deu impulso para o alto e para a frente, inclinando o corpo para descrever um arco e cair dentro da água. A tentativa foi bem-sucedida, e água espirrou em todas as direções. A poça era, na verdade, uma lagoa e havia sido aquecida pelo sol forte. Sherlock voltou à tona e se aproximou da margem antes que o morador misterioso pudesse pegá-lo. Encharcado, escalou as pedras com rapidez e agilidade e olhou em volta. Ainda não via nada.





Quando olhou para cima, viu Virginia na ponta da

22

prancha, parecendo muito assustada. Matty dava o primeiro

3

passo na rampa, mas tropeçou e caiu na direção do capitão

Rubinek, que o empurrou com violência de volta para a

prancha de madeira.

Sherlock olhou em volta, atento a qualquer coisa que

pudesse tentar se aproximar. Houve um barulho no lago, e

outro. Virginia e Matty agora estavam com ele. Assim que os

viu emergir, ajudou-os a sair da água e subir nas pedras.

— Que tipo de bicho vive aqui? — Matty perguntou,

ofegante.

— Não sei — respondeu Sherlock, olhando em volta,

preocupado. Rubinek e seus homens se afastavam. Parecia

que ninguém ali estava interessado em assistir à cena que ia

acontecer entre aqueles muros.

— Eles não estão nos vigiando — Virginia comentou. —

Temos uma chance de escapar.

— Os muros são altos demais para escalar — Matty

falou, hesitante.

Sherlock olhou em volta.

— Há pedras soltas espalhadas por aqui. Talvez possamos fazer uma pilha com elas e passar por cima dos muros. — Ele pensou por um momento. — Não, não é uma boa ideia. Eles poderiam nos ver da varanda quando subíssemos no muro. Temos que encontrar um jeito de sair daqui sem que ninguém nos veja.

Um barulho do outro lado do cercado chamou sua atenção. Ele olhou na direção do som e sentiu o coração bater mais depressa. O que estava ali com eles?

Por um momento Sherlock não viu nada, mas em seguida uma cabeça horrível apareceu em uma fresta escura entre duas pedras. Era comprida e estreita, com olhos pequeninos nas laterais. A pele da criatura era de um cinza-esverdeado, e pregas de pele pendiam do maxilar comprido. A boca se abriu e deixou passar uma língua vermelha e bifurcada, que se moveu como um chicote testando o ar. Lá



dentro havia uma fileira de dentes do tamanho de dedos

mínimos, curvados para trás de forma que a presa capturada

4

por eles jamais pudesse escapar.

Matty prendeu a respiração e Virginia deixou escapar

um gemido abafado.

— O que é isso? — Matty sussurrou.

A criatura continuou se movendo. Seu corpo era tão

comprido quanto o de Sherlock, metade dele composto por

uma cauda longa e musciosa. Ele andava sobre quatro

patas que pareciam brotar das laterais do corpo. Os pés

terminavam em garras que derrapavam sobre as pedras

quando o animal caminhava. A pele cinza-esverdeada era

como um saco vazio, pendendo do corpo e balançando

flacidamente a cada movimento.

Mesmo de onde estava Sherlock conseguia ver que não

havia nenhuma emoção naqueles olhos; só uma inteligência

fria e faminta.

— É algum tipo de réptil — ele disse —, mas é muito

grande. Nunca vi nada parecido antes.

— Tem o mesmo tamanho que *nós* — Virginia

murmurou. — Achei que podia ser um crocodilo, porque sei

que eles existem na Flórida, mas isso é diferente. Crocodilos

são lentos e estúpidos, não gostam de ficar fora da água, e

essa coisa parece rápida e inteligente e está andando sobre as

pedras sem nenhum problema.

Sherlock olhou para os pés da criatura.

— Aquelas garras parecem fortes o bastante para escalar uma árvore — disse. — Não que haja árvores por aqui para escalar.

A criatura caminhou até uma pedra plana e olhou para os três, sacudindo a língua. O animal sabia que havia comida por perto.

Alguma coisa se moveu perto do réptil. Sherlock olhou naquela direção. Uma segunda criatura aparecia do meio das pedras. Era ainda maior que a primeira.

— Olhem! — disse Virginia.



Por um momento, Sherlock pensou que ela havia visto

22

a segunda criatura, mas, quando se virou, ele a viu olhando

5

em outra direção. Seu dedo apontava para um terceiro

lagarto que se aproximava deles acompanhando a linha do muro. A cabeça balançava de um lado para o outro e ele os observava.

A primeira criatura que eles viram seguia em outra direção, enquanto a segunda começou a se aproximar deles, seu corpo balançando de um lado para o outro enquanto as garras se prendiam ao chão.

As três criaturas pareciam trabalhar juntas, como cachorros. Elas cercavam Sherlock, Matty e Virginia, impedindo a fuga.

A mente de Sherlock trabalhava depressa. Levando em conta o tamanho das criaturas e seus dentes enormes e afiados, eram carnívoras, com toda certeza, e se movimentavam como se sentissem fome e soubessem que havia comida por perto. Não demonstravam receio ou cautela, como às vezes acontece com os cães. Eram deliberados em seus movimentos. Sherlock tinha a impressão de que nada podia assustar um réptil. O cérebro dessas criaturas não funcionava desse jeito. Eles simplesmente avançariam, continuariam se aproximando, sem se importar com o que Sherlock e os outros fizessem. Ruídos não os deteriam, nem gestos repentinos. Jogar pedras também não ia adiantar nada. Eles eram como calculadoras com dentes.

As criaturas monstruosas se aproximavam, de todos os

lados. Sherlock, Matty e Virginia recuavam em direção à parede mais próxima. As opções eram cada vez mais limitadas, reduzidas a praticamente zero por aqueles répteis de olhar pavorosamente inteligente.

— Que *cheiro* é esse? — perguntou Matty, torcendo o nariz e franzindo o cenho.

Sherlock também sentia um odor diferente: alguma coisa parecida com carne podre. Se esses animais realmente



engoliam as vítimas inteiras e passavam semanas digerindo a

22

refeição, o cheiro devia ser deles.

6

— Sherlock — Virginia falou em um tom controlado —, o que vamos fazer?

— Estou pensando — ele respondeu, e estava mesmo.

Pensava rápido como jamais havia pensado em toda a sua vida.

A criatura à direita deles se aproximou, dando mais

alguns passos. Matty abaixou-se e pegou uma pedra no chão.

Jogou-a contra o animal. A pedra acertou a parede e ricocheteou, mas o lagarto nem se moveu. Não havia medo, precaução, nada. Ele simplesmente não se importava. Depois de alguns segundos ele deu mais dois passos, as pernas se movendo ao lado do corpo.

A criatura à esquerda sibilou, levantando a cabeça como se farejasse o ar. Os outros imitaram o som que ele havia acabado de produzir. Sherlock não saberia dizer se estavam se comunicando uns com os outros ou simplesmente fazendo um barulho cujo propósito era aterrorizar a presa, deixá-la paralisada.

A distância entre eles e os répteis havia se reduzido à metade e diminuía rapidamente a cada pequeno passo dos animais. Sem pressa, sem ataques repentinos, só um processo gradativo e inteligente de acuar a presa, empurrá-la para um canto onde ela pudesse ser comida sem pressa.

E Sherlock não conseguia pensar em um jeito de detê-los.



Capítulo quinze

— E A ÁGUA? — Matty murmurou, como se o réptil pudesse ouvir e entender o que ele dizia. — Não podemos entrar no lago e esperar que eles desistam?

— Acho que eles são parcialmente anfíbios — disse

Sherlock — Olhe para as patas. Os dedos são unidos. Eles devem nadar melhor do que nós.

— Não sei nadar — Virginia anunciou de repente.

Corrigindo

Sherlock

falou

—,

eles *certamente* nadam melhor do que nós. — Olhou em volta desesperado, tentando encontrar alguma coisa que pudesse ajudá-los, mas não havia nada além de pedras e arbustos.

Os répteis se aproximavam, e o cheiro de carne podre era quase insuportável.

— Ah, não sei se ajuda — Matty manifestou-se —, mas peguei isto aqui no bolso do paletó do grandalhão. Sherlock virou-se e viu que Matty segurava a pistola de dois canos.

— É uma Remington Derringer — disse Virginia. — Papai me deu uma dessas, mas eu perdi.

— Como conseguiu tirar isso dele? — perguntou Sherlock.

Matty deu de ombros.

— Vivo dos meus talentos — ele explicou. — Bater carteiras é um deles.

Sherlock olhou da pistola para os répteis, que chegavam cada vez mais perto, e de volta para a pistola.

— Duas balas, três animais — ele disse. — Os números não nos favorecem.



— Mas aumenta nossas chances — anunciou Virginia.

— Significa apenas que um de nós vai ser comido vivo,

em vez de todos nós, e essa não é uma solução aceitável.

— Tem uma ideia melhor? — perguntou Matty.

— Na verdade, sim. — Sherlock observou as paredes.

— Como trouxeram essas coisas para cá? Duvido que as tenham feito andar pela prancha. Eles não iam querer correr o risco de ferir os animais na queda.

— Acha que tem uma porta ou um portão em algum lugar? — perguntou Matty.

— Parece lógico. Só precisamos procurar.

Sherlock observou com mais atenção os répteis que se aproximavam.

— São mais lentos que nós — disse —, mas vão nos cansar mais cedo ou mais tarde. — Seus olhos analisaram as pedras. — Escutem, se formos rápidos, podemos escalar acima deles, depois pulamos por cima e corremos para o outro lado. Depois, vamos procurar a saída. Eles não são rápidos.

Antes que Matty ou Virginia pudessem detê-lo, Sherlock correu na direção dos répteis. Três bocas cheias de dentes afiados se abriram, e o sibilar repentino quase o ensurdeceu. Sem parar para pensar, ele saltou para uma pedra larga e plana e dela para outra maior. A pedra balançou sob seus pés, e ele soube que, se escorregasse

agora, os animais estariam em cima dele em segundos.

Sherlock pulou, meio desequilibrado, e viu os répteis se erguendo nas patas traseiras, enquanto ele projetava o corpo no ar, com as bocas abertas, tentando pegar seus calcanhares.

Sherlock aterrissou em segurança em um trecho vazio do terreno. Quando se virou, ele viu que Virginia o imitava. Os braços de Sherlock a sustentaram quando ela caiu em pé, e ele a puxou para o lado, abrindo espaço para a chegada de Matty. Os répteis mordiam o ar tentando pegar seus pés, e um deles usou a cauda musculosa como alavanca para tentar



impulsionar o corpo para cima, mas os dentes se fecharam

22

um décimo de segundo depois da passagem do garoto. Ele

9

pisou no chão e caiu, rolando algumas vezes antes de conseguir se levantar.

Sem demonstrar nenhuma emoção, os três répteis se

viraram e começaram a caminhar, avançando contra eles novamente, os olhos redondos fixos em Sherlock, Matty e Virginia.

— Depressa! — Sherlock gritou, seguindo na frente e abrindo caminho até a parede que separava o cercado do mundo exterior. À direita dele o muro estava intacto, mas, à esquerda, pilhas de pedras escondiam sua base. Ele correu ao longo da parede, examinando a área atrás das pedras. Nada! Havia outro trecho de terreno aberto, e depois um grande arbusto escondendo parte do muro. Sherlock empurrou o arbusto para um lado, e seu coração disparou quando ele viu uma grade de metal erguendo-se do chão até a altura da cintura, com dobradiças do lado esquerdo e fechada por uma trava simples.

Mas essa trava era mantida no lugar por um grande cadeado.

Matty parou ao lado dele.

— Pode abri-lo com a arma? — ele perguntou, oferecendo a Derringer.

Sherlock pensou um pouco.

— É pouco provável — respondeu. — O cadeado é grande, sólido. A bala só vai ricocheteiar.

— E as dobradiças?

— São três. Temos duas balas. O mesmo problema.

Virginia juntou-se a eles olhando preocupada por cima do ombro.

— Não sei se temos escolha — ela falou.

Matty chutou a porta. Ela praticamente não se moveu com o impacto.

A cabeça de Sherlock era um turbilhão de pensamentos conflitantes. Duas opções: atirar nos répteis e deixar um



deles ainda vivo ou atirar no cadeado e talvez desperdiçar as

23

duas balas. O que devia escolher?

0

Uma voz no meio da confusão de seus pensamentos perguntou:

—O que Mycroft diria? O que Amyus Crowe diria? E, como no trem, outra voz respondeu: —Quando só há duas escolhas e nenhuma delas o agrada, crie uma terceira opção.!

Ele olhou para o lago onde os três haviam pulado e de repente lembrou-se da escada que *descia*, ao lado da outra

que subia para a varanda. E ela não descia até a grade que dava para o terreno plano. Os degraus deviam levar a outro lugar. A piscina ficava daquele lado do cercado, e Balthassar havia falado sobre ver os répteis guardarem a comida embaixo d'água. Talvez a escada conduzisse a uma galeria subterrânea, a um observatório; uma sala com um vidro grosso pelo qual se via o fundo da piscina, de onde Balthassar e seus convidados poderiam observar os répteis nadando.

Mas como passar pelo vidro — se é que existia um vidro? Devia ser muito grosso para suportar a pressão da água.

Nesse caso, o que tinha que fazer era gerar mais pressão do que a vidraça poderia suportar.

Ele pegou a Derringer da mão de Matty. Dois gatilhos, é claro, o que fazia sentido, considerando que havia dois canos.

Assim você poderia atirar com um cano de cada vez. Ele olhou para os canos.

— Você tinha uma como esta — Sherlock falou para Virginia. — Como ela é carregada?

— Você introduz um pouco de pólvora pelo cano, depois empurra a bala de chumbo para dentro — Virginia explicou. — Tem que tomar cuidado para não deixar nenhum espaço, nenhuma bolsa de ar entre a bala de chumbo e a

pólvora. Depois, você encaixa uma espoleta do outro lado do cano. A pistola está carregada e pronta para ser usada.



— Uma bala de chumbo? — ele perguntou, olhando

23

para os canos com mais interesse. — É uma daquelas balas

1

envoltas em papel? Seladas?

— Sim, é papel impermeável. Por que isso é tão importante?

— Porque significa que é hermético — ele respondeu. —

Pelo menos por algum tempo. E se não permite a entrada de ar, também é à prova d'água.

Antes que Virginia pudesse dizer alguma coisa,

Sherlock virou-se e correu para o lago, ao mesmo tempo em

que engatilhava a pistola. Quando chegou à margem,

mergulhou, mantendo as mãos erguidas diante do corpo, a

Derringer na mão direita. A água cobriu sua cabeça: era

morna e cheia de partículas e vegetação em suspensão. Os

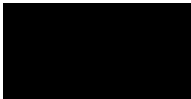
sons ali eram abafados. Ele batia os pés para chegar à parede do outro lado, embaixo da varanda.

E lá, onde sabia que estaria, onde a simples dedução havia sugerido que estaria, havia uma vidraça cercada por uma moldura de metal. Antes que a água pudesse penetrar na pistola, ele a encostou no vidro.

E puxou os dois gatilhos ao mesmo tempo.

Em algum lugar no fundo de sua mente residia o conhecimento, uma informação lida em algum lugar e nunca esquecida, de que a água não pode ser comprimida. Por mais que se aperte, ela nunca se tornará mais densa. A única coisa que acontece é que a pressão aplicada se transfere para outro lugar. Como, por exemplo, para o que estiver em contato com a água.

E assim, quando o martelo na base dos canos atingiu as duas espoletas, houve uma detonação de mercúrio lá dentro. Isso fez o enxofre, o carvão e o nitrato de potássio contidos na pólvora queimarem rapidamente, produzindo um grande volume de gás quente. O gás empurrou as balas de chumbo pelos canos, queimando o papel que as envolvia. As balas pressionaram a água dentro dos canos e a água pressionada transferiu essa pressão para a vidraça.



O vidro rachou e espatifou-se.

23

Todo o conteúdo do lago se derramou para a sala

2

subterrânea, arrastando Sherlock junto. Ele foi rolando às cegas até o canto da sala onde devia estar a escada, torcendo desesperadamente para que Virginia e Matty percebessem o que ele havia feito e viessem atrás dele. Devia tê-los prevenido? Não havia pensado nisso. Apenas agira de acordo com suas deduções, sem pensar que os outros dois talvez não entendessem.

Os pulmões queimavam com o esforço de prender a respiração e o coração batia acelerado no peito. Sherlock movia-se pela água turva movendo os braços com desespero. De repente, seus dedos roçaram na superfície áspera de um degrau. Ele levantou a cabeça e nadou com toda a força que ainda tinha.

Quando emergiu e se viu no mesmo nível que o piso da

porta que se abria para fora, para a luz do sol, ele encheu os pulmões de ar várias vezes, esperando a pulsação voltar ao normal.

Matty emergiu ao lado dele. Virginia apareceu logo depois.

O garoto estava ofegante, falando com dificuldade.

— Você... é um gênio ou qualquer coisa assim. Não sei o que fez, mas salvou a gente.

— Ainda não — Virginia argumentou enquanto arfava.

— O que quer dizer? — perguntou Matty.

— Sherlock disse que os animais eram anfíbios.

Os três se entreolharam por um momento e depois saíram rapidamente da água.

A escada para a sala subterrânea de observação e para a varanda não podia ser vista da casa. Os três sentaram-se nos degraus para recuperar o fôlego.

— E agora? — perguntou Matty. — O que vamos fazer?

— A única coisa em que consigo pensar é seguir os trilhos do trem e voltar à última cidade por onde passamos — disse Sherlock — Lá encontraremos um posto do telégrafo.





Podemos mandar uma mensagem para o pai de Virginia.

23

Temos que contar a ele sobre o exército de Balthassar e a

3

invasão do Canadá.

— Ah! — disse Matty. — Andando.

— Podemos tentar roubar cavalos — Sherlock

continuou —, mas provavelmente seremos presos. Desconfio

que essas pessoas cuidam dos seus cavalos, especialmente se

planejam uma invasão.

Matty suspirou.

— Tudo bem — disse. — Vamos. Vamos nos secar

enquanto andamos.

Mantendo-se fora do alcance visual dos que estavam na

varanda da casa, os três passaram pela sequência de jaulas,

gaiolas e cercados onde ficava a coleção de animais de

Balthassar. Muitos deles estavam vazios, mas Sherlock viu

algumas coisas nos espaços ocupados que nunca mais

esqueceria — animais que só havia visto em ilustrações, que

ao vivo pareciam aquelas criaturas de sonhos e pesadelos.

Animais com pernas compridas e pescoços longos cuja pele

era recoberta por manchas marrons; uma criatura enorme com uma cabeça quadrada que pendia diante dele, dois chifres entre os olhos e a pele grossa como uma armadura; e coisas que eram como porcos, mas tinham o corpo coberto de pelos e longas presas saindo da boca. Um bestiário de animais fabulosos.

Quando chegaram ao limite da área de jaulas e cercados, Sherlock olhou em volta com cuidado. O terreno gramado à frente deles estava vazio, e lá longe, à direita, ele viu a casa de Balthassar. A localização da casa indicava por onde o trilho devia seguir, embora a grama alta o escondesse. Em algum lugar por ali havia a cerca delimitando a propriedade e, depois dela, ao longo da linha férrea, a cidade chamada Perseverance. Do outro lado de uma ponte que atravessava um enorme precipício, lembrava-se bem. Mas não tinham escolha.



— Vamos — Sherlock falou cansado. — Vamos acabar

logo com isso.

4

Eles começaram a andar, atravessaram o terreno gramado e só precisaram de dez minutos para encontrar os trilhos da ferrovia, apoiados sobre fileiras paralelas de dormentes de madeira. Meia hora depois o trio chegava à cerca da propriedade e ao ponto onde o trem saía de sua via principal para passar pela casa de Balthassar. Quando descobriram a linha férrea, Matty passou algum tempo andando entre os trilhos, de dormente em dormente, mas o vão era um pouco maior que o tamanho de seu passo, e logo suas pernas começaram a doer, por isso ele se juntou a Sherlock e Virginia, que caminhavam ao lado dos trilhos.

Meia hora depois de passarem pela cerca a casa havia desaparecido em meio a uma névoa de calor que fazia o horizonte tremer. Agora restava apenas a ferrovia, afastando-se deles em ambas as direções, e a relva alta e abundante. À esquerda e ao longe, Sherlock pensou poder ver as formas difusas de algumas montanhas, mas a névoa dificultava o julgamento.

Aves voavam em círculos sobre eles. Matty achava que podiam ser urubus, mas Virginia disse que eram falcões. Sherlock preferiu não se manifestar. Não sabia como era a aparência de um urubu ou de um falcão, por isso achava

inútil especular.

Enquanto caminhavam, ele revia muitas vezes os planos que Duke Balthassar revelara na varanda de sua casa. Tudo soava muito arrogante — o exército confederado redivivo pretendendo invadir uma colônia britânica vizinha e lá fundar uma nova nação onde eles poderiam fazer as coisas como quisessem, não como ordenavam os vencedores unionistas. Sherlock não aprovava a escravidão, mas não sabia se aprovava um grupo de pessoas usando força bruta para decidir como outros grupos deviam viver a vida. Mas qual era a alternativa? Todos deviam poder viver de acordo com o próprio código moral? E, nesse caso, o que aconteceria



se o vizinho aceitasse o roubo como algo permitido, mas você,

23

não, e ele roubasse seus porcos, suas cabras e seus cavalos?

5

A alternativa era permitir alguém impondo um código moral no qual nem todos acreditem, mas têm que seguir.

Estranhamente, tudo isso fez Sherlock pensar na cópia da *República* de Platão, o livro que Mycroft havia lhe dado no momento em que embarcara no navio para deixar Southampton. Platão antecipara todas essas questões havia mais de dois mil anos. E desde então ninguém havia conseguido criar uma sociedade com a qual todos concordassem e que funcionasse adequadamente. Era isso que Mycroft estava tentando fazer à sua maneira discreta? Transformar a Grã-Bretanha em uma sociedade que funcionasse da melhor maneira possível? Sherlock descobriu que, conforme ia ficando mais velho, desenvolvia um respeito cada vez maior pelo irmão.

O sol descia inexoravelmente para o horizonte, aquecendo suas costas enquanto caminhavam, projetando sombras cada vez mais longas no chão. Por um tempo Sherlock acreditou ver uma faixa escura na grama queimada de sol, mas com o sol mais baixo e mais perto de desaparecer ele percebeu que a faixa era o precipício que o trem havia atravessado a caminho dali, a caminho da casa de Balthassar. Os últimos raios iluminavam a ponte de um ângulo estranho, tornando-a mais parecida com um brinquedo de criança.

— Temos que atravessar *aquilo*? — Matty perguntou com um fio de voz quando os três pararam na beirada do

precipício e olharam para a ponte.

Sherlock apontou para o fundo do barranco.

— Acho que não temos tempo para descer, atravessar e subir pelo outro lado.

— Acho que Matty está perguntando se temos que atravessar *esta noite*, e acho que concordo com ele — Virginia manifestou-se.



— Não podemos nos dar o luxo de dormir — Sherlock

23

respondeu. — Para começar, não sabemos nem o que há por

6

aqui. Pumas, ursos...

— Quatis — murmurou Virginia.

— Pode haver qualquer coisa — ele concordou. — E precisamos de comida. Além do suco de laranja e dos pães doces, não comi nada desde hoje cedo.

— Comida... — gemeu Matty. — Eu tou *faminto*. Acha que tem alguma coisa por aqui que possamos... *caçar*?

— O mais provável é que nós sejamos caçados —

respondeu Sherlock. Ele respirou fundo e olhou para o precipício, caminhando de dormente em dormente.

— E se vier um trem? — Matty questionou.

— Eles não viajam à noite — Virginia falou. — As chances de haver búfalos, deslizamentos de terra ou alguma coisa assim são muito grandes. Eles param na cidade mais próxima e os passageiros desembarcam. Há hotéis para hospedar as pessoas até a manhã seguinte.

— Ah! — disse Matty. Era como se ele desejasse ter um bom motivo para não atravessar.

Sherlock descobriu, como já havia acontecido com Matty, que andar pisando nos dormentes era cansativo.

Mesmo tendo as pernas mais longas, ainda tinha que aumentar muito a largura dos passos. Era possível enxergar entre os dormentes e ver o fundo do abismo, mas como a luz do sol incidia agora em um ângulo quase horizontal sobre a paisagem o precipício era só escuridão, e tudo que ele via entre os pés era um grande vazio. E se olhasse muito fixamente, perderia a noção de onde tinha que pisar. Em duas ocasiões ele quase tropeçou e perdeu o equilíbrio. No final, decidiu que simplesmente devia olhar para a frente e confiar no instinto para saber onde pôr os pés. A distância entre os dormentes era regular, e ele descobriu que, mesmo

sem olhar, podia caminhar dando os passos do tamanho certo.



De vez em quando olhava para trás e via Virginia e

23

Matty recortados contra o disco alaranjado do sol. Eles

7

pareciam estar se saindo bem. Não havia nada que pudesse fazer para ajudá-los. Cada um era um universo isolado naquela longa caminhada sobre o precipício.

Sherlock ouviu um ruído. Ele parou e olhou por cima do ombro. Virginia estava deitada sobre os trilhos. Parecia exausta. Ela levantou a cabeça e olhou para ele com uma expressão esgotada.

— Desculpe — disse. — Eu tropecei.

— Não posso voltar para ajudar — Sherlock falou, desesperado. — Não posso me virar sem correr o risco de cair, e se me abaixar para ajudá-la, podemos cair os dois!

— Eu sei — ela murmurou. — Eu sei.

— Virginia, você precisa se levantar — Matty falou

atrás dela.

— Ah, sim, obrigada — ela disse, irritada, enquanto se

punha em pé. — Eu nunca teria pensado nisso!

Eles voltaram a andar, um atrás do outro. O tempo

parecia se arrastar, segundos se fundindo em minutos,

minutos desaparecendo um atrás do outro, de forma que,

quando Sherlock percebeu que havia novamente terreno

sólido entre os dormentes, eles já estavam algumas centenas

de metros longe do precipício.

— Vamos descansar um pouco — ele disse. — Apenas

dez minutos.

Matty gemeu.

— Preciso dormir.

— Meu irmão diz que um homem pode ficar sem dormir

por dias e dias, se o que estiver fazendo for importante e

interessante o suficiente.

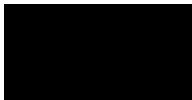
— Andar até a cidade mais próxima pode ser

importante, mas não tem nada de interessante — Matty

argumentou.

Sherlock deixou-os descansar e calculou o tempo

mentalmente, mais ou menos dez minutos, mas podia ter



sido qualquer coisa, de trinta segundos a uma hora,

23

considerando as circunstâncias e o ritmo singular do tempo

8

por ali. Finalmente, eles se levantaram e voltaram a andar. O

trio seguia em silêncio acompanhando a ferrovia. Duas vezes,

ao longe, Sherlock ouviu ruídos que lembravam uivos. Em

um momento de terror ele achou que Balthassar havia

percebido a fuga e enviado os pumas atrás deles, mas

Virginia falou:

— Coiotes.

— O que é um coiote? — Matty perguntou do fim da
fila.

— É como um lobo — explicou ela.

— Ah! — Uma pausa. — Que gosto será que tem?

— Se isso é uma piada, não tem graça. Na verdade,
aquele uivo que ouvimos significa que eles estão pensando a
mesma coisa sobre você — disse Virginia.

A lua ergueu-se sobre o horizonte: um disco branco e leitoso, muito maior do que Sherlock lembrava quando a via na Inglaterra. A América ficava mais perto da lua? Não podia ser. O mundo era redondo, todos os pontos nesta superfície ficavam igualmente distantes da lua. A única explicação que podia encontrar era a existência de alguma coisa na atmosfera, alguma coisa a ver com o ar quente que ampliava a imagem e fazia a lua *parecer* maior.

Depois de um tempo ele percebeu que Matty estava falando sozinho. Havia imaginado que ele falava com Virginia, mas Matty deixava lacunas que ela não preenchia. Era como se Matty pudesse ouvir uma voz que ninguém mais escutava. Uma alucinação? Talvez o cansaço e a falta de comida o estivessem afetando mais do que aos outros. Afinal, ele havia tido semanas bem difíceis.

Embora estivesse pensando sobre as alucinações de Matty, não lhe parecia estranho que a Sra. Eglantine, governanta da casa dos tios, caminhasse a seu lado durante parte da jornada. Ela não dizia nada. Apenas o olhava com olhos cheios de desaprovação, a boca comprimida em uma





linha fina, a cabeça balançando de um lado para o outro. Não

23

sabia quando ela havia aparecido nem quando sumira. Tudo

9

que sabia era que, pelo menos em um trecho da caminhada,

ela havia estado ali, uma companhia silenciosa andando a

seu lado. Estranho... De todas as pessoas que poderia

imaginar caminhando em sua companhia, por que ela? Por

que não Mycroft ou Amyus Crowe? Pensando bem, se estava

mentalmente perturbado, por que não qualquer uma das

pessoas cujas mortes foram sua responsabilidade — o Sr.

Surd, Gilfillan, Ives ou Grivens? Até Platão teria sido melhor

companhia do que a Sra. Eglantine.

Se Virginia via alguém que não estava ali, não disse

nada. Nem naquele momento nem mais tarde.

Sob a luz da lua, Sherlock via um ou outro celeiro ou

casas de fazendas recortadas contra o horizonte. Em alguns

momentos pensou em sair do caminho e parar para pedir

ajuda ou pelo menos comida e bebida, mas alguma coisa o

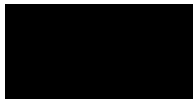
mantinha andando ao longo dos trilhos. Explicações

tomavam tempo, e ainda correria o risco de acabar com mais

problemas. Além do mais, a única coisa de que precisavam era um posto de telégrafo, e isso era algo que só encontrariam em uma estação de trem em uma cidade.

Depois de algum tempo celeiros e casas espalhados tornaram-se pequenos aglomerados e, depois, uma comunidade. Estavam na periferia de um lugar qualquer. Se tivessem sorte, seria uma cidade. Sherlock não se lembrava de o trem ter passado por nenhum povoado de proporções consideráveis depois de terem saído de Perseverance, mas não passara o tempo todo olhando pela janela. Outras coisas haviam acontecido e desviado sua atenção. Talvez fosse outra cidade, um lugar sem estação ou posto de telégrafo, e, nesse caso, Sherlock decidira que eles parariam, nem que fosse por pouco tempo. Talvez pudessem pagar alguém para levá-los a Perseverance.

Uma luz rosada começou a tingir o horizonte diante deles. O sol estava nascendo. Haviam mesmo passado a noite



inteira andando? Considerando a rigidez dos músculos e a

garganta seca, Sherlock suspeitava que sim.

0

Ou seria só mais uma alucinação, como a Sra.

Eglantine?

Após horas de linhas retas cortando a paisagem, agora os trilhos começavam a descrever curvas, levando ao centro da cidade. E finalmente ali, na frente deles, surgiam os edifícios que ele se lembrava de ter visto quando desceram do trem por alguns instantes: a estação e os galpões em torno dela. Havia chegado. Contrariando todas as expectativas, haviam conseguido.

Um trem estava parado na área de recuo da estação.

Era mais curto do que Sherlock lembrava. E também era escuro e deserto.

Não havia ninguém por ali quando pisaram na plataforma. O posto de telégrafo estava fechado. Sherlock bateu na porta, pensando que podia haver alguém dormindo lá dentro, mas ninguém respondeu. Toda a cidade parecia estar dormindo, apesar do azul que tingia rapidamente o céu.

— Vamos — ele falou com dificuldade, sentindo as palavras arranharem a garganta seca. — Vamos encontrar um hotel e comer alguma coisa. O posto do telégrafo só deve abrir mais tarde.

— Comida — Matty falou com a voz entrecortada,

trêmula. — Dormir.

Virginia apenas assentiu. Seu rosto estava pálido como giz — as sardas sobressaíam como pingos de tinta — e suas forças pareciam estar chegando ao fim.

O hotel ficava do outro lado da rua, na frente da estação. A rua era de terra batida, marcada por incontáveis rodas de carroça. Era estranho, mas Sherlock sentia mais dificuldade para caminhar ali do que no mato.

As portas de vaivém não estavam trancadas, e esse parecia ser o primeiro golpe de sorte que tinham em muitas horas.



Em pé, no centro do saguão principal, olhando para

24

um mapa aberto sobre a mesa diante dele, estava Amyus

1

Crowe.

Ele levantou a cabeça ao ouvir o barulho de alguém

entrando, e seu rosto registrou tantas emoções diferentes no espaço de um segundo que Sherlock teve a sensação de olhar para vários homens ao mesmo tempo.

Virginia correu para o pai e abraçou-o. Matty sentou-se em uma cadeira e fechou os olhos.

— Você veio atrás de nós — disse Sherlock. Sua voz não expressava nenhuma emoção. A longa caminhada o esgotara. Sentia apenas muito cansaço.

— Conversei com os jornaleiros — disse Crowe. Era evidente o esforço que fazia para manter a voz controlada. — Eles sempre sabem de tudo que acontece em uma cidade e conseguem passar despercebidos pelo restante da população. Os garotos me contaram que você foi seguido e conseguiu reverter o processo. Bom truque com a boina, o paletó e os jornais, aliás. Um deles o viu na hospedaria e outro viu vocês dois na estação. O resto da história deduzi a partir dessas informações. — Amyus Crowe respirou profundamente. — E acho que posso deduzir o que o trouxe de lá até aqui. Se acreditasse que fez isso de propósito, filho, eu o poria imediatamente em um navio para a Inglaterra e tomaria as providências para nunca mais estarmos no mesmo continente, mas imagino que o que aconteceu foi uma série de pequenos acidentes, uma sequência que os levou para longe de onde eu estava, em um lugar onde eu não podia

ajudá-los.

— É mais ou menos isso — confirmou Sherlock — Não foi intencional. De jeito nenhum.

— É verdade — interferiu Virginia, ainda abraçada ao pai. — Estávamos seguindo os homens que sequestraram Matty, e o trem partiu antes que pudéssemos desembarcar.

— Mas eles conseguiram me resgatar — acrescentou Matty, de olhos fechados.



— Sim, é verdade — admitiu Crowe, olhando para os

24

três garotos. — Imagino que precisem de comida, bebida e

2

descanso, mas acho que preciso saber o que aconteceu com vocês enquanto comem. — Ele virou para o fundo do saguão, na direção de uma porta. — Sra. Dimmock! Quatro cafés da manhã com todo suco de laranja e café que tiver à disposição!

— Ele olhou para Sherlock e Matty. — Pensando bem, *oito* cafés — gritou. — Tem gente faminta aqui!

A hora seguinte foi confusa. A comida chegou enquanto os três contavam a Amyus Crowe tudo que havia acontecido e acabaram falando enquanto pilhas de presunto, batatas fritas, ovos e muitas jarras de suco desapareciam da mesa.

— Ele planeja invadir o Canadá — Sherlock disse a Crowe quando concluiu a história. — Reuniu um exército e está planejando criar um novo país no Canadá, que vai declarar como Nova Confederação.

— Isso é basicamente o que a Pinkerton já havia deduzido — Crowe respondeu, assentindo. — Eles estão de olho nesse Duke Balthassar há algum tempo. O fato de estar usando John Wilkes Booth como figura decorativa para estimular as tropas e conferir à nova nação alguma legitimidade aos olhos dos estados do Sul é novidade para eles, mas serve para explicar o que ele estava esperando.

— Então, o que eles vão fazer sobre isso? — perguntou Sherlock. — Não podem permitir que isso aconteça, não é? Isso vai arruinar as relações entre a América e a Inglaterra por gerações.

Crowe balançou a cabeça despenteada.

— Eles têm um plano — disse. — Não posso dizer que acho que seja lá essas coisas, mas Stanton, o secretário de Guerra, aprovou-o pessoalmente, então, não há muito mais o que se possa dizer.

— Eles vão atacar? — Matty perguntou, com a boca

ainda cheia de batatas fritas.

— O Exército foi mobilizado e está formando um cordão

de isolamento em algum lugar entre a fronteira e



Perseverance — contou Crowe. — Mas há mais alguma coisa

24

acontecendo. O governo quer resolver tudo isso sem lutas

3

mano a mano, se possível. — Ele suspirou e desviou os olhos,

fixando-os na porta da frente do hotel. — O secretário de

Guerra ficou muito impressionado com o uso de balões para

reconhecimento durante a Guerra entre os Estados. Ele

acredita que os balões são o futuro dos aparatos de guerra e

ordenou que o Batalhão de Engenheiros do Exército

desenvolva o maior número possível de balões de ar quente e

mantenha disponíveis todos os que já existem. Depois do

anoitecer, ele pretende sobrevoar o acampamento de

Balthassar com os balões e lançar explosivos sobre a região.

— Mas... — Sherlock começou e então parou, perplexo.

— Mas isso seria um massacre! Sei que esses homens estão

se

preparando

para

invadir

outro

país,

mas

lançar *bombas* sobre eles! Não pode ao menos dar uma

chance para eles se renderem?

Crowe balançou a cabeça.

— Não é assim que funciona. Stanton quer enviar uma

mensagem. Ele quer que todos saibam que a guerra acabou e

a União venceu, e que qualquer tentativa de reviver os

exércitos confederados será reprimida com força bruta.

— Mas centenas, talvez milhares de homens morrerão!

— Sherlock insistiu. — E não será em uma batalha, na qual

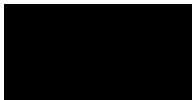
poderiam se defender. Eles vão morrer com uma chuva de

fogo que vai cair sobre eles! Isso é *errado*!

— Pode ser errado — Crowe concordou em voz baixa —,

mas é assim que vai ser. Bem-vindo ao mundo do que os

alemães chamam de *Realpolitik*, Sherlock.



24

4

Capítulo dezesseis

OS SONHOS DE SHERLOCK FORAM recheados de fogo caindo do céu e dos gritos estridentes de criaturas magérrimas e queimadas que corriam em meio ao caos. Ele acordou depois de poucas horas de sono, ainda cansado, mas incapaz de dormir mais.

O quarto era um dos três que o gerente do hotel ainda tinha vagos na noite anterior. Sherlock havia se perguntado se o trem vazio na estação significava um hotel lotado de passageiros, mas na verdade aquela era uma viagem especial, solicitada por Amyus Crowe e por um pequeno grupo de agentes da Pinkerton, responsáveis por monitorar a situação.

Deitado na cama ele pensava no que aconteceria em algumas horas. Os homens no exército de Balthassar não eram necessariamente *maus* — apenas tinham uma ideia diferente de como queriam que fosse seu governo. Invadir

outro país era errado, sem dúvida, mas isso significava que

mereciam ser dizimados como formigas?

Mycroft teria encontrado um jeito de impedir esse

desfecho. Sherlock tinha certeza disso. Mycroft era uma

engrenagem na máquina do governo britânico, é claro, mas

tinha crenças, moral e convicções. As mesmas crenças, moral

e convicções que haviam sido inculcadas em Sherlock pelo pai,

o major Siger Holmes, dos King's Dragoons. Ambos eram

filhos de Siger e haviam herdado seus valores da mesma

maneira que herdaram seus olhos azuis.

Tinha que fazer alguma coisa. Mas o quê? O que podia

fazer para deter o Batalhão de Engenheiros do Exército?



Talvez pudesse enviar um telegrama para o irmão na

24

Inglaterra. Não sabia quanto isso custaria, mas ainda tinha

5

algum dinheiro. Mycroft poderia entrar em contato com o

embaixador americano, ou algo assim, e impedir o ataque.

Será que poderia? Será que *aceitaria*? E, sendo mais

objetivo, será que Mycroft teria tempo para isso? Estava a milhares de quilômetros, e seus superiores no Ministério das Relações Exteriores deviam estar mais preocupados com uma possível invasão a um território britânico do que com as vidas de homens que nem conheciam.

Sherlock sabia que precisava sair, ver o exército de Balthassar e a frota de balões do Batalhão de Engenheiros.

Talvez não pudesse fazer nada, mas, com certeza, não ajudaria ninguém ficando no hotel. Lá fora, em campo aberto, talvez tivesse uma ideia.

Mas como chegaria lá?

Podia alugar um cavalo na cidade, pensou. Então, cavalgaria até o local de onde os balões decolariam. Vira a localização no mapa que Amyus Crowe estivera consultando algumas horas antes. Não memorizara a informação de forma consciente, mas, como tantas outras coisas que havia lido, os dados simplesmente se alojaram em sua memória.

Devia levar Virginia e Matty? A presença deles seria um conforto, mas sentia que essa batalha era *sua*. Os outros importavam-se menos com isso, e não tinha o direito de envolvê-los.

Levantou-se e vestiu as roupas novas que Amyus Crowe havia conseguido encontrar em algum lugar da cidade.

Ainda não haviam sido usadas e davam coceira, mas pensar em vestir as mesmas roupas que usara nos últimos dois dias enchia-o de terror.

Crowe estava na sala de jantar, conversando com outros dois homens de terno, que portaram armas em coldres pendurados na cintura. Sherlock deduziu que eram agentes da Pinkerton. Quando eles se distraíram, Sherlock escapou pelo corredor e saiu do hotel.



As calçadas estavam lotadas de gente indo e vindo ou

24

de pessoas que simplesmente paravam para conversar.

6

Sherlock seguiu o fluxo até ver um galpão que parecia um estábulo. Ele entrou.

— Posso ajudar, filho? — perguntou uma voz.

Sherlock olhou em volta e viu um homem idoso saindo das sombras. Ele era careca, exceto por uma coroa de cabelos brancos na parte de trás da cabeça, e tinha um espesso

bigode branco.

— Preciso de um cavalo. Só por hoje — respondeu

Sherlock

— Ah, que conveniente — respondeu o homem. —

Tenho um animal aqui que não se exercita há algum tempo.

Parece que foram feitos um para o outro.

— Quanto custa?

— Vamos combinar um depósito de dez dólares e

devolverei nove quando você voltar.

Sherlock entregou o dinheiro e o homem o levou até

uma das baías, ocupada por uma égua marrom e impaciente.

Ela o olhou intrigada enquanto o dono do estábulo colocava a

sela.

Sherlock deu uma olhada pelo estábulo. Além dos

objetos esperados, como selas, rédeas e estribos, penduradas

em ganchos havia também outras coisas que ele não

reconhecia. Pareciam ser armas — arcos, flechas, machados

—, mas eram enfeitados com penas e tiras de couro.

— São lembranças das brigas que tivemos com os

nativos ao longo dos anos — o homem explicou, notando a

direção de seu olhar. — Os pamunkey e os mattaponi nos

deram muito trabalho quando estávamos construindo esta

cidade. Eles colecionavam nossos escalpos; meu avô e meu

pai começaram a colecionar machadinhas, lanças, facas e

arcos.

Sherlock pensou no que pretendia fazer. Estava indo ao encontro de um exército hostil, uma força agressiva e um ambiente selvagem dominado por coiotes. Não queria levar



uma pistola, e tinha certeza absoluta de que ninguém daria

24

uma a ele, mas ter algum tipo de arma seria uma boa ideia.

7

— Por mais um dólar poderia me emprestar um arco,
algumas flechas e uma faca?

— Não — o homem respondeu. Depois inclinou a
cabeça para um lado. — Mas cinco dólares me fariam mudar
de ideia.

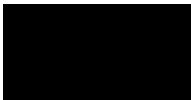
Dez minutos depois, Sherlock saía do estábulo com
uma faca na cintura, uma aljava de flechas nas costas e um
arco preso à sela da égua. Pensou ter visto Matty e Virginia
na frente do hotel ao passar pela rua, mas foi tudo tão rápido
que não podia ter certeza, e não podia parar.

Lembrando-se do mapa de Amyus Crowe, Sherlock

partiu pelos campos mantendo um ângulo determinado em relação à linha do trem. A paisagem em que penetrava tinha mais elevações do que a planície sobre a qual os trilhos haviam sido construídos. Ele seguia a meio galope pelas colinas que apareciam, subindo e descendo uma série de morros baixos.

Depois de uma hora de cavalgada por um cenário de arbustos e pequenos aglomerados de árvores atravessou um rio raso e largo que descia de uma colina como uma fita azul brilhante. Enquanto os cascos da égua venciam a resistência da água e deslocavam os pedriscos no leito do rio, ele ia pensando se em algum ponto a correnteza conseguira penetrar na rocha frágil para formar o abismo que ele, Matty e Virginia haviam cruzado na noite anterior. O solo na América era muito diferente daquele com que estava habituado na Inglaterra: era mais jovem e primitivo. Sherlock tivera a presença de espírito de pegar um cantil no estábulo antes de partir e parou por um instante para enchê-lo e deixar a égua beber água também.

A julgar pela posição do sol, devia ser meio da tarde, e considerando o mapa que havia gravado na memória aproximava-se do local onde o Batalhão de Engenheiros do Exército montava seu acampamento. Tinha certeza de que



eles posicionariam sentinelas ao redor da área, e Sherlock

24

não queria esbarrar em nenhuma delas. Esses soldados

8

provavelmente atirariam primeiro e fariam perguntas depois.

Em vez de continuar contornando o sopé das colinas,

Sherlock puxou as rédeas da égua e começou a subir pela

encosta. Se não tivesse se enganado e se sua localização era a

que imaginava, teria uma boa visão do acampamento quando

chegasse ao pico.

Sherlock levou mais umas duas horas subindo

encostas e trilhas rochosas até chegar ao fim de uma subida

mais íngreme, onde podia ver a área que procurava lá

embaixo.

Deixando a égua escondida, engatinhou até a beirada

do patamar rochoso, protegido por uma grande pedra, até

conseguir ver toda a área lá embaixo.

O sol já estava quase no horizonte e o cenário era

iluminado por seus raios vermelhos e por várias fogueiras espalhadas pela área. Sob essa luminosidade mista ele conseguia ver o acampamento dos soldados lá embaixo: várias tendas agrupadas no centro de um descampado. Devia haver uns cem homens andando de um lado para o outro, cheios de determinação e propósito. De um lado do acampamento os cavalos haviam sido cercados em um curral improvisado; do outro estavam os balões.

A imagem fez Sherlock perder o fôlego. Devia haver dez ou doze balões em uma área do tamanho de um campo de rúgbi. Alguns eram versões gigantescas e murchas de águas-vivas, criaturas que ele lembrava ter visto em passeios à praia que fizera quando era mais novo, e outros, já inflados, eram esferas brilhantes que refletiam a luz do sol ao entardecer.

Cordas e tiras do mesmo material — seda encerada, lembrou-se do que ouvira durante a conversa com Graf von Zeppelin a bordo do SS *Scotia* — prendiam essas esferas aos cestos, e os balões eram inflados por canos vindos de cintilantes tanques de cobre que ocupavam várias carroças. Os tanques





produziam hidrogênio, Sherlock lembrou, a partir de uma

24

combinação de ácido sulfúrico e limalha de ferro.

9

Pensando em Graf von Zeppelin, Sherlock examinou o acampamento, tentando localizar sua silhueta ereta e germânica. Ele atravessara o oceano, para a América, para discutir aplicações militares dos balões. Estranho seria se *não* estivesse ali.

As pessoas movendo-se lá embaixo eram muito pequeninas para que Sherlock pudesse enxergar seus rostos, mas pensou ter visto um homem barbado em um uniforme diferente daquele envergado pelos outros que trabalhavam perto dos balões. Ele assistia a tudo fascinado enquanto os balões eram inflados.

As fogueiras eram mantidas bem longe dos balões, Sherlock notou. E era uma boa ideia, porque o hidrogênio é altamente inflamável, como ele havia aprendido na escola. Por outro lado, centenas de esferas de metal, que pareciam balas de canhão mas deviam ser explosivos, estavam empilhadas perto dos balões. E em uma ou duas horas, se o

vento ainda soprasse na direção certa, os balões seriam soltos, levando um soldado cada, e sobrevoariam silenciosamente a paisagem desolada rumo ao acampamento do exército de Duke Balthassar. E, então, haveria morte e destruição em uma escala que o deixava enojado. Precisava impedir essa catástrofe. *Tinha* que impedi-la. Já havia visto muitas mortes em sua vida. Se pudesse impedir que outras pessoas morressem, impediria. Hidrogênio. Inflamável. A resposta estava ali, mas como poderia agir? Se tentasse descer e atear fogo aos balões, seria capturado e executado como espião confederado. Havia guardas em torno dos balões. Mas não havia ninguém em volta das fogueiras do outro lado do acampamento, e de onde estava podia ver que muitas tendas tinham lamparinas a óleo na entrada, penduradas em hastes fincadas no chão de terra.



Trabalhando depressa, sua mente começou a

estabelecer conexões entre coisas que antes ele havia

0

percebido separadamente. A solução estava ali, bem à sua frente. Ele tinha algumas das coisas de que necessitava, e o restante estava lá embaixo, no acampamento.

E quanto mais cedo começasse, mais depressa terminaria.

Verificou se as rédeas da égua estavam bem presas sob uma pedra e começou a descer lentamente para a planície. Restava apenas um pequeno pedaço do sol no horizonte, e as sombras projetadas pelas pedras eram longas e escuras. Podia usá-las como cobertura, atravessando campo aberto apenas quando necessário.

Quando Sherlock chegou à planície, o sol havia desaparecido e o céu estava vermelho-arroxeadado. A maioria dos balões já estava inflada, e havia ainda mais atividade ali perto.

Afastou-se daquela área, indo na direção das fogueiras.

A maior parte do Batalhão de Engenheiros concentrava-se no local onde estavam os balões, do outro lado do cordão de isolamento formado pelos guardas, observando a operação e esperando a hora da decolagem. Sherlock esgueirou-se por entre as tendas até chegar ao perímetro onde estavam as fogueiras. Havia carne assando, guisados fervendo, e

ninguém olhava em sua direção. Ele olhou em volta, ergueu os ombros, limpou a poeira das roupas e aproximou-se de uma tenda vazia, retirando a lamparina do gancho em que estava pendurada. Então, por via das dúvidas, pegou outra lamparina também. Não mexeu na da tenda vizinha, porque isso acabaria chamando a atenção, mas pegou a de uma barraca mais afastada. Ninguém tentou detê-lo, ninguém perguntou o que estava fazendo. Seu coração batia duas vezes mais depressa que o normal, mas ele mantinha o rosto impassível, e quando se virou para voltar, andou devagar, mantendo as lamparinas alinhadas, mas cobertas pelo paletó para que ninguém visse as luzes em movimento.



Uma vez protegido pela segurança das tendas, passou

25

a andar mais depressa, retornando à base das colinas.

1

Enquanto andava, olhava para os balões. Agora todos estavam completamente inflados, e aeronautas do exército

estudavam mapas e cuidavam dos últimos preparativos.

Ele subiu a encosta o mais depressa que pôde, lembrando que carregava óleo quente e fogo e que, se caísse, poderia atear fogo a si mesmo. Agora o vento ganhava velocidade. Sem o calor do sol e sem o paletó, ele sentia frio.

A égua relinchou baixinho quando o viu se aproximando. Sherlock pôs as lamparinas no chão, depois foi pegar o arco e a bolsa de flechas que deixara junto ao animal.

Precisaria de alguma coisa para manter a chama acesa enquanto a flecha atravessava o ar.

Uma bucha. Precisava de algum tipo de bucha.

Olhando em volta, lamentou não ter pego algo enquanto estava no acampamento — a jaqueta de algum uniforme, por exemplo. Mas ali, no alto da colina, a única coisa que tinha eram as próprias roupas. Começou a rasgar tiras do paletó, amarrando-as nas pontas das flechas. Afinal, não era como se ele quisesse que elas ficassem presas em alguém, mesmo.

Quando tinha dez flechas com tiras de tecido nas pontas, ele foi buscar as lamparinas. Depois de pensar por um instante, apagou a chama de uma delas e abriu o recipiente de combustível para mergulhar as pontas embrulhadas em tecido no óleo, uma a uma.

Uma lamparina acesa devia ser o suficiente. Abriu-a

para expor a chama, que tremulou ao vento.

Pegou o arco e levantou-se. Agora estava bem escuro

para ter certeza de que não seria visto, e a chama na

lâmparina restante estava protegida por uma pedra.

Sherlock distendeu o arco, experimentando a tensão. O

princípio era óbvio. Uma fenda na parte de trás da flecha

deveria ser encaixada na corda, que ele puxaria com os dedos

da mão direita até o máximo da extensão, enquanto segurava



o arco com a mão esquerda. Depois, tinha que fazer a

25

pontaria — para o alto, porque a flecha seguiria uma

2

trajetória balística — e então soltar a corda.

Hora de tentar. Hora de entrar em ação.

Aproximou a ponta da flecha da chama da lâmparina.

O tecido embebido em óleo pegou fogo imediatamente.

Sherlock levantou a flecha, encaixou a parte de trás na corda

e a distendeu, puxando a corda com a mão direita enquanto

mantinha a esquerda à frente, segurando o arco. Fez a pontaria para o balão que parecia estar cercado por menos gente, mas para o alto, de forma que a flecha atingisse a parte de cima do balão.

A corda machucava os dedos de sua mão direita. Podia sentir o arco tremendo com a tensão. O tecido brilhando criava um ponto de luz tão forte que quase obscurecia todo o resto.

Estava agindo corretamente?

Era tarde demais para esse tipo de dúvida.

Sherlock soltou a corda. A flecha descreveu um arco elevado no ar, chegando ao pico da curva e criando a impressão de parar ali por uma fração de segundo antes de cair como um pequeno meteoro exatamente sobre um dos balões.

Nada aconteceu por alguns instantes; tempo suficiente para fazer Sherlock se perguntar se o material inflamável se apagara em algum ponto da trajetória ou se a flecha não conseguira penetrar a seda encerada ou se o gás no balão não era hidrogênio, e sim alguma substância não inflamável. Mas o material em torno do topo do balão começou a se soltar como pétalas de uma flor, e a visão de Sherlock foi ofuscada por uma bola de fogo que saltou do balão para o céu.

Um grito horroroso ecoou no acampamento. Pessoas

corriam em todas as direções, jogando baldes d'água para tentar apagar o fogo que caía em uma chuva de material incandescente. Mas o inferno buscava o céu, em vez ir para o chão. Afinal, o hidrogênio é mais leve que o ar.



Sherlock pegou outra flecha e acendeu-a, mirando

25

outro balão rapidamente. A trajetória da flecha deixou uma

3

linha cintilante na noite escura, subindo ao céu e depois caindo sobre o segundo balão.

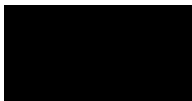
Desta vez não conseguiu ver o material do balão se soltando, mas a bola de fogo resultante foi tão impressionante quanto a primeira.

Enquanto o caos dominava o acampamento, Sherlock ia disparando flecha após flecha em direção aos balões ainda intactos. Quando a munição acabou, o ar estava denso devido à fumaça e o chão coberto de restos de seda incandescente. E ninguém estava ferido! Era difícil de

acreditar, mas não conseguiu ver nenhuma pessoa que tivesse ficado ferida. Estavam todos desesperados e assustados, sim, mas não machucados. O hidrogênio incandescente subira, e os fragmentos em chamas que caíam dos balões eram facilmente evitados.

Sherlock respirou fundo. Naquela noite não haveria nenhum balão no céu, e precisariam de dias, talvez semanas, para levar mais balões à área. E quando isso acontecesse, o exército de Balthassar já teria se dispersado ou marchado para o Canadá e sido interceptado pelo exército unionista. Ele conseguira.

Parte dele queria poder fazer alguma coisa em relação aos explosivos que vira no acampamento. As esferas não haviam sido detonadas. Preocupara-se com a possibilidade de algum fragmento incandescente atingi-las, o que teria causado uma terrível destruição, mas ou não era tão fácil incendiá-las ou estavam longe o suficiente do fogo para não serem atingidas. Talvez pudesse descer e fazer alguma coisa com todas aquelas bombas. Remover os pavios, talvez? Mas de que adiantaria? Agora que não havia como transportar e lançar os explosivos sobre o território inimigo, eles eram inúteis.



Um grito soou lá embaixo. Sherlock olhou para o

25

acampamento. Um homem apontava em sua direção. A

4

explosão do hidrogênio revelara sua presença.

Mais gente olhava para cima. Algumas pessoas

começaram a correr para a encosta, e muitas portavam
armas.

Ah! Ele estava segurando o arco.

Hora de ir embora.

Sherlock virou-se e correu para a égua. O animal
estava nervoso e arisco — as rédeas ficaram esticadas
quando tentara fugir —, mas ainda não estava em pânico.

Rapidamente, ele soltou a ponta da rédea e montou no
animal.

Com um pouco de sorte conseguiria voltar à cidade e
fingir que nunca saíra de lá. Ninguém precisava saber o que
havia feito.

Ele virou a montaria e partiu.

Descer a encosta foi mais fácil do que subir. A égua parecia mais firme, mais confiante e estava satisfeita por poder sair de perto da fumaça e do fogo.

O animal conseguia enxergar o caminho com a luz da lua e das estrelas, agora que o sol se pusera, e Sherlock deixou-o escolher a trilha a seguir. Assim que chegassem à planície, ele decidiria o trajeto que faria para voltar à cidade.

O balanço da égua pelas encostas pedregosas foi deixando Sherlock sonolento. A tensão desaparecia, deixando-o vazio e melancólico. Não estava ansioso pelo longo caminho de volta a Perseverance.

Dúvidas começaram a surgir durante a cavalgada. E se o exército unionista não tivesse conseguido interceptar a invasão confederada, e ele tivesse facilitado a conquista?

Não, Amyus Crowe tinha dito que as forças unionistas já se preparavam para deter os confederados caso eles avançassem, mas o secretário de Guerra decidira ele mesmo que os confederados precisavam ser dizimados. A menos que





algo desse muito errado, a atitude de Sherlock só salvara

25

vidas. Não provocaria um incidente diplomático.

5

Em algum lugar na escuridão um animal gritou. O barulho assustou-o. Era muito parecido com o grito de uma pessoa, nada como o uivo de um coiote. Parecia mais um grande felino.

A égua tentava encontrar pontos de apoio no fundo de uma vala criada por degraus na encosta. Sherlock pensou que agora estavam perto da base da colina, quase a ponto de atravessar a planície até a cidade. As laterais da vala não passavam de sombras negras, e apenas as estrelas no céu mostravam onde as beiradas escarpadas recortavam o firmamento escuro.

Uma das beiradas moveu-se.

Sherlock despertou sobressaltado. Parte do que havia pensado ser o topo da vala movera-se bruscamente para o lado e depois recuara.

Havia alguma coisa lá em cima. Algo o perseguia. Nervoso e amedrontado, Sherlock olhou em volta.

Nada. Só a escuridão, revelada apenas pela luz que chegava,

fraca, das estrelas.

Uma pedrinha rolou pela encosta, quicando no fundo

da vala.

Agora era a égua de Sherlock que olhava em volta. Ela

também sentia que havia algo ali. Suas orelhas estavam

eretas, e Sherlock podia sentir os músculos tensos sob suas

pernas.

A vala começou a se alargar diante deles, abrindo-se

para uma rocha plana com uma queda acentuada e brusca

do outro lado, dando para a planície. A luz da lua, ainda

baixa no céu, iluminava um dos lados da colina como um

farol. Sherlock reconheceu o local: apesar de parecer uma

queda brusca, havia uma trilha lateral que descia

suavemente até a planície. Ele e a égua haviam subido por ali

na vinda.



Outra pedrinha caiu, ricocheteando na parede de

rocha. A montaria de Sherlock saltou para o lado e acelerou o

6

passo. A égua queria chegar à planície tanto quanto Sherlock

Alguma coisa gritou no alto e saltou sobre eles da
escuridão.



25

7

Capítulo dezessete

COM O SUSTO A ÉGUA deu um salto para o lado,
salvando os dois.

A criatura que saltou sobre eles passou direto e caiu no
chão com as garras à mostra, desequilibrada, cambaleando
para o lado e levantando-se imediatamente. Sherlock teve
uma visão rápida e confusa de olhos refletindo o luar e presas
pontigudas molhadas de saliva, brilhando em uma boca
aberta.

Pegou a faca na cintura e segurou-a em posição de
ataque. Não era muita coisa, mas era tudo que tinha.

Uma voz no alto da rocha disse alguma coisa com um acento gutural e em um idioma que ele não conhecia, e o animal atendeu ao chamado, sibilando em sua frustração ao passar por Sherlock e pela égua.

Sherlock agora o reconheceu. Era um dos pumas de Duke Balthassar. Isso significava que o outro estava por ali em algum lugar. E isso queria dizer que Duke Balthassar também estava ali.

A égua estava paralisada pelo choque: olhos arregalados e lábios retraídos sobre os dentes expostos. Ela não ia sair do lugar, não com os pumas por perto. Sherlock desmontou, com o coração disparado. Estava cansado, com fome e com sede. Não queria nada disso. Não agora. Não aqui.

Mas achava que não tinha escolha.

Começou a andar sob o luar, aproximando-se da abertura da vala rochosa.



Duke Balthassar estava parado a uma distância

pequena a seu lado. Ainda usava o terno branco, o chapéu e

8

a máscara de porcelana, mas agora tinha um revólver preso à

coxa. Atrás da orelha direita, Sherlock viu a sanguessuga

vermelha brilhando úmida ao luar, único ponto de cor no

cenário. Ela parecia pulsar suavemente sob o olhar atento de

Sherlock

O puma que havia saltado sobre Sherlock e a égua

estava agora ao lado de Balthassar, e a cauda balançando

revelava sua inquietação. Sherlock percebeu que o animal

olhava para a sanguessuga vermelha regularmente, sempre

com desconfiança e desconforto, até com um pouco de medo.

O outro puma não estava à vista.

— Sherlock Scott Holmes — disse Balthassar, sua voz

quase imperceptível sob o vento. — Parece que estamos

fadados a nos encontrar, como amantes de Shakespeare.

— O que faz aqui? — Sherlock perguntou com

simplicidade.

— Estava procurando você — respondeu Balthassar. —

Quando encontrei meus queridos répteis ainda famintos e

minha galeria de observação alagada, presumi que você e

seus amigos haviam escapado. Vocês sabiam demais, e tive

que segui-los para resolver esse problema. Meus pumas

seguiram seu cheiro na periferia da cidade e nós o seguimos até aqui, nas colinas. — Ele fez uma pausa, a cabeça inclinada para o lado. — Devo admitir que esperava que você fosse para a cidade, mas, em vez disso, veio para cá. Por quê? Sherlock pensou por um momento. Balthassar devia ter confundido duas pistas distintas: aquela que Sherlock, Matty e Virginia haviam deixado quando *foram* para Perseverance, e a que Sherlock e a égua deixaram ao *sair* da cidade. Isso significava que Balthassar ainda não sabia que seus planos haviam sido descobertos. Devia dizer a ele? Se Balthassar soubesse que era tarde demais, que seu exército já havia sido encontrado, não teria motivos para matar Sherlock. Em tese, pelo menos.



— O Exército da União já sabe sobre a invasão do

25

Canadá — ele disse. — Não há mais nada a fazer agora.

9

Desista, Balthassar. Vai poupar muitas vidas.

Balthassar ficou em silêncio enquanto considerava o que Sherlock havia revelado. Era impossível deduzir seus pensamentos através da máscara de porcelana.

— Há quanto tempo eles sabem? — Balthassar perguntou depois de um tempo.

— O suficiente para não haver a menor possibilidade de seu exército chegar à fronteira.

— Nesse caso, o que está fazendo aqui? — perguntou Balthassar.

— Os unionistas preparavam-se para lançar explosivos sobre seu acampamento. Eu não podia permitir que isso acontecesse. Tive que impedir.

— Presumo que tenha sido por alguma estranha ideia de nobreza, e não por concordar com o estilo de vida dos confederados.

— Só não quero ver mais gente morrer — Sherlock respondeu, cansado.

Balthassar balançou a cabeça.

— Espera que eu agradeça? — ele perguntou, e de repente havia uma fúria cortante em sua voz.

Sherlock sentia a exaustão pesando sobre seus ombros como um fardo de chumbo.

— Não espero nada — disse. — Não estou fazendo isso por você nem por ninguém mais. Faço isso por *mim*. Pelas

coisas em que *eu* acredito.

— Então perdeu seu tempo — Balthassar disparou. —

A invasão prossegue, apesar de tudo que me contou.

— Então, seus homens serão encurralados e, se resistirem, haverá uma batalha.

— E pessoas morrerão do mesmo jeito — ele grunhiu.

— Então você fracassou.

— Não posso controlar o mundo — disse Sherlock —

Só as partes que estão perto de mim. Pelo menos fiz o que



pude para impedir um massacre. O resto é com você, Amyus

26

Crowe e o governo.

0

— Seu problema é que você deixa a emoção atrapalhar

a lógica em seus pensamentos. Se posso lhe dar um

conselho, eu diria que é melhor aprender a eliminar suas

emoções. Mantenha-as sob controle. Elas só servem para

distrair-lo. Elas só servem para magoá-lo.

Sherlock pensou na mãe e na irmã, e as lembranças eram coloridas com tons de emoção que causavam dor. Mas havia as lembranças de Virginia também, e estas lembranças não eram dolorosas. Estas o faziam feliz.

— Agradeço pelo conselho, mas acho que vou continuar com as minhas emoções, se não se importa. Gosto delas, sejam boas ou ruins.

— Eu poderia dizer que vai se arrepender no futuro —

Balthassar estalou os dedos. —, mas não vai viver o suficiente para isso. — O puma ao lado dele avançou para

Sherlock, os dentes expostos e os olhos semicerrados.

Sherlock levou a mão à frente do corpo. A lâmina da faca capturou a luz da lua com um brilho líquido.

O puma nem hesitou. Continuou avançando.

Um ruído vindo de cima da pedra atrás de Sherlock o fez virar a cabeça.

O segundo puma estava ali.

Seus

pensamentos

avaliaram

rapidamente

as

possibilidades, nenhuma delas viável ou útil. Como poderia lutar contra dois animais selvagens com uma faca?

Mas não eram selvagens, eram? Esses pumas eram parcialmente domesticados e obedeciam às ordens de Balthassar. Eles *temiam* esse homem, e isso dava uma chance a Sherlock.

Uma súbita aceleração nos passos atrás dele o fez se jogar no chão e rolar para o lado. Uma sombra escura passou por cima de sua cabeça. Levantou-se com um pulo, mas os pumas eram mais rápidos. E agora estavam lado a lado, rosnando.



Felinos podiam subir em árvores, mas não escalavam

26

pedras.

1

Sherlock subiu pela parte íngreme da vala com toda velocidade possível; os dedos iam se agarrando às frestas entre as pedras, os pés tentando encontrar pontos de apoio que pudessem sustentar seu peso.

Lá embaixo, os pumas pularam.

Seus dedos encontraram um trecho plano de pedra, e ele ergueu o corpo desesperadamente, no mesmo instante em que garras afiadas encontraram sua bota e o puxaram de volta. Sherlock deu impulso e conseguiu subir para o patamar sobre a vala, uma área plana que subia em uma direção e descia na outra.

Olhou para baixo, para ver se os pés continuavam inteiros. O calcanhar da bota havia sido arrancado pelo ataque do felino, mas, além disso, tudo estava intacto. Os olhos brilhantes dos pumas desapareceram. Eles seguiram em direções opostas, procurando um caminho por onde pudessem alcançá-lo. E esse território era mais propício a eles do que a Sherlock. Eles encontrariam um jeito.

— Por mais divertido que seja — disse a voz de Balthassar —, está apenas adiando o inevitável. E essa não é uma atitude lógica. Desista; vai ser mais fácil e menos doloroso.

— Você já me disse isso antes — Sherlock respondeu —, e era mentira.

A superfície onde estava tinha uma largura pouco maior que a de seu corpo, e ele correu por ela, tentando alcançar algum lugar relativamente seguro. Ouvia o ruído das garras dos felinos nas pedras ali por perto, e a respiração arfante ecoava pela fenda na rocha.

Se não fizesse alguma coisa bem depressa, em pouco tempo estaria morto.

Pressionado contra a lateral da rocha, olhou para baixo. Era possível ver o chapéu branco de Balthassar lá embaixo.



Com uma prece rápida pedindo para não ter errado na

26

dedução sobre o relacionamento entre os pumas e

2

Balthassar, ele pulou.

E caiu em cima de Balthassar, derrubando-o no chão e jogando longe o revólver que até então estivera em sua mão. A arma desapareceu na escuridão. O ombro esquerdo de Sherlock chocou-se contra o solo quando ele tentou rolar para o lado e afastar-se, e o impacto causou uma dor aguda que reverberou por todo o corpo. Quando conseguiu ficar em pé, Balthassar já havia se levantado. Ele segurava o braço esquerdo com o direito, e alguma coisa na posição do

membro sugeria que os ossos frágeis tinham se quebrado com a queda.

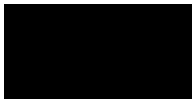
A máscara de porcelana fora jogada longe. Estava caída no chão, a alguns metros do local da queda, quebrada em três pedaços. O rosto exposto de Balthassar estava contorcido em uma expressão de puro ódio.

— Cortesia sulista à parte — Balthassar grunhiu —, vou mandar meus animais arrancarem a carne de seus ossos enquanto você ainda estiver vivo e gritando. — As sanguessugas pretas em seu rosto pareciam buracos através da pele, mostrando a escuridão do céu noturno. Balthassar olhou para além de Sherlock — E aí estão eles — disse, e gritou três palavras na linguagem gutural que usava para comunicar-se com os animais.

Esperando sentir a qualquer momento o peso de um puma caindo sobre suas costas e a agonia das garras e dentes rasgando sua carne, Sherlock deu um passo adiante, aproximando-se de Balthassar.

O homem magro não esperava por isso. Ele deu um passo para trás, ainda segurando o braço, mas Sherlock estendeu a mão esquerda, que latejava, e arrancou a sanguessuga vermelha de trás da orelha de Balthassar. Ela se soltou com alguma resistência. O sangue respingou sobre o ombro de Balthassar, deixando uma mancha em seu paletó

que parecia quase preta à luz da lua.



Balthassar gritou: um som alto, agudo, um urro de

26

ódio e choque.

3

A mão de Sherlock segurava a gigantesca sanguessuga vermelha, que era mole e molhada. Antes que Balthassar pudesse fazer alguma coisa, antes que os pumas pudessem atacar, Sherlock levantou a faca e cortou-a ao meio. Ela se retorceu e contorceu, vertendo o sangue de Balthassar na palma da mão de Sherlock. Agora, com metade do parasita em cada uma das mãos, ele se virou e jogou os dois pedaços contra os pumas, que se aproximavam.

Levando em conta a reação dos felinos na varanda de Balthassar, esperava que eles fugissem aterrorizados, mas os animais o surpreenderam. Os pumas pegaram as duas metades da sanguessuga no ar, como se fossem petiscos arremessados por um criador, e as engoliram sem mastigar.

E continuaram avançando.

Mas agora não olhavam para ele. Os pumas olhavam para Balthassar.

Sherlock moveu-se lentamente para o lado. Os pumas o ignoraram e continuaram caminhando para Balthassar.

Fazia sentido, de uma maneira estranha. O homem que os havia dominado estava ferido e fraco, e o parasita que eles temiam não existia mais. O poder de Balthassar sobre os animais também havia desaparecido. Agora eles tinham o poder. O homem não podia mais feri-los.

Balthassar recuou. O patamar rochoso estava atrás dele. Falou alguma coisa na linguagem que usava para comandar os felinos, mas eles o ignoraram.

Sherlock assistia a tudo com o coração aos saltos e a boca seca. Balthassar deu mais um passo para trás, as mãos erguidas tentando afastar os pumas, mas o pé direito ultrapassou o limite da rocha e pisou no vazio. Ele caiu gritando na escuridão.

Os pumas ficaram ali parados por um momento, olhando para baixo, e depois, sem olhar para Sherlock ou um para o outro, afastaram-se e sumiram nas colinas.





Sherlock ficou parado por um momento, tentando

26

recuperar o fôlego e esperando a dor no ombro diminuir. Não

4

parecia estar quebrado. Já era alguma coisa.

Os pumas não voltaram.

Depois de um tempo, aproximou-se da égua, escondida

à distância, e tentou acalmá-la, acariciando seus flancos até

fazê-la parar de tremer. Subiu na sela e continuou a jornada,

descendo a encosta que levava à planície.

Ao pé da colina, Sherlock encontrou o corpo de

Balthassar, retorcido e quebrado, em uma área de mato

baixo. As sanguessugas haviam desaparecido de seu rosto.

Elas provavelmente foram procurar outro hospedeiro no

minuto em que o sangue deixou de correr naquelas veias.

Aquela não era uma decisão lógica, mas sim instintiva.

Sherlock devia ter cochilado na viagem de volta,

porque, antes que pudesse perceber, a égua trotava na

periferia da cidade e havia uma luz azul no horizonte. Deixou

o animal amarrado do lado de fora do estábulo e foi para o

hotel. Poderia pegar o dinheiro do depósito depois.

Não havia ninguém na sala de jantar quando ele entrou. Sherlock seguiu para o quarto, e ninguém tentou detê-lo. Estava quase esperando que alguém surgisse do nada e o atacasse ou que alguma coisa saltasse sobre ele pelas costas, mas não houve nada. Tudo estava tranquilo e calmo. Arrastou-se para o quarto e deslizou para debaixo das cobertas. Era como se nada houvesse acontecido, como se nem tivesse deixado o lugar desde aquela manhã, depois da longa caminhada vindo da casa de Balthassar com Virginia e Matty.

Ele dormiu sem sonhar ou, se teve sonhos, não se lembrou deles ao despertar, e isso devia ser bom. O sol brilhava pela janela do quarto quando ele acordou. Sherlock ficou deitado por um momento, repassando tudo que havia acontecido e arquivando os fatos na memória. Depois, vestiu-se e desceu.



Amyus Crowe estava na sala de jantar, conversando

com dois agentes da Pinkerton. Ele disse alguma coisa para

5

os homens e depois se aproximou de Sherlock

— Não vejo você desde ontem de manhã — disse. —

Estive ocupado com os assuntos da Pinkerton, mas Matty e

Virginia disseram que você nem saiu do quarto. Acho que precisava dormir.

— Sim, muito — Sherlock confirmou.

— Não me lembro de ter visto esses arranhões nas suas mãos ontem.

— Devem ter aparecido de ontem para hoje — respondeu o menino.

— Talvez — Crowe encarou-o em silêncio por alguns momentos.

— O que aconteceu? — Sherlock perguntou. — Alguma novidade sobre Balthassar e a invasão do Canadá?

— O ataque contra o exército confederado foi cancelado

— Crowe respondeu. — Alguém ateou fogo aos balões. Um dos agentes de Balthassar, provavelmente. Quero dizer, essa é a teoria aceita pela maioria, e quem sou eu para discordar?

— Pelo menos o massacre foi evitado — comentou

Sherlock

— É verdade. O secretário de Guerra queria ver um grande confronto entre suas tropas e as de Balthassar, mas

essa ordem foi retirada, e aproveitei a oportunidade para pôr em prática um plano meu. Usamos John Wilkes Booth para mandar o exército de Balthassar se dispersar. Ele pode ser bem convincente quando recebe a medicação adequada e lhe oferecem uma alternativa à força. Não creio que muitos dos soldados estivessem interessados em uma luta de verdade.

Ficaram felizes com a chance de ir para casa.

— E John Wilkes Booth?

— O que entrará para a história é que ele já estava morto. Um homem chamado John St Helen será internado em um hospício em Baltimore. Se receber a medicação



adequada, na dose certa, ele deve ficar sob controle, até

26

morrer.

6

— Será encarcerado.

— Ele é um assassino, no fim das contas. Terá um destino melhor do que merece.

Sherlock assentiu. Não por concordar com aquilo, mas

por não ter a menor vontade de discutir.

— E nós? O que faremos agora?

— Agora nós voltamos para Nova York e compramos passagens para a Inglaterra. Isso vai levar um ou dois dias, mais ou menos. Acho que já passamos tempo demais aqui.

Por mais que eu ame o país onde nasci, até que gosto da Inglaterra. Exceto pelos vegetais moles demais e pelos pudins no vapor.

— Não vai... ficar? — Sherlock perguntou, hesitante.

— Não. Tenho muito que fazer em outro lugar. Há muitos de nós aqui, mas somente eu na Inglaterra. Tenho um trabalho a fazer. Além do mais, prometi a seu irmão que ensinaria você a pensar com lógica e coletar evidências, e suspeito que não fiz tanto nesse campo quanto deveria ter feito.

Naquele mesmo dia, mais tarde, os quatro — Crowe, Virginia, Sherlock e Matty — pegaram um trem de volta para Nova York, e Crowe comprou passagens em um navio que partiria para a Inglaterra alguns dias depois. Até conseguiram comer no famoso Niblo's Garden na última noite — ostras, é claro, e enormes filés —, mas Sherlock sentia-se distante disso tudo, assistindo às cenas sem se envolver. Era como se houvesse vivido tantas coisas nos últimos dias que

algo tivesse se esgotado dentro dele. Esperava que o tempo o ajudasse a se recuperar. Não gostava da sensação de estar afastado do resto do mundo.

Virginia estava preocupada com ele, dava para perceber. Ela o olhava de soslaio enquanto comiam, e uma ou duas vezes apenas tocou seu braço por um momento, recolhendo a mão quando ele não reagia.



Alguns dias depois, no navio, vendo do convés o porto

26

de Nova York desaparecer pouco a pouco, Sherlock percebeu

7

que estava tremendo, apesar do calor do sol e da falta de vento. Sentia-se enfermo, mas não sabia o que fazer para melhorar.

— Então — uma voz familiar disse ao seu lado —, como foi a estadia na grande metrópole de Nova York? Fez o que tinha que fazer?

Ele olhou para o lado. Rufus Stone, o violinista irlandês

que havia conhecido na viagem de vinda, estava apoiado à balaustrada. O estojo do violino estava atravessado nas costas, e o longo cabelo negro, solto em torno da gola da camisa.

— Não ia ficar nos Estados Unidos? — Sherlock perguntou, surpreso.

— Ah, sobre isso — Rufus respondeu, melancólico. —

Acho que não mencionei antes, mas estava encrencado no Velho Mundo, e achei que vir procurar o pote de ouro no final desse arco-íris seria uma boa ideia. Mas acontece que estavam mandando mensagens por esse mesmo arco-íris, e quando cheguei havia alguém esperando por mim. — Ele suspirou. — Quem diria que os irlandeses teriam o submundo de Nova York bem firme nas mãos, como um cadáver em uma mortalha?

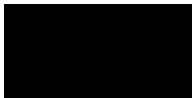
— E o que vai fazer agora? Para onde vai?

— Depende — respondeu Rufus, olhando para o mar.

— Conhece alguém que precise desesperadamente de um professor de violino?

— Engraçado — Sherlock respondeu —, mas acho que sim.





26

Sobre o Autor:

8

Andrew Lane

ANDREW LANE, que por anos atuou como redator de imprensa especializado em televisão, é autor de vários romances ambientados no universo de conhecidas séries da rede BBC inglesa, como Doctor Who, Torchwood e Randall and Hopkirk (Deceased), além de obras de não ficção dedicadas a filmes e personagens famosos, como James Bond. Vive em Dorset, no sul da Inglaterra, com a mulher e o filho, em meio a uma vasta coleção de livros sobre Sherlock Holmes, acumulada ao longo de vinte anos — o que, agora ele afirma, foi uma despesa mais que justificada.



26

9

CONTINUAÇÃO DO JOVEM SHERLOCK HOLMES DOIS EM:
GELO NEGRO





27

0

Esta obra foi **formatada** pelo grupo Menina Veneno para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância. Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, **por favor, que não**

hospede o livro em nenhum outro lugar.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.